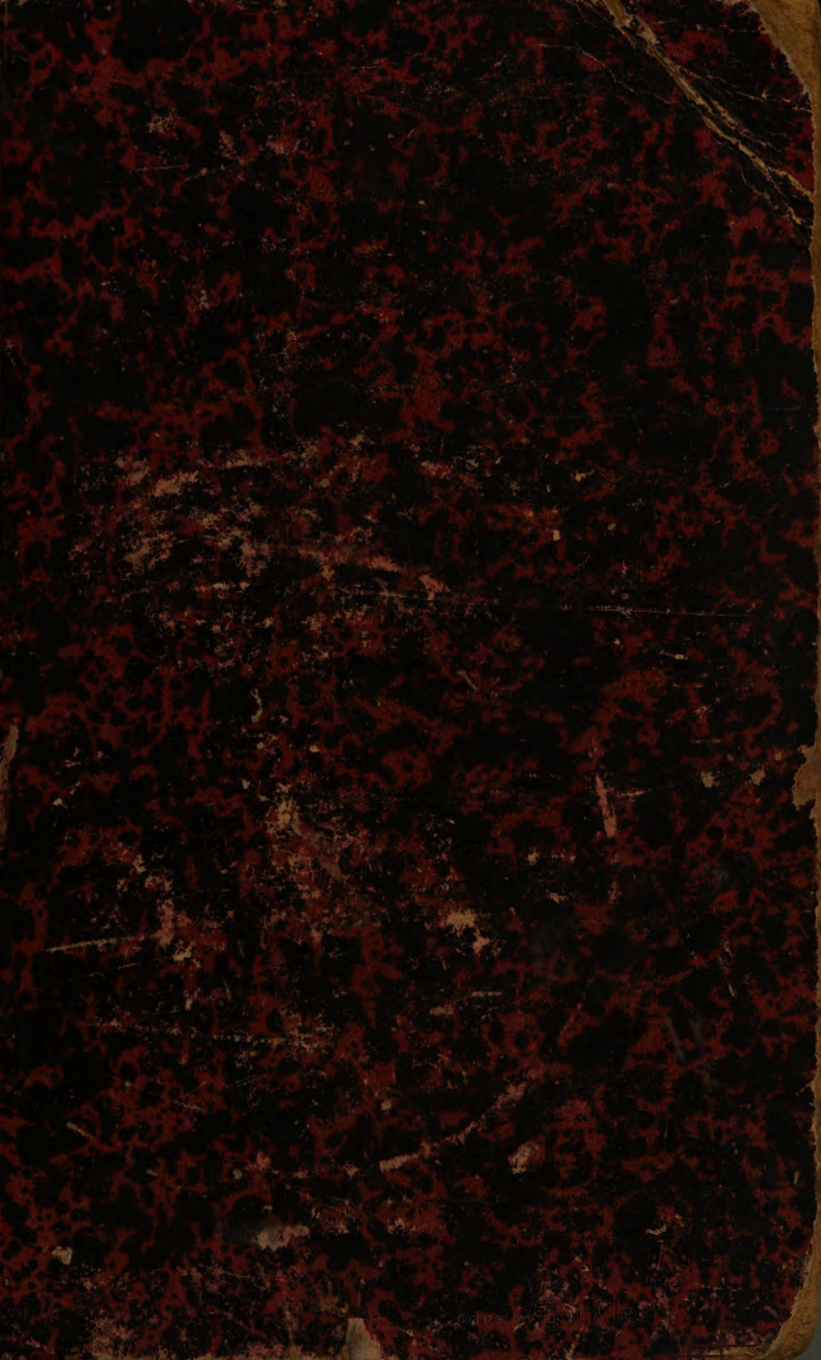

This is a reproduction of a library book that was digitized by Google as part of an ongoing effort to preserve the information in books and make it universally accessible.

Google™ books

<https://books.google.com>





**OHIO STATE
UNIVERSITY
LIBRARIES**

PO.

A MULATA

Quaresma & C. — Livreiros-editores

Leitura Quente!!!

OS CRIMES DO AMOR

Mysterios e iniquidades

Mortes, envenenamentos, parricidios, adulterios, incestos, deboches e torpezas, praticados desde a mais remota antiguidade, até os nossos dias, tendo por causa o Amor.

PELO APRECIADO, PROCUBADO E ADORADO

RABELAIS

Um vol. de cerca de 400-paginas, com luxuosissima capa e finissima gravura colorida. Verdadeira maravilha!!!... representando culminante scena de amor, 4\$000.

Não precisamos dizer uma só palavra sequer em favor deste ultimo livro do immortal RABELAIS, basta-nos tão sómente prevenir que a edição foi de seis mil exemplares e que cinco mil já se acham vendidos aos livreiros dos Estados, restando apenas mil que acabamos de expôr á venda na Capital Federal.

LIVRARIA DO POVO—Rua de S. José, 65 e 67

Bibliotheca da Livraria do Povo

CARLOS DIAS

M **ULATA**

ROMANCE

— C'est bien là le délire de l'amour: —
— se frappe lui-même dans sa vio-
— lence et entraîne la volonté a des
— entreprises désespérées — plus sou-
— vent qu'aucune des passions qui,
— sous le ciel — accablent notre na-
— ture. »

SHAKESPEARE, *Hamlet*, Scena VI.

SEGUNDA EDIÇÃO

RIO DE JANEIRO

LIVRARIA DO Povo -- QUARESMA & C. --

Livreiros Editores

65 E 67 RUA DE S. JOSE' 65 E 67

1896

PR 9261
D619 MA
1896



A Laurinda da S.

EIS A COLHEITA DA TUA MA' SEMENIE

Ho meu querido amigo Salvador
L. de Musset, como prova de
profunda estima e amizade

Offense

PREFACIO

Paulista
p. IX - 92

« Ayant été atteint, jeune encore, d'une maladie morale abominable, je raconte ce qui m'est arrivé pendant trois ans. Si j'étais seul malade, je n'endrais rien; mais, come il y en beaucoup d'autres que moi qui souffrent du même mal, j'écris pour ceux-là, sans trop savoir s'ils y feront attention; car dans le cas où personne n'y prendrait gard, j'aurai encore retiré ce fruit de mes paroles, de mètre mieux guéri moi-même, et, comme le renard pris au piège, j'aurai rongé mon pied captif.»

(Confession d'une Enfant du Siècle).

Eu queria fazer minhas essas palavras de Alfredo de Musset, e é a ti rapaz de vinte annos, que eu diria, antes que tivesses voltado a primeira pagina d'este livro:— Possa servir-te de exemplo o que vaes ler, se ainda abrigas illusões, se ainda vives de mentiras, se ainda não ensanguentastes os pés na senda cheia de abrolhos da verdade.

Nunca te esqueças, oh moço que por ventura me léres ! de que tu amanhã serás a patria, que a tua alma vai ser d'aqui a annos a alma da tua patria, e para a encaminhares na estrada do triumpho precisas para isso de ter fé, de ter esperanças, de ter crenças...

Os teus vinte annos de hoje só pensam em amar e ser amados, mas repara bem que é d'esse primeiro amor que surgirás homem para a vida, para o trabalho, para o mundo... Pensa que esse primeiro amor é o balbucio de um outro, mais do que todos sagrado, austero e augusto ; que dos braços da amante irás cair nos braços de tua noiva, a mãe de teus filhos, a doadora da patria.

E' necessario que para ella reserves ainda um quinhão de virtude, de bondade de paixão. Livra-te de desperdiçares a tua alma inteira nas primeiras mãos perfidas que te enlaçarem o pescoço.

Não vás tu esbanjar o teu unico thesouro esse que a patria póde acceitar de ti, esse in-

stincto de bondade e entusiasmo da tua mocidade, não o vás tu largando aos poucos nos espinhos da desillusão que ladeiam o caminho por onde vaes cantando ao idéal...

Pensai um pouco o que será da patria entregue aos vossos braços de positivistas e de materiaes, vendo a alma atravéz uma definição de philosophia materialista, incapazes de um bello esforço, raça degenerada, desesperançada, carregando com um paiz virgem, que se entregou confiante como uma india nua, embalada de amor e fantasia... O que será então do Brazil, abandonado a uma geração desequilibrada, com uma litteratura perversa e mentecapta, sem artes, sem tradições, sem aspirações, sem uma grande ambição na vista, sem uma grande temperança no coração?

A fé, disse um grande medico da alma, é a coragem do espirito que se arroja para a frente, certo de encontrar a verdade. Essa fé, deixai fallar o positivismo, não é a inimiga da razão mas a sua luz, o seu archote...

Para aquelles que a perderam irrevogavelmente, e são em grande numero, só lhes resta seguir de olhos cegos a opinião do dia, sujeitar-se ao seu seculo em vez de lutar contra elle, resignar-se á duvida e negação, consolar-se de todas as miserias humanas com um sorriso de cynismo.

Mas não é para estes que eu escrevi em quinze dias de febre estas quinhentas paginas... Foi só para ti, oh ! mocidade de que eu ainda julgo fazer parte, é para ti, camarada, que ainda acreditas ser o ideal, a unica realidade n'este mundo fugitivo e inconstante..., foi só, só para ti...

Para ti, que eu sei bem amas uns olhos negros, verdes, garços, azues, que importa? para ti que ainda não esquecestes as orações ensinadas por tua mãe e que aprendes agora a oração do amor, iniciando-te na religião do beijo e da caricia...

Repara bem, o momento supremo está baten-do aos humbraes da tua patria. A Ingla-

terra e a França julgaram-te mal, e tentaram já amordaçar-te. A republica Argentina está em armas, os limites de teu territorio estão por marcar... Ha uma bocca aberta em face ao Amazonas... Prepara-te, que a fé seja sempre o teu estandarte quando se trate de redimir ou desaffrontar ou defender a tua patria.

De annos a esta parte, tu bem o tens visto, o positivismo e os sophysmas dos scepticos sustentaram do sul ao norte uma tempestade de guerras e revoluções...

Vai, meu amigo, a amante tem isso de bom, como já te disse, é que leva aos braços da esposa. A amante é a aprendizagem do amor... Faz o possivel irmão, por voltar mais cheio de esperanza, de virtude e de crença.

Torna-se precisa uma nova geração, cheia de ideal e de virtude, em quem lateje forte uma alma, na frente da qual resplandeça, a fé, e no coração da qual pulse valente o patriotismo.

Torna-se preciso rever leis e costumes, jungir a justiça de misericórdia e humanidade, escrever uma grande biblia de amor e de bondade.

Possas tu aprender qualquer pouco n'este livro !...

Ha aqui muito desprezo pelos homens e pelas cousas de hoje ; possas tu um dia acabar com as razões que dictam, suggerem, inspiram, prescrevem, impõem livros d'estes...

Se entre vós não houvesseis muitos «Edmundos,» eu não teria de certo escripto estas folhas tão crueis..., más até eu fui um d'elles, e lembrei-me prevenir-te, se ainda é tempo, para que te desvies sem tardar de um caminho errado e abras os olhos a meio da tua cegueira, oh moço de vinte annos !



A MULATA

I

A desolação d'esses dias passados a olhar as arvores por entre os vidros das janellas, impossibilitava-o de pensar, depois de uma semana de febre a 39...!

Os livros eram-lhe supplicios se os tentava lêr. Cada phrase era uma tenaz que aperta e esmigalha a cabeça dolorida, e se lhe fallavam em litteratura, vinha-lhe a ancia de contar toda a verdade do momento, o desejo de passar a vida sem pensar, d'espírito fechado ao discernimento e de portas trancadas ao trabalho, viver sem fazer nada, odiando do intimo, do fundo d'alma, quantos se comprazem a architectar phrases e a rimar versos, como se com essas phrases e esses versos, a miseria deixasse de dormir ao relento, na soleira das portas, e o mundo tomasse outro caminho, porque na balança espiritual cahiu mais um numero de « Rio-Revista » ou mais uma folha da « Thebaida » !...

Para que, — para que, essas paginas que menos querem dizer que o ruido do vento, e que tanto vale como o pó que esse vento levanta e leva para longe ?...

Se n'essas cabeças, erguidas na prosapia de « bellos medalhões de artistas », a febre levasse o seu incendio, queria ver se do rescaldo alguma coisa ficaria que não fosse um pouco de bom senso !...

Porque, pôde bem ser, meu Deus ! que isso ainda fossem malignos resultados da semana pavorosa, mas embora pensamentos de doente. Edmundo aprazia-se em escutal-os, achando-lhes até certa razão de ser.

..... Todo o esforço busca um resultado pratico, e desde um artista que compõe um poema até aos ourives que burila uma custodia, todos, inclusive o mendigo que se lastima e mostra as chagas para obter a esmola, todos seguem um rumo de uma idéa que o esforço materialisa, de que o trabalho os faz senhores.

Assim, na litteratura, os homens procuram estudar a grande alma humana, ou um sentimento, ou uma doença dos sentidos, uma enfermidade moral, um caso estranho de temperamento, uma vida levada a empurrões pela fatalidade, tudo o que ensina a desculpar christianamente os nossos semelhantes, no que elles tem de máo « e que só o mundo lhes deu », tudo o que ensina a comprehender, tudo o que ensina a exaltar, tudo o que desperdiça dentro em nós a piedade, a caridade, os sentimentos bons.

N'esse numero estão as obras de Zola, de Tolstoi, de Goncourt, de Daudet,—a « Sapho » e o « Jack »...!—de Dostoievski, de Bourget, de Dumas filho, de Ibsen, de centenas de escriptores ainda...

Ou então a litteratura que nos balança os sentidos como uma partitura de opera, a grande orchestra, a idéia levada na pompa do rithmo como um idolo, a phrase arrastada em andor como uma divindade, o periodo passando como uma procissão ou como um prestito...

Ou a litteratura pessoal, toda do artista, e da qual este se serve para abrir as portas e a cathedral do seu espirito em quethrona o documento humano da sua alma posta a tratos.

E ha a litteratura que glorifica e escreve os «Lusiadas» e o «Uruguay», ha a litteratura que anathematiza e escreve a «Divina Comedia.»

Ora, como se ha de chamar iitteratura áquillo que nada quer dizer, áquillo que nada exprime, áquillo que nada, absolutamente nada, pretende manifestar ?

E Edmundo, á face encostada ás vidraças, olhando distrahido o poente do sol, que morria n'uma agonia tremenda, encharcando o céu de sangue e labaredas, rolava finamente todos aquelles pensares de critica, sem trabalho nenhum de inducção, deixando fallar dentro em si a sua opinião, ouvindo-se a si proprio, não se responsabilizando muito, pelo seu raciocinio mas esforçando-se quanto possível por tornal-o claro ao seu tacto espiritual, descrevendo-se as suas impressões, como frente a uma grande paysagem toda retocada de sol, sob os altos ceus claros...

«... Os homens debatiam-se em dolorosos choques pela vida, pela ambição, a for-

tuna ou a gloria, e o solitario pensador, escrevendo, trabalhando, fixa-lhes o destino. E' elle que accorda nalles os sentimentos procreadores das idéias pelas quaes vivem, e que logo se esforçam por transformar em realidades sociaes.

E' elle que, formulando os seus ideaes obstinados, arrasta á acção, ás grandes reparações da equidade e da verdade. E' elle que os encanta com a esperança juvenil, cujo apello embriagador os conduz cheios de fé para a batalha da vida. E' elle que os consola, os anima; e, curando-lhe a ferida, encaminha o vencido de hoje para a victoria de amanhã. Abre os corações, penetra as amarguras da vida, « revela o homem ao homem » e verdadeiramente o cria com a sua consciencia e a sua vontade.

O artista é o maior perdulario de emoções. Como o pelicano, rasga o peito para saciar os que tem sêde.

Com elles se aprende a desculpar os vicios, com elles se compartilha a commiserção pelos que padecem, são elles que nos dizem haver creanças famintas e velhos que mendigam. São elles os primeiros a chorar, os primeiros a implorar...

... Christo não partiu para a mansão celestial sem deixar os apóstolos como escripturarios do Evangelho...

São os artistas que levam o viatico da esperança aos desesperados, e toda a força material da humanidade, toda a avalanche imensa dos sentimentos, toda essa leva infi-

rita, é arrastada simultaneamente pelo pensamento dos pensadores... Se Deus é um espirito, porque não será o espirito a essência do proprio Deus?

O mundo ; as raças, toda a engrenagem terrível, complicada, fatal, da humanidade, desde Moysés a Myrabeau, desde Bouda a Christo, desde Alexandre a Napoleão, desde Archimedes ao infante D. Henrique, e desde Virgilio, Demosthenes, Catão, Santo Agostinho, até Dante, Petrarcha, Camões, essa enorme roda de leme, que revolteia ha cem seculos, tem por timoneiro o pensamento supremo, a vontade divinamente suggestivadora dos seres predestinados ! Uns nascem para allumiar o futuro, outros surgem para glorificar ou anathematizar o passado.

E quanto maior é a distancia que nos separa d'esses vultos glorificados, mais a sua fôrma humana se perde n'uma sombra vaga, enorme, que tem qualquer cousa de sobrenatural.

Quando melhor se avalia a luz do sol é quando o astro refulgente se perde no horizonte, deixando o céu ás escuras.

Ah ! sim, a arte, a grande arte, participava de um poder incrivelmente celeste.

O impalpavel, o ethereo da espiritualidade ficava vagando no mundo, enquanto os homens, geração sobre geração, acabavam.

Um poeta, n'um arroubo, desfere na lyra, os canticos da Eneida, entôa alto a glorificação de um seculo que se julgou infinito.

Um imperio era senhor d'esses cem annos, enchia-os com o resplendor das suas glorias, e esse imperio omnipotente morre, as religiões fallecem, as raças extinguem-se, os monumentos veem a terra, e esse poeta, dois mil annos depois, reergue com seus versos esse imperio enorme, levanta de novo os templos, faz surgir um povo, e o mysterio divino e dogmatico do dia do juizo final, em que os mortos devem levantar-se das tumbas, eil-o antecipadamente realisado.

A trombeta do archanjo sôa triumphal em cada estrophe, os céos trovejam em cada anathema, os córos paradisiacos plangem em cada benção, os versos acompanham prestitos de triumphos, rutilam clarões em cada gloria cantada!

E Edmundo atirava toda a sua vista para o passado, balbuciando palavras incoherentes...

Para se firmar todo o divinal da arte é preciso perder o olhar no passado, sim...

E' de lá que vem o exemplo, a luz, o irradiamento.

O sol sempre nasce no Oriente! Para traz são as lembranças, as recordações, a vida! O futuro é a morte presumivel a todos os instantes.

Para ter toda a impressão da grande e imperecivel fortaleza da arte são precisos seculos a arrebatá-la ao vento de todos os destinos. E' o tempo que faz do homem um Deus. Assim Christo crucificado a mil e oito centos annos, transfigurou-se. A humanidade

injuriou-o, hoje adora-o. Uns que morreram de fome têm hoje tumulos sumptuosos como basilicas.

..... E deixando cahir a vista para a sua geração, Edmundo pasmava absorto, sentindo a queda immensa que dera, descendo a leitura d'essa revista de doidos, d'esse jornal de « arte nova », em que elle percebia claramente o definhante requinte da exploração das impotencias, esse « truc » da decadencia na vitalidade intellectual do homem de letras, esse recurso improvisado, essa taboa de salvação dos que querem a todo transe, e que usavam para isso arrevesadas terminologias uma falsa prova polvilhada de um preciosissimo ridiculo, um embuste para atravessar os olhos de quem os lê....

Fabricar arte como fabricar ouro é uma utopia... A palavra era apenas um signal, «signum, symbolum...» As retortas dos alchimistas tiveram a importancia que hoje muitos queriam vencer reduzindo signaes em alma... A arte exprimia-se, sem duvida, pela mesma razão que a luz allumiava, mas não era com certeza da palavra, ser morto e inconsciente, que se podia fabricar, compôr, a essencia toda espiritual do sentimento artistico... A arte é feita de pensamentos. A litteratura de palavras estava inteira no dictionario. Era uma compilação desorganizada e por conseguinte sem prestimo.

A's vezes, um amigo queria-o convencer de que toda aquella gente tinha talento, mas Edmundo respondia sempre que nunca vira

mulher de olhos lindos que delles não fizesse um bom emprego; e assim tambem não lhe constava que um leão se sustentasse de moscas e pernilongos...

O talento devora, não é parco como uma figura de pedra que nada absorve.

E ficava com as suas ideias, enfronzado no seu desprezo por aquella geração que vinha surgindo, larvada, com o cerebro em decomposição, sem forças e sem alma, rebentando para a emoção com allucinações doidas e disformes!

Era a grande nevrose, a doença que vai desbaratando a humanidade, sugando-lhe o sangue, espesinhando-a n'um tripudio infernal para o aniquilamento, para a cova.

A impotencia, a esterilidade, a loucura, iam removendo o mundo á tumba, vagarosamente, em segredo.

Aqui mesmo em nosso meio, o sangue degenerado foi injectado n'uma dosagem completa de Pravaz, e de todo esse enorme cruzamento de raças, dessa procreação sob o sol candente dos tropicos, as nevroses rebentaram, como flôres dos calices, ao calor...

Por toda a parte rugem religiões, praguejando contra o Deus que foi inventado para os bons e não póde servir por isso para os maos. Boccas escanceladas cuspiam injurias contra as potestades, a quem as gerações passadas erigiram altares, e é tal a degenerescencia no homem, que elle abocanhava os irmãos na guerra civil, tomado de fome horrenda de Ugulino.

A geração de que sahimos arcabusou-se familiarmente aos quatro cantos de seus domínios.

De 1831 a 1843 o Brazil andou a dilacerar-se com as proprias unhas, desde a Laguna ao Maranhão; Portugal era trilhado pelas rodas das carretas de artilharia, forças guindavam carcassas a cada esquina do Porto e de Lisboa; o leão de Hespanha mordida a cauda e esgaçava as unhas no brazão elysio dos Bourbons; a França resplandecia sob os ultimos clarõs da guerra heroica e corria para 1870, tropeçando a cada passo, ferindo-se a cada quèda, como uma ébria que se não tem de pé.

A Africa, trazia-nos o seu sangue em fermento, mas a raça negra algemada, feita escrava, degenerou-se no soffrimento. Vingou-se assim dos brancos, dando-lhe, quando livre, um sangue terrivelmente mau, em que escorria odio, cobardia e perversidade. (1)

O vicio coleia, enganando as almas...

Diz Monin que é tudo uma manada de doidos!

Os melancolicos, a grande geração sahida dos flancos de 1830, morbida, sentimental, surgindo ao fim da gloriosa sangueira do Imperio, derramando-se no mundo como uma praga, perseguida pelos lamentos de Musset, e as tiradas tristemente lyricas de Lamartine, doidos varridos... A melancholia uma loucura a ambição uma loucura, a paixão-loucura pessimismo loucura, todo o homem

(1) Monin—*Les races et les nevroses*.

carregando o fardo de uma mania, apto para entrar os portaes de um hospicio.

E' a corja dos nevrotados !... E tudo isso nasce do sangue como o nenuphar do lôdo.

Desde Roma, desde as épocas heroicas e barbaras da matança, em que os homens nasciam, cresciam, viviam para dar a morte, pelo mundo antigo inteiro, o sangue gerou a nevrose como uma peste.

Os musculos iam a pouco e pouco encurtando o tamanho e o peso dos gladios, das lanças, das marretas, dos montantes. Um romano do imperio não sopesa já o espadagão das dynastias reaes. O sangue vai ficando gotta a gotta pelos campos da batalha, e do tropel feroz e carniceiro, que sahe a conquistar o mundo, entra em Roma uma procissão que entôa hymnos a Heliogabalo e incensa Tiberio.

E' a herança latina.

O vicio requintou-se, os temperamentos definharam-se, os homens e as mulheres soffrem de alienação mental !

Então do extremo do occidente, de entre as steppes nevadas e os mujiks barbaros, um homem de grandes barbas levanta, brada e exhorta os homens a que se exterminem da terra, saccudam de si a vida negando-lhe sua prole...

Morrera a esperança.

Os mosteiros fecharam as portas, as comunidades e congregações religiosas extinguiram-se, e os nevromentaes carregaram a cogula do pessimismo, espalharam os livros de reza da sua religião infernal.

Os homens atiram-se á cara toda a verdade immunda a que se reduzem, outros, toda a cohorte dos desequilibrados, evacua pesadelos de manicacos e mentecaptos, n'uma dy-sentheria provocada a purgantes e a clisteres de novas sensações.

Sobre toda essa desorganisação, as leis immutaveis dos homens continuam a governar, e guilhotina-se um assassino com a consciencia de que se está a decapitar um doente, um ser fatalmente nascido para o crime, de um pai bebedor e de uma mãe epileptica.

E a justiça, « instituição mais desagradante da sociedade, lava as mãos em sangue d'innocente, quando essas mãos de harpia deviam ter aberto ao monstro irresponsavel um asylo de alienados. E são assim centenas de cabeças cahidas na guilhotina, e centenas de vidas extinctas nas prisões e nos desterros, em nome de uma responsabilidade falsa, criminosa e indolente, que aos olhos de Edmundo fazia vêr um juiz igual a um Papavoine ou um Timotheo capaz como homem de actos semelhantes aos d'esses aberrados, investido indignamente das vestes de Pilatos, mandando esquarterjar um homem em nome da Justiça como quem manda abater uma rez no matadouro, para saciar a sociedade, hypocrita, vil, nojenta e mentirosa...

Sob o ponto de vista social havia crimes, theorias de cinco seculos atraz, mas para a philosophia já não existiam crimes nem virtudes. Todos volitam em torno a factos de uma certa ordem regidos por certas leis, eis

tudo... Mas a sociedade não se pode passar dessa theoria do Bem e do Mal que o espirito reputa como falsa, como uma convenção pueril, raras vezes util como prevenção.

Para os magistrados, como para o vulgo, a loucura só é acreditada quando se manifesta como a' raiva nos cachorros. Que um individuo offereça uma completa ausencia de senso ethico, uma perversão profunda dos affectos ou uma inversão dos instinctos, que apresente um alheiamento de expressão aos sentimentos que o deviam determinar, que seja um asymetrico e um prognata, que seja o rebento de uma familia condemnada pela germinação constante de psychopantias multiformes, tudo isso é secundario e sem valimento. Desde que falla como os outros, não esteja louco de voz e não tenha delirios na vista, e não use camisa de força ; o magistrado terá um frio sorriso de scepticismo, nunca o acreditará alienado, e mandará á força ou á masmorra o delinquente larvado e irresponsavel.

Justiça vil, alarve, estúpida e ignorante como um carcereiro ou um carrasco, que ainda chama " á ausencia de faculdades moraes «perversidade», os habitos de intemperança e as anomalias de sexualidade «vicio», a vaidade morbida «impudor» e a falta de remorso «synismo» ! "

Debalde se procuraria demonstrar a um chefe ou delegado de policia, a um juiz, a um jurado, a um promotor publico, a toda essa comparsaria ridicula desse drama funebre da

Justiça, que a hereditariedade psychopatica, os traumatismos e doenças anteriores, a degenerancia por vias ancestraes, a herança pathologica, tudo isso explicam aos olhos da sciencia, á observação da psychiatria.

Debalde emfim se lhes afirma, que a loucura moral, compativel com a lucidez de espirito e não excluindo mesmo as manifestações do talento, tem um lugar consagrado entre as formas degenerativas da alienação...

Condemnar é julgar o criminoso um reflectido, e que se podendo salvar com a intervenção da vontade, levou a cabo o seu crime, todo entregue aos seus instinctos de malvadez e odio... Mas isso é a theologia do Santo Officio, a methaphisica dos Autos de Fé, e um delegado de policia ou um juiz julga-se assim capaz por esse poder miraculoso da vontade de ser um Christo ou um Catão, Prazini ou S. Gonsalo ! Immaterialisar a materia ! A vontade, tal como a concebem ordinariamente, é o pensamento tendendo á acção, e como a materia, nas suas mais simples manifestações, nos parece inerte, segue-se d'ahi uma certa repugnancia em conceber uma materia dotada de vontade. Mas essa repugnancia tende unicamente a que só liguemos o pensamento aos corpos brutros; porque sabemos bem que os animaes dispõem de vontade e não estamos comtudo convencidos de que elles tenham uma alma immaterial, e estamos até persuadidos que os animaes inferiores, os sapos, os vermes, a não poderia possuir. Se considerassemos bem o que se passa em nós veria-

mos que, em muitas circumstancias, a vontade submete-se de tal forma ás leis da materia, que é bem difficil deixar de a attribuir a uma substancia toda material, que ella é em definitiva.

Como pretender pois que a vontade seja uma dominante no espirito do homem, quando ella é apenas uma funcção toda dependente das moleculas ideaes, das fibras sensiveis e musculares ?

Não, a justiça como a sociedade, não admittem a loucura moral compativel com a lucidez de espirito, porque a justiça foi creada para castigar e não para remediar.

Edmundo, pensando assim, tinha um instinctivo horror emêdo ao mundo. Largado da familia e por isso arredado d'elle pelos laços affectivos que ainda o poderiam ter preso á sociedade, creara-se em douctrinas todas eivadas em livros de philosophia e psychologia, em que elle descobrira razões palpaveis de ser, a que se prendera espiritualmente por inteiro, commovido pela misericórdia e piedade das suas theorias, que tudo explicam, que tudo lamentam.

Palpara o lado humano da sciencia e todo o seu grande instincto de bondade e perdão se refulgira na fortaleza immaculada das suas leis sagradas. E o que mais o fascinava é que toda essa grande luz se refundia na simplicidade toda divina das maximas de Christo, esse adivinho sobrenatural, em cujos labios brotara como a Geneses da psychologia, pathologia...

E assim se isolava a mais e mais das cousas exteriores e do contacto dos homens, isolado, envadido por uma lenta e precoce indiferença moral assustadora.

Sentia um grande vacuo no seu circulo de vida. Longe da mãe, da familia, sentia uma grande precisão de amar, de gastar o coração. Por isso as suas amizades eram sinceras e extremadas.

Vindo para o Rio, o seu unico amigo, a quem elle tratava como irmão, até esse, depois de umas cartas escriptas após outras, no primeiro mez, deixara a penna em paz, e as saudades, por falta de tinta, acabaram. Sentia-se quasi isolado, vivendo sempre rodeado de gente que o não comprehendia, e que o tinham levado a trabalhar em escriptorios, das sete da manhã ás oito da noite, a ponto de ter que sahir uma manhã do Rio, ao fundo de um wagon, o peito abalado de tosse, magro, os olhos afundados, mais triste do que nunca, desfigurado, um lenço enrolado ao pescoço, as mãos escondidas nas dobras do «couvrepieds», despachado para Minas, precipitadamente, por ordem dos medicos...

Deixara-se ir, indifferente, sem apêgo a alguem, um amigo intimo ou uma amante, o coração batendo um pouco mais desordenadamente á lembrança da mãe, tão longe, tão longe d'elle... E maisnada...

Tres annos de aprendizagem da dôr atulhavam-lhe o espirito, acabrunhavam-n'o. Lembrar um dia triste, os outros todos, negramente, surgiam... Elle pouco caso fazia

d'esse grande thesouro de amargosa experiencia da vida... Deixava apodrecer toda aquella immundice de desgraça e passava sempre arredado della, de olhos fechados...

A sua vida de coração era um viver intermitente de saudades por um irmãosito louro como um anjo, e pela mãe, que elle revia a bordo de uma lancha, de preto, com o véu levantado para enxugar as lagrimas, accenar-lhe desesperadamente com o lenço en-sopado, estirar-lhe os braços tremulos na despedida, e fugir para longe, arrastada na lancha, perder-se entre os navios, desapparecer...

Havia uns nomes de mulher na sua vida, mas nenhuma o preocupara mais do que o tempo preciso para chegar á conclusão penosa de que era impossivel chegar a amal-a de verdade... O habito, o vicio da carne que ganha intimidades, que se affeição, prendera-o já a uma cama vinte dias, mas os seus nervos atinados revoltaram-se contra o uso material que faziam delles; os beijos começavam então a amollecere a bocca dos dois, nas caricias eram mais os espreguiçamentos que os abraços..., havia bocejos nas conversas, antes de soprar á luz, e o coração, como sempre, continuava a sua lenta agonia de preso esfomeado a quem não deitam uma codêa de pão.

Desesperava-se, porque a todas, elle procurava insistentemente amar... Queria adorar-lhes o sorriso, os olhos, prendera-se a ellas por um grande sentimento de paixão

mas, distante, não era esse olhar nem o sorriso nem a creatura, que lhe accudiam ao pensamento, era a facilidade do desejo já acostumado a morrer n'aquelle corpo, e vinha a horas certas ter com a mulher, como o cachorro, que largado longe, vem de noite dormir nas palhas da casota.

Houvera uma loura, uma nervosa, de olhos azues, e pallida, a quem elle beijara por longo tempo o ouro dos cabellos, no regaço da qual chegara a chorar, mas, ai! d'elle! d'essa, por quem fizera as mais desordenadas loucuras, só lhe restava em lembrança uns insultos baixos de mulher de rua que ouvira soltar aquella bocca tantas vezes ferverosamente beijada, por essa voz doce e cantante, tantas vezes ouvida em extases, alta noite, depois do chá, acompanhada ao piano n'uma melodia triste de Gounod ou n'uma barcarola de Tosti.

Só era só... O seu nome trazia-lhe o nójo d'aquella enfiada de palavrões, soltos na cara de uma companheira, no alto da escada, no patamar, pallida, de beiços brancos, desfeita, em «peignoir» e pantufos, os olhos ardidos de raiva entre as olheiras de uma noite d'amor...

Nunca tivera nos braços uma mulher simples e amorosa, que lhe soubesse enleiar o coração, tomar conta de si inteiro, fazel-o soffrer, embora, mas que arrancasse d'essa mortal e terrivel indiferença sensacional que o definhava, o deixava morrer sem quasi sentir, o obrigava a ver o mundo pelo seu

lado apathico e insensivel, sem um apêgo d'alma, sem uma affinidade para com outro espirito.

Tinham-n'o feito soffrer desde çreança, e sensivel como era, soffria horrivelmente, como um Angorá de raça a quem abandonaram a uma esquina de rua entre dois gatos magros de telhado.

Sentia-se sem familia, e a primeira vez que experimentara o coração humano achou-o máo, perverso, artiloso como visco.....

O indifferentismo levara-o a esta theoria confusa :—A alma é a consciencia do bem que cada um traz em si, resalvando certas determinantes hereditarias que a enublaram. Atravéz esse sentimento beato vê-se Deus, origem do bem, encarnação ingenua da bondade...

Não se inquietava por isso com a sua alma immortal, mesmo por que não a acreditava immaterial. Trazia-a na consciencia, no discernimento.

Era uma utopia commoda. Crenças não as tinha, bem suas e bem definidas ; dava esse trabalho á consciencia-alma. Deus, a seu ver, não passava de ser a palpitação d'esse novo apparelho de seu invento: a alma-consciencia. Ella muitas vezes fazia más obras, mas Deus tambem fazia máos homens: esse Deus dos outros,

A sua abstracção apathica não lhe deixava sequer coordenar esses pensamentos desatados. Eram como que um colar de contas de coral a que se partiu o fio.

Assim, para elle poeta, a mais bella poesia que o mundo desabrochou era o nascimento de Jesus: — Uma nuvem que se desfaz, um côro de anjos que desce n'um fremir de azas, um lyrio que succumbe e um Deus que nasce!...

O poema mais grandioso, a Biblia, o poema dos Deuses; depois Shakespeare, o poema dos homens. A Biblia era o S. Miguel Archanjo do genio, Shakespeare o Lucifer de lá arremeçado, ainda com azas nas costas.

Todo o seu mundo imaginativo era assim phantastico e nevoento. Não apprehendia as razões e as syntheses, admirava em contemplação as fórmãs.

O seu talento era uma aguia com vertigens; abria a envergadura possante, espandava os ares e abatia.

Em terra, tremendo, tiritando, a braços com o abandono, n'aquelle marasmo de coração em que vivia, pensava na mulher, no amor, relembrando a phrase de Tocqueville:

— « La grande maladie de l'âme c'est le froid ».

No seu pobre corpo, a doença tinha escripto em magoas e dôr toda uma historia negra de nevrose, acirrada por aquellas alternativas violentas que lhe entrecortavam a vida de gosos e soffrimentos.

A sua individualidade affectiva andava desorganizada como tudo o mais, e se o character é o conjuncto de reacções moraes que abastecem commumente a sensibilidade e a vontade de cada um, essa formula cra um

desarrasoado n'elle, porque o egoismo, o altruismo, a apathia, a expansão, o pessimismo e o optimismo, tudo isso, n'um contra-senso, o inundava em marés...

A pobre creança era um producto morbido e irresponsavel de um atavismo nevropatha. A sua passividade era apenas o resultado do seu temperamento anemico; era a sujeição á lei scientifica:—« o temperamento lymphatico ou passivo, o temperamento sanguineo ou activo ».

As excitações nervosas determinavam n'elle uma enganadora, uma ficticia actividade cerebral, levada por vezes ao exagero.

D'ahi esse vicio da contemplação, do recolhimento, essas preocupações mentaes que o deixavam horas e horas entregue ao « como » e « porque » das cousas.

A' sua grande anemia cerebral devia elle esses phenomenos de extases e allucinação, que experimentam no mais subido gráo os ascetas e os illuminados, Santas Therezas e os São Bernardos.

E se o mêdo, o terror excessivo, uma angustia suprema e repentina, podem fazer parar o coração, cortar a respiração, encanecer de subito os cabellos; quando se vê mesmo o sofrimento moral fazer a cama aos cancos e aos aneurismas, o ciume causar a ictericia; comprehende-se bem como as paixões de qualquer especie podem fazer surgir a hysteria em constituições já mordidas pelo stigma ancestral da hereditariedade nervosa.

Dizia Thomaz d'Aquino ser a colera uma doença aguda, violenta e imperiosa da alma. O amor tem a mesma genese do furor. O amor é o furor da meiguice. E essa irritação sentimental, quer seja odio ou paixão, é o mais cruel veneno que se pôde dar a beber aos nevromentaes.

Elle tinha razões para odiar, e isso confrangia-o.

Edmundo, com todas as mazelas que faziam d'elle um escanzello, era igual aos outros, vivia na sua geração, era digno d'ella a todos os respeitos. Assim doente, esse degenerado, esses vinte annos em desequilibrio, eram tão poeticamente romanticos como o « Octave » da « Confession d'un Enfant du Siècle ».

Se tivesse nascido na familia dos Cesares, haveria talvez mais um monstro na dynastia, luxurioso e passivo como Heliogabalo, compassivo e indolente como Constantino ; se a Edade-Media o tivesse gerado, iria ás Cruzadas em voto de amor, e de volta arremecaria aos pés da noiva o montante ensopado no sangue infiel ; e talvez como o pagem de Maria Stuart, por uma rainha elle morresse no cepo, sorrindo e exclamando ao ver luzir a machada do carrasco que ia decepar a sua infantil cabeça de cabellos louros :— « Cruel Senhora ! »

Tudo n'elle : a timidez, a submissão, o igualavam a esse pagem timorato, apaixonado mudo, dormindo debaixo da cama da magestade Maria, que o mandava dormir

no leito horrivel do cadafalso, tendo por cabeceira o cêpo e por caricia o gume d'um machado, quando ella foi dormir no mesmo leito e encostou a sua real cabeça na mesma travesseira, mostrando o pescoço de cysne ao mesmo beijo amoroso da acha.

Edmundo vinha d'essa geração que cantara os versos de Musset e Lamartine, d'essa geração nascida e creada na guerra de 1839, e tinha fatalmente que ser assim.

O nervosismo e a hysteria cresceram na revolução, n'uma atmosphera de sangue; o romantismo viera plantar o seu loureiro verde na angustia das almas, e apoz haverem desfeito no céu os nevoeiros da arcabuzaria, os homens esconderam a face arrepiada no regaço das mulheres e amaram.

As perturbações mentaes trouxeram a anemia do cerebro, e d'ahi, a geração que surgio d'esses casaes nevrotados e sentimentaes, a a geração desequilibrada, vindo ao mundo n'uma grande apathia physica e moral, uma exaggeração de sensibilidade — toda a fatal consequencia da degenerescencia.

Edmundo tinha assim os seus vinte e dous annos. Se o heróe de Alfredo de Musset era o rebento da cegueira triumphal e gloriosa do Imperio, este era o resultado da regencia fatidica do Padre Feijó. Seus paes tinham estremecido ao bombardeio da Laguna e tinham respirado a carnificina de Caçapava.

Por isso o Rio Grande offerecerá para todo o sempre um contingente enorme á guerra, toda uma geração predestinada, que morre

sob as descargas de fuzilaria, sem um gemido, sem uma queixa.

Todo o problema de pathologia mental que offerecia Edmundo tinha a sua solução no estudo das influencias hereditarias que activaram na sua constituição...

Do seu recolhimento de meio-monge, na sua concentração de meio-frade, crescera um grande espirito d'analyse e como consequencia o seu desesperante desprezo por todos e por tudo.

A humanidade fôra-lhe adversa. Conservava no mais profundo do seu intimo um instincto d'ella como um pobre cão que leva pedrada e foge dos homens...

A noite tinha cahido, fechando a sua grande palpebra luctuosasobre a orbita infinita dos ceus.

Não corria nem uma aragem. Um quarto mingoante muito branco boiava nas alturas como uma catraia no mar tranquillo. As mangueiras do jardim raimalhavam quasi em silencio. Em frente à casa, do outro lado da rua, a serra crescia, enorme, corcoveando até á Tijuca, toda coberta de frondes e de palmas, e áquella noite, a luz dos astros mergulhava nas florestas que dormiam, devassava a meio abysmos por onde corria agua, que reluzia ás estrellas.

N'aquella semana de febre, atirado ao fundo da cama, cheio de suores frios, Edmundo passara revista em todo o ultimo anno da sua

vida, desde que tivera a triste idéa de ir buscar na litteratura um modo de vida, que lhe trouxesse uns ganhos para sommar á pequena mesada que recbia da mãe, e assim mais desafogado poder formar-se, levar a cabo esse sonho doirado da pobre senhora, que se sacrificava pelo seu filho estremeado, o mais amado dos dois...

Primeiro, tudo tinha sido flores... A grande recepção que lhe fizeram. elle lembrava-se bem! Quinze dias de jantares, de convites, de elogios, e logo dois ou tres amigos conquistados pelo seu grande olhar bom e intelligente...

Mas o emprego tornara-se uma difficuldade...

As redacções sem um logar, as collaborações todas preenchidas... Andara batendo com as suas esperanças por todas as portas de jornal, e encontrara-as abertas para os elogios e palestras, mas inexoravelmente fechadas para o trabalho. Os empenhos, as apresentações, cartas de homens de lettras, apadrinhamentos de gente influente da politica e da arte, tudo fôra inutil...

Imberbe na sua maioridade de pouco dias, com um parecer de creança doentia e triste, elle já se fizera um nome com um livro de versos atirado ao publico, uma imprudente confissão de alma, toda rimado pela melancholia, e em que badalavam quando em quando os sinos de ouro da ambição sob o céu azul turqueza da fantazia... , paginas de lastimas, todo um plenilunio de sonho, de onde subia um triste cantico de desejos, como um vagir

de recém-nascido, dentro de um carcere filigranado de ouro.

Nas phrases com que lhes recebiam os sonetos, vira que tinha, senão amigos, pelo menos grandes sympathias litterarias.

E Edmundo guardava religiosamente como reliquias, aquelles adjectivos impressos nos grandes jornaes, esses mesmos a quem elle mendingara pelo braço dos « grandes nomes » um logar na redacção.

Quando tinha razões para desesperar um quasi nada d'esta vida tão abominavelmente boa, relia as grandes columnas entrelinhadas onde se fallava d'elle, onde o chamavam « artista, um delicioso metrificador de sentimentos », e aquillo contentava-o. O seu amor proprio sentia-se bem no meio d'aquelles carinhos, e a sua vaidade, a sua vaidade de infeliz, vinha como uma amante abraçar-se n'elle, as longas caricias, que o faziam chorar de agradecido. . .

Ah ! as grandes noites passadas em vigílias, noites debruçadas sobre a meza, pensando, fazendo versos. . . com elle as sabia longas, interminaveis, essas doze horas de trevas, illuminada por um bico de gaz, livido ; levadas, essas doze horas de agonia, a riscar o papel com alexandrinos em que tropeçava a febre, ou a olhar o céu onde rutilam serenamente os astros, onde coleia alva, como diamante, a « riviére » celeste da via-lactea. . . ! Até que a escuridão envelhece, fica grisalha, tremula, afinal embranquece nas brumas da

madrugada, que desce por entre o canto rispidos dos gallos...

E era agora, quando menos esperava, quando se sentia doente, que uma carta o convidava á aceitar um logar de redactor litterario n'um jornal de elevada importancia politica, estranhando que não o tivesse alegrado aquella boa noticia, atravez a qual via o empenho de um grande amigo, uma leal e extremada protecção que nunca o esquecerá, que nunca o abandonára.

Agora, que pensava em ir rever a mãe, entregavam-lhe aquelle sonho dourado de dez mezes atraz, que o obrigara a pedir empenhos e a contar a directores de jornal uma outra contrariedade da vida, com tintas severas, n'uma infantilidade pouco affeita a ser pedinte, soffrendo uma luta constante dentro em si, o amor proprio acabrunhado, a sua vaidade de infeliz dobrando a espinha, a necessidade e o desejo balbuciando supplicas, o dinheiro a acabar, e o futuro abrindo na sua frente nma grande guela cheia de trevas e preocupações.

Deveria partir ou ficar soffrendo aquella alternativa da sorte? Decidiu emfim que accetteria aquelles 400\$000 que lhe offerciam por mez, com um laivo de medo a aconselha-lo intimamente que se fosse d'alli, que deixasse tudo, esperanças, ambições, que partisse para a beira da mãe, viver na tranquillidade, no socego, no acalento daquelle amor de que toda a sua alma andava precisando...

Vencêra essa voz intima, pensando que sempre seria tempo de ir embora...

Mas depois, a sangue frio, arrependêra-se, mas já tarde...

O meio em que ia passar a viver era perigoso, ingrato, desleal, astuto, hypocrita, egoista, invejoso ..

Conhecia-o d'esguelha. De casa dos bons vira e soubera dos máus...

E a essa ideia que o atemorizava, soltou um grande suspiro, deixando cair as mãos.

A sua vista mergulhava fundo no meio litterario, e arrempiava-o a lembrança de umas caras conhecidas, macilentas, deterioradas pelo vicio pobre e pela necessidade, uns rôtos sem botões no paletot... E o formigueiro dos novos, dos que luctam pelo nome e pelo emprego, sem arma escolhida, a primeira de que lançam mão; e a vida escondida de alguns jornaes, em que os reporters, sem ter jantado, dormem sobre as mezas das redacções ou n'uma cama de gazetas! Já vira aquillo, uma noite em que fôra revêr uns versos a uma redacção... Eram segundas provas, só tarde .. E fôra para vêr um rapaz magro dormir, a cabeça encostada a um dicionario... e até lhe parecera que o inf liz tinha febre... Transpirava, e fazia contudo muito frio n'essa noite d'aguaceiro . em Agosto. Nada o cobria, e as fontes latejavam-lhe...

Reviu os versos, a custo, achando-os mentirosos, com um ar feliz, descuidoso,

alegre, que lhe repugnava agora ante aquella desgraça...

Conhecera mezes atraz n'aquelle mesmo rapaz aquella mesma roupa, mas nova... Os sapatos quasi não tinham mais sola nem tucão...

Balbuciu-lhe o nome entre os dentes, abanou a cabeça...

Um leve sorriso de tristeza franziu-lhe os beiços. Veio até á varanda, olhou longamente os montes, as mangueiras do jardim ramalhado no escuro, os altos ceus cravejados de astros entre os quaes a lua subia se apre, na sua novena de luz, monja pallida na nave obscura do firmamento, onde só as lampadas dos astros fulgem aos pés de Deus.

Accendeu um cigarro, tirou duas fumaças, tossindo.

— Esta tossel... e fechou bruscamente as janellas, subio a golla do paletot, aconchegou as mãos ao peito, no meio do quarto, de pé, com um grande suspiro.

Depois veio sentar-se á meza, fallando só, discutindo comsigo mesmo todo esse grande e quasi ignorado meio litterario onde ia entrar com os seus vinte annos ingenuos, simples e tímidos.

Artistas, bem honestos na sua arte, conheciam poucos... Os nomes feitos, uns a poder de talento — dois? tres? — outros de elogio, viviam retirados, occupando altos logares em secretarias ou fruindo postos cedidos por governos a quem foi facil aggreddir de empenhos.

De resto, tirando uns dois directores de jornal : — Ferreira de Araújo e José do Patrocínio, contavam-se a dedo os jornalistas e homens de letras. D'estes ultimos apenas se salvavam pelo seu sério Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Netto, Aluisio de Azevedo, Luiz Murat, Victor Silva, Adolpho Caminha, alguns espiritos de criticá, sensatos... O resto era de uma banalidade pasmosa de villa de provincia. A rapaziada invadia tudo, dando-se ares, possuida de si, rilhando as reputações, vivendo da intriga e da calumnia...

O grande versificador das « Alleluias », agora refugiado em Minas, na desolação de uma secretaria de Estado, conhecera-o Edmundo n'uma casa de ferragens, junto ao Mercado, velho e fatigado, tolerado por uns commerciantes que lhe davam de jantar; e essa cabeça encanecida, que devia supportar os louros, vergava-se sob as graças dos alarves e as phrases amigas dos ignorantes que vendiam panellas de ferro e tachos...

Oh! toda a immensa agonia que elle tivera occasião de ler n'aquelles olhos mortos, sempre distantes, desilludidos, que pareciam chorar sobre os ouropéis dos alexandrinos que cantara em outros tempos o seu possante espirito de eleito!...

Esse sim, que era grande, no frio e ingrato esquecimento em que o largaram, longe de todas as suas glorias tão depressa fenecidas, como toques vibrantes e triumphaes de clarins, que só duram o tempo em que ha folego nos peitos que os sopram.

Os jornaes eram invadidos por um exotismo com fóros de Arte, fórmas deturpadas, uma litteratura com ossos desengonçados, um polichinellismo de ideias catadas por sêde de nomeada, uma litteratura decadente n'uma terra ainda sem litteratura, um chinesismo na prosa, na poesia, a alma esquecida pelo termo difficil, uma arte de ignorantes que tem horror aos classicos... E essa bohemia sem pão, sem familia, com collarinhos de borracha e roupa suja, propunha escolas, queria dar-se ao sério, fallando em Papius e Pelladan, sonhando com Baudelaire depois das bebedeiras, debaixo das mezas de casas de iscas. Uma garotada de assobio que mandra ás portas do «Londres» «e Café do Rio», cubiçosa, imprestavel, sempre de dentes á mostra... Quanta doença a precisar de cura, quanta calunnia a precisar chicote, quanto vagabundo a precisar trabalho!...

E Edmundo começava então a comprehender o eterno ar sarcastico de Bilac, o seu rolar de olhos strôbicos e encolher de hombros, quando se lhe fallava em arte, a elle, que era um artista...

Levantou-se da mesa, tossindo mais forte, e poz-se a cruzar o quarto em largos passos, rilhando entre dentes:

Ah! sim, a litteratura, a litteratura... E pensava nos novos, de leve, com medo de ferir-se, e bocejava, com o seu sorriso doente: Os novos! Ah! os novos!...

Mas logo uma grande sympathia o invadiu. Havia nomes que aconchegava com amor

e respeito ao coração. As suas predilecções litterarias abriram ante elle as suas paginas, e como o seu fundo ingenuo e simples, não lhe notava defeitos, entregava-lhes inteira, sem reservas, a sua admiração, com uma falta de criterio perdoavel aos seus vinte e um annos entusiastas e bons, a quem a desgraça dêra é verdade, um amargo travo, que se traduzia em antipathias sem razão, á tôa, e odios profundos, raivas surdas, mas que, apesar de tudo, á parte esta razão de bilis, era de uma dedicação bondosa e sinsera, leal como uma espada...

Dentre todos os seus escriptores favoritos Stendhal era o mais querido, o mais amorosamente lido. Quasi todas as noites passava pelos olhos, com uma paixão na vista, algumas paginas do mestre. e conhecia-lhe bem a vida, as suas campanhas d'Italia nos exercitos de Napoleão, os dias de Marengo, as noites do acampamento, e depois ainda os dias de sol na bella Italia conquistada, dias azues, terras verdes, todas perfumadas de lorangeiras e cidreiras, tapetadas de vinhas louras, e as noites d'amor, as noites de conquista do soldado, com uma caseira de granja ou uma pastora de ovelhas, de seios lindos e quadris fartos...

Tinha-o como a um mestre espiritual, capaz de lhe reformar sentimentos, pensares, character e temperamento. Estudava-o com a minucia de um relojoeiro que procura o grão de areia no machinismo de um relógio, e era o unico auctor a quem ficara fiel.

D'antes, mezes atraz, tivera um fervor pela obra de Dostoiewsky, mas uma tarde, na varanda, depois de um cigarro, fechara o «Crime e o Castigo» na sua ultima pagina, para nunca mais. Esse russo abominavel enchia-lhe as noites de allucinações e fazia-o chorar a todo instante. Doente, detestava os novos, os desequilibrados, os decadentes...

Tinha ancia de vida, sêde de fazer arte sã, triste embora, em paridade com o seu temperamento, mas uma arte honesta, bem-amada, sèria.

Physicamente doente e moralmente desorganizado, tentava pôr em ordem os seus mais profundos e pessoaes sentimentos, a inquebrantabilidade de orgulho, a firmeza de character, a rectidão em todas as suas obras, a consciencia em todos os seus actos, até nos mais infimos e vulgares.

Era passivo por timidez, não contradizia senão raramente, e balbuciando, e era muito esse vicio de receio, que o levava a desprezar a muita gente.

Sujeitava-se a ouvir contradizer as suas convicções as mais profundas, e a sós, pensava com odio na cobardia que lhe fêchava então a bocca. Ao fim de tirar todas as conclusões e a prova real ás suas crenças, um desdem pelo outro accudia-lhe ao peito, agachava-se n'elle, a um canto, para todo o sempre.

A's vezes acontecia-lhe resar, mas não sabia bem as orações. Voltava-se para Deus como se ajoelhasse ante o tempo feliz em que a mãe, juntando-lhe as mãos, o fazia repetir

de joelhos na cama: «Padre-Nosso que estaes nos Céus; sanctificado seja o vosso Nome; venha a nós o vosso Reino, seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu...»

Sensível e mystico, uma noite entrara na igreja do Carmo, no mez de Maria, durante a novena, para chorar á vontade.

Ajoelhado na pedra, escondido na sombra, perto de um altar lateral da grande nave, escondera a cabeça entre as mãos, e esse pobre isolado de alma, sem um amor no coração, confiára á Virgem toda a sua vida d'esperanças, cahido em extases, enquanto no côro, plangencias de órgão, vozes de mulher cantavam..

«Mater castissima, Mater inviolata, Mater intemerata, Mater admirabilis», e n'um grande soluço, a egreja inteira respondia «Ora pro nobis».....

Tinha um grande e piedoso respeito pelas irmãs de caridade.

Muitas vezes, á tarde, ia vê-las descer a escadaria do hospital, recolhidas, de olhos baixos, as mãos crusadas aos labios sussurrando uma eterna oração, vindas de cumprir a sua santa tarefa de misericordia.

Um dia, que a porta de um café, um companheiro reparara com uma phrase cynica e velhaca de garoto, que a irmã de caridade, que n'esse momento passava, cheirava a iodoformio, Edmundo, furioso, agarrara-lhe no pulso: — O «Rogert Jallet» não o trazem ellas no lenço, como tu; é na alma...

E era em tudo assim, apaixonado e irracional, quando amava ou se indignava.

Fraco e doente, tinha sempre comsigo o tremendo desespero dos que soffrem sem remedio, e bem no intimo, Edmundo tinha a convicção profunda de que todos, mascarados em hyprocrisia ou couraçados de cynismo, todos soffriam, todos tinham soffrido. . .

Agora sosinho, entre as quatro parêdes do quarto, antes de se despír para deitar-se, ficava longos minutos a pensar n'aquella sua vida desnorteada e sem esperanças, emquanto pintava com o pincel do vidro de iodo, no marmore do lavatorio, o eterno pensamento que o minava:—"Que será de mim amanhã?"



II

Amanhecera um dia azul, com um sol brando de Junho. Um grande silencio invadia a rua batida de um sol morno. Nem uma aragem fazia oscilar as franças dos arvoredos ou a folhagem das palmeiras. Na serra, por entre os verdes da matta, um fio d'agua descia, re-lusindo á luz como a arteria de vida no arvoredo enorme e cerrado. Para os lados da Tijuca, uma bruma leve, como um véo de noivado, escondia ainda os cumes dos serros. Quasi em frente, do outro lado da rua, de uma casa côr de rosa, de stores corridos, alguém calcava nas teclas de um piano a «Marcha Turca» de Mozart.

Edmundo, debruçado no peitoril da janella, demorava côm muito amor os seus grandes olhos tristes pela serenidade quente do dia.

De longe, a espaços, vinha um ruido secco de bater de roupa na beirada de pedra de um tanque, e uma voz de mulher cantava.

A cantiga dizia assim:

Quanto mais vivo, mais creio,
Que a vida que custa tanto,
E' um barco de recreio
Vogando n'um mar de pranto...

Das mangueiras velhas do jardim, as folhas amarellecidas cahiam no saibro, a modo que com suspiros, e Edmundo olhava-as desprenderem-se das hastes, revoltar agonisantes no ar e vir morrer na terra, com um derreadeiro e fraco extertor.

E pensava que as pobresitas tinham durante mezes agasalhado o amor e o somno dos passaritos, tinham vivido dias de temporal e dias de ardentia, sob um sol de fogo, tinham resguardado da chuva e do calor as violetas e os amores perfeitos, e assim morriam, serenamente, desprendidas da vida, com um só murmurio, e o primeiro pé de vento as arrastaria para longe, para as aguas de um poço ou para um canteiro de roseiras...

A senhora Maria subia as escadas com o café.

— Bom dia, senhor Edmundo...

— Bom dia, senhora Maria... Parece triste... Que lhe aconteceu?

— Foi o pintasilgo que morreu esta noite, meu senhor...

E a velha enxugou os olhos ao avental.

O pintasilgo era o unico amor dos seus cincoenta annos.

Ella queria-lhe como a um filho, e conseguira que Edmundo compartilhasse a sua grande affeição pela avesinha.

— Mas como foi isso, senhora Maria?

— Eu não sei, não senhor... Hontem já não cantou todo o santo dia, e á noite deu-lhe assim a modos de um tremor, cahiu abaixo do poleiro, ficou agachado, a cabecita entre as

azas, a piar... Depois cahiu para um lado, o bico fóra das grades, as perninhas estendidas... estava morto, senhor Edmundo, morreu...

— Pobresinho!...

— Eu vou buscá-lo para o senhor o ver, deixe que eu vou... Tome o café que arrefeceu... Cantava tão bem! Iam fazer dois annos no S. João que ella o tinha... Tome, tome o café, que eu vou buscá-o...

Edmundo encheu a chicara, entornou distrahidamente duas colheres de assucar e ficou a pensar no pintasilgo morto, por aquelle habito que lhe adviera de preoccupar o vago do espirito com a primeira coisa que encontrava a seu geito, como as crianças que de tudo arranjam um brinquedo, um entretenimento...

Foi bebendo aos goles o café, lentamente...

A morte daquelle passarito, que o accordava havia seis mezes com o seu gorgeio alegre, parecia-lhe arrancar de si mais uma alegria, mais um pouco de vida... A sua melancholia apercebia naquella morte a mortêda natureza... As folhas cahiam, as flores murchavam, os passaros morriam, os homens baixavam á cova onde essas folhas tombavam onde essas flores abriam e murchavão, onde essas aves cantavam; só as estrellas ardiã eternamente no céo como flores perennes...

E o seu pensamento, n'um mysticismo intenso, arrojava-se para Deus como as florestas para o sol. A pobre velha entrava com os

seus amores mortos no avental, o pobre passarinho que morrera como as folhas seccas das mangueiras, sem um queixume, sem um ai ! Hirto, a cabecita pendente, o corpo endurecido e enregelado, onde estavam agora os seus gorgeios, a sua voz que respondia aos outros passaros, os seus olhos pequeninos que namoravam as borboletas brancas do jardim?... Pobre avesinha !... A sua vida tinha sido uma eterna clausura, e tinha morrido entre as quatro paredes do seu carcere de arame, n'um momento, como uma luz que se apaga ao vento... Nunca tinha conhecido a liberdade alegre que dorme entre a folhagem macia de uma madresilva densa e faz ninho n'uma magnolia de jardim ou n'uma laranjeira de pomar... Nunca batera azas na liberdade azul de todos os outros passaritos, nunca voara senão de um poleiro a outro, como um homem que sempre viveu entre a desgraça de ter nascido e a desgraça de não ter logo morrido...

— E agora, senhora Maria ?

— Vou enterral-o no canteiro dos cravos...

— Compra-se outro que cante bem...

— Este nunca mais ha de cantar...

— Não se afflija... Logo ganha amor ao outro, verá...

— Que esperança! suspirou a pobre velha. Uma pobre de Christo toma amor a isto, a um bichinho destes, mas é uma vez na vida... Olhe que amizade, senhor Edmundo, se não merca, nem por muito dinheiro...

Vem por si, nasce assim a modos como nasce uma flôr por ahi á tôa, sem plantio...

— E' verdade, sim, é verdade...

— E' sim senhor, é verdade!...

E ficava-se alisando-lhe as pennas vermelhas do pescoço, estendendo-lhe as azas pretas, cinzentas e amarellas, os olhos razos.

— Vamos... Eu ajudo-a...

— Já?

— D'aqui a pouco cheira mal...

— Ainda ante-hontem cantava...

— A vida é assim mesmo...

— Jesus!

— E' esta tristeza... O sol faz abrir as rosas e os cravos; deixe ao sol o seu pintasilgo e verá e que elle faz do passarinho morto...

— Eu vou, senhor Edmundo, eu vou...

E ambos desceram ao jardim. Ella pousou a avesinha na gramma, foi á busca de um ferro da cosinha, para revolver a terra, e os dois agachados, emquanto as folhas cahiam sem ruido, abriram a cova, funda de dois palmos, na terra fresca, sob a sombra grande das mangueiras.

Ella beijou-lhe a cabecita e pousou-o no fundo da vala, com geito, medrosa de o machucar... Depois a terra cahiu sobre o pequenino trovador morto.

Gallos cantavam nas chacaras. O piano de em frente calava-se. O sol subia sem calor.

Edmundo entrou no quarto, vestiu-se, pegou da bengala e do chapéu, e ao sahir, como a velha creada chegasse á porta da cosinha:

— Até logo senhora Maria, vou trabalhar..., entrei para um jornal...

— Deus o ajude.

E ficaram os dois, a olharem-se, emudecidos.

A voz da lavadeira subiu clara no socego do meio-dia, acompanhada do cahir da agua no tanque...

Não fites em mim os olhos
 Não me dêes o teu olhar;
 Pois inda não tenho penas,
 E vaes fazer-me penar...

— E está melhor do peito ?

— Estou bom, aquillo não foi nada.

— Então até logo, senhor Edmundo...

A' porta do Paschoal um amigo chamou-o, — que viesse tomar alguma coisa.

A confeitaria estava quasi dezerta.

A uma meza do fundo dois militares fallavam tomando grogs.

— Deu 800 contos ao Custodio para abandonar o Saldanha...

— Impossivel ! O Floriano não descia a esses meios vis...

— Vil é quem os acceta. 800 contos em ouro, recebeu-os elle em Santa Catharina...

— E o combate no Rio Grande ?

— Phantasia ! Questão de se chegar a Buenos Ayres... O plano de traição estava concebido, fôra traçado pelo Marechal...

Depois as vozes baixaram e Edmundo não conseguiu ouvir o résto.

Voltou-se para o **companheiro**.

— O que tomas?

— Eu é que te **pergunto...**

— Vermouth e fernet.

— Então entras para o « Jornal da Manhã » ?

— Sim, convidaram-me, **acceitei**.

— Não ficas lá muito tempo ! Um artista acaba sempre por largar desilludido o jornalismo... Poetas a fazer noticias...

— Si fossem elles a redigil-as sempre, **não** se veriam mais adjectivos de faccinora a pesar em cima de creanças que são presas por haverem roubado um pão, e não se chamava bebedo com as tres syllabas, a um desgraçado que um dia se embriagou porque a mulher lhe tinha morrido nos braços, com vinte **annos** apenas...

O outro tinha gestos cynicos, encolhendo **os hombros...**

A arte é incompativel com esse trabalho material de redacção...

Edmundo olhou-o com um franzir de beiços.

— Não acredites n'isso. Si tu sentes a tua **arte** como eu a minha, has de saber que ella **vive cá** dentro, na alma, no temperamento... **E' como** um amor... O trabalho não mata as **affeições** de coração, assim a alma...

E depois, se queres que te diga, ser artista é uma coisa bella e grande na vida, mas para quem sente com segurança que o é a valer... Pela minha parte declino do titulo, pasa-me muito...

— Mas os teus versos...

— Qual! um rustico pensa como a poesia! para nós outros, sophistas desdenhosos ou positivistas brutaes, um sentimento puro tem proporções logo de obra de arte, tão pouco acostumados estamos a prender os olhos a um Ideal e a prender a vida a uma alma! ... Tão afastados andamos todos do bom caminho, tão pervertidos, estamos pelo materialismo, que nunca mais poderemos achar essa estrada abençoada por onde o simples caminha do berço á cova, a esperança pousada aos pés de Deus, a fé toda confiada aos Céos, o coração todo entregue á serenidade do amor... Sim, eu sei, e vaes dizer-me que foram os homens a nos desviar d'essa senda feliz..., que foi a sociedade, essa aranha ardiçosa, que nos prendeu jamais na sua teia..., mas mais uma razão para nos julgarmos falsos e desviados da luz... Artista, eu? porque teci uns versos com todas as saudades do um passado innocente e santo! E as trovas da roça, então? Elles não sabem metrificar; ser artista é ser como elles são, simples e bons... Tem mais sentimentos do que nós, mais puros, mais sadios, teem o coração menos gasto, acreditam ainda, quando nós desesperamos... Sabem amar, sabem soffrer...

E n'aquellas palavras uma saudade funda passava, escondida... Fôra em Minas, quando elle lá estivera doente, n'um arraial. Uma caipira de olhos grandes, receiosa e esquiva como nma onça nova, uns quatorze annos já em flôr, com seios que já diziam

poder amamentar um filho e tristezas no olhar dizendo já haver allí desejos e paixão : uns quatorze annos chamada Candida, que o tinham amado com toda a igenuidade da sua alma simples, supersticiosa e beatifica...

E accudiu-lhe um suspiro. Pudesse elle, mesmo sem a amar, levar a vida de olhos mergulhados na febre d'aquelles olhos negros que o amavam !

Mas o companheiro arrancou-o áquellas lembranças que o tinham distrahido, a vista perdida muito ao longe...

— Já vistes o 2.º numero da « Rio-Revista » ?

— Já, sim .

— E então ?

— Tenho medo até de dizer verdades sobre essa gente... São tão discordes da minha maneira de pensar !... são os mais enleitados na terrivel teia de aranha... Afinal, digo toda a verdade..., sabes o que é passar perto de um carro quando ha lama nas ruas ?

— Não te comprehendo...

— E' exactamente o que a mim me acontece...

— E's injusto...

— Já leste o «Rei Lear » ?

— De passagem...

— Pois lê-lhe as passagens de vagar, medita-as; o « Rei Lear » responde a tudo...

— Doido como é!

— E o que vem a ser a humanidade, conforme a tua maneira d'encarar as coisas, senão uma grande louca ?

Não está ella soffrendo as consequencias da sua vaidade allucinada? Não desprezou ella os seus instinctos? Não se insurgiu contra os dictames de Deus?

Eu penso assim, vês tú? A simplicidade d'essa gente da roça causa-me inveja... E' ella a tribu dos bemaventurados... dos pobres d'espírito, cujo reino é o dos Céos... Pensa um pouco o que será da patria d'aqui a uns annos, entregue aos nossos braços de positivistas e de materiaes, todos nós que vemos a alma através uma definição de philosophia materialista, incapazes de um bello esforço para o Ideal, raça degenerada, carregando com um paiz virgem que se nos entregou como uma india nua, a alma embalada de amor e olhos cegos de phantasia... O que será então do Brazil, abandonado a uma geração desequilibrada, com uma litteratura perversa e desorientada, sem arte, sem tradições, sem uma grande ambição na vista, sem uma grande temperança no coração? Porque a patria d'estes vinte annos somos nós, os cynicos, os egoistas, os falsos, nós todos que ainda não sentimos crescer em nós esse sentimento venerando pela Mãe Augusta, sagrada, divina, por esta patria em que nós tripudiamos com os nossos egoismos, que nós não tomamos a sério, para com quem não usamos de respeito, por quem nunca vertemos uma lagrima... E' a verdade, é a triste e acabrunhante verdade...

Para contentar uma vaidade crucifica-se uma provincia; com respeito fingido a uma

lei, por um capricho, por uma vesania, alimentava-se a guerra do Rio Grande... Ah! meu amigo! quanto precisavamos de uma nova geração, cheia de ideal e de virtude, em quem latejasse forte uma alma, na frente da qual resplandecesse a fé, a crença e o patriotismo !...

Perguntas-me se já li a « Rio Revista »... E' com espiritos d'esses que tu contas allumiar os Te-Deum de glorias da patria? Com esses cyrios moribundos, saccudidos por todos os ventos da descrença, da perversidade e do egoismo? O futuro parece-me um grande funeral... Parecem luzes accesas para um feetro... Tornava-se preciso revêr leis e costumes, jungir a justiça á misericordia e á humanidade, escrever uma grande biblia de amor e de bondade... E' assim que eu penso... Aos outros é dado a liberdade de pensar de uma outra fórmula... Já tomastes o licor? Queres mais ?

—Não, obrigado...

—Então vamos; preciso de almoçar, estou fraco ; já hoje trabalhei de coveiro.

—Como ?

—Sim, enterrei um pintasilgo sob um pé de cravos roxos.

—Logo vou á redacção dar-te um abraço..

—Sim, vai, não deixes de ir...

E Edmundo levantou-se, sahiu, foi sentar-se no «Londres», em cima, a uma meza fronteira ás janellas, sosinho.

Passou deliciosamente aquelle almoço, todo entregue a si, apenas interrompido pelo

«garçon», de vez em quando, que trazia a lista e vinham mudar de prato, ou verter vinho no copo.

Estava ainda todo invadido por aquella saudade de um amor perdido entre serras, longe, um amor de pé descalço e olhos admiraveis.

Lembrava-se de tudo com uma grande tristeza... As missas, ao domingo, onde ella ia com todos os ouros da mãe, forte e esbelta como uma grega antiga, de pescoço liso, perfeito e branco, e a sua pelle divina de quatorze primaveras crescidas á luz de cento e sessenta luas de roça, entre os acres perfumes das florestas, onde, desde que ella nascera, já quatorze vezes tinham brotado os cachos de oiro das parasitas nos troncos musgosos das samambaias e das palmeiras... Revia-a de rojo, nova e virgem rente ao altar, respirando de perto o odôr do incenso, que o thuribulo fumegava pelos talhos de metal, estremecendo á cantoria arrastada da Ladainha, rezando por elle, que só ia á missa para a vêr rezar.

Depois eram as noites enluradas dos catêretês, ouvindo tocar violas e sanfonas e sapatear nos terreiros as cabritas, no meio de cantares ponteados ao violão pelo Salviano, um tropeiro do Amazonas, que trazia amarrados á voz todos os corações d'aquelles sitios. Emquanto as verdegaes das violas vivavam no terreiro, ao plenilunio, e as trovas soluçavam os amôres de toda essa gente simples, elle, sentado ao lado da Candinha, fallava-lhe mentirosamente em esperanças de grandes dias felizes...

Revia-a na despedida, quando viera para o Rio com promessas de voltar, revia-a na janella, estirando os braços que oscilavam como columnas de um tabernaculo prestes a ruir, estirando os braços na chuva que cahia lenta, gotta a gotta do céu negro, como as lagrimas cahiam do céu sempre negro de seus olhos, uma a uma, lentamente.

Embuçado no ponche, enterrara as esporas no animal, roido de remorsos, e desandara n'um galope, para longe d'aquella casa onde inconscientemente levara a angustia e o soffrer.

A chuva começára logo a cahir com força, desancando os ipés e samambaiassús das grotas, chicoteando as frondes altas dos arvoredos, que erguiam a cabeça de entre o brenho-verde das mattas, cerradas como um cabello de mulher.

A Mantiquira, desgrenhada, gania para o céu, e nas florestas que trepavam as serras, jurubás, perobas e palmeiras torciam-se, as franças balouçando como cabelleiras, as cachoeiras berrando pelos barrancos, rolando troncos, mugindo de encontro ás rochas negras.

Os pés tremendo dentro das caçambas, as mãos alagadas e rôxas pouco sustendo as reideas, abandonando alazão ao seu galope de animal de trato, seguia sempre o caminho rente aos bambuaes, perseguido de longe pelo camarada, que enrouquecia a gritar: —Eh! rússilho! Eh! diabo!

Edmundo tremia ao pensar n'essas dez le-

guas cavalgadas n'um dia, com paradas nas vendas e ranchos do caminho para beber cachaça, essas dez leguas transidas, subindo serras, no escuro do dia tempestuoso, vendo ao longe, para os lados da Divisa, abrirem-se os céus em grandes lençóis de luz e para as bandas de Itatiaya a chuva cair em cordas cerradas, quasi negras...

O «garçon» trazia o bule de chá e a chave-na. Servio-se, pediu a nota, e sahiu para a rua, accendendo um cigarro...

—Vou consultar o Julião... Ainda é cedo.. elle póde bem ser que precise de dinheiro..

Julião era um quintoannista de medecina, cearense, pobre, vivendo n'um sotão de mansarda no becco da Fidalga.

Nunca Edmundo soube como elle arranjava a viver na sua penuria, isolado de todos, indo poucas vezes á escola, fazendo os seus estudos de anatomia entre as quatro paredes nuas do seu cubiculo, em pedaços de carne compradas ao bedel por cinco mil réis.

Magro, tisonado pelo sol do norte, meio curvado pelo vicio constante do estudo e pelo peso da miseria, Julião não pagava quarto desde que salvara d'uma angina a filha do senhorio, uma criança de quatro annos, rachitica e loura, de olhos azues...

Comia alli mesmo na rua, n'uma taberna em que entravam catraeiros e carregadores d'esquina. Os cem mil réis, mandados todos os mezes do norte, chegavam ás suas despesas...

Edmundo conhecera-o um dia, em circum-

stancias que nunca mais apartam da lembrança um individuo.

Uma noite de chuva, passando no largo do Paço, Edmundo vê um homem estirado perto de um candieiro, torcendo-se na lama, os olhos vitreos, rasgando as roupas com as mãos crispadas... Afflicto, chamou uma ronda para que se examinasse o desgraçado, a ver se estava ferido. Gente parava em volta, a vêr aquella agonia. Já fallavam em transportal-o para o primeiro posto policial, quando um homem magro chegou, meio corcunda e olhos de esfomeado, ajoelhou na lama perto do homem cahido, que babava pelos cantos da bocca como um cão damnado... Deixem-no, é um epileptico, isto passa-lhe já.. Algum dos senhores me poderia ajudar a levar-o aqui perto, á minha casa ?

Edmundo offerecera-se, commovido, á vista d'aquella grande caridade abnegada, que ajoelhava na lama perto de um doente, e o levava para sua casa sem lhe saber sequer o nome...

O ataque fôra passageiro mas podia sobrevir um outro mais furioso...

Os dois, um segurando a cabeça e os braços, o outro as pernas, subiram os tres andares escuros do becco da Fidalga, e depuzeram o epileptico n'um catre, ao fundo do sotão.

Edmundo, offegante olhara em volta a pobreza que ia n'aquella mansarda tomado de assombro... Depois a sua vista tinha parado atemorizada em cima da mesa. A' luz de uma

vela espetada n'um gargalo de garrafa, em cima de um pedaço de marmore, uma velha pedra de lavatorio, pousava uma cabeça humana, de mulher, os cabellos cortados, a pelle da face arrancada a meio, deixando vêr todos os musculos, tecidos e fibras, da testa ao queixo! Em cima da mesa havia um livro, o « Tratado de Anatomia Descriptiva » de Jamain, e um escalpello conservava o livro aberto a pagina 250. Na cadeira, ao lado, havia pinças, bisturis, thesouras e uma garrafa de agua acidulada para as dissecações...

Edmundo comprehendera... Era um estudante de medicina..., mas a sua repugnancia á vista d'aquella cabeça decepada largou-o sem forças n'uma cadeira, os olhos escondidos nas mãos...

— Cubra-me isso, faz o favor...

Julião atirara uma toalha sobre a mesa, e timido, pedia desculpa...

Tinham trocado os nomes á cabeceira do epileptico, apertaram-se as mãos:—Edmundo de Souza, jornalista;—Julião Telles, quinto annista de medicina...

E os dois, que a bondade juntára em soccorro de um enfermo, separaram-se amigos para nunca mais se esquecerem...

Quando lhe chegara a primeira hemoptyse o medico de Edmundo fôra Julião, e era vel-o, dedicado como uma mãe, passando as noites de vigilia ao lado do amigo, baixando a voz para fallar-lhe, todo apprehensivo com aquella tísica renitente, que resistia a todos os esforços...

De então, Edmundo subia muitas vezes os tres andares do becco da Fidalga, para conversar com o estudante, já acostumado a ver rolar em cima das cadeiras o estojo de dissecação, e gotejar no marmore do lavatorio um braço alvo ou um coração congestionado. No silencio mortuario da rua deserta fallavam da misera vaidade humana, e comprehendiam-se bem os dois, sentindo-se irmãos na desgraça, camaradas no soffrimento.

Emprestaram-se mutuamente os livros. Edmundo trazia Spinoza, Kant, Spencer, Stuart Mill, Carlyle, Littré, e levava para casa Legrand du Saulle, Magnan, Echeverria, Charcot, Monin...

Julião cuidava do amigo como de um filho, curvado por uma triste desesperança de o salvar...

A's vezes fallava da Suissa, da Italia, Nice, Florença, Pisa, como de um remedio impossivel de obter..., e admirava a tranquillidade de Edmundo, a submissão e resignada melancholia com que ouvia fallar dos seus pulmões quasi desfeitos, inexoravelmente perdidos para sempre...

Uma grande e profunda affeição ligara aquellas duas almas gêmeas na dôr...

N'esse dia Julião constipado, conservara-se na cama lendo « Les Spectres d'absorption du sang » de Victor Fimouse.

Edmundo entrou, cançado de galgar os tres lances d'escadas, e parou á porta, espantado.

— Estaes doente?

— Não, não, socega, uma bronchite ape-

nas... O quarto era humido, frio; tinha-se constipado, estava com tosse...

— Porque não mudas? Esta rua cheira a crime... Se eu fosse da policia mandava escoar as sarjetas, para vêr, cavoucar nos quintaes, sondar as latrinas e os esgotos... Isto é lugubre, é nojento...

Julião levantou a cabeça do travesseiro, teve um grande gesto d'indifferença.

— Qual! para que fugir d'aqui? Deus é quem manda... Como vivo sósinho, apartado do lixo da sociedade, o destino trouxe-me para o meio do lixo deste quarto... E' a lei do equilibrio, das compensações... A's vezes accordo de noite com um choro de mulher batida ou uma cantiga de vicio tresandando a vinho: é o mundo, penso eu...

— Acabas por cahir doente, e depois, Julião, quem me ha de tratar?

— Socega, eu mudo..., faço-te a vontade...

— Eu bem sabia que eras meu amigo...

— Ouve cá, e o impaludismo?

— Passou...

— Toma cuidado...

— Vinha dizer-te, Julião, que entrei para a redacção do «Joanal da Manhã», já não vou para o Rio Grande; tão cedo ao menos...

O outro levantou-se na cama, assombrado.

— Ficas no Rio?

— Fico sim, para te fazer companhia, para te animar, para te ver formado...

— Ouve Edmundo... Ha quasi um anno já que nos conhecemos. Foi á cabeceira de um

homem enfermo, que já morreu, que morreu com os nossos nomes na bocca... Assisti-lhe aos ultimos momentos... E' triste vêr morrer um homem... Vae-te embora, Edmundo, vae para perto de tua mãe...

— Assim, tu não me queres vêr morrer, Julião?...

— Não é isso...

— Ah! tu és um máo amigo!... E Edmundo poz-se a pé, arrancando a mão de entre as mãos d'elle.

— E's injusto...

— E tu porque és assim cruel?

— Não me comprehendeste... Precisas de socego, a vida de jornal vae-te cançar... Mas tu queres, seja assim, não te contradigo, sê feliz... Começas hoje a trabalhar?

— Sim, e já são horas... Queres alguma coisa?

— Que sejas feliz...

Edmundo desceu as escadas e tomou pela Rua do Ouvidor, em direitura á redacção.

A's quatro da manhã, quando em casa, mais uma grande desillusão pesava em sua vida. Sabia que era preciso ter hombros e não só espirito, para supportar aquella vida, pesada, fatigante, que cá de fóra julgam de uma ociosidade favorita. Conhecia o quanto custava a um poeta encher de noticias as duas paginas de um jornal.

Aqueile dia deixara-o derreado e desilludido... Julgava ir encontrar no jornal um dilletantismo litterario e deparara com a ma-

terialidade da penna ao serviço dos reporters e dos annunciadores.. A confusão de um primeiro dia de redacção atordoara aquelle neurasthenico.

Os typographos, no provisorio da installação, naquella balburdia de primeiro dia, em que são tantos os importunos a trazer abraços, empastelavam a composição, mal emendavam as provas, desconcertavam a revisão, á qual tinham que juntar-se os redactores, revendo os seus escriptos...

De toda a fadiga desse primeiro dia de noviciado jornalístico, uma só coisa restava, a admiração pelo mestre, pelo seu director...

Edmundo vira como se escreve á luz d'uma vela, na ultima e precipitada hora da folha entrar para a machina, um desses artigos á Rochefort, grandes, atrevidos e nervosos, que rasgam com a prôa os caminhos á Nação, e dos quaes muitas vezes rompem das phrases revoluções e dos periodos guerras.

Sentira o latejar do talento quasi genio, a sua beira. Vira conceber um cerebro d'eleito. Palpara de perto a grandeza do espirito.

De resto, mais um sonho rôto. Aquella derradeira taboa de salvação, não o arrancava á voragem tenaz do desapego e da apathia... Sentia-se incapaz de lutar, consciente de antemão que seria vencido. Deixou-se ir, vendo de dia a dia as engrenagens da Marioni ranger sobre a sua cerebração, sobre o seu talento, sobre os seus esforços, e despejar tudo aquillo impresso, á avidéz de um publico que nunca comprehenderia quanta vida, quanta

mocidade e quanto espirito consumiam essas columnas sem paternidade...

Arranjara uma pensão onde almoçar e jantar, n'um restaurant bon, na rua do Lavradio.

A primeira vez que lá foi almoçar, sentou-se a uma mesa do canto, quasi encostada ao balcão, onde, em duas jarras da China, rosas frescas cheiravam bem.

Em frente, no grande aparador de nogueira, pelos espelhos, podia ver toda a grande sala, e mesmo no angulo que ella fazia dando para uma porta ante á qual descia um reposteiro, enxergava uma mesa grande, onde havia garrafas já abertas de vinhos caros.

Demorou o almoço, intrigado com aquella grande mesa posta e vasia, e já ao café, quando pedia um cognac, viu abrir-se um reposteiro, e uma mulher nova, de « peignoir » de seda azul claro com rendas brancas, de cabellos quasi louros, esmeraldas nas orelhas, ir sentar-se n'uma cadeira dessa mesa. Não era bonita mas um sorriso bom abria-lhe uma cova no queixo, mostrava uns dentes brancos e eguaes, illuminava-lhe os olhos castanhos, e quasi a tornava bella sob sua cabelleira de ouro fosco.

Chamou o creado.

— Quem é aquella mulher ?

— E' de cima, do hotel... uma franceza...

Edmundo levantou-se. Aquillo distrahia o. Deviam sentar-se áquella meza mulheres mais bonitas do que essa... E assim, a surpresa canalha que o levara a um restaurante onde

comiam mulherès, dava-lhe um bom ar alegre que elle ha muito não tinha.

Sentia-se bem alli, ante aquellas mezas, de toilhas muito brancas, na sala clara, que o sol invadia pelas taboinhas envernizadas das janellas, n'aquelle silencio, adoravel de restaurant pouco frequentado...

Estava um dia alegre, azul. Tomou um bond para ir ao Mercado comprar um canario para a senhora Maria.

Ao saltar na rua Direita um companheiro de redacção tomou-lhe o braço.

— Onde vaes ?

— Ao mercado, comprar um canario...

— Eu vou contigo, comer tangerinas.

— Então vamos.

E cahiram os dois em contemplação ante os viveiros de canarios, amarellos como ouro novo, alegres, saltitantes sacudindo as pennas, abrindo as azas louras, chilreantes todas as gaio as como palcos de Lyrico em noite do «Barbeiro de Sevilha».

O dia aquecera, todo luminoso, e vôos de gaiivotas cruzavam os ares, precipitando-se para o mar, aos guinchos. N'aquelle quarteirão do mercado as fructas aromavam, abacaxis, mangas, maçãs, tangerinas, la anjas, fructa do conde, bananas, uvas, enquanto a distancia o passaredo gorgeiava e gallos cantavam entre cacarejar de gallinhas, aos casnes.

Pombas arrulhavam mansamente, e no chafariz, a agoa cahindo parecia um novo canto monotono de passaro.

Uma onça pintada, presa n'uma jaula, ber-

rava a espaços, melancholicamente e tudo em volta se calava com medo, os urús tremiam e as aves paravam de cantar por longo tempo.

Edmundo foi mercadejar a voz preciosa do canario belga.

— E agora ?

— Agora vamos comprar violetas, espíri-
as agoas, o m r...

E dilatando as narinas, ficou-se a respirar a marezia, os olhos n'uma contemplação, pou-
sadas na grandesa das agoas que estancavam na ilha das Cobras, se estendiam até Nictheroy, balouçando as barcas... E os navios da esquadra, o Aquidaban, o Republica, o Benjamim Constant, as torpedeiras, os grandes crusadores, todos brancos como garças innocentes, paravam na serenidade glauca, içando pelos ares as mastreações. Um paquete inglez entrava na barra, fumegando, enorme, passava Santa Cruz, a Lage, vinha parando em frente a Villegaignon.

— Vamos embora...

— Vamos, sim...

Sahiram para a rua 1º de Março, toda crusa-
sada de carroças, caminhões, bonds, um vai-
vem de grandes rodas aos solavancos pelos
parallelepipedos, um rolar de povo que atra-
vancava a rua, tortuosa, alargando-se e estre-
itando como uma cobra cheia, subindo um
pouco na imponencia dos tres predios do
Correio, da Bolsa, do Banco do Commercio,
logo esmagada pelas casarias baixas, que
descem até ao Arsenal de Marinha.

E foi um alivio quando se viram á sombra

da Rua do Ouvidor, onde um formigueiro de gente arastava enorme, até lá ao fim, ao largo de S. Francisco.

Foram subindo, parando nas livrarias para fallar mal do Magalhães, contar casos, a lucta do litterato pela edição, o mercantilismo que rouba os talentos, e isso já em frente ás vitrines do Garnier, onde thronavam livros francezes, de nomes difficeis, ass gnatos por gente desconhecida. Edmundo parava muito em frente ás casas de modas, deplorava-se a vér sedas, chapéus, rendas, e as ourivesarias e joalherias para descancar a vista na rutilação das pedras preciosas, brilhantes, esmeraldas, os colares de perolas e diamantes, os broches de rubis e saphyras, as grandes «vieres» tremelusentes, em escrínios luxuosos, profundos, todos acolchoados a velludo negro, e os anneis finos, ferrando joias com as garras, os anneis que emfiam preciosidades nos dedos...

Embevecia-se, ficava allí minutos, ante a «etalage» do luxo.

Era preciso arrastal-o, não porque elle se sentisse preso d'estupor, mais parecia architectar um sonho sobre cada adecco e parecia sonhar uma mulher em cada peça de seda, em cada nuvem de rendas, em cada pluma de chepéo.

Depois de uma hora inteira para subir a rua, eram ainda conversas, um refresco ou uma cerveja a tomar no Pascoal, até que se deixasse levar para a clausura da redacção e se sentava a mesa a trabalhar, e m as alternativas de uma hora de conversa ou uma fu-

gida a rua, a porta d'«A Noticia» ou do «Londres», ver passar n'um «frou-frou» as caras lindas, que desceram da Tijuca e de Botafogo, para comprar um alfinete na rua do Ouvidor ou provar um vestido na modista...

A noite não tardava a cahir, e ante os montes de noticias pausados na sua meza, para rever ou redigir, o desanimo assaltava-o, impossivel de vencer, por aquella grande falta de tino jornalístico, aquella difficuldade que offerencia todo o trabalho material ao seu temperamento de contemplativo e de alheado.

N'aquelle dia, uma preocupação tinha-o seguro: era a meza grande do restaurant onde se sentavam as mulheres vindas de cima.

Esperou impaciente que chegassem as sete horas, e sahio para a rua.

Mas logo adeante, perto da rua Gonçalves Dias, uma voz rouca e tremula chamou-o. Podia continuar, fingir que não tinha ouvido, mas uma grande piedade fel-o parar para receber o abraço do ébrio, que lhe pedia—Pagas alguma coisa ?

— Achava melhor que não bebesses, que fosses tomar um caldo e partisses para casa... Pareces doente...

—Qual l... Vem pagar cerveja.

E os dois entraram no café de «Londres», onde Edmundo mandou abrir meia garrafa de Pá ?

— Não bebes ?

— Não, vou jantar...

E o pobre doente verteu pela garganta, n'uma ancea, o copo todo. Quando o creado se

aproximou para acabar de esvasiar a garrafa, elle, julgando que a iam levar, agarrou-a pelo gargalho, os olhos n'uma chamma medindo de revez o garçon, e despejou-a até a ultima bolha d'espuma.

Bebeu assim o resto, na mesma ancea afflictiva de vêr o fundo ao copo.

—Adeus, meu bom amigo, deixa d'esse mão vicio; arruina-te. E's um grande espirito, debes ter a força de o sustentar...

O bebedo fitou-o com desprezo.

—Estás lugubre, poeta, precisas de beber!...

O restaurante estava cheio; só a sua meza, encostada ao balcão, onde emmurcheciam as rosas nos jarrões da China, estava vaga.

Edmundo sentou-se, abriu um jornal, passou distrahido os titulos, os normandos, e levantando a cabeça olhou a mesa.

A cabeceira, uma rapariga quasi creança, pouco maior que una boneca grande, brincava com o garfo e sorria. Era morena, insignificante, e tinha aos hombros unia capa curta de velludilho, em xadrez vermelho e azul. A seu lado sentava-se uma ultima tentativa de seducção; era um sêr disforme, todo enfronhado no seu roupão de casa. D'aquelle monturo de carne, a cabeça emergia, pequena, com olhos menos mal e um buço debruçado sobre a bocca mimsosa. Tinha um ar de velha decahida, de patrona das novas, com o seu perpetuo risinho que mostrava duas carreiras de dentes de rato pequenos e brancos.

Mais adeante, uma que conhecera em São Paulo, abrilhantada, mettia vista com um corpete de setim preto e uma saia clara de seda. Aquella sim, era velha como a «Traviata» de Verdi, uma arca de Noé, toda calafetada a creme Limon, e boiando n'mm diluvio de agoa de Ninon. Ainda herdava nas feicções o ar de italiana que tivera em nova, com os seus cabellos cendrados e os olhos verdes, cheios de luz. O espartilho parecia fazer esforços para deixar de pé o seu peito farto e cansado.

Depois, uns olhos pretos que cahiram distrahidos sobre os d'elle, dois olhos tristes e profundos, que levantavam como aur'olas umas pestanas compridas e sedosas. Morena e magra, nem reparou mais n'ella...

Começou a jantar, desconsolado.

Abriu de novo o jornal e começou a lêr. mas quando levantou a cabeça viu, os olhos negros vergados sobre si, como duas luzes que logo apagaram quando os olhos desceram.

Sem saber bem porque, tremeu e evitou de a olhar outra vez. Durante todo o jantar sentia sem as querer ver aquellas sombras illuminadas pousando n'elle, e ao levantar-se, de face, fitando-a afinal, viu nas orbitas esplendidas como que um mysterioso interesse por si, surgindo do negrume triste onde rutilavam as pupilas...

Sahiu, descendo a rua do Senado até á do Espirito Santo, cheia de gente, illuminada pela fachada dos theatros, uns barracões de feira, desde lá ao fim, onde Dias Braga, o Fre-

deric Lemaitre do povo declamava o «Conde de Monte-Christo», até ao Sant-Anna, onde o C. lás se exhibia em pantomimas, com esgares de palhaço sem espirito.

Entrou no largo do Rocio, perseguido pelas floristas, apressado por entre os grupos que esperavam as 8 1/2 dos espectaculos, e adiante, na ultima porta da «Maison Moderne», a voz rouca chamou-o:

—Porque não vás para casa ?

—Porque não quero...

Torcendo o bigode, encostava-se á porta para não cahir.

—Já jantaste ?

A voz rouca perguntou:—Pagas alguma coisa ?

Edmundo olhou-o consternado, invadido por uma pi dade immensa. As roupas andavam enrugadas, como as de quem se deita vestido, e n'aquelle olhar embaciado e já sanguineo, relusia o prenuncio medonho da epilepsi ou do delirio.

E ahí estava a uma esquina, mostrando-se pelos cafés e pelas ruas, um homem de lettras.. Aquillo era um resultado do meio litterario... Ninguem que a tempo o tivesse obstado ao vicio, ninguem que o levasse agora para casa como um irmão doente... Davam-lhe de beber voltavam-lhe as costas, e o miseravel lá ia cambaleante, pelas mezas, fallando de Baudelaire, apregoando na sua voz rouca e pegajenta: —Eu sou um sêr superior, eu sou um artista... e os creados tinham que o pôr fóra, humilde nas suas roupas pobres onde havia

nodoas de vomitos, encostado á parede, a caminhar ás cegas na noite, de encontro ás casas, até cahir...

Um odio fundo sobresaltou-lhe o peito. Aquillo era a decadencia, o ultimo rebento pervertido e desorganizado de uma geração que findara, como uma arvore que vae estirando braços e ramarias até cahir apodrecida...

Um paiz novo com gente velha... começava com o fim... Dantes, a bohemia bebia, mas com um ideal no fundo do grog, uma utopia no martello de aguardente... Lembra-se de um que morrera debaixo da janella da namorada...

Alli estava crucificado a uma esquina, o nephelibatismo dos novos .. As monjas maceradas e as virgens esqualidas, de olhar estagnado e cabellos soltos, mysticas e larvadas, toda essa arte de palavras obstrusas como termos de psychiatria, e ideas bebedas de onanismo, elle revia-a n'aquella agonia de epileptico, embriaguez a embriaguez...

E n'aquelle rapaz morto em vida, impressionavel, nullo, surgia ainda, livida como um fogo-fatuo, a restea divina do espirito, tremeluzindo de quando em quando, nas palavras gaguejadas, como um pyrilampo entre a matta.

Iam deixal-o morrer a uma esquina, por uma noite de frio e chuva, iam deixal-o extorotar na soleira de uma porta, qualquer dia...

Edmundo ainda instou com o pobre doente, para que fosse tomar um caldo...

—O meu estamago não são os seus versos !... de caldos precisam as suas rimas, são fracas !

Edmundo afastou-se, vergado por uma gargalhada do ebrio, que sôou funebre, como alguém a querer tocar a noivado no sino plangente de finados.

A meia-noite, em caminho para casa, os seus olhos iam seguindo no desvão das portas, longe a longe, ou a um canto da rua, o somno das creanças abandonadas, cahidas de bôrco nas soleiras de pedra, esfarrapadas, a cabeça entre os braços crusados: as migalhas d'essa grande geração esquecida por Deos e que vivem da cidade como os cães vadios, ninguém sabe com que...

Pensava no horror d'aquellas pequeninas almas de engeitados, que o mundo deixa á mingua, roubados, pela protecção divina, innocencias a quem falta o pão de cada dia, nascidas no monturo, crescidas no desespero, e a quem a sociedade reservava um cemiterio de presidio...

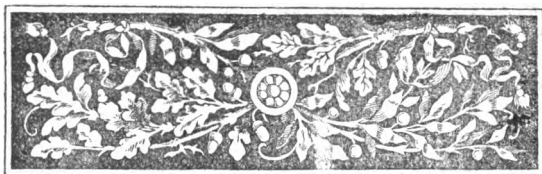
E como subito lhe lembrassem os olhos negros, cresceu-lhe um nojo pela mulher da vida, essa por causa de quem um ho. em tudo esquece ... O dinheiro gasto com ellas em vaidades, carros, vinhos caros, flores, perfumes, todo esse dinheiro esbanjado sem proveito de que ellas não fazem caso, pois bem, tudo isso chegava para dar pão a mil esfomeados, dar agasalho a mil indigentes, arrancar á ignominia da prisão mil desgraçados, que podiam ser dignos como o chefe de

policia e honrados bastante para não apertar a mão aos policiaes secretas...

Fazia um frio cortante, aspero. A's vezes dava-lhe ancias de descer, ir deixar alguma coisa á cabeceira das creanças adormecidas, dar-lhes esmolas durante o somno... mas, saltar do bond, esperar um hora a pé, batendo os passeios, pela noite sem lua, escura, atrazar de uma hora a commodidade, o aconchego de casa, os lençoes quentes.

E como todos os outros, aquella alma caridosa achava grande em demasia o sacrificio de uma hora de aborrecimento e de espera, ante a alegria de uma pobre creança sem amparo, sem mãe, sem Deus, sem pão, sem abrigo, que acordaria de manhã com dinheiro para almoçar n'um kiosque, com que passar um dia sem fome, com que passar um dia sem a precisão de roubar um pão em uma padaria, um pão para comer...

Ah lmas por uma mulher, elle como todos os outros, esperaria duas horas um bond..., por uma mulher, elle sacrificaria saude, tempo, o futuro, e até as vezes a dignidade, o orgulho, emquanto aos pequeninos seres de que o mundo ia fazer mãos homens, na sua inexorabilidade fatal, por esses, apesar dos piedosos pensamentos que o commoviam, por esses, elle, igual aos outros, não desceria do bond, á meia-noite, com frio...



III

No dia seguinte, ao sentar-se á meza, os olhos fundos e negros cahiram placidamente sobre os d'elle, como duas aguias que vergam azas e descem devagar sobre a presa.

Dois mysterios sob os flabellos das pestana, viviam n'aquelles templos sombrios, sob a arcaria das sobranceilhas.

As palpebras subiam como cortinas de altar-mór, e as duas luzes immergiam...

Elle, medroso pela primeira vez ante a mulher, baixou os seus pensando entretanto bem no intimo, que era de seu desejo deixar perpetuamente a sua vista ancorar n'aquelles lagos profundos.

Nunca mulher alguma o olhara assim. Não sabia d'aquelles quebrantos em olhados febris de amor ou de desejo.

N'essas orbitas havia lampejos, como luzes de ponche incendiado, e logo escuridões de um negro sinistro, tragicas como se a vaidade d'aquelles olhos fosse á pretensão insolente de parecer dois ceus, onde sóes rondassem e noites acampassem.

Edmundo via tudo n'aquella vista d'inferno.

Pareciam-lhe dois corvos que o espicaçavam no coração. Pareciam-lhe duas barcas

que se offerciam para o levar a um paraizo ignorado de todos... Pareciam dois arcos de triumpho ante o caminho que leva aos pés da Alma.

E aquelles olhos entupiam-lhe a vista, não o deixavam, entrando dentro de si como feitiçarias...

O ingenuo, mosca enrodilhada na teia de aranha, só se lembrava das azas para mais se perder na meada transparente.

Onde estavam as lições dos mestres, que de Shakespeare se lembrava do 3º acto de Romeu? Onde Stendhal?

Deus fez tudo na homogenidade de um par: a mosca e a aranha; assim o homem e a mulher, o rato e o gato, o mosquito e a passaro...

Em casa, á meia-noite, Edmundo deitou-se a pensar. Chovia e o vento brigava com a ramaria das mangueiras. Todo o dia passara obsecado pelos olhos immensos e sensuaes. Tinha prazer em pensar n'elles. Sentia ás vezes uns arrepios nos nervos, nas carnes, depois serenava, gozando de se sentir desejado. Elle desejava tambem, quando de longe, e se lembrava d'aquelles sóes que se lhe offerciam.

Tentava persuadir-se que o verdadeiro amor era humilde, entregava os pulsos ás algemas. Amar era ser galé de coração. A força devia-se submeter ao capricho...

Mas agora, o medo, apossava-se d'elle; a passividade gemia dentro de si, segredava-lhe toda uma prophesia de desdita.

Lembrava-se da phrase do Julião: « Quem já soffreu fuja de amar. »

Percebia que na sua alma jazia um grande thesouro intacto e tinha medo de sentir garras nas mãos que mergulhassem n'elle.

Toda a sua grande tensão de ideal não devia arrojarse para um céu em cujas abobodas esmigalhasse a cabeça... Mas também, que fascinação : Amar !...

Voz, só a d' « ella », que nos sabe chamar bem pelo nome, entre dois beijos ; olhos, nenhuns que aos « d'ella » se comparem ; o seu pescoço, nenhum igual ao « d'ella » para tombar como o de um cysne morto e offercer-se ao descanso da cabeça do amante, e corpo, ah ! nenhum, nenhum, desde os ideaes antigos, que tenha a linha ondulosa do seu corpo... Desde as clavículas, a carne serpeia, apertando a cinta e deslizando nos quadris, descendo ás coxas e afinando no tornosello, delgado como uma cascavel de tres annos...

Fantasiava um corpo a geito de ser bem amado, e punha-se depois a contemplal-o, desde os seios, pequenos como tampas de um hostiario, tremendo a meio do peito como as duas fructas da arvore prohibida, offerecendo á fome do homem o perdão da sua alma...

Amar era lançar de rojo a nossa vontade ao serviço da mulher, era resumir o mundo em um só olhar, esquecer-o pelo unico sentimento da paixão, trocal-o inteiro na sua maldade e no seu egoismo, pela liberalidade do corpo que se nos entrega com a alma.

Amar era deixar entre as mãos da mulher todo o nosso sêr ajoelhado. Um homem torna-se bom, amando...

Mas era tambem o despenhadeiro... Pobres das almas fracas, das almas que se deixam cegar pela gotta-serena da paixão !... Quanta leviandade irreparavel, ignominias atrozes, quanto crime commettido por mão inconsciente, que herança de dôr, vergonha e desespero nos deixa às vezes o amor da suprema mulher da nossa imaginação !...

Esquecer o mundo é o ideal impossivel... O mundo vingá-se sempre implacavelmente d'esse egoismo de duas almas... Os dois amantes esquecem-seem contemplação n'uma fraga deixada a descoberto pela vasante, a maré vem subindo, e quando a primeira onda se arroja espumando, vêem-se os dois em meio das agoas, condemnados á submersão. D'esses naufragos perece o homem quasi sempre... A mulher, se é bella, está salva... Depois de preso nos braços de onda da mulher, o homem torna-se a sombra do ente querido, esqueça-se, tem a vista n'outros olhos que não os seus, a vontade algemada á outra vontade...

Antonio já chamava a Cleopatra a “serpe do velho Nilo” e nem por isso, senhor do mundo como era, teve forças para arrancar-se aos anneis da serpente que o estrangulou. Os seus exercitos, arrastados por elle, levavam no espiculo das phalaricas e no gume dos gladios os desejos de Marco Antonio, o descendente de Hercules..., e o vencedor de cem batalhas não poudé vencer uma mulher sem forças...

E' que custa menos a vencer os outros que a vencer-se a si proprio uma pessoa...

E' raro conselhos passarem de um ouvido. O máo sabe do caminho que o leva ao bem. E' questão de o seguir até lá. Os conselhos não servem de guia, mostram apenas o caminho a seguir... Deixa essa mulher; phrase repetida tantas vezes e sempre sem resultado... Foge-se assim de um carcere? E' preciso que a porta esteja aberta... Qual é o prisioneiro que não sente desejos de revêr a liberdade? Quantas noites passa elle apalpando as paredes, esgaçando as unhas nas frinchas da muralha, tentando abrir os muros com as mãos?

O amor põe algemas aos pés de quem se deixa amar...

A salvação para as almas puras estava na paixão castissima, essa que amarra dous corações virgens em arroubos, ao cimo de um deslumbramento, como dois cysnes brancos saccudindo azas nos pincaros nevados e intangiveis da lungfrau do sonho e da illusão.

As exaltações que desconcertam e ferem, esses amores cheios d'espinhos, são os que a voluptuosidade choca, o desejo alimenta e a sensualidade satisfaz... E' o amor que tem ciumes da cambraia que roça o corpo da mulher amada, é o amor que se apossa n'um abraço e nunca se apercebe que os braços cahiram do pescoço querido.

A « Carmen » não era mulher, era uma mulher... Edmundo procurava desculpar-se a cobardia de se submeter aos olhos negros.

O seu temperamento de indolente comprasia-se a pensar-se subjugado por uma voz meiga; nunca elle chegaria a comprehender na sua ingenuidade de poeta, que o predomínio deixasse de ser dado ao mais fraco, á mulher...

D'ahi partiam todos os seus receios. Essa bella fantasia podia ser um presente de nupcias, mas era perigoso fazer tal outorga a uma mulher sem coração e com vicios.

Ah! mas para elle, ser a mulher da mulher era o sonho!...

E tudo aquillo, bem observado, aquella fraqueza d'indolente, aquelle requinte de luxuria preguiçosa que se sujeita a ser o prazer de uma mulher, e ama com delirio n'essa passividade de amor material, que elle desdobrava n'um sentimento de arte sensitiva, bem estudado n'elle, tinha razão de ser.

Uma precocidade de magoa abatera-o, e os tempos de creança, passados entre sedas, pelo regaço das senhoras, que lhe cubiçavam os olhos, aquella vida recuada aos dias de hoje, já longe como um pesadelo, vivia entre tapetes felpudos e estoffos caros, sob as meiguices dos dedos relusentes de anneis, quebrada de subito pela vida de um collegio de jesuitas, esses tempos nostalgicos de collegio de frades, passado entre missas, novenas e aulas, acabara de compôr o seu pobre temperamento, já de per si preparado pela nevrose, n'uma passividade assustadora, subjugada apenas de vez em quando por uma repulsa de amor proprio sempre latejante n'elle.

A religião, que não pudera ganhar a si aquelle espirito, conquistara porém aquella alma, onde morava a mania da adoração. D'esses longos annos passados diariamente em frente aos altares, viera-lhe muito esse vicio de contemplação, de extases. As doutrinas foram a base da religiosa bondade do seu character, e o abuso da confissão infiltrarã-lhe o instincto santo do perdão.

Tinha tudo o que era preciso para ser uma boa creatura, sublinhado por tudo o que faz desnortear um homem.

Todas as suas pretendidas perfeições eram incompletas, e todas as suas funcções de esforço e de equilibrio estavam para todo o sempre desorganizadas.

Ponham Santa Thereza a ser mãe de familia! ou S. Bernardo a ser jornalista!

Edmundo era antes de tudo uma creança n'um corpo de homem; e o physico trahia-o pela femilidade dos traços, pela ausencia dos musculos, que a ladra da anemia lhe roubara, se é que os tivera algum dia, pela proporção dos membros, que se recusavam a servir-lhe em carnes a completa virilidade dos seus vinte e dois annos incompletos.

A voluptuosidade amortecia lhe os olhos, soberbos de grandes, e a doença cavara-lhe indelevelmente nas feições o seu ferrete. Trazia-o ás vezes pallido, quasi curvando, invadido de uma fadiga que o impossibilitava de andar, e de outras vezes arripiava-lhes os nervos terriveis, que o tornavam intoleravel, descontente, cheio de teimas, de caprichos

pueris, negando-se a subir a um passeio, embirrando em tomar o lugar de um outro homem, todo de arestas, como um gato que mostra de repente as unhas e dá de bufar agoniado.

Essas crises deixavam-no prostrado, lasso, incapaz de um esforço...

Com o peito arruinado pela tuberculose,—ainda a herança do sangue,—abriria os olhos para o mundo com essa melancholia idealizante e punjente dos phthisicos... Julião sem esperanças, dava-lhe inhalações de iodo, constatando afflicto, a marcha lenta do mal, e só esse silencioso podia dizer, o quanto Edmundo era um predestinado á desgraça, um vencido da vida...

Ninguém o pensava indolente e passivo como era, porque mesmo aquella lassidão, escondi-a aos olhos de todos, como uma vergonha... Reagia com coragem, ia encobrendo ainda todas as intimas feridas, mas sentindo as forças abandonal-o, desesperando de poder resistir por muito tempo ao jugo da sua nevrose e do seu abatimento organico...

Aquelle desmaio de todo o seu sér activo vinha-lhe sempre junto á nudez de uma mulher, e vivia só a vida ephemera ou cheia de alternativas do cortinado.

Agachava-se aos pés da mulher quando as vozes afinam pelo mesmo diapasão de desejo e de embriaguez, mas cá fóra, arrebatado como era, a uma imposição desdenhosa d'essa mesma mulher, era capaz de lhe tapar a bocca com a palma da mão. D'ahi, elle

mesmo tinha medo de se deixar abater um dia, cobardemente, sob o cuspe de uma femea.

Era talvez só isto que o fazia recuar ainda deante o olhar negro.

Um pavor veio-lhe ao lembrar-se da « Sapho », d'quella scena com o maestro de Claudia e de Savonarola, no almoço de Rosa, rente ao lago d'Eughien.

Ah ! o mundo era bem assim...

Edmundo abriu á tôa um dos tres grandes volumes da obra de Shakespeare. Folheou umas paginas onde passavam gravuras : Ajax e Heitor na arena, o banquete de Timon, a morte de Coriolano, o assassinato de Cesar, os cortejos de Cleopatra, a hecatombe de Roma, as feitiçeiros de Macbeth, o desafio de Hamlet, a loucura de Lear, a alcova de Cymbelina, o desespero de Marina..., e fez cahir metade das folhas, de uma assentada. Espiou o drama ; era o Othello.

Começou a ler do tôpo da pagina. Era a scena II do IV acto.

Othello — *Quando aprouvesse ao céu fazer-me experimentar a desgraça ; mesmo quando deixasse desabar sobre a minha cabeça toda a celeuma dos males e das vergonhas ; quando, mesmo me houvesse entrado na miseria até aos beiços ; ainda que me reduzisse a captivo com as minhas derradeiras esperanças, inda encontraria a um canto de minha alma uma gotta de paciência : mas, ãi de mim ! fazer-me um trapo á vista de todos,*

o miseravel que o desprezo apontará, levantando com lentidão o dedo!... E entretanto eu teria ainda podido supportar mais isso!... bem, muito bem; mas ser escorraçado do santuario onde me é preciso viver, ou então renunciar á vida, para cuja fonte minha corrente vae, sem que seque!... ser escorraçado ou então conservar esta gente, para que uns sapos lá vão copular e procrear.....

Edmundo olhou em volta, folheou o livro até á gravura do desenlace tragico, e poz-se a contemplar Desdemona estrangulada, a cabeça pendente da beirada de ebano, e Othello, braços cruzados, mirando a sua obra, com ar feroz.

Em uma mulher podia haver uma alma assim bravia, ferina, barbara, selvagem como a confusão de uma batalha. O sangue d'Africa trazia d'aquillo; pareciam raças cruzadas com tigres e leões, no nascer dos tempos, quando o continente negro era uma floresta, de mares a mares, e nem o sol penetrava as brenhas profundas...

Si fosse rico como Furtunio, compraria uma Soudgi n'um mercado da India, como quem compra um leopardo ou uma capello; tel-o-hia enjaulada como uma fera, como um beluino, entre brocados e perfumes...

A mulher moderna, civilisada, era mesquinha como uma cobra d'agua. Enganava com mascara, escondia o amante no sorriso, entregava-se mais por luxo que por instincto

eram infieis como um caco de vidro esquecido no soalho. Educavam o coração com o esripito. O amor moderno sabia tocar piano e falava de Wagner. As mulheres usavam unguento para o rosto e para a alma. Eram infimas...

Edmundo levava a pensar, sem saber por que, cançando-se, deixando tudo enevoado, sem uma conclusão ou um resultado aos problemas, sem uma continuidade de thema sobre que rolassem as suas faculdades pensantes.

De toda aquella confusão, de todos aquellos fragmentos, restava-lhe a mesma duvida, o mesmo ponto de interrogação, que o fazia tremer.

Depois de deitado, ainda ficou sem dormir, a braços com uma tristeza, d'essas que vêm sem razão de ser, tormentosa, em que viviam mil desejos a contentar, uma indiferença horrivel pela vida assim arrastada como um fardo, quando elle desejava, precisava, queria tanta coisa... E a vida apresentava-se-lhe infundamente assim, banal, trabalhosa, cruelissima...

E largava a pensar, raivosamente, no escuro, enquanto lá fóra a chuva cahia miuda e o vento ramalhava nas palmas das Imperiaes e na ramaria velha das mangueiras.

No dia seguinte amanheceu um céu limpo e sereno.

Levantou-se preocupado de novo com a doença. Doia-lhe o peito e escarrava sangue.

Teve medo de se achar sósinho, chamou a creada.

— Então, senhora Maria, o canario canta?

— Canta, sim senhor.

— Quanto tempo vive um canario, senhora Maria?

— Póde deitar até aos oito annos...

— Oito annos!... Eu não vivo isso!... Não hei de ser eu que lhe ajude a enterrar esse...

— Credo! que tem? E' ainda a tosse? Isso não é nada, senhor Edmundo, é ter cuidado, fugir das mulheres como demonio da cruz..., isso não é nada, meu filho.

Edmundo ficara como quebrado, na cadeira, a cabeça atirada para cima da mesa, os braços estirados sobre os livros.

— Então, acha-me assim tão mal, que aos vinte e um annos me diz de fugir ás mulheres?... Ein, senhora Maria? Todas as mulheres me hão de fazer mal?... Todas são maldosas?

A pobre velha pousou-lhe as mãos sobre os hombros, e gaguejante, os olhos cheios de lagrimas, tentava arredar-lhe da cabeça aquelles pensamentos malignos.

— Isso não é nada, filho..., foi ar que lhe deu no peito, passa... Eu reso por ti todas as noites á Senhora da Piedade... Que é isso? que é isso?

Elle chorava tambem, mudo, ao ouvir aquella palavra estremeçada, á qual os seus ouvidos já estavam desacostumados: «filho!»

E a voz tremula da velha continuava n'uma meiguice:

— Deixe d'isso, senhor Edmundo, trabalhe, estude, nem tão longe é o Rio Grande... Se o senhor tivesse a familia em Portugal, como eu, filhos que já têm filhos, e eu nem conheço os meus netinhos... O senhor é bem feliz, está na sua terra... Quando foi da sahida da « Mindello » levei uma pedrada na cabeça por ser portugueza... Ah! o senhor é bem feliz, está na sua terra... O senhor está doente mas é de pensar... Olha que mania!... Tambem não se agasalha, entra em casa com o sereno da meia-noite... E os banhos de chuva, porque é que elle tomava banhos frios por aquelle tempo d'inverno?... Ella só tinha cinco dentes e não pensava em morrer... O que elle precisava era descanso... Tambem, essa ideia de entrar para um jornal!... recolher-se á meia-noite, ás duas da madrugada!... Trabalhasse de dia... Era doente, não podia... E a velha mulher, enxugando as lagrimas á manga do chambre, rilhou entre dentes: — Raios partam o jornal!...

— Senhora Maria! gritou Edmundo, de olhar carregado.

A velha, áquelle grito, comprehendeu que, como creada e como pobre, não tinha o direito de o estimar tanto.

Era a primeira vez que erguia a voz para a pobre velha, talvez o unico ente que o amava devéras, alli, naquelle abandono em que vivia.

E um grande arrependimento fel-o levan-

tar, ir até ella que chorava, disposta a sahir.

— Ouça, senhora Maria, desculpe-me, mas eu quero muito bem a esse jornal... E mentindo disse-lhe ainda que lá não trabalhava até tão tarde; sahia ao anoitecer.... Já ella via... Magoara-o a injustiça da sua praga...

— Mas então porque não entra cedo, até que fique são?... Aqui nada lhe falta... Eu faço-lhe chá todas as noites... Pelo amor que tem á sua mãe, senhor Edmundo, trate de si, d'essa tosse...

Elle disse que sim, com a cabeça. Pedio o café; sentia-se bem... Eram mais de medo que outra coisa, essas queixas de doente...

E quando ella subio com o café e um botão de rosa, achou-o já vestido, em frente ao tucador, perfumando o lenço... Ageitou-lhe a gravata, prendeu-lhe a rosa com um alfinete, acompanhou-o até ao portão.

— Posso fazer o chá ?

— Sim, póde, prometto vir hoje cedo...

— A serio ?

— Venho, sim, socegue... olhe, eu trago o chá, compro-o na cidade, é melhor...

— Pois sim, pois sim...

Um bond passava. Edmundo saltou.

A creada parou ainda no portão, seguindo-o com a vista, fallando baixo.

— O medico bem m'ò disse..., não vive muito tempo não.

E retirou-se com as suas lagrimas.

O canario, na gaiola, cantava, todo reluzente, doirado pelo sol, n'uma alegria doida.

Edmundo abriu a «Cidade do Rio», e ia a meio de um d'esses artigos admiráveis de Patrocínio, quando uma voz conhecida o chamou.

— Sr. Edmundo...

Voltou-se.

Um rapaz, estudante de medicina, estendia-lhe a mão. Perto d'elle, uma mulher de uns trinta annos, grande e bella, cobria-o com um interesse immenso nos olhos negros.

— Minha irmã... Desejava muito conhecê-lo..., é uma das suas admiradoras...

Edmundo sorria, voltado no banco...

— Oh! minha senhora, quanto ella tem de immerecida, quanto ella me é profundamente honrosa, a sua admiração...

— A sua chronica de ante-hontem, tenho-a guardada; é uma maravilha.

— Porque foram os seus olhos que a leram... A formosura tem a instinctiva bondade de julgar tudo bello...

— O que é bello é ter talento como o senhor...

— Confunde-me, minha senhora... Nunca ninguem me fallou assim...

— As mulheres têm no geral a franqueza de serem sinceras.

— A minha injustiça lovou-me sempre a julgar o contrario.

E toda a viagem Edmundo levou a responder áquella voz tepida, que lhe ia contentando intimamente toda a sua vaidade...

Agradecia do intimo a essa mulher, que tanto se interessava por si. Ella quiz saber o

tempo que gastava a escrever uma chronica..., se trabalhava muito..., quaes eram os seus livros favoritos...

Guardavam-lhe as chronicas, havia uma mulher, bella e intelligente, que o lia admirada, que se interessava mysteriosamente pela sua vida, que desejára vel-o, apertar-lhe pela mão, dizer-lhe tudo aquillo...

E quantas como ella não o desejariam conhecer, depois de terem chorado sobre os seus versos e fantasiado mil castellos de Hespanha em suas rimas!... E elle ia morrer!... Elle, que semeára tanto a sua alma, que dispersára aos quatro ventos as suas emoções!...

Vinha-lhe uma grande ancia de se apegar á vida...

E parou, retido por uma ideia. Alli perto morava uma mulher que deitava cartas, uma hungara velha, uma bohemia de olhos seccos e mãos descarnadas.

Chamava-se..., mas como se chamava ella? Ainda na vespera lhe tinham fallado precisamente na advinhadeira, n'essa cartomante dos infernos...

Foi andando, a reparar nos numeros das portas, 15, 17, 19, 21, 23, uma casa baixa, com duas janellas, um corredor escuro e a porta ao fundo. Era alli.

Entrou, tremulo, como Romeu quando vae comprar o veneno á casa do judeu.

Uma creança loura veio abrir a porta, levou-o a uma sala grande caiada de branco, meia duzia de cadeiras encostadas ás paredes, uma mesa ao centro, coberta por um panno verde...

E mal se tinha sentado, a velha entrou, toda de preto, um lenço amarrado na cabeça.

Partiu o baralho com a mão esquerda, como mandam os livros de magia, e a cartomante deitou as cartas uma a uma, em cruz... Sahiam naipes pretos, páus, espadas, uma dama de copas, e nem uma só carta de ouros. Os braços da cruz eram pretos, valetes, reis, o az d'espadas em cima, e sob a enfiada sinistra a dama de copas...

— Ha uma mulher morena que gosta de si... E' um amor que traz desgraça... O senhor é sósinho, é doente...

As cartas continuavam a cahir formando quadrado...

— Vae andar sobre as agoas do mar... Ha uma pessoa, uma mulher que o estima, que o quer ver feliz... Terá um grande desgosto..., e uma grande doença...

Serena, a cartomante virava as cartas, e deixava cahir da bocca a prophacia.

— Desconfie dos seus amigos...

— Depois, voltando-se ao fim do baralho, que cahira na mesa até á ultima carta, a prophetiza perguntou serenamente:—Quer saber mais alguma coisa?

— Sim, quero.

— Póde perguntar.

— Diga, quanto tempo me resta de vida?

Ella deu-lhe o baralho a cortar, tirou uma carta, o dois de espadas.

— Morrerá quando o abandonar a esperança...

— A minha vida futura e passada está toda então n'esse baralho de cartas?

— A sua e a de toda a gente.

Edmundo pagou, sahiu e tomou um tilbury.

— Para o largo do Paço.

La ter com o Julião.

Subiu as escadas, empurrou a porta.

— Então, o jornal?

— Escarrei sangue esta manhã.

— Já não é a primeira vez.

— Sim, mas a culpa é tua, que desesperas de me salvar...

Desanimas, julgas-me os pulmões perdidos sem remedio... O teu iodo, o teu gaia-col, o arsenico, tudo isso são palliativos, não passam de remedios para me enganar...

Julião olhava-o admirado.

— Não dizes nada?

— Estava a pensar que os índios inventaram o curare, que mata n'um abrir e fechar d'olhos..., mas é pena haverem-se perdido as receitas de Locusta, de Lucrecia Borgia, de Catharina de Medicis e da marquezia de Brinvilliers... Estava a pensar no veneno que te serviria..., esse de que andas a fazer uso mata mais lentamente, soffre-se muito e por longo tempo, ás vezes...

— Então?

— D'antes consolavas-te com os philosophos e a amargosa experiencia do mundo, de não teres a esperar uma grande existencia de Mathusalem... Hoje desesperras-to, vens accusar-me de não te impedir a morte, todo horrorisado só pela ideia de que has de morrer

um dia, como todo o mortal... Vá, desespera-te, chora, soluça, accusa os céus, suicida-te a dosagens de desesperança, trabalha para que um aneurisma te engula... Suicida-te, pouco me importa...

— Julião...

— Procura um medico que te receite os ares da Suissa ou de Florença... Lê a «Dama das Camélias», toma as mesmas drogas que ella tomava...

— Ouve Julião, è que até aqui nada tinha tocado sem retirar as mãos sujas de lama, tudo o que tinha conhecido havia-me deixado no espirito uma sombra de desprezo e de desgosto...

Desde a cidade onde se começa apenas a respirar o embriagante perfume das mentiras, senti os pés sangrando nos espinhos da verdade ; e a ironia e a blasphemia do meu scepticismo de vinte annos era apenas o extertor da minha derradeira illusão..., mas hoje, meu amigo, quero viver, ha uma mulher que lê os meus versos e ha uma mulher que me deseja... Eu quero viver, Julião...

— Pois vive, quem te impede ? Deita-te cedo, leva uma vida tranquillã, passeia na Tijuca, em Santa Thereza, lê pouco, não escreve nada, vae tomando o teu arsenico, as inalações de iodo só te podem fazer bem, e o coração ao largo ; homem, que enfraquecimento de pulmões não impede de amar e viver...

Julião dizia tudo, com um ar brutal, uma tremura na voz, como um homem que falla depois de ter levado uma bofetada..,

Elle amava Edmundo como o creador ama a sua creatura... Ha um anno, que os seus cuidados o desviaram do caminho que o levava ao cemiterio. Sem esperanças de o fazer des-nortear em tão lugubre estrada, demorava-lhe os passos e ia-o preparando suavemente para o instante supremo.

Fizera d'elle um companheiro, affeioara-se-lhe duplamente desde que o sabia infeliz. O seu egoismo de feio, de homem que nunca ousara amar em dias da vida, consolava-se com a precoce desillusão d'essa mocidade, que vamente batera com seu ideal a todas as portas da cathedral do sonho e do amor...

Emquanto Edmundo lhe fallava de uma mulher linda ou de uma bocca encarnada, o estudante dizia-lhe: — Se queres vir amanhã à Escola, eu mostro-te uma rapariga formosa como um astro do ceu, abro-a do peçoço ao ventre, á tua vista, para veres... E' tudo illusão...

Mas bem do intimo, esse nortista sonhava como os outros, uma saia fazia-o estremecer, e sentindo-se incapaz de ser amado, acontecia-lhe ás vezes ficar triste ante um cadaver de mulher, sahido das geleiras. Onde o seu escalpelo tantas vezes trabalhara, nunca elle pousara os labios sequiosos... Tinha vergonha de confessar essa verdade abominavel, mas aquelle materialista nunca gozara o prazer de uma mulher, nunca, nunca...

E foi com uma desesperante tristeza, uma inveja de infeliz que se dirigio ao amigo.

- Então amam-te, não é assim ?
- Uns olhos que se prendem ha cinco dias aos meus...
- E' mais facil mostrar desejos, do que declarar sentimentos...
- Para que fallas assim ? E' tão consolador, quando se tem esperanças... Ainda ha pouco tu dizias ser o desespero um suicidio...
- A desconfiança é a mãe da segurança... desconfiar desi, é o primeiro passo para a virtude.
- Amar é ainda a unica e verdadeira virtude dos vinte annos...
- *Intemperans adolescentia effectum corous tradit senectuti....*
- Oh ! Julião ! Que velhice posso eu ainda esperar ?... O teu Cicero é odioso.
- *Nimum ne credi colori...*
- Edmundo levantou-se.
- Pareces-me Claudio Frollo aconselhando o sobrinho...
- Julião nemergueu a cabeça, apenas disse.
- Sou o teu medico.
- Assustas-me por maldade...
- Por dever.
- Estás impossivel; não me dás sequer um remedio contra estes escarros de sangue.
- A sensualidade acaba depressa com elles..
- Respondo em latim com a phrase do nosso bom Virgilio:
- Omnia vincit amor.* E agora, monge, deixo-te. Não tomo mais arsenico, nem mais iodo, nem os ares de Barbacena ou da Suissa Vou respirar o mesmo ar que ella respira....

confundir de noite as nossas respirações.. Eh! que dizes tu a isto, pessimista ?

—Que a phthisica é doença contagiosa.

—Em amor não se vive com os pulmões, senhor dissegador de cadaveres, vive-se só com o coração..

—Sabes que eu não gosto de versos...

—Porque nunca achaste uma rima...

—Tem cuidado com mais essa doença...

—Queres mais latim ? ahi vaê Propercio: *Amoris vulvus sanat idem qui facit.*

—Pois bem, pareces-me alegre, hoje. Volta quando estiveres mais triste. Sê feliz, mas prepara-te a mais uma cruel desillusão... E' isso que te fará mal... O amor como a primavera vivifica, dizes bem....

— O amor, Julião, se é tão raro no mundo, é porque hoje as illusões nãoabrem ao inverno que arrefece todas as almas.. E depois, quem te disse que eu amava ?

—As mulheres são as sacerdotisas do desconhecido... Todos tendemos ao mysterio, o mysterioso é olhar de cobra, que fascina.. Em amor os grandes prazeres avisinham-se das grandes dôres... Tem mil cuidados... E é bonita, a tua amante ?

—Nem sei bem.. Os olhos valem mais que todas as tuas maximas, calcam todos esses conselhos aos pés... Depois, tu tomaste as coisas muito ao serio... Na minha vida ha apenas uma mulher que me olha e uma mulher que lê meus versos... E' simples... Eu quero viver para ter muito tempo ainda sobre mim a luz d'esses olhos negros, e tempo de

fazer ainda muitos versos para que ao morrer sejam muitas as mulheres a saber esses versos...

— Só ?

— Por agora, só... Ha ainda uma cartomante, judiciosa como tu, que me prediz a morte com o fenecer da minha ultima esperanza...

— Essa mulher diz verdade; até o ultimo sôpro de vida a esperanza resiste.

— Então o escarro ..

— Deixa, não faças caso. Trabalha menos, dorme mais .. Foje de ir ao theatro, procura o ar livre e bom dos campos e das mattas...

O demonio do bem tem azas tão compridas como o genio do mal... Deixa-te ir, e queira Deus, que esses labios que procuram os teus não sejam os de uma bocca mentirosa e perfida que...

— Esqueces, Julião, os teus principios e as tuas theorias... Não diziamos nós, que a mulher era a bondade, porque foi creada para a meiguice, para o carinho, para servir na terra de ideal ao homem? Nós diziamos que só o homem podia fazer da mulher uma creatura má...

E essa, de cujos olhos estás suspenso, Edmundo, nunca por ella roçou o anjo máo as azas sinistras? nunca peccou? nunca soffreu? nunca desesperou e nunca se vingou?

— A sua vida é o seu mais infimo peccado...

— Toma tento... A desgraça, o soffrimento, a desesperança envenenam a alma. Tem cuidado de chegar a tua, onde renasce o dese-

jo, a illusão e a esperança, a uma outra já contagiada pelo vicio... A desgraça bronzeia os corações como a maresia cresta as faces. Não te deixes vendiar os olhos. Vale mais ás vezes a ignominia secreta do cynismo que o ideal que perde a razão do homem no seu nevoeiro... Mais do que nunca desprezarás o mundo... pois mais do que nunca o deverás temer.

—Falla, falla sempre assim, que eu quero ouvir-te...

—E para que, Edmundo? Estou a dar-te conselhos que eu desprezaria por um primeiro amor... Não tenho contas a dar ao mundo, abomino-o de mais... Vejo-o atravez d'esta sciencia que tudo materialisa, que tudo reduz a pó... Nós que conservamos aos ventos contrarios da desgraça as flores elyzias da dignidade e do character — palavras vãs nos livros dos teus philosophos — deixamol-as esfolhar petala a petala á viração languida e tepida dos beijos...

Não nos podemos deixar guiar pelo coração... Elle não conta com as leis implacaveis dos homens... A sociedade e a justiça apenas comprehendem o amor como o contacto de duas epidermes.

Ouve, Edmundo, sê feliz, sê feliz por nós dois... Toda felicidade que eu poderia esperar da terra, dou-t'a, guarda-a para ti... Não a entregues ás primeiras mãos que te enlaçarem o pescoço... Ha mulheres que têm os olhos nas mãos... Sê cauteloso como um avarento... Sim, tu ainda tens direito a espe-

rar, mas lembra-te que o sonho da felicidade é ainda uma felicidade real... mais te vale viver sonhando, que ver esse sonho acabar no teu regaço, sob a tua posse...

Admiraste, não é verdade? de eu te fallar assim... Mas, que queres tu? ninguém tem mais necessidade de ver no amor um ideal do que nós outros, os da medicina... Parece um paradoxo?... Mas a nossa vida, por ser tão material, tão falta de poesia, por isso ella tende a espiritualisar-se platonicamente, esquecendo os corpos e sonhando com as almas... Para nós, isso de alma é ainda um mysterio, é ainda um ideal... O nosso escalpelo ainda não descobriu sob o seu gume de aço essa particula mysteriosa da creatura.... D'isso ainda nós não dissecamos...

Quando nós ainda ha um mez fallavamos d'estas miseras gerações de hoje, sem fé, sem alma, sem crença e sem abnegação, como nós desesperavamos! Tudo o que nós architectavamos de bellas leis para reger um povo d'eleitos... Lembras-te a commoção com que nós liamos o prefacio de Alexandre Dumas á «Femme de Claude?» Lembro-me ainda, como se o estivesse a ler agora...

Il ne s'agit plus d'être spirituel, léger, libertin, railleur, sceptique et folâtre: en voilà assez pour quelque temps au moins. Le Dieu, la nature, le travail, l'amour, tout cela est sérieux, très sérieux, et se dresse devant toi. Il faut que tout cela vive ou que tu meures...

E o prefacio do «Disciple» de Bourget?... A tristeza com que tu me dizias ao recitar esse

poema de amor da patria, esse hymno erguido de mãos postas ao ideal e ao amor, nada haver a esperar de todos nós, que deixamos abater o Imperio sem uma causa que não fosse a ambição de um punhado de homens, e que hoje deixamos a Republica arvorar pendões que não aquelles em que palpitavam as nossas tradições, as nossas unicas glorias, compradas á custa de tanto sangue pelas gerações passadas...

Imperio, Monarchia ou Republica, é preciso que lhe votemos o mais abnegado dos amores, a essa Patria, de quem ninguem se lembra...

Ideal! só á custa de muito ideal a poderíamos reerguer...

Por isso eu sou feliz em te sentir amado... O amor dulcifica o coração... Quando se é feliz uma pessoa tende forçosamente para o bem como as azas do passaro tendem a elevá-lo...

Quando uma pessoa sente um coração de esposa ou de amante bater de encontro ao nosso peito, não se pôde desejar a carnificina do Sul, não se pôde soffrer a morte d'irmãos sacrificados á ambição de um homem ou ás palavras de uma lei...

Amar a patria não é bradar contra o estrangeiro, que definitivamente é entre nós a virtude, a constancia, o labôr e o exemplo... Não, não é nada d'isso! ..

Vae, Edmundo, e não esqueças que tens a cumprir a penosa tarefa de arrancar ao mundo a felicidade de duas creaturas...

Uma amante tem isso de bom, que leva aos braços da noiva... Uma amante é a aprendizagem do amor... Faz o possível, irmão, por voltar mais cheio d'esperança, de virtude e de crença... E' ás mulheres que está confiada a sorte e o futuro da patria... Sê feliz...

E Julião limpou á manga duas lagrimas que lhe enchiam os olhos...

— E tu? perguntou Edmundo.

— Eu fico a estudar em como é futil a vaidade dos homens, n'aquelle grande livro que não mente...

E apontava uma caveira pousada em cima da mesa.

— Tudo se reduz a essa miseria, ao nada...

— Não! disse Julião, tudo se reduz a Deus!...

Aquelle estudante de medicina acreditava em Deus!...

Edmundo, ás sete horas, sahiu da redacção, dizendo ao companheiro que não voltava mais essa noite.

Jantou sem vêr aquelles olhos onde elle já agora deixára abysmar toda a sua vida.

Emquanto esperava o bond, entrou n'uma loja, comprou meio kilo de chá, um bule de cristofle e duas gravatas que o tentaram.

Seguiu para casa, carregado d'embrulhos, gozando a felicidade da velha, ao vel-o chegar antes das nove horas, muito antes do sereno da meia-noite, de que ella fallava com tanto medo.

Devia-lhe bem aquelle momento de alegria.

Até elle estranhava essa dedicação fervorosa da velha creada, tratada um dia á porta de uma casa de penhores, faltando-lhe dois mil réis para retirar uma cruz de oiro que já fôra da mãe.

Era lavadeira. Elle dera-lhe os commodos baixos da casa, a sua roupa a trinta mil réis por mez e outro tanto para lhe arrumar em cima a sala e o quarto. Demais, ainda lavava para fôra, ia fazendo a sua vida...

Mas sobretudo, esse interesse de mãe que ella tomava pela sua vida, espantava-o. Nunca a recebera em casa com a idéia interessada de que ia pagar barato uma dedicação sem preço.

Desde o dia em que tivera um ameaço de hemoptyse, vira-a affectuosa, dedicada, passando as noites com o Julião á sua cabeceira, para lhe dar os remedios; a agoa morna, mudar as travesseiras aquecidas pela febre, tratando-o com os carinhos que se desperdiçam só com os filhos, extremada, afflicta, chorosa de o ver soffrer, sem cura nem remedio...

De cabellos quasi brancos, uns olhos castanhos, bondosos e invadidos de luz, aquella velhinha tinha n'elles a alma, a sua grande alma de simples; grande da sua humildade como um astro na pequenez com que o vemos...

A sua vida dividia-se entre a saudade dos filhos, largados longe d'ella como os passaros que deixam o ninho ao sentir as azas, a gratidão a Edmundo, e um amor preso a uma gaiola onde cantava um pintasilgo ou um canario...

Tres fremitos de azas aninhadas n'esse coração virtuoso e puro...

Quando desceu do bond e abriu o portão do jardim, ella, lá de entre as mangueiras, allumiando com uma vela, fallou.

— Já tardava, senhor Edmundo.

E ao entrar no quarto elle viu as jarras cheias de rosas e de cravos, e n'uma mesa pequena em que de costume rolavam illustrações e jornaes, um grande guardanapo estendido, muito branco, e a chavena, e o assucareiro, a manteiga, e d'um vaso pequenito de bronze, um bibelot que elle tinha havia dois annos, um ramo de cravinas vermelhas rescendia n'um grande riso alegre de côr, aberto na loura do guardanapo. Nunca soubéra até alli o que eram flôres, o pequenito vaso de bronze...

Elle desembrulhou o bule, todo relusente como prata, pequeno, para duas chicaras, e entregou-o á creada com o pacote de chá, re commendando que o queria bem forte...

E logo que os seus dedos passaram na seda das gravatas, lembraram-lhe os olhos negros como abysmos, e no quarto, todo cheiroso das flôres, lastimou não se viesse sentár agora alli, com elle á mesa, aquella mulher de olhar magoado, que era bem certo, queria d'elle alguma coisa...

Como devia ser bom viver-se a dois, uma vida muito ignorada de amor, muito escondida, n'um grande egoismo de paixão, n'aquella casa toda aromada de rosas e cravinas, á sombra carinhosa das mangueiras, á luz

suavissima dos grandes olhos profundos, ve-
lada pelas pestanas compridas...

Espreguiçou-se, veio até à varanda, á es-
pera do chá, e d'ahi, sem saber que fazer,
atirou-se a uma cadeira, pegou de cima da
mesa uma « Gazeta » esquecida e deixou-se a
lêr uns versos admiraveis de Bilac: « As Via-
gens », que já relêra vezes sem conta...

Depois, a pé, olhou para o quarto e estirou
as mãos, n'um bocejo que denunciava aborreci-
mento !...

Deitou-se na cama e nella quedou-se
olhando para as taboas do tecto.

— O' senhora Maria !...

— Senhor...

— O chá ainda não está prompto ?

— Quasi... Estou fervendo a agua...

— O canario canta bem ?

— Canta, sim senhor..,

— E de noite ?

— De noite só as corujas...

Quando a velha subiu com o bule e as
torradas, Edmundo dormia. Foi preciso
accordal-o.

— Vê como anda cançado ?

— Sim, vejo sim, é verdade...

— O que o senhor precisa é vir sempre
cedo para casa...



IV

Ella não era bonita! Uma belleza vulgar de soldado, d'essas que podem levar um cadete a matar a pranchadas um clarim do regimento... Não era só morena como pensára, tinha o sangue mau da raça negra, mas parecia ter um cabello admiravel, fino como seda, liso, basto e castanho. Os dentes eram brancos, eguaes, mas chatos como os de uma gata. O rosto tinha sardas que o creme Simon e o pó de arroz escondiam a furto. Ella tambem não parecia fazer um grande empenho em velar os seus defeitos. Os labios eram vermelhos como flôres de alcea, e o nariz, como o dos felinos e das voluptuosas, abria de continuo umas ventas frementes de animalejo feroz. Tinha nos gestos o abandono e a preguiça da creoula. Era indolente até no fallar. Os seus «peignoirs» largos, de grandes mangas e sem cinta, nada lhe deixavam advinhar do corpo.

Nas orelhas, dois pequeninos brilhantes fusilavam sob as repas finas do cabello, e na mão direita outros resplandeciam no moreno da pelle de um dedo comprido e fino. Descuidosa, vinha de sandalias para a mesa, umas sandalias de setim azul, que faziam realçar o

pé pequeno, calçado n'uma meia preta de fio d'Escossia...

Tudo n'ella accusava a mulher vulgar que nasceu na roça ou pelos suburbios, sublinhado por um grande encanto mysterioso, coado sobre ella toda pela luz dos seus olhos profundos como floresta virgem.

Não tinha essa banalidade das mulheres que chegam de Paris, de olhos mortos, o coração já com rugas, bem estudadas na sciencia do beijo, da caricia e do amor.

Os olhos enchia-os uma profunda escuridão de tempestade, promettendo relampagos.

Os dentes pareciam dever morder em certos momentos, e aquellas narinas de bicho bravo fallavam alto pór aquella almasinha escondida. Então os beiços, dera-lh'os a natureza para beijar, vermelhos como as flôres do cactus : era de receiar que deixasse ulcerado de espinhos aquelle que gozasse o seu perfume... A pelle, quasi branca no rosto, devia cobrear-se no corpo, desde a garganta ás pernas... E tudo n'ella era bravio, respirava a serração, lembrava o animal da matta. Edmundo contemplava-a emquanto ella comia, e um odio enorme enchia-o, um odio por aquelles «peignoirs» que não trahiam do corpo nem a pequenez dos seios, que deviam ser rijos como fructas verdes.

Só d'ahi a dois dias elle conseguiu vel-a descer, ajustada ao espartilho, e ficou prezo áquelle corpo delgado, terrivel, de peitos baixos e cadeiras que quasi deslisavam sem se

presentir da linha apertada da cinta até a recta da saia de gorgurão preto.

Os cabellos admiraveis, em que seria delicioso enterrar as mãos, penteados na nuca, n'um novello de tranças, deixavam a descoberto a torre lisa do pescoço, perfeito, que fazia baixar por elle o pensamento, advinhando logo abaixo um ninho delicioso para os beijos.

Edmundo ainda não sabia o nome d'ella. Mas decidira-se. No dia seguinte ao almoço mandaria um cartão pedindo uma entrevista...

Não supportava mais a persistencia d'aquelle olhar que confessava um capricho. Havia de o cobrir de beijos. Queria ter sob as mãos aquelle cabello desfeito e perfumado de mulata, fino como cabello louro...

Já não lhe tinha medo. Arreceava-se d'ella mas com a voluptuosa esperanza da sua grande passividade de paixão. Sentia-a quasi digna de ser o seu homem, ferina, de olhar ardido, barbara e má como um joven tigre...

E agora fitava-a desassombradamente, os olhos bem pousados nos d'ella, n'uma grande confissão libertina, e ella torturava-lhe por sua vez a persistencia insolente, orgulhosa de lhe ter vencido o fingido desdem, que até alli apparentara ante os seus olhares de febre, que cêvavam na contemplação d'elle os seus desejos.

Assim, durante todo o jantar, os olhos de um foram o pouso dos olhos do outro...

Essa noite passou-a quasi em claro, relen-

do paginas esquecidas de livros queridos, «La Confession d'un enfant du Siécle, Rolla, Sapho, Le Disciple»... e as horas correram ao voltar as paginas de Bourget, Daudet e Musset.

No silencio meio illuminado do quarto as rosas desfaziam-se nas jarras, as petalas cahiam brandamente no marmore do lavatorio. Os cravos murchos rescendiam.

Lá fóra, apenas de longe a longe o rodar de um bond accordava a calma profunda da escuridão.

Deitado, a cabeça enterrada nos travesseiros altos, deixára emfim cahir o livro nos lençóes, os olhos cerrados, n'uma beatitude feliz.

Dessem-lhe o nome de Lamartine, a gloria de Hugo, nada trocára pela posse esperançada dos olhos pretos e fundos.

No torpôr do seu somno sobrenadava uma como embriaguez dos sentidos... Antevia-se entre os braços morenos, atirado sobre aquelle corpo ardente e que se estorcia como um escorpião a quem esmigalham a cabeça... Nos beiços sentia os labios d'ella, collados como uma sanguessuga, e por sobre os dois, n'uma desordem, os cabellos longos e espessos como uma vaga, perfumados a violeta, e sob os seus olhos os olhos d'ella, expirantes como os astros ao nascer d'alva, o baixar e erguer das pestanas, como palmares balouçados pelo vento, toda a agonia das pupillas, rolando sob as palpebras, n'um vae-vem de clarões, como relampagos entre nuvens, em noite ardente de verão.

Cleopatra, a Rainha de Sabá, Nymsuba, deviam ser assim como ella era, abrazada pelo sol, de corpo de bronze, como uma deusa, de olhos ardentes como joias, como o espiculo de uma phalarica, como na escuridão, barbara e imperiosa como um belmino, terrivel como uma vibora, indomita como um condôr...

De olhos fechados, sentava-se no throno dos Pharaós, entre pelles de felinos e sedas roxas bordadas a lotos de oiro, de corôa entre os cabellos rebeldes, a corôa do Egypto, onde a aspide ergue a cabeça viperina, e embrulhavam-o n'uma calasiris de estofos mysteriosos, os dedos faisantes sob uma aluvião de pedrarias rutilas, a garganta tambem, os peitos arfando sob os peitoraes, que assemelhavam escudos defendendo o coração.... E de entre todo o luzir chammejante das joias, duas luzes, os olhos, como sôes n'um ceu fervilhando d'estrellas resplandeciam....

Despia-a, trajava-a de rainha de Sabá, a cabellera enrolada ao pescoço, das orelhas pendentes duas enfiadas de carbunculos e esmeraldas que lhe batiam os peitos desnudados, e aos hombros uma manô que a embrulhavam da cinta aos tornozellos... Rejava-lhe Salemão aos pés, balbuciando canticos, a estrella-de-sete-raios da mitra hieratica, o signal do poder e da luz, arrastando nas lages...

Pelas cascoltas esmaltadas de pedras de Pharsis, as saras, de joelhos, queimavam o pé de myrtha e sandalo vermelho, os aromaticos arabes, os grãos d'incenso. Flabellos es-

padanavam os ares com as azas de cysne branco e cauda de pavões sagradas do Hermon, e mulheres nuas faziam soar os cymbales de cobre, os Kinnoros de nervos e o tymbril de vinte cordas... Os candelabros fumegavam ergendo a luz nos braços estendidos, incendiando o rosto sereno da rainha...

Estendia-lhe aos pés scenarios de grande opera, a sua imaginação fantasiava-a com a fantasia de um asceta que sonha o paraizo...

Dava-lhe a India, com os elephantes, as religiões, as florestas, os magos e o Ganges — a serpente liquida...

Seguia-a de sacerdotes e pontifices de Kali, a Deusa do Desejo e da Morte, e fazia-a caminhar ao luar, carregada de rubis, escorrendo luz da gargantilha aos dedos dos pés, matando os prisioneiros de desejos, descendo nua aos carceres, expondo-se aos presos algemados, supplicando-os com a formosura da sua carne...

Era um delirio de grandeza n'uma febre dos sentidos...

Pouco a pouco aquella *mise-en-sene* cahiu, e sonhou-a tal qualella era... Arrancava-lhe o peignoir, os grampes dos cabellos, e enfurecia-se contra a alvura das saias, das camisas, fremente por tel-a só em carne, de pé entre os cortinados, de ventas dilatadas, olhar ardido, dentes a mostra e braços estirados, n'uma bebedeira de paixão, os seios balouçando como ondas lascivas...

Ao almoço perguntou ao creado como ella se chamava.

— Honorina.

Riscou n'um cartão tres linhas ousadas.

— Queria fallar-lhe ás dez horas da noite.

E sem esperar resposta sahiu para a rua.

Passou o dia pelas redacções, ouvindo fallar mal de toda a gente.

Discutiui a decadencia com os decadentes que nunca tinham lido Sar Peladan e Gary de Lacroze. Fallou-lhes da « Ethopea » do grande Sar e teve mesmo que explicar-lhes a palavra mysteriosa : « Ethos », costume, « Poien » fazer expôr...

Riu-se delles todos, atirando-lhes á cara a sua lenta leitura da *Hicrophania e Esthetica da Rosa Cruz*. Demonstrou-lhes a complicada theoria do schema de concordancia nos dois septenarios supremos da obra de Josephin Pelladan. Esteve contando a *Diathese moral e mental da decadencia latina*, « Merodack », cumulo da vontade consciente, typo d'entidade absoluta ; « Alta », prototypo do frade em contacto com o mundo : « La Nive », o androgyna...

E o seu olhar vago de meio-mystico, perdia-se n'uma contemplação pasma, ante as ideas loucas da seita. A sua arte era uma abstracção de ascetas, para os quaes o amor devia ser mystico, a belleza um extases, a realidade um passado longiquo. A lei que proclamava o canto gregoriano, as harmonias allucinadas de Palestrina, as missas do papa Marcello, o idealismo de Leonardo de Vinci,

que incensava o catholicismo como religião de dogmas, desde que a crença fosse compreendida pela espiritualidade contemplativa de uma Santa Thereza de Jesus... , toda essa arte de requinte e de insexualidade da « Sanctis Ordinis; Charta Esthetica Nova », passou de relance, com tremulos frios na sua voz sumida...

— A arte é uma lyra! é isso, é isso... Tirar som das palavras, como fumo das pedras d'incenso! exclamava um decadente, os olhos em alvo...

Edmundo teve então um grande riso...

— Sim é verdade, se a decadencia latina não tivesse canonisado a phrase celebre— « Les grands sentiments viennent des idées... »

A decadencia é a unica crença a ensinar á alma! dizia um outro.

— Pois façam-n'a professar ás irmãs e filhas!

E todas a quem embalara com a formosura das suas phrases, olhavam-n'o com raiva, esse artista que tinha gargalhadas para a sua fé, para as suas crendices, para a sua religiosidade, lá d'elles....

Edmundo fugiu-lhe a tempo, não sem ouvir um magro, syphilitico reporter por modo de vida e litterato nas horas vagas, um d'esses piolhos que fazem de rufiões de actrizes e intriguistas de grupos, caspir-lhe nas costas um — Imbecil! resmungado entre dentes por lavar ha quinze dias.

Nem se voltou, tinha nojo...

A'porta de um café uma voz chamou-o.

Era o Flavio Reis, um musico.

Alto, magro, picado das bexigas, aquelle pobre incomprehendido tinha nos olhos uma vaguez de teutão, contemplativa e fria, atravez os vidros dos oculos, de aros de ferro.

O habito de tocar orgão na cathedral de-ra-lhe uma curvatura ao peito magro e retrahido, e todo o seu ar tinha um que de organista de igreja, uma abstracção de mystico; de quem tinha os ouvidos sempre prenhes das harmonias pausadas, profundas, da musica sacra.

Edmundo affeição-se-lhe, comprehendendo-o infeliz.

Tinha mãe e irmã em casa a sustentar Trabalhava para ellas mais do que para si, compondo walsas, romanzas, fantasias...

Em todos os seus trechos uma grande melancholia alinhavava as notas, e um lamento era raro não chorar a meio de uma walsa, n'um sumido soluço que dava frios... Em todas as suas melodias, um como fremir de reza, passava esvoaçando... Havia sempre bem no fundo da sua musica uma irreduzivel e impalpavel essencia de côro gregoriano, uma inseparavel recordação theogonica, uma contemplação ante altares carregados de cirios e ennevodados d'incenso, com um Christo ao topo, desfallecendo na cruz, todo chaguento.

O organista parecia escrever a musica do amor, a musica para dançar, na penumbra do côro, á luz coada pelos vitraes, ante o templo silencioso, onde apenas nas lampadas as luzes velam os deuses.

Um prestigio doloroso escorria nos accordes, como um choro de creança perdida no voseirar de uma multidão, e quando Edmundo ouvia tocar ao piano uma das suas walsas que eram d'essas que não dão vontade de dançar, pensava sempre e melancolicamente na alma orvalhada de sonhos tristes e de presentimentos, que houvera soluçado aquellas notas; lembrando-se quantas palavras d'amore e de paixão não iam ellas despertar quando os pares se deixam balouçar na harmonia como uma barca nas ondas de um mar manso... Calculava o supplicio d'esse artista pobre e desgraçado, ouvindo a deshoras, ao passarn'uma rua, sem haver jantado, um piano soltar por todas as cordas a sua musica, n'uma toada alegre, regendo as danças, desvendando segredos, fazendo cahir no hombro de um homem novo uma cabeça de mulher loura... A sua pobre alma dilacerada recordaria então os momentos dolorosos que tinham suspirado aquella walsa, toda mascarada de alegria que ia n'essas notas escondendo uma inspiração toda em lagrimas...

E' triste ser-se artista para tão pouca coisa. Mas a arte parece-se n'isso com a mulher, quanto mais faz soffrer mais é estremecida e mais amada.

Quando Edmundo encontrava o seu amigo, iam sempre os dois a uma casa de musica, e esqueciam-se em frente ao teclado de um piano, quartos de horas a fio... O musico sentava-se no mocho, concertava os oculos, limpava as mãos no lenço e deixava-se cahir nas

teclas, accordando as harmonias que primeiro tinham despertado bem ao fundo da sua alma, como sonhos que era preciso traduzir...

Entraram ambos no Paschoal.

— Tens trabalhado muito ?

— N'um poema symphonico, para grande orchestra... E os seus olhos de bruma esclareciam, cantavam todo o seu sonho harmonico...

— E o assumpto ?

— Nero, uma orgia de Roma com o imperador tocando lyra e as bacchantes cantando, batendo cymbales de oiro...

Um extases diffundia-senasua falla, e elle ia cantando, talvez uma leitura de mestre que tentava reproduzir em accordes... —Havia de trazer para as cordas dos violinos o rugir das tunicas e o fremito das purpuras... Queria ouvir sistros e heptacordios na orchestra. . .

— E tens alguma coisa feita ?

— A marcha e uma choral de cymbalistas...

Mas parou a meio, batendo os nós dos dedos no marmore da mesa...

— Dão-me licença para ouvir, ja sei...

«Um musico e um poeta descuidosos, cahe um critico dos céus tempestuoso»...

Era o Salvador Machado. Em 1830 decrepito, que criticava os novos ao fim da vida. Quando fôra da proclamação do Imperador rimára uma ode celebre que correu provincias e não galgou o Amazonas com medo de se afogar... Nos bons tempos em que se faziam odes !...

Edmundo gostava de o ouvir fallar nos seus classicos e verberar a descompostura dos novos methodos de exprimir o que se sente...

— Que novidades ?

— O Coelho Netto, até que finalmente, acabou o «Rei Fantasma».

— Um grande livro... dizia Edmundo; olhando-se ao espelho, concertando o nó da gravata.

Reis apoiava com a cabeça...

— Qual!... Parece-me obra escripta em Versailles, sob a protecção de uma duqueza!.. Tem estylo de perruca e pó de Marechala!... E' obra de bastidores com luz electrica. No genero Trianon é excellente...

Aquelle velhinho fallava sempre assim... Agudo, atilado, com ares augustos, e apaixonado eterno de Racine, conservava na falla os arrebiques de um tempo que passou com as gravatas á Morny e o queixo escanhado.

Conhecendo Voltaire e Jean Jacques como as suas mãos, primando na compostura do sorriso a esconder n'uma fingida ironia cynica os dentes meio abalados, esse Zoilo era todo etiqueta, criticando sempre com a diplomacia de um Poidenot, sem máo humor, sem demasiado bom senso, mas o que é mais raro ainda, com uma clareza de Rabelais.

Accentuava bem as phrases, calcando as palavras—No genero Trianon é excellente...

Edmundo que acabava de arranjar a gravata, soltou uma exclamação...

O critico abriu vagaroso a caixa do rapé, e sorvendo a pitada, n'um gesto copiado em al-

guma gravura do 2º Imperio, sentenceou, puxando os punhos.

— O auctor teve medo do romance historico, da reconstrucção.

— Nunca pensou mesmo em fazel-o...

O velho levantou a cabeça, e com o seu fino sorriso....

— Como prova?

— Quem fez vinte conferencias na escola de Bellas-Artes, sobre o Egypto, e estudou cinco mezes a terra dos Pharaós...

— Veja bem, a Salammbô, reconstrucção de Carthago, è o manancial onde elle se foi inspirar....

E com todo o desdém de um fidalgo de ha tres seculos par um menestrel, o critico ajuntou: — Romance de chronista...

Edmundo tinha ainda nos olhos todo o fulgôr d'esses dez capitulos de sonho, embebia-se na recordação dos trechos mais formosos da grande fantasia, que lhe deixara o espirito sensibilizado como se ante a vista tivesse tido uma visão de pedras preciosas...

E n'um momento o livro abriu uma por uma as suas paginas, n'um deslumbramento...

Era a festa de Isis, ao rebentar a primavera. Cahindo a noite, o sol escabujante derretia-se na neve immacula da Har-y-ar nevada, quando a Deusa vem serena, entre a turba dos astros, e Amany, o rei tragico, essa alma penada atravessando o drama como um funeral de amor e felicidade, apparece ao alto da escadaria espelhante, de lacteos lagedos es-

quartejados ás montanhas da Numidia, marmores, jaspese basalto, flanqueada de esphynxes, entre os sacerdotes, as flabellipheras, concubinas e lyristas, entre um nevoeiro de perfumes e um tremor crebro nas enneas cordagens das sambucas...

O velho deixava-o fallar, o queixo entre as mãos, vendo o entusiasmo da mocidade, balleçando a cabeça áquella rajada de periodos, com o seu sorriso ironico de libertino que conhece as vinte annos dos rapazes.

Edmundo, tomando folego, continuou a cantar o livro apaixonado.

— Que visse a distribuição da esmola ao rebanho ululante dos mendigos, dos escravos e dos velhos, que se arrojam como ondas pelos degrãos enormes... Descrição a pulso firme, forjando as phrases a visão tremenda...

O Zoile teve um gesto de juiz em Supremo Tribunal.

— Scena architectada na mesmíssima impressão do capitulo I da Salammbô: — a escadaria, os sacerdotes e as sacerdotisas, o rei ao cimo, entre a nevoa dos amschirs, como um fantasma, immovel, absorto, e depois em baixo, n'uma brutalidade, ahí de dôr, allí de barbaria, a grande massa vozeirante...

— E então? perguntou Edmundo, por vencer.

— E' o mesmo fim de acto... A filha de Hamilcar, seguida dos pontifices eunucos de Tanit vibrando enormes lyras sob os dedos tremulos carregados de anneis, ao alto da escadaria das Galeras, fallando aos mercena-

rios, á luz dos jardins incendiados, por entre o rugir dos leões da Hircania e o urro dos barbaros do norte...

Edmundo atirava as scenas, os olhos fulgurantes, os cotovellos apoiados na mesa...

— A partida de Amany, na cauja de cedro, cujos remos esperneiam nas aguas como as patas de uma enorme scolopendra rutila... A' prôa uma sphyngé ia arreganhando com as garras de marfim a rôta da não real... Ao peito do senhor hieratico e absoluto refulge um escaravelho encravejado de pedrarias, o nerus debruça-se com olhos de carbunculos sobre a cabeça pendida do Pharaó, que vai de pé, na pôpa, como um Deus... Um bando de concubinas explende, semi-nuas, os braços estirados, entre fumaças de aromas, cantando... Pelo ar erguem-se com rutilações de sol as plumulas dos flabellos, como azas pandas de miraculosos pernaltas. Estralejam os cordeames das sambucas e harpas, e tinem sistros, retinem tintinabulos...

— Parece uma opera, balbuciou Reis.

— E' sim, é uma opera executada na orchestra do estylo...

— Estylo Bernardo Palissy talhando o Hercules de Farnesio...

— Que quer... senhor Salvador, nem todos pôdem ser da sua opinião...

— Sim, concordo, mas basta olhar para vêr os defeitos. O romance foi escripto com proporções mesquinhas. A difficuldade da descriptiva é um ardil para dar margem a um delirio de fantasia, sem valor... Em que paiz

antigo se passa tudo aquillo? Amahôr é o Nilo? Sophir é Alexandria? Malayat não é o Schahabarim da Salammbô? A menos que toda essa pompa não esconda em Amany o imperador exilado! Aqui tambem houve escravidão!...

Edmundo levanta-se. Tinha que trabalhar ainda, a discussão ficava para outro dia...

E sahiu, deixando o critico com o musico, dizendo na sua falla de santidade critica:— Veja, senhor Reis, «essas concubinas de seios dourados e outras sarapintadas como pantheras»... Na terra onde os peitos se guardavam em peitoraes!...

Eram quatro horas da tarde. A's esquinas fallava-se na doença do Marechal, meio morto em Cambuquira...

Edmundo entrou na redacção, abria os jornaes. Uma grande preguiça tolhia-lhe os movimentos... Passava os olhos distrahidos pelas noticias de reportagem, ia fazendo as emendas, accrescentando as virgulas.

Um homem subiu, indignado, a contar-lhe um factó passado n'um bond de Itapagipe... Uma senhora tinha sido desfeiteada por um cocheiro... Pouca vergonha! grunhia o sujeito, um gordo, de olhos piscos...

Edmundo prometteu fallar no jornal e não pensou mais n'isso...

Uma inquietação fervia-lhe no sangue. Tinha pressa das dez horas da noite... Os desejos de posse queimavam-n'o. e pensava a sorrir, em uma mulher casada, de olhar negro, que durante dois mezes o tinha desejado,

maltratando-o com os olhos accesos, até em frente ao marido...

Olhos de mulher!... Tinha conhecido tantos!... desde uns verdes sombrios, frios e admiraveis como joias, até os olhos sinistros de Nonna Lisa del Giacondo, d'esses olhares em que ha negrumes de mysterio, até aos olhos seccos, em chammas, e os olhos azues, em extases...

Olhos verdes são olhos de rainha; azues, olhos de monja; mas bem negros são olhos de mulher...

Todo o seu espirito estava repleto da lenta e custosa angustia da «espera». Impaciente, os seus vinte annos viviam n'aquellas horas um d'estes momentos atordoadores da existencia, em que se respira de narinas abertas o «odor di femina», uma d'essas bebedeiras de sangue novo, em que o menor ruido é um beijo, e se não acredita que a bocca para outra coisa possa servir senão para beijar lindas mulheres...

Como foram longas essas tres horas de luz, antes do descer calmo da noite!...

A's sete horas, sem poder mais, levou um companheiro a jantar com elle no «Papagaio», o restaurante dos artistas, de todos os rabis-cadores de jornal.

Os novos, a decadencia, escolhiam as mezas da esquerda.

Lá estava Silva Lima, o eterno impotente de concepção, fallando na sua voz nervosa com Lucio de Menezes, um artista rebuscado, mas convicto.

Visconde Caminha, com uns ares de gentil-homem, sorria ao lado, com a sua barba loura e uma grande posse de subtileza no olhar vicioso.

Ramalho de Alencastro, de monoculo, fumava charuto, jantando com um tenente da Guarda Nacional, e Max Linz fervilhava, com os olhinhos de rato, sentado só a uma mesa, bebendo vinho virgem, com um ar infimo de gerente de hebdomadario, trincando um bife á ingleza.

Havia ainda Alberto de Aguiar e Souza Cruz tomando café, discutindo Verlaine, enganando-se um ao outro, nunca tendo lido nenhum d'elles as poesias do francez celebre...

Toda aquella gente dizia agora mal d'elle, Edmundo sabia-o, desde o primeiro, que quasi lhe devia um logar de redacção, até ao ultimo que não havia cinco mezes, lhe offerecera um livro com a mais adoravel das dedicatorias...

Edmundo não lhes queria mal por isso... Achava-os pisando caminho errado, combatia-os lealmente, assignando os seus artigos de critica, não negando talento ao auctor de «D. Carmen», ao poeta dos «Broqueis» entre todos, amigos e admirador d'esse outro que havia escripto a «Litania-Funebre», um grande «farceur», esse, rindo-se surdamente do grupo que lhe chamava Patriarcha, não se dando muito ares de chefe de tribu, usando bellas gravatas, bem n'um grupo, inconveniente ás vezes nas casas de familia, «Demosches»

dos pés á cabeça, conservando a linha, incapaz de tomar ao sério qualquer coisa, conhecendo como se desconta uma lettra endossada por pessoa seria celebre, sarcasta além de tudo, com os defeitos de toda a gente e uma viagem ao Paraná, que o despachou um dandy perfumado, e com alfinetes ricos nas gravatas de seda...

Edmundo jantou depressa e atirou-se ao « Recreio », onde a Pepa levava o Tim-Tim pela centesima vez...

Mulheres no jardim, miravam os homens, offercendo-se. Bebia-se debaixo das arvores, e no botequim. A sala exhalava um grande halito morno, toda enluardada de gaz, e a voz da actriz celebre cantava por entre o borbório, uma voz de falsete, já velha e gasta, mas onde arrastava um canalhismo endiabrado, n'um timbre abafado e quente.

Sosinho, espiando os camarotes, Edmundo aborrecia-se solemnemente quando viu entre os bastidões tres artistas, que o chamaram.

Tomou o corredor que ao lado esquerdo da escada leva ao palco, entre montes de scenarios atirados em terra, bambolinas, lonas com borrões de flores negras e sinistas, telhados em dependuro e a sala de Danglars suja de pó, rolando ao pé das vagas furibundas de um mar de panico com rasgões.

Subidos os dois degrãos, passou em frente dos camarotes pelintras como alcovas da rua do Senhor dos Passos, onde em cadeiras mancas arrastavam trajés de labrosta e lenços

d'assoar, quando um corista chispando colera pelos olhos se voltou com «sss sss» nos dentes.

Pepa, á luz da ribalta cantava o celebre

N'esta estação d'amores,
N'esta estação das flores...

Um silencio fizera-se na sala, e os compar-sas espiavam entre os bastidores, cheios de unção, n'uma religiosidade, a directora em scena.

As coristas, sucia de femeas apanhadas um pouco em toda a parte, rua do Lavradio e rua da Ajuda, pavoneavam, mostrando as pernas e a raiz dos seios, a escorrer carmim, com diademas de lata em cabelleiras de anjos de procissão.

A Carlinda, uma bahiana de porta aberta, fazia graças a um actor que lhe apalpava os braços gordos.

Os tres foram sentar-se no camarim da Pepa, uma saleta forrada a papel carmesim, com leques preparados nas paredes, o retracto de Dias Braga entre dois bicos de gaz, um espelho ao fundo, frente ao divan, e a um lado, atraz de um reposteiro, a alcova da actriz, onde uma negra arrumava saias de seda, chapéos, meias, mantilhas, farrapos de côres, um chale de manola, uma farpela de toureiro... No tocador arrastavam «bouquets», cartões, entre os frascos d'essencia, o estojo de caracterisação, a pata de lebre, as caixas de pó-de-arroz e alfinetes.....

N'isto a Pepa entrou, entre o ruido dos applausos.

O panno descia. Ia um rumor de passos e cadeiras pela sala, e no palco as roldanas rangiam içando as lonas.

Apresentaram-n'o, puzeram-n'o logo á vontade ante a diva, que crusava as pernas accendendo um cigarro.

— Jornalista? perguntou-lhe ella olhando-o.

— Sim, minha senhora...

— Tão novo! Parece triste..., desgosto d'amor?

— Ah! não, é doença que ainda não tive...

— Então não gosta de nenhuma mulher?

— Sem amor por nenhuma...

— Nem por mim?

Ella dizia tudo aquillo, rindo-se com a sua pronuncia de alfacinha, desatando as fitas do chapéu.

— Bem, adeus, vou-me vestir... E sumiu atraz do reposteiro, levando comsigo um grande odor de «musc...»

— Que horas são? perguntou Edmundo.

— Quasi dez.

Despediu-se, tinha queir...

— Fica...

Não podia, precisava sahir...

— Mulher? perguntaram...

— Talvez...

— Ah! então vae, não te retemos...

Edmundo atravessou a scena, desceu ao jardim.

Cahia uma chuva miuda e fria. Rente ás paredes seguia a rua do Espirito Santo para comprar cigarros no largo do Rocio. Tilbu-

rys rondavam em frente às portas do Variedades. No S. Pedro, onde se cantava a «Gioconda», um grande ruído de orchestra e còrosahia. A meio do largo, o cavallo e o imperador estacavam na treva, entre um punhado de arvores humildes, esguias, e ao longo das casas, desde a esquina da rua do Espirito Santo á rua do Lavradio o vicio abria portas, fazendo concurencia ao açougue.

Na soleira dos cafés e restaurantes gente olhava a chuva cair, as mãos nos bolços, fumando.

Edmundo entrou no « Stadt Munchen » pediu um kummel russo e um pacote de Virginia. Emquanto tomava o licôr, os seus olhos erravam de mesa em mesa, tristemente...

Quantas vezes, depois do theatro, não se sentara alli, invadido de desesperança e desalento, perdido na sua solidão de ser que não preocupa ninguem, o coração vasio, vendo cheio de inveja as mulheres entrar pelo braço dos homens, felizes esses, que tinham uma cabeça loura onde encostar a d'elles!... E pensava dolorosamente que todos amavam, que todos eram amados...

Quanta vez não tinha seguido com a vista os carros que galopavam para Botafogo, á meia-noite, depois da ceia onde estalou « champagne »!

Desesperava sem razão; mas esses momentos crueis tinham-n'o tornado sentimental, aturdido de magoa, e nunca mais se poderia apagar aos cantos d'aquella bocca o

sorriso triste cavado lentamente pelo martyrio... Tinha soffrido tanto, e tão cedo! essas feridas da mocidade crescem sempre com o homem. Era demasiado tarde para o arrancar ao terrivel amargor, pouco a pouco enraizado na sua vida... Sonhava!...

O sonho n'aquella idade é a sentença fatal. Aos vinte annos não se pensa, vive-se. O vinho da desgraça enfraquecera-lhe a cabeça... Já tinha conhecido o hospital, a miseria e o abandono, e a alma humana, má, egoista, perversa... Tinha uma phtisica a abrir-lhe a cova e um sangue fraco a arrefecer-lhe as veias. Ia ter com uma mulher, o coração batendo como se lhe dissessem — Está alli a tua mãe, que não vês ha tres annos...

Aquelle amor, abrindo os braços mornos á sua pobre desesperança enregelada, crescia á sua vista... Parecia-lhe ter encontrado alguém com piedade d'elle, e bemdizia a mulher que sobre o seu isolamento deixara cahir um longo olhar de desejo... Sem paixão, ia beijar agradecido as mãos d'essa mulher... Todo o seu instincto de volupia adormecia... Sentia-se bem, como um doente erguido de uma enfermidade perigosa e sem esperanza de cura, e um dia volta a ver as arvores e o sol...

Não se lembrava da sua mocidade, do seu grande olhar triste, de tudo o que em si levava essa mulher a desejal-o, como um capricho a contentar... Ella é que ia ficar-lhe agradecida de ter ido lá para satisfazer lhe a vontade... Queria tel-o, elle entregava-se.

Pelo seu lado, não o amava também; pensara no prazer de gosar aquella mocidade tão cheia de poesia e de tristeza, por uma noite, mais nada...

Edmundo, na sua ingenuidade, julgava-a à sua espera, anciosa, depois de um dia inteiro levado a pensar só n'elle...

E assim essas duas almas approximavam-se enganadas, inconscientes do que poderia resultar do seu encontro.

A mulher perfumara o corpo, Edmundo só cuidava do coração, pegando fogo ao incenso de illusão com que o encheu.

Elle caminhava á communhão de uma felicidade sonhada, ella esperava-o para o peccado, como a outro qualquer.

O dia ia ao encontro da noite, como dizia papá Hugo.

Batiam as dez horas nas torres de S. Francisco quando Edmundo subiu as escadas do hotel. A mão tremia-lhe apoiando-se ao corrimão, e chegando acima, viu-a, a rir entre um grupo de homens, sentada n'uma poltrona de velludo, vestida com um peignoir côr de rosa.

Havia um grande corredor na sua frente, com um bico de gaz ao fundo. Seguiu por elle adeante, desilludido... Mas uns braços prenderam-se ao seu pescoço, uma cabeça veio encostar-se á sua, roçando-lhe na face cabellos pretos e finos, um doce perfume abraçava-o inteiro, e sentia a seu lado, sobre o seu peito, arfar um seio. Então a sua bocca procurou a bocca da mulher, as suas mãos en-

terraram-se na seda perfumada dos cabellos, e toda a sua alma abriu-se n'um beijo, o seu primeiro beijo enâmorado.

No escuro, foi assim o seu primeiro encontro, sem uma palavra... Foi assim que abriu o seu primeiro amor...

Honorina levou-o para a sala, sentou-se ao lado d'elle, a um canto da «chaise-longue», segurando-lhe as mãos.

Edmundo olhava-a, os olhos cheios de amor.

Ella sorria, tendo-o emfim. As narinas fremiam-lhe como as da onça ao farejar a presa, antes de a esgaçar com as unhas. As suas pestanas densas e compridas batiam sobre a febre da vista... Entregava-se, chegado-o a si, e cançada daquelle silencio, fallava-lhe agora na sua voz meiga e arrastada como um canto.

— Que idade tem?

— Vinte e um... E a Honorina?

— Vinte e um...

Ella contemplava-o, com um sorriso de um terno desprezo, o braço apoiado ao joelho, não lhe largando as mãos, inundando-o com a vista, n'uma violencia de desejo, apertando-lhe os dedos...

Edmundo procurava palavras para dizer, e emfim, encostando-se ao seu hombro, fallando-lhe quasi ao ouvido, a bocca entre o perfume dos seus cabellos, perguntou-lhe de vagar, pousando-lhe as mãos no pescoço:

— Porque me olha sempre assim, ha dez dias?

Ella calava-se, deixando-se beijar.

Fóra, a chuva cahia com força, batendo as vidraças. De entre a noite, um toque de clarim, n'um quartel afastado, soava como uma lastima funebre.

Estiveram assim os dois, Edmundo invadido por uma grande felicidade, como um sedento que se desalterou. Os carinhos da mulher roçavam todas as chagas da sua dôr... sentia um grande allivio, uma grande esperança, um socego, uma piedade agasalhando-o, e beijava os cabellos de Honorina como se vê ás vezes nas egrejas um homem beijar os pés de uma santa, que fez o milagre de o salvar de um grande perigo...

Um ruido de vozes do corredor fel-o levantar a cabeça.

— Vá embora! não o recebo... Nunca mais aqui entre, seu azeiteiro!...

Edmundo quiz levantar-se, ir vêr. Uma voz de homem supplicava baixo, tremula, e a outra voz, a da mulher insultava-o.

— Não preciso de si para nada... Muito o aturei eu!...

— E' a Zita com o velho..., murmurou Honorina, retendo Edmundo.—Deixa-os lá, não temos nada com elles...

— Sacana! Até me apegou cabellos brancos!... Puche!..., nem mais um pio... Se tenho um amante é meu, não tenho que lhe dar satisfações...

E essa voz rouca de mulher veio rolando phrases de rua até o patamar, seguindo de insolencias um homem de cabellos brancos e curvado que descia as escadas...

Edmundo debruçando-se na «chaise-longue» via agora tudo, e quando os seus olhos o arredaram d'alli, Honorina leu uma terrível desconfiança n'aquella vista compungida.

— Como aquillo é infame e triste !...

Tinha agarrado as mãos d'ella, encostara a cabeça no seu peito, e fitando-a longamente, tinha na sua mudez o medo que um dia ella tambem o escorraçasse, que a sua bocca o insultasse...

— Um velho ! porque fez essa mulher isso?...

— Tem um amante, e o velho é um amigo della... Uma mulher não é obrigada a gostar de um velho... O outro tem dezito annos...

— Cala-te Honorina... Um dia tu fazes o mesmo comigo?...

— Se eu gostasse de um outro...

Mas os seus beijos, mal acabada a phrase má, abafaram na bocca de Edmundo uma resposta...

— Tu és moço... não pense n'isso... Vamos dormir...

Levou-o até á porta do quarto, deu-lhe ainda um beijo, e abriu a porta.

O gaz estava acceso. Encostada a parede havia uma cama larga, sobre que desciam cortinados de renda branca. Perto da janella o lavatorio, coberto de vidros d'essencia. N'um pequeno relógio de cabeceira, os ponteiros deitavam-se em cima da meia noite. O espelho do guarda vestidos descia um grande lençol de luz deante da cama, manchado de oiro pelo gaz.

Ao canto, perto da porta, um cabide estendia os braços carregados de saias e «peignoirs».

Cadeiras estofadas encostavam-se às paredes forradas a papel, imitando tapeçarias turcas, rubras e pretas, serpeadas de doirados e riscos de prata.

Um vidro de heliotropo deixado aberto, perfumava todo o quarto. A chuva cada vez mais forte escorria nos vidros da janella e no telhado, como um regougo.

Sentaram-se os dois na cama, e ella fello encostar a cabeça no seu regaço, passava-lhe as mãos pelos cabellos, estremecendo as vezes.

Toda a lascivia da mulata, a voz quente e preguiçosa, os olhos humidos, e o seu corpo flexivel meio pendido, n'uma molleza, e os cabellos negros, enrolados na nuca, apertados na testa como duas azas de corvo, os seus abraços, o seu sorriso de mysterio, d'esses que só tem as mulheres, um sorriso crispado como um mar e como elle bello e terrivel, abrindo um abysmo entre os labios, toda essa voluptuosidade inclinada para elle, embriagava-o, como se accordasse depois de haver dormido sobre um ramo de parasitas em flor, perfumado e venenoso...

E Edmundo não lhe disse que a amava, mas ergueu a cabeça, pousou-lhe as mãos nos hombros, e como um naufrago no abraço molle de uma onda, todo entregue á sua fraqueza terrivel, disse-lhe, roçando as pestanas pelas d'ella, n'uma confissão de alma,

como uma queixa de moribundo, uma supplica de desgraça:—Se me deixasses de amar e de querer, não sei o que seria!... Só te tenho a ti, só, e só...

Ella estremeceu ao seu olhar tão carregado de magoa, um espanto na vista, aconchegando-o ao peito...

Depois separou-se dos seus braços, ergueu-se, começou a desabotoar o roupão cõr de rosa..., despiu-se á vista d'elle, até ficar em camisa.

Veio abrir a cama, ageitar as travesseiras.

— Deita, bemsinho, vou-me lavar...

E enquanto ella enchia a bacia e destampava frascos, elle, entre os lenções, atordoava-se com o perfume errante nos cortinados.

Os desejos cresciam-lhe, e atravez as rendas cravava os olhos n'aquella mulher que embalsamava o corpo para lh'o entregar, como n'um officio sagrado e mysterioso, em que tudo fossem olôres, luzes e sedas...

Depois, com tudo isso, Honorina tinha um ar selvagem, uns dentes de felino e uma desenvoltura lassa de serpente... Exhalava de si uma grande sombra, como as florestas. A sua voz séria e doce parecia arrastar um paciente ao supplicto; os seus defeitos davam-lhe a belleza de uma creatura perigosa.

Quando Honorina entrou na cama, como uma cobra e se abraçou desesperadamente a elle, Edmundo teve medo, a cara sepulta n'uma onda de cabellos, atravez de cuja treva

embalsamada duas luzes o inundavam com clarões de tocha, n'um funeral.

Parecia-lhe estar dentro de um caixão, amortalhado, dois cirios á cabeceira, e uma voz, a voz d'ella, tremendo phrases abafadas de amor, eram como a reza de um padre, balbuciando o officio dos mortos.

Trovões rolavam nos ceus, esmigalhando nuvens. A chuva batia as vidraças.

— Vem, amorsinho, vem...

Edmundo deixou-se envolver por aquelles braços quentes, e enquanto lhe ouvia os sorvos e os suspiros, parecia-lhe tud' ter morrido para elle, e que um padre, no escuro, debruçado sobre os dois, as mãos postas, os olhos no tecto ia dizendo: *Tu paradisum deducant te Angeli: in tuo adventu suscipiant te Martyres, et perducant te in civitatem sanctam Jerusalem, Chorus Angelorum ie suscipiat et cum Lazaro quondam paupere æternam habeat, requiem...*



V

*L'âme a un sexe comme le corps
et parfois le sexe est opposé à
ses organes. De là...*

SAR PELADAN—*Le Gynandre.*

De manhã, Edmundo sahio do quarto de Honorina, cuja porta ella mesma foi abrir, descalça, os olhos pisados, os braços ainda prendendo-o a si, n'uma derradeira caricia.

E elle levou nos labios, para a rua, o perfume d'aquelle ultimo beijo, dado do limiar da porta d'essa alcova onde tinha gozado.

O sol descia quente sobre as ruas enlameadas pela trovoada d'essa noite.

Edmundo respirava em si o perfume que o corpo da mulata tinha deixado na sua pelle. Os olhos brilhavam e nada viam. Sahia da noute como de um deslumbramento de luz; entrava no dia como no negrume de uma noite.

Tinha visto a felicidade descer sobre si no clarão de um olhar de mulher.

Essas caricias de toda uma noite tinham-lhe trazido a serenidade e a calma. O seu primeiro olhar atirado para a vida, essa volta do feliz ao mundo, fez-lhe vêr as arvores, o sol, as creanças, os passaros, as mulheres inundadas

pela sua alegria. A esperança estendia duas azas brancas sobre a sua cabeça e seguia-lhe os passos, mostrando-lhe o futuro, acariciante e terno como os olhos de Honorina... Aquella vista benefica cahindo sobre a sua desgraça alagava de esplendores a estrada da sua vida.

Filha de uma raça que soffrera, cahida na desgraça, ella tinha-o tornado feliz. Assim as dôres humanas não ensinam a accusar Deus. De uma lagrima faz uma estrella... O soffrimento é como o orvalho, que faz abrir mais bellas e perfumadas as rosas e as cravinas. Ter chorado é noviciar-se na suprema alegria. O sol é mais brilhante quando rompedas trevas na alleluia da aurora, que ao sumir-se na escuridão, entre um rescaldo d'incendio.

Mas, apezar de tudo, nunca dia para elle foi tão triste como aquelle. Os homens pareceram-lhe ainda mais perversos que de ordinario. O egoismo invadia-o por sua vez.

Sentia claramente ser o coração o unico guia da creatura na jornada da vida. Seguil-o de olhos fechados a tudo, deixar-se levar pela sua influencia benefica, os ouvidos tapados á razão, elle pensava n'aquillo, n'essa norma ideal de conducta, e pisava aos pés conveniencias e contemplações... Do mundo nada queria, coisa alguma lhe pedia. A sociedade dera o nome de «ultimo» ao unico sêr que se apiedara do seu isolamento e da sua grande desgraça. O mundo talhara-se por suas mãos a sentença da sua alma; abominava-o.

D'elle só lhe tinham vindo miserias, luto, agonia.

Todos os seus sonhos de felicidade, toda a sua ambição, toda a sua vida, era tudo d'ella; pertenciam-lhe, entregava-lh'os.

Se fosse ainda a desillusão deixar-se-hia morrer. Era o ultimo ramo a que se apegava... Tudo dependia da sua fragilidade ou da sua constancia... Tinha ainda os inconscientes direitos de a julgar boa, ella que lhe tinha enxuto as lagrimas com seus beijos..... O mundo era ingrato, injusto e cruel, acabar por acabar, antes mil vezes nos braços que o tinham amparado em uma noite de chuva e o tinham feito acreditar ainda, quando tudo em roda lhe parecia pregar o desespero. Se ella, como todos, vivesse para o soffrer ainda mais, ao morrer a bemdiria, porque ella o havia feito feliz uma noite inteira e o mundo o havia perseguido durante toda a vida.

Tudo em volta era esforço; milhares de homens a lutar, a odiar, a mentir mercadejando honra, alma, fê, agarrando-se desesperadamente á vida, os olhos recolhidos n'um egoismo atroz, cada um tratando de si, inexoraveis para todos os outros, defendendo palmo a palmo a sua ambição, e n'essa guerra atroz e impura os infelizes cahiam ás bordas do caminho, exhaustos, desfallecidos, e voltavam desesperadamente os olhos ao céu, acreditando emfim na sua miseria, que tudo que Deus faz o homem espesinha, e d'ahi a amargura immensa que se vae arrojando por sobre a humanidade como a maré subindo...

Deus! O mendigo, o moribundo, o vencido, lembram-se só d'elle, enfim! A esmola é agradecida em nome de Deus, a vida é entregue á esperança da misericórdia de Deus, a adversidade é supportada como um castigo de Deus! . . . Elle sempre enfim, sempre elle como a estrella d'alva, abrindo na escuridão os seus raios de luz . . .

O que eram os homens?

Os de hoje não são os mesmos de hontem e não serão os mesmos de amanhã . . . E no mar immenso, que rola sobre a praia sempre as ondas, mas sempre outras, o egoismo a rugir, a maldade a mostrar garras, uns possuindo milhões, outros morrendo de fome . . . E com que direito? Os ceus só respondem com a morte que a todos nivela . . . Todos nascem do ventre da mulher e todos recolhem aos flancos da terra . . . e a terra faz brotar as mesmas flores sobre o tumulto do ladrão que roubou para comer e sobre o tumulto do que roubou para saciar a sua gula . . . E tudo isto banqueiro não é raiva, não é pessimismo, não é inveja, não é loucura, porque nada d'isso lembra a serenidade dos campos, onde os roceiros se levantam de manhã rezando, e vão capinar a roça de milho, e recolhem á tarde, rezando, ás Trindades, pensando em Jesus, na mulher e nos filhos . . . Ah! tudo é paz, crença amor, socego . . . As ambições não roçaram aquellas almas simples, perdidas entre serras . . .

Ao fim da tarde, sahindo da redacção, Edmundo foi ter com Honorina, e até de noite

ficaram os dois juntos, olhando-se, fallando pouco. Elle contou-lhe pedaços tristes da sua vida...

Ella caláva-se com um triste sorriso de quem comprehendia.

Nem uma palavra lhe abriu a bocca sobre o passado... Parece que nada tem de alegre o passado de uma mulher que se vende...

Ellas fazem mesmo sempre o possivel por se enganar... Perguntem a uma mulher da vida pelos annos que lhe ficaram atraz, ella enche-os de oiro, de riqueza, de paixão, de romance, com uma voz e um sorriso que confessam mudamente a verdade, a miseria...

A's oito horas Honorina disse-lhe não ser livre... Tinha um amigo, não o podia conservar aquella noite perto d'ella...

— Vem amanhã!...

— Não... E' melhor nunca vir mais ter contigo. Quem te diz que elle não virá também amanhã!

Edmundo fallava, tremulo, torcendo as mãos...

Ella olhava-o nervosa, com um sorriso maldoso, rindo-se d'aquella ingenuidade.

— E' melhor irmos para a sala... Elle póde chegar e ver-te aqui...

Edmundo, sahiu, sem a beijar. Correu todos os theatros n'essa noite, ceiou, deitou-se ás duas horas da madrugada desesperado, levou duas horas na cama a fumar cigarros, um depois do outro e amanheceu com febre, a cabeça pesada e o coração dolorido.

Ao almoço voltou-lhe as costas. As outras

mulheres quando elle entrára, tinham sorrído...

Leu os jornaes. Um homem suicidara-se por não ter que dar de comer a cinco filhos nem com que pagar aos credores. A policia ia prender os vagabundos... Portugal rojara-se aos pés do Brasil por lhe haver salvo 500 filhos .. O barão de Ladario dizia no Senado haver paes que não sabiam dos filhos, esposas que ignoravam o destino dos maridos... Nas grotas do Paraná desenterravam-se cadaveres... N'uma prisão de Santa Catharina encontrara-se uma caveira...

Jornaes perversos, que só sabiam do mal!... que só contavam horrores!...

A historia miseravel dos homens escrevia-se n'aquelles pedaços de papel...

Edmundo estava sentindo dentro de si o desapego supremo d'esse quê mysterioso e instinctivo que nos apega á existencia e nos faz contemplar embevecidos o sol. Sentia na alma alguma coisa fallecendo convulsivamente, como um passaro ferido que agonisa.

Mas á noite não deixou de ir ter com ella. Fez um esforço por se mostrar alegre, descuidoso... Recitou-lhe versos á janella, em frente á cidade adormecida ao luar. Quiz saber o nome d'esse homem a quem ella pertencia..., e embriagando-se com a sua miseravel desillusão, amarga como vinagre, tomou essa mulher conforme ella era... não teve uma queixa, uma phrase triste, mas no seu sorriso havia mais que nunca uma

ruga desesperante, como os enforcados que morrem todos com um ar de riso...

Elle mesmo preparou um «punch», com cognac, chá, passas de Alicante, assucar e sumo de limão. Ella despiu a camisa quando elle deitou fogo á beberagem, e Honorina nua, deitada na cama, toda illuminada pela labareda, como um inferno vivo, cruzou as mãos no cabello e começou a cantar, de olhos cerrados, uma modinha no sertão...

Não sei porque tão pequena
Como fez-te a natureza,
Tens tanta força nos olhos
Que trazes minh'alma presa...

Bem no intimo tinha-lhe o mesmo amor intenso, ainda que vago, mas sujeitava-se já aquella partilha de corpo feita entre elle e um outro homem...

Depois do almoço subia sempre a ir ter com ella, e ficavam os dois até á tarde, deitados, conversando, olhando-se, não se tomando muito a serio como na primeira noite... A's vezes os seus olhos encontravam-se, n'uma tristeza, e cada um pensava com receio que essa vida não podia continuar assim... Edmundo tinha horas tristes em que beijava silencioso as mãos de Honorina, a vista perdida, desviando os olhos d'ella. Nunca tinham fallado d'essa noite do punch... Quando algum d'elles se lembrava d'isso, còrava. No seu amor errava sempre um grande calor de paixão, e quando se largavam, os olhos de um seguiam os olhos de outro, segredando coisas

ignoradas, que as palavras não sabiam exprimir. A passividade de Edmundo o abatera aos pés da mulher. Deixava-se viver sob o seu mando, vinha quando o chamavam, e despedia-se sempre com o seu triste sorriso mais cavado... Muitas vezes era ella a dizer-lhe que fosse trabalhar, que fosse para o jornal... Era tarde... O sol escondia-se deixando-os ainda no quarto...

— Não vae embora, bemsinho ?

— Vou, sim...

— Não vae; não, fica mais tempo com a tua cabocla...

E ficavam sentados, sem forças de se separarem, pensando, com as mãos dadas, as cabeças juntas...

Edmundo desesperava-se em segredo... Passava as noites na redacção, trabalhando, recolhendo-se á casa muito depois da meia noite, no ultimo bond da Tijuca.

Um dia, depois dos theatros e da ceia, esperou a pé no largo de S. Francisco o bond das quatro horas. Os candieiros estavam já apagados. As patrulhas recolhião-se aos quartéis; um grande nevoeiro toldava as primeiras claridades do dia...

E n'aquelle bond cheio de operarios que iam para o trabalho das fabricas, elle, que ia descansar de uma noite estouvada, levada a beber, comprehendeu as razões do seu sorriso cada vez mais triste e mais desesperante... Onde ia elle assim ?

Essa mulher tinha-o embriagado com um

mau vinho... Se lhe queria bem porque lhe fazia tanto mal ?

Aquelles beijos roubados ao outro, esses abraços, essas caricias, arrastadas nos mesmos logares que as do outro. esse amor a dois no mesmo corpo de mulher, era immundo, era infame, era vil...

Por mais que ella lhe dissesse o outro não beijal-a, quem poderia acreditar em semelhante coisa ? . .

Era elle a dar-lhe os vestidos, a pagar-lhe as contas do hotel, a dar-lhe sedas, a dar-lhe joias, e não a beijava ?

Honorina repetia-lhe sempre essa falla mentirosa de consolo, e no primeiro dia, como Edmundo duvidasse, ella dissera-lhe: —E' que não sabes quem eu sou ! Livra-te de o saberes um dia !

Se ella enganava o outro, é que tambem era capaz de o enganar a elle... Podia até haver um terceiro que passasse os labios pelos mesmos caminhos, por aquella mesma face, por aquelles mesmos labios, e lhe ouvisse as mesmas palavras de amor que a elle ella dizia.

Todos esses pensamentos de amargura o invadiam quando afastado d'ella, mas a seu lado a voz da mulata tinha a doçura de um regato a correr só para elle, os seus olhos pareciam velludo, e os seus braços eram tão quentes, as suas caricias tão meigas, que ainda lhe parecia estar essa mulher a tratal-o assim por piedade, como uma irmã de caridade que se deixa adorar por um phthísico, no hospital...

Acceitava-lhe o amor, não a accusava, sentia-se afinal quasi feliz com a sua sorte.

Todos os dias lhe levava presentes, ia-a vestindo aos poucos com mil coisas dadas por elle.

Quando Honorina balouçava o pé nú na sandalia de velludo carmesin bordado a ouro Edmundo pensava satisfeito:—Foi eu quem deu aquelle pantufo vermelho áquelle pêsito branco...

Começaram a almoçar juntos, passando os dias um ao lado do outro, até ao cahir da tarde.

As outras mulheres do hotel vinham jogar com elles, ao quarto.

Honorina era muito amiga de uma chamada Emilia, boneca de olhos languidos, que lia a «Dama das Camélias».

Para essa, Honorina abria sempre a porta, e tinha as suas grandes caricias, grandes beijos.

As joias de Honorina andavam nas orelhas e nos dedos da Emilia; tal qual como a sua bocca...

Muitas vezes estavam os tres sentados, e Honorina estendia os braços, chegava os dois ao peito, rindo .. Mas Edmundo sentia que essa mulhersinha de olhos lindos não gostava muito d'elle... estendia-lhe a mão friamente...

Uma vez fallou n'isso á amante.

— E' genio d'ella, não faças caso...

E Edmundo deixava-se ir n'essa vida preguiçosa, evitando os amigos, levando os dias

no quarto de Honorina, entre as convérvas das mulheres, jogando o sete e meio, fazendo o possível por parecer alegre, mas sempre com o seu triste sorriso, e cada vez mais pallido, mais abatido, mais fraco...

Honorina dominava-o completamente, e fazia-o soffrer, humilhando-o de continuo. Quando elle parecia mais triste, ella tinha um riso alegre e máo, e havia dias em que era o contrario.

Persegua-o com o olhar invadido de uma melancholia immensa, fazia-lhe repetir que a amava muito, que a amava sempre...

Não podiam continuar a viver assim, ambos o sentiam, mas sem forças para romper de uma vez, para sempre.

Quando deixava de vir um dia, encontrava-a á espera, com palavras duras, enciumada, desviando-se dos seus beijos, escondendo a cara nos travesseiros.

Era preciso jurar-lhe cem vezes tudo o que ella queria...

Edmundo apercebia-se bem que aquillo agora era para sempre... Cada vez se desviava mais dos conhecidos... Tinha preguiça em fallar, o trabalho de redacção deixava-o desanimado, exausto ás dez da noite, sem poder ligar duas palavras...

Em dias de plantão, quando era preciso esperar pelos telegrammas da Havas, encostava a cabeça na meza e ás vezes chorava, pensando na mãe, sosinho n'aquella solidão de sala abandonada, onde os bicos de gaz ardiam por cima das cinco mesas vacias...

O dia de trabalho deixava uma confusão por toda a parte, jornaes atirados no chão, as cadeiras no meio da sala, livros rolando a todos os cantos, tiras de papel sahindo das pastas, as thesouras abertas... e lá embaixo o bater dos typos nas mãos dos typographos.

Era triste... Na rua deserta não passava viv'alma... só ás vezes a voz do paginador subia, distribuindo materia. .

E enquanto os telegrammas não chegavam, Edmundo pensava na amante, no outro, sentindo-se preso áquella mulher, sem meios de fugir á tentação dos seus olhos de cobra, em que forcejava por encontrar uma silenciosa tristeza igual á sua...

O que lhe mettia medo era o desapego intenso que ia votando a tudo, desejoso de passar a vida de olhos fechados, com uma grande ancia de morrer...

Lembrava-se da mãe, tinha lagrimas, pegava na penna para escrever-lhe, mas ás primeiras palavras escriptas amarrotava o papel, sentia-se incapaz...

Dizer-lheo quê? A vida causava-lhe nojo... Via-se indigno de ler até as cartas que recebia d'ella, d'essa pobre mãe que se sacrificava por elle... Guardava-as no bolso, sem as abrir...

D'antes, o futuro trazia-lhe serias apprehensões, agora uma indiferença horrivel vedava a seus olhos, esganava em seus pensamentos a comprehensão d'esse sério amanhã que todos pressentem e todos temem. Não se

inquieta. Os nervos soffriam horrendamente ao mais pequeno abalo...

Fugia de Julião e mais ainda dos litteratos. Escrevia como simples obrigação, e de noite sonhava com thesouros, riquezas de «Conde de Monte Christo», minas da Golconda, erarios de imperios mortos, fortunas de romances a Terrail.

Vivia a fazer planos, invadido pouco a pouco por esse progressivo delirio de grandezas... Fiava-se no destino como um turco. Levava horas a fumar, absorto, repartindo milhões de contos, assentando projectos... Deu em comprar bilhetes de loteria e esperava sempre ancioso a sorte grande...

Vinham-lhe tristezas profundas, desatava a soluçar nas travesseiras, em casa, alta noite, sem poder dormir...

Honorina pelo seu lado deixava-se arrastar pelos desejos, cada vez mais despertos ao lado d'aquella agonia creada por ella. Amava-o? não por certo que nunca pensara um só momento n'isso, mas tinha momentos em que gozava por demais aquelle amor intenso que se lhe agachava aos pés. Em certas occasiões acontecia-lhe fechar os olhos sob as caricias d'essa pobre mocidade apaixonada e sonhava-se feliz, orgulhosa de ter conquistado todas as illusões e esperanças d'aquelles vinte annos.

Se elle fosse embora, soffreria como isso. Ainda se não cançara dos seus beijos.... Quando o apertava a si sentia-lhe o bater do coração e sabia tel-o invadido inteiro... A's

vezes tinha dó dessa dôr crescida á sua sombra, mas o instincto de gata obrigava-a a gozar a tortura d'essa alma entre as suas mãos terriveis... Comprazia-se em vel-o padecer por sua causa e escondia bem dentro de si o grande capricho que a prendia apesar de tudo a elle. Entregou-lhe o corpo com todos os desejos, n'um impulso amoroso de todo o seu ser, dava-se toda n'esses momentos, beijava-o com o coração nos labios, e elle, se soubesse, podia n'esses instantes obrigar-a a fazer tudo, a contentar-lhe todas as vontades; ella era toda d'elle, como nunca fôra de ninguem... Mas vindo a si, arrancando-se ao adormecimento da volupia desatava a rir d'esses momentos, fingindo-se mentirosa e hypocrita nos suspiros soltos, convencendo Edmundo de uma comedia, vingando-se assim do homem que a tivera quebrada por minutos... Para o convencer ainda, para o dominar com mais poder e mais crueldade, pensara em ser-lhe infiel com o p'imeiro que a quizesse, mas não se sentiu forte, temeu vel-o partir para sempre, para nunca mais voltar, e desistiu ou retardou esse cruel intento.

E sem ella querer, pouco a pouco, um pensamento enraizava-se no seu espirito: largar o amigo, ficar só com Edmundo. E tel-o-hia feito, se o acaso não viesse adiante d'ella para a servir...

Ia ficar sósinha por um mez, o amigo era chamado a S. Paulo para um negocio urgente.

Logo na sua primeira noite de liberdade, Honorina, vestida, esperava o amante para jantar.

Esqueceram-se os dois até as nove horas, bebendo «champagne» pela mesma taça, as cabeças encostadas, murmurando a espaços, um e outro, sem querer o «até que enfim» que haviam trinta dias guardado no intimo os dois, n'uma secreta esperança...

A noite estava escura mas não fazia vento.

Sahiram. Ella encostava-se ao seu braço, feliz de se sentir toda entregue a elle...

Edmundo perdoava-lhe tudo, confessando-lhe agora quanto ella o fizera soffrer, quanta noite de martyrio, sonhando-a, desesperando-se de encontro á sua maldade, nunca pensando mais em ser feliz...

Tomaram uma barca Ferry, porque ella dissera gostar de ouvir as ondas.

O céu forrado de nuvens não accendera um só astro, parecia amortalhado.

No mar apenas os navios de guerra içavam nas vergas os pharões brancos e ao longe, dentro do negrume em que rugiam as vagas, Santa Cruz e Lage tinham luzes nas bocças das casamatas.

Foram as bodas, os esponsaes do seu amor, aquella hora no mar, ao frio da maresia, ouvindo o ressonar immenso das aguas... Tinham-se sentado os dois em cima, na coberta, as cabeças encostadas, as mãos juntas, e ambos, vendo fugir a terra atraz da pôpa da barca pareciam acreditar emfim na sua felicidade...

Quando voltaram, ás onze horas, pelas ruas desertas Edmundo ia beijando as mãos frias da amante, e no largo do Paço um pensamento triste trouxe-lhe aos olhos duas lagrimas. Julião áquella hora em que para si passavam os primeiros minutos felizes da vida, Julião no seu quarto andar, escrevia na cal da parede a horrivel e desesperante palavra — « Fatalidade ».

Agora seria elle sòzinho a soffrer a crueldade da sorte, e essa creatura bem-amada a dormir pertó de um craneo, quando a elle só esperavam as travesseiras de uma cama perfumada, onde a sua cabeça, em que já tinham rolado tantos pensamentos funestos, ia socegar perto de uma cabeça de mulher, de uma mulher que lhe escondia o mundo com os braços abertos e os labios tremulos.

— Em que estás a pensar ?

— N'aquelles, Honorina, que vivem sem amor...

Quem não sentiu a alma abraçar carinhosa e compassivamente o mundo inteiro, n'essa hora admiravel em que se é feliz, porque se vive n'uma outra creatura, porque se ama, porque se sente um coração batendo de encontro ao nosso braço, porque obtivemos o grande premio da vida ?

Edmundo sentia renascer em si o mundo de coisas havia muito em ruinas, mas o amor, esse egoismo de duas creaturas, guardava para si toda a primavera rediviva da mocidade, com illussões, esperanças e poesias...

Cada dia se sentia mais confundido com a mulher que limitava as raias das suas ambições e dos seus desejos. A borboleta abriu as azas dentro da pelle tisonada da crysalida, mas essa borboleta pousara no calyce de uma flôr perigosa, embriagara-se de perfume e adormecera após essa bebedeira de balsamo...

Edmundo resumira em Honorina toda a sua vida, e todas a noites os dois adormeciam de mãos dadas.

A's vezes levava-a a esses quarteirões da miseria, onde as mulheres ás portas chamam os homens, e recolhiam-se á casa, depois de terem roçado pela desgraça e pelo infortunio, medindo mais alto a sua felicidade, abandonando-se com mais avidez de amor, compreendendo-o os dois como a unica verdadeira consolação das creaturas n'esta terra onde se soffre tanto...

Outras vezes ficavam á janella, de mãos dadas, sem fallar, vendo o mundo passar na escuridão da rua, esse mundo anonymo que rolava lá embaixo vago e mudo, como sombras...

E ao vel-o passar, as duas creaturas pensavam que ambos muito tinham padecido ás suas mãos odiosas...



VI

« Façamos como os passaros, façamos
« Como os passaros fazem no arvoredo:
« Quando mão duvidosa agita os ramos,
« Fogem todos os passaros de medo...

« Se o mundo descobriu que nos amamos,
« Sem perda de um segundo,
« Rapidamente, meu amor, fuja
« Para longe do mundo!

JULIO SALUSSE.

Edmundo viu a porta encostada, o quarto às escuras. Entrou.

O dia quasi morto ainda trespassava os vidros da janella com a sua agonia : O quarto desenhava-se na sombra, meio e-batido pela ultima claridade opaca da tarde ; e era triste, assim no silencio da meia-sombra, com o reflexo dos espelhos aos cantos, os repositores cahindo sem côr, com manchas, os cortinados fechando a cama como um nevoeiro. Não havia um sorriso de côr n'aquelle crepusculo. Faltava a alegria do gaz ou do sol n'esse ninho, que parecia desfeito...

Ficou á porta, parado, e sentiu o coração abrir-se-lhe para uma menlancholia funda, pesada, dolorosa...

Aquelle quarto, onde tinham despertado os seus primeiros beijos enamorados, aquelle

confidente emmudecido de tanta noite louca de caricias e goso, de tanta manhã alegre e doirada, quando se acorda n'um abraço começado na vespera, e a bocca se abre n'um beijo, o mesmo que os fechou de lassidão; aquelle quarto onde elle só vira noites de dois astros—os olhos d'ella,—e as auroras de ouro—os sorrisos d'ella,—parecia-lhe morrer como o poente triste do dia invernos.

Vinha-lhe a desolação das tardes em que as folhas cahem das arvores, n'uma quietude punjente de morte, sem um pé de vento, sem uma restea de soalheira, sem o occaso escaldante, côr de lacre, essas tardes pardas, em que a lua sóbe ás quatro horas e a natureza succumbe, n'uma dôr surda, chorando folhas seccas.

Sem ruido, approximou-se da cama, abriu o cortinado.

A sua onça dormia.

Sentou-se perto d'ella, em silencio, julgando-a doente, com mil cuidados para a não accordar.

Honorina, encolhida, as mãos morenas atiradas na alvura da travesseira, os cabellos defeitos, por pentear, os grampos cahidos na coberta, a bocca como a expirar n'um beijo, as narinas abertas, a garganta arfando como um mar em calmaria, dentro do peignoir côr de rosa, parecia ter ficado para alli, prostrada, n'um langôr, n'um alquebramento, em que os olhos se fecham, o corpo se encolhe como no somno das cobras...

Debruçou-se, invadido de uma grande

meigice carinhosa por esse corpo que se lhe dera, n'um amor infinito, n'um abandono languido. Beijou-lhe os cabellos.

Sorria, vergado sobre a amante adorada, a sua melhor poesia, o seu mais humano ideal, aquelle corposinho de vibora, docil nas suas mãos, aquella suave lassidão por nome mulher, que se tinha vindo debruçar na sua indolencia, seduzindo em si a sua vida...

Mas, porque dormiria ella, tão socegada, tão tranquillã?

Tinham-se levantado os dois tão tarde, justamente n'aquelle dia...

E Edmundo, vergado contemplava-a, com uma subita angustia nos olhos, que pesquisavam n'aquelle rosto os indicios que podiam provar a desconfiança que se apoderára d'elle.

Ah! de tão creança, não vira elle logo ser aquillo um tórpor e não um somno? Os labios pallidos... Alguem lh'os tinha beijado... Olhos cançados, doloridos, circumdados de negro, com olheiras funebres sob as palpebras... Os braços pareciam ter cahido n'um ultimo abraço, os olhos deviam ter-se fechado, cançados de rolar nas orbitas, como cotovias que batem depois de haver batido longo tempo as azas nas alturas...

A vibora mostrava-lhe que tinha aguilhão na lingua... As abelhas morrem ferrando, as mulheres é d'isso que vivem. Os seus dentes mastigam eternamente a maçã do peccado...

Ficou acabrunhado, tremendo, como se o

crepusculo se tivesse passado todo inteiro para dentro do seu pobre coração, onde nascia tambem um sol — a illusão,— n'um potente desolado, de agonia... E olhava-a como folha secca que cahe da arvore, como a illusão que cahe da alma.

Assim, não havia canto no mundo onde tudo fosse paz, amor, socego... Não restava do Parizo nem uma só raiz...

O archanjo inexoravel tinha injustamente de lá escorraçado a humanidade com o primeiro homem!...

Estava tudo acabado... O que seria d'elle, agora? Ella cuspira no seu amor, essa fortuna que elle tivera a leviana temeridade de pensar valer mais do que o mundo inteiro. Era o seu ultimo refugio...

Mais nada, mais nada... O inverno tinha vindo, e a arvore a cuja sombra se acolhera, cahiam-lhe as derradeiras folhas, ficara de braços estirados, hirtos n'uma desolação...

Parecia-lhe ver deitada na cama a sombra da mulher tão doidamente amada...

Os beijos, essa perfida repartia-os por outras boccas...

O pistilo tinha ido colher n'outra flôr um outro estame, atraçoando o companheiro que Deus soltara no calyce perfumado de sua vida...

A pobre creança nunca pensara que antes de ser sua essa mulher tinha sidodeoutros... Ella não o podia esquecer. Antes das suas tinha gosado outras caricias, e tinha talvez saudades de alguma havia muito não gozada.

Mesmo que o amasse, não lhe podia accusar a consciencia de haver entregue o corpo a um rapaz que a não profanava, porque o sol não queima mais os lyrios murchos.

Cançara-se depressa do seu amor passivo, dos seus beijos quentes e longos, arrastados por todo o rosto, n'um eterno fanatismo, e dos seus olhares timidos em extases, que a tinham alvoraçado a principio, mas já fatigavam a fêmea bravia, com precisão de predomínio, com a sêde femênil da inferioridade... A leão larga o leão que a não morder...

Edmundo roubara-lhe o que ella tinha de mais cioso: a passividade da mulher.

Accusava-a agora, enterrando as mãos arripiadas nos cabellos, mordendo os beijos para não chorar sobre a sua ultima esperança, desfeita nos beijos de um desconhecido, como uma margarida sob uma batega de chuva.

Poz-se a pé, fechou de novo os cortinados, foi em silencio até ao toucador; a farejar, como um cão ladino...

O vidro de agoa de Lubin estava aberto... ella tinha-se esquecido de fechar o frasco de heliotropo e o cofre de porcellana do pó de arroz... Portanto...

E não tinha feito sequer á toilette com que se vae para a cama...

Suppliciava-se, á vista daquelles innocentes vidros d'essencia, cúmplices agora na infamia da mulher á qual tantas vezes tinham servido sob o olhar carinhoso e agradecido da pobre creança. Eram elles que tinham per-

fumado os cabellos beijados dia a dia, havia um mez, elles que tinham humedecido e embalsamado os labios onde tantas vezes bebera a embriaguez e a felicidade... E o vacuo que havia em todos os chrystaes tinha sido promiscuamente consumido nos lenços de ambos... Agora perfumavam a doce creatura para o prazer dos outros, os vis, que deviam ter conhecido na mão que os abria uma perfida e criminosa mão...

Mas não parou alli aquelle inexperiente policia secreta, que procurava todo o rastro do crime, que só a elle levava ao poste do supplicio.

A mocidade é tão doida, que até brinca com a dôr, até joga com o coração... A's vezes quebra-o...

Deu-lhe vontade de levantar a tampa do balde, vêr se tinha agoa, muita ou pouca!...

E alli sosinho envergonhava-se de si proprio de tanta baixeza...

Porque se não ia embora, para nunca mais se tinha a certeza ? O que ganhava elle com isso tudo ? Ia ficar ainda, depois de ter sujo o amor com a desconfiança ?

Torcia-se a pensar, e o desejo não o largava de ir até ao fim, espiar por toda a parte, saber em consciencia que tinha rido de si... Iria embora, mas depois de haver calçado de provas o coração tão cheio d'ella... Vê, coração, estes perfumes abriram-se para atraiçoar-te, vê, coração, esta agoa lavou o corpo n'esta mulher, para safar o vestigio do crime, e nesse corpo que tu vives ... vê, coração, esses

olhos insultaram-te, essa bocca injuriou-te, vê bem, vê bem, ainda a amas?

Não pode resistir, levantou a tampa do balde... Estava cheio e na agoa não havia a nevoa branca que deixa o sabonete...

Ficou parado, os olhos a escorrer...

Era quasi noite.

Honorina voltou-se na cama. Elle estremeceu, em silencio, escondido pelos cortinados, esperando, receioso que ella se levantasse...

Foi até ao leito na ponta dos pés, cauteloso.

Fóra um relógio batia lentamente as seis horas.

Que leviandade, entregar toda a vida, com todos os sonhos e todas as esperanças e todas as illusões, ás primeiras mãos macias que nos tapam os olhos!...

Em quatro horas as mãos de uma mulher poderam esfarrapal-o todo, até ao mais profundo de seu intimo!

Ter entregue nas mãos de uma ladra todas as phantasias dos vinte annos, uma mocidade, uma existencia!...

Deixava-o sem cousa alguma, sósinho, abandonado, expulso da luz onde se refugiára, para cahir de novo entre os homens, nas trevas, ainda cégo pelo clarão em que se deslumbrara!...

Só quatro horas para encerrar tanta infamia, para varrer tanta illusão!... Triste, era triste!...

E o que fazer agora? Continuar como d'an-

tes, morrendo aos poucos n'aquelle marasmo e apathia que o estrangulavam? Torcia-se n'um cavalleto de tortura...

Deixal-a assim, sem mais nem menos, depois de ter vivido com ella trinta dias, de terem confundido os dois as respirações, dormido juntos trinta noites, n'um abraço infinito, largal-a assim, sem um ultimo beijo, sem lhe deixar a saudade de uma lagrima, a punição de uma queixa, sem lhe ter aberto á vista todo o grande desespero que o matava, parecia-lhe immundo...

Uma desculpa, um abraço e um adeus, que devia ser para nunca mais, era isso... sim...

O quarto encherá-se de treva, e aquelle soffrimento vivia alli angustiada, silencioso ao lado de uma mulher que dormia.

Estava tremulo, como sahido de um susto... Deixou-se cahir n'uma cadeira, que rangeu.

Julgou que ella ia acordar..

Minutos passaram-sen'uma ancía afflictiva. Se ella viesse, com o seu nome nos labios, estirando-lhe os braços, os cabellos soltos, não lhe poderia resistir e iria esconder na treva d'aquelle cabello a vergonha e o soffrer da sua vida...

Era impossivel !... Elganal-o, elle que nunca deixara amanhecer um dia ou cahir uma noite sem lhe repetir de joelhos, os olhos ao fundo dos olhos, as mãos nas suas: — Vês tu? Se me deixasses de amar e de me querer, morria! Só te tenho a ti, só, é só!...

Era impossivel, era impossivel! O seu coração era demasiado grande para um peito

humano, e ainda cria, ainda acreditava, como os cegos que recobram a vista, e nas primeiras horas ainda acreditam na sua cegueira...

Que provas tinha elle ?

Poisella não podia por descuido deixar uns vidros abertos em cima do lavatorio ?

Tudo, menos a lembrança de se separar do unico ente ante o qual a sua alma ajoelhava... Sentia que todos lhe queriam mal, todos procuravam fazel-o soffrer... Ella era a embriaguez da sua desgraça...

Era impossivel, era impossivel, era impossivel !...

Tomado de uma resolução brusca, riscou um phosphoro, accendeu o gaz, e sem cuidados já, julgando-a accordada com a luz, correu os cortinados.

Ella como a sua razão, ainda dormia

Lavou as mãos, abriu uma gaveta, tirou um lenço, e foi á cesta da roupa deitar o lenço trocado.

Reteve um grito.

Em cima da roupa estava uma toalha atirada alli havia pouco.

Honorina enganara-o, tinha estado com outro homem !...

Ficou a meio do quarto, de olhos fechados, esmagado.

— Edmundo !

Estremeceu. A vibora desenroscava-se. Elle olhava-a n'um espanto, rangendo nervosamente os dentes.

— Que é bemsinho ? está doente ?

Levantou-se, os cabellos n'uma rodilha, as pestanas batendo, espreguiçando-se, e veio até a elle, vagarosa, sorrindo... Deitou-lhe os braços ao pescoço, chegou-o ao seio, beijou-o na testa, apertando-o a si.

Edmundo arredou a cabeça, fitou-a tristemente, com o olhar vesgo de soffrimento.

Ella, perfida, com uma arte de gata, fazendo de amuada, encostando a cabeça ao seu hombro, disse-lhe quasi ao ouvido:

—Ein, m'orsinho, não quer mais bem á sua mulata ?

Edmundo agarrou-lhe nos pulsos levou-a á parede, e com os punhos cerrados rente á cara d'ella escarrou-lhe o insulto: — Puta !

Honorina fechou os olhos, empurrou-o levemente com as mãos frias, sem olhar para traz, sem uma palavra, foi ao lavatorio, encheu a bacia, entornou meio frasco d'essencia na agoa clara, desenrolou os cabellos.

Elle, abatido, a cabeça entre as mãos, sentara-se n'um «puff» de setim e olhava-a distrahidamente, os olhos baços d'angustia.

De vagar ella passou o pente pelos cabellos, alisou-os, e depois de enrolados na nuca ageitou as repas e frizados da testa, espetou os grampos compondo a sua belleza, possuida de um grande amor por si... Despiu o peignoir, desatou as fitas da saia, que lhe cahiu aos pés.

Em sandalias, foi ao guarda-vestidos, tirou uma camisa de seda, o espartilho, o vestido preto. Pousou tudo em cima da cama.

Edmundo fitava-a, em camisa, os olhos

cançados, humidos, perdido n'um alquebramento de pantano, e um sorriso a esconder nos labios o esforço que fazia para não desatar em choro.

Que que fazia elle ainda alli ?

A essa pergunta intima, respondia elle — o que vou eu fazer longe d'aqui ?

Como Fausto, que vendia a alma aos infernos á custa da mocidade, do donaire, dos cabellos louros e dos gibões de brocado e as serenatas e as aventuras, e os duellos e era um sabio curvado sobre os mysterios da alchymia porque não aquelle pacto mudo da inexperiencia, que vendia o amor proprio pela felicidade, nos labios compartilhados de uma mulher ?

O amor traz d'estas rudes dedicações... O orgulho descia ao peso do coração...

Honorina, ao lavar as mãos, partira tres unhas no marmore do lavatorio.

Indifferente, sem fingir reparar no amante, que a contemplava, despio a camisa, tranquillamente.

Núa, com as meias de seda preta até ao meio da coxa, os pés enfiados nos pantufes de velludo carmesim, olhou-se por momentos no espelho, orgulhosa do seu corpo.

O pescoço deslisava nos hombros, descia na garganta, e a quasi um palmo das clavículas os seios rebentavam na carne morena, que parecia ter sido branca e assim abrasada a beijos... A cinta era fina, o ventre era arqueado e bello como convem a uma peccadora e as pernas lapidadas na perfeição das

carnes, crescendo em meandros entre o triângulo negro, como um grande lyrio sinistro e os quadris em que a cinta resvalava.

Por sobre os mysterios desvendados do seu corpo a seda da camisa correu até meio das pernas.

Nem uma palavra. Elle não desviava os olhos medrosos e envergonhados da nudez da mulher.

Honorina alargou as fitas do espartilho, ajustou-o ao tórso, engatou os colchetes, serrou as fitas, e a cinta comprimiu-se, os seios tremeram, enchendo as duas taças de setim que os aprisionavam, os quadris ressaltaram sob a compressão das barbatanas, o corpo inteiro, tomando a maleabilidade das cobras, aperfeiçoou-se linha a linha.

Poz a saia preta, de seda, despiu as meias calçou o outro par, e em frente ao guarda vestidos, tomando o corpete enfiou as mangas, apertou os colchetes da golla de veludo e dos punhos, vestiu uma saia coberta de rendas, passou a borla de pó de arroz pelas faces, espetou um alfinete de brilhantes na fita do pescoço, poz os brincos, aquellas pequeninas fagulhas que nunca lhe deixavam as orelhas, enfiou os aneis, perfumou o lenço ageitou os cabellos.

— Honorina ! . . .

Levantava-se, agarrado ao braço d'ella, os olhos a pedir piedade.

Ella nem pareceu ouvir-o, olhando-se ao espelho, concertando as rendas do peito.

Debruçando-se tirou do cabide uma toalha,

humedeceu-a passou-a nas sobranceiras...
Abriu a bocca, olhando os dentes.

Edmundo fallava-lhe... Perdoasse, submettia-se a tudo...

Ella foi sentar-se n'uma cadeira, calçar os sapatos, ageitando contrafeita a manga enrolada pelas mãos delle.

—Não, não pode ser, Honorina !... Perdoa-me, eu amo-te, só te tenho a ti... Não me enganaste, eu sei, mas tenho soffrido tanto, vê tu, que julguei ser de mais essa crueldade da sorte... se fosse verdade o que eu pensei era injustiça... não mereço que me façam tanto mal !..

Dizia tudo aquillo de pé encostado á cama, as mãos cahidas, n'uma voz que não era a d'elle, como se um mendigo fallasselá do fundo de seu peito, pedindo esmola.

— E que tinha, se o tivesse enganado com outro homem ? Edmundo respondeu entre dentes:—Não tinha nada...

Elle podia ir embora, não o queria mais para coisa alguma... Tinha acabado tudo... Nunca jurara a homem nenhuma fidelidade, nem ao marido... A porta estava aberta...

E Honorina dizia-lhe aquillo puxando as ligas, as saias, levantadas as pernas crusadas.

Edmundo sentou-se perto della, pousou-lhe as mãos nos hombros...

E' que nunca soffrestes como eu... Se te sentisses sósinha, tu verias o que se sente n'um momento d'estes... Se eu te perdesse seria triste, nem eu sei bem... Ouve eu tinha mãe e esquecia para me lembrar só de ti...

Hoje sou sósinho, sem amigos, sem companheiros, só contigo... Perdôa, não te sei contar, mas acredita que é preciso teres pena de mim...

Tremia ao fallar e procurava-lhe a bocca, para ver sair uma palavra de perdão ou uma sentença de morte.

Ella callava-se, pensativa.

Bateram á porta, Edmundo foi abrir.

A Emilia entrou, desfeita, pallida, os olhos pisados, com um roupão de seda crême, e foi sentar-se ao lado de Honorina, fallando-lhe ao ouvido.

Elle pasmava ante o olhar da amante, um olhar distrahido e embaciado.

A Emilia sahiu.

Então Honorina deitou os braços ao peçoço da creança, beijou-o longamente, fazendo-o comprehender tudo...

E' um vicio... Já com minha irmã era a mesma coisa... Mas socega, é para nunca mais... não continuo... Fiz-te soffrer?...

Edmundo curvou a cabeça, tristemente...

— E' ella que vem, eu faço-lhe a vontade... mas é sem amor, é um vicio que eu tenho... Se tu queres mudamos d'aqui...

Havia um grande arrependimento nas suas palavras...

— Vamos jantar, não penses mais n'isso... já não ha remedio... E de noite, quando se deitaram, ella, cançada, entorpecida, os olhos amortecidos, não procurou os seus abraços. Ficou sentada as mãos no regaço, vendo arder a vella...

Começou a contar-lhe pedaços de sua pobre vida, com voz arrastada, sem erguer a vista para elle...

A's vezes dá-me vontade de morrer .. Ter um homem que me espetasse uma faca, me matasse... Uma mulher como eu nunca sabe como acaba... Tive uma amiga que foi para o hospital .. tinha brilhantes... nem tem cruz na sepultura...

E Edmundo percebia ao ouvil-a fallar que deixara á desejar agora sem remedio, aquelle corpo onde se torciam como no delle males incuraveis, desesperanças surdas, impotencias inexoraveis, qualquer coisa de implacavel e sinistro que a desgraça deixa na alma, como gottas de sangue, mas que o amor vivificasempre, como sombra a seguir o sol desaparecido, o perfume conservado na flôr em murchecida...

Tudo aquillo era demasiado cruel, as suas duas almas batiam azas na derradeira agonia, amar, desejar, ser feliz, era já impossivel...

Cada um procurava fazer mal ao outro, torturar-se, apalparem-se mutuamente as chagas, gozando de se sentirem ulcerados, perdidos, sem poder erguer os olhos, sem poder fallar verdade, ambos falsos, ambos torpes, ambos vencidos afinal, ella deter calcado homens aos pés, elle de ter sido calcado por elles...

Não podia haver amor n'uma mulher que d'isso fizera modo de vida, e elle tambem não poderia amal-a assim envilecida, porque o seu pobre coração tinha, aberto durante a noite precisava de sol, não podia vingar n'aquella lama toda...

Nenhum dos dois conservava esperanças, ambos se sentiam feridos, postos de lado, irremediavelmente afastados da vida pela felicidade, pelo destino, pelo mundo... Ambos tinham errado o caminho, ambos se viam perdidos, consolavam-se em silencio, abraçavam as suas desgraças, como dois condenados á morte que se beijam, compartilhando a mesma sorte, antes de sahir para o cadafalso onde a justiça humana os espera, implacavel.

Teria sido melhor nunca se terem encontrado... Haviam-se enganado e desejado um dia, depois toda essa vertigem terminara, comprehendiam-se, e não podiam passar um sem outro... Em todas as horas passadas juntas, uma sensibilidade amarrava-os, e cada um, o olhar posto no passado, sem uma luz fulgindo no futuro, eram obrigados a gozar a felicidade triste das dôres ha muito morta, sustentando-se com esse fel, embriagando-se com esse vinho amargoso da saudade, uma grande saudade pelos momentos de amargura, e os dois tinham consigo um novo amor, o unico amor que lhes era dado possuir, a triste e pallida companheira de melancholia...

Elle precisava de uma doce bondade, confiante e ingenua, pura, santa, virtuosa, para poder ainda levantar os olhos e renunciar á amargura... e não era essa mulher maldosa, impura, desgraçada, sem fé, sem crenças, sem esperanças, essa mulher pensativa, que caminhava para a morte fazendo amor, que caminhava para «amanhã» cantando coisas

lubricas, a alma já na cova, á espera d'ella, não era essa mulher, desenganada e incredula, pervertida e invulneravel ao amor, essa mulher coberta por cem homens, que podia baptisar o seu coração de vinte annos e dizer-lhe com toda a alma nos labios e toda a esperança nos olhos:—Tem fé, caminha!...

E nenhum dos dois tinha a coragem de fazer aquella confidencia. Ella deixava-se ir, na mortal indifferença que toda a mulher da sua vida sente em si; elle, que a tinha idolatrado um dia, como um doido, como um beato sentia apagam-se um a um os cirios d'esse altar, ao cimo do qual a erguera arrecamada de toda a sua fantasia, coroada com todas as suas esperanças, divina e immensa, calcando aos pés o mundo como a Virgem calca a serpente do Mal sob a sandalia de prata... O Te-Deum acabava em funeral, e ella, não podendo ser a sua vida era ainda a sua morte. Vivia com ella como o defunto no caixão, e apaixonava-se pelo seu soffrimento, como se teria apaixonado pela vida... Era um poema acabando n'um pezadello.. Fôra uma gopiarra cavada sem um só diamante ao fundoda valla.

Mas que fazer agora? Um desanimo atavalle a vontade, e depois de se ter confessado essa miseria toda, parecia-lhe ainda uma consolação ter perto de si essa mulher, que lhe deixára no intimo uma paixão, desligada já do objecto, mas illuminando ainda, como luar, como sombra do sol, a noite obscura e tenebrosa da sua grande magoa...

Que fazer?... Que fazer?... Que fazer?



VII

Honorina, quando só, ia para os quartos das amigas, conversar. A's vezes passava horas fechada com a Emilia... Deitavam-se fumando, os beijos cahiam das boccas, sem querer, Honorina então tremia, arrancava o «peignoir», a saia e a camisa, despia a companhia, mordia-lhe os peitos, enfurecia-se de lascivia, deixava-se beijar toda, torcendo-se sob as caricias dos labios viciosos da amiga, entregando-se como uma deusa, os dentes a bater, as mãos no ar, delirante medonha...

Ficava abatida, os olhos quebrados, prostrada, enojada por fim, nervosa, tonta, como uma bebedeira... e quando Edmundo chegava, á noite, era preciso leval-a a passear; ella abafava, tinha ancias, arrancava os colchetes, quebrava as unhas, tratava-o mal, imperiosa, com palavras duras, humilhando-o com o olhar, irascivel á menor coisa... Mas sempre havia um beijo, um arrependimento mudo, um grande suspiro, com que ella agradecia a Edmundo o carinho humilde e piedoso com que elle a tolerava assim má, injusta e ingrata...

Não fazia tudo aquillo de proposito, era o genio, era a desgraça, todo o fel que a enso-

pava e lhe vinha de quando em vez aos lábios...

Edmundo curvava-se. Tinham sempre disputas antes de se deitar. A voz d'ella injuriava-o, insultava-o. Elle calava-se, aturava-lhe o desprezo, a insolencia, habituado ao martyrio, sem forças para reagir.

E' que entre dois amantes ha momentos ignorados por todos, em que se pagam e esquecem esses instantes de ultraje e dôr...

Quantas vezes, depois de tres horas de colera, depois dessas scenas odiosas, aquellas duas cabeças se não juntavam, aquellas duas boccas se não uniam em juramentos beijados, e esses dois corações, soltos enfim, batiam lado a lado, no seu secreto dialogo de aves moribundas!...

— Edmundo! meu pobre Edmundo!

Isso bastava para o consolar. O mundo devia ter feito soffrer muito essa mulher, para se ter tornado tão má e tão injusta ..

Quando chegaria a vez d'elle? a sua vez de cuspir ultrages a toda a caridade, de blasphemar sobre as coisas mais santas, de ser hereje de alma como aquella miseravel creatura? Sabia bem que esse dia chegaria para elle, implacavel. Porque ella arrependia-se sempre, e de entre toda a perversidade do seu coração, grande de mais para um corpo tão indigno, como n'uma fogueira apagada, chammejavam ainda sob a cinza algumas brazas ardentes. Tinha minutos de uma paixão amorosa e intensissima, com palavras de uma piedade santa, palavras que elle dizia

como nos tempos felizes da pobreza e da virgindade, como se fosse a fugitiva e doce sombra do seu passado que agradecesse ao ceu.

— E' só para soffrer que estás perto de mim...

E os seus labios apagavam tudo, como o vento arrasta para longe os miasmas e as pestes...

Entre as tormentas, havia sempre umas horas de sol, luminosas e quentes. Honorina arrependida tornava-se compassiva e meiga como uma creança... Não era senão ternura e adoração... Uma infantilidade, como uma luz vertida d'esse passado puro que tem toda a mulher por mais pervertida que se haja tornado, envolvia-a, inundava-a, vagia nas suas fallas, como uma borboleta branca n'uma flor fenecida. N'essas horas ella parecia uma noiva sahida da egreja, os seus olhos eram macios, humidos, como duas lagrimas que tivessem o poder da vista... Eram horas felizes; não é dessas que é preciso fallar...

Edmundo debatia-se entre uma chimera e uma realidade. Cada um d'elles desejava e exigia o impossivel. Para ella era demasiado tarde, e para elle, pela primeira vez doidamente fascinado, não havia esperanças já de amor, um amor que fosse acima de todos os amores, que fosse ao mesmo tempo um delirio e um culto... Passava o tempo a tentar a escalada dos ceus e a cair na lama... Quando se esquecia da hora antecedente, os minutos apressavam a sua hora futura... Quando se sentia renascer feliz e estendia os

braços, um riso acabrunhava-o de novo. Mal o tinha feito sorrir ella fazia-o logo chorar. Ambos porém estremeciam as sinistras e pesadas cadeias que amarravam ás suas duas viças ao pelourinho da dôr, e as horas de serenidade pareciam-lhe sempre mais doces do que as más lhes tinham parecido amargas.

Edmundo curvava a cabeça e pensava em Deus.

Aquella mulher tinha razão de ser assim. Envenenem uma hostia consagrada e a religião terá mentido aos olhos cegos dos homens. N'essa comunhão de morte com o corpo dô Salvador a humanidade rirá das potestades divinas.

Edmundo via em tudo flammejar o relampago sacro dos destinos, guiados pelo sobrenatural. Os homens escondiam a face nas mãos para não ver a luz e commeter os crimes... As leis desculpavam as infamias e puniam as resultantes da sorte, esse invisível medonho creado pelos homens para fazer face ao destino.

O Ceará agonisa esfomeado. Um homem vende ao Estado saccos de cal como farinha. Os esfomeados agonizam, o homem torna-se banqueiro. E' o mundo.

Materialisa-se a alma para mascarar o crime de a haverem esganado de traição. Quando uma d'essas pobres almas estranguladas geme, o mundo immundo volta a cara e a sociedade ri. A alma são as conveniencias...

Sim, aquella pobre mulher tinha razão de

ser assim... Os seus olhos de creança viram o pae trazido ensanguentado para casa, com um tiro no peito... viu a mãe chorar de fome e entregou-se ás promessas dos homens que lhe ferraram na frente o stygma de ultima, que lhe roubaram o seu sagrado direito de ser mãe, que a expulsaram para sempre da familia, do amor, e depois do estupro de uma alma e da violação de um corpo, lhe deixaram um pouco de dinheiro á cabeceira, o preciso para não morrer enquanto a ferida não cicatrizasse, e um outro não viesse arreganhal-a de novo, infamemente...

Tudo perdido e sem remedio, os olhos d'essa victima deviam cahir furiosos sobre o mundo, com um clarão de vingança, uma chama que dir-se-hia o desejava incendiar inteiro.

Ah! sim, o veneno dos homens envenenava até as hostias do altar...

Uma vez contaminada uma alma, fujam d'ella, é como a vermina. Agarrem um animal bravo e não tenham cuidado... Os seus dentes vingam-se.

O coração é um thuribulo; se o enchem de materias feaes, quando se lhe pega fogo é uma fumaça de peste que rompe dos talhos... Um homem na tortura vocifera, geme, chora... Uma creatura que respira desgraça só pôde exalar dôr e soffrimento.

Edmundo comprehendia essas coisas. Tinha para Honorina a caridade de um enfermeiro. Aceitava-a assim mesmo,

Nos olhos ciumentos de Emilia advinhava

a razão dos abatimentos e prostrações da amante, e muito no intimo, admirava-a, assim impura e infernal, quebrando as leis da natureza, viciosa, admiravel, gosando as mulheres, ella que era mulher...

De todo o seu corpo terrivel de serpente, uma fascinação rebentava como o perfume de um calyce venenoso de flôr tropical.

A côr da pelle, quente e macia, da côr fulva do bronze e dos felinos, os cabellos sedosos e negros como um abysmo, os olhos ensopados n'um fluido que arrastava, os seus modos de bacchante languida, as suas ventas de gata brava, a bocca vermelha, tinta de sangue de tantos corações trincados nos seus dentes, tudo n'ella participava d'esse poder magnetico das cobras, que attrahem os passaros, tudo n'ella era uma acre bebedeira de carne que lembrava o peccado a quem a respirasse...

Edmundo tinha a certeza que elle lhe tinha sido fiel até esse momento, mas temia sentir um dia na treva um rival.

A sua melancholia, a sua passividade, não era isso que podia servir á mulher que ella era, indifferent, bravia, dominante e nervosa.

Nos braços de um outro homem ella esquecia mais o desastre da vida, o exterior da alma...

Por isso Edmundo entrou a desconfiar de um rapaz turco, moreno e de olhos escuros, com quem muitas vezes a encontrava a fallar,

debruçada na varanda... Pouco a pouco essa intimidade foi crescendo, já se tratavam por « tú ».

Um dia ouviu-lhes um farrapode conversa.

Com um ar cynico, d'esses que convem ao homem ostentar deante essa qualidade de mulheres, contava-lhe com uma calma de musulmano o que fazia á amante, quando desconfiava d'ella Era simples. Ajoelhava-a, prendia-lhe os cabellos n'uma gaveta, tirava a chave e a escrava esperava de joelhos, sem se poder mover.

Mas o homem que fallava assim tinha uma dessas physionomias que parecem estar sempre a pedir desculpa. Um desses typos de que uma mulher pode gostar por duas horas mas que nunca serão amados por creatura alguma.

O seu credo de paixão era a pancada, femea batida era femea presa.

Edmundo perguntou a Honorina quem era esse homem.

— Um jogador, um rapaz muito fino...

— Pareceu-me grosseiro fallando-te nas mulheres a quem esbofeteava...

— Ouviste? perguntou ella inquieta.

Edmundo notou o seu franzir nervoso de beiços, disse que sim, e começou a espial-a. Vinha de dia sem proposito, para vêr se ella estava sosinha.

Honorina comprehendeu

A sua inexperiencia excitou a curiosidade pervertida da mulher.

Ainda não tinha pensado em enganar-o mas de então essa idéa sorriu-lhe.

Lassa de todos os carinhos e de toda a cruel humildade de Edmundo, Honorina estremeceu pensando n'um homem que a calcasse sobre o tacho...

Uma noite Edmundo veio mais cedo, às seis horas e meia. Encontrou a porta do quarto fechada:

Perguntou ao criado, um hespanhol que servia de porteiro, um pobre homem que entrava no quarto trazendo um licôr, metia as mãos no bolso e contava a sua vida, falando da mulher e dos filhos, distante d'elle, lá em Vigo...

— Sahu, Romão ?

— Sim senhor...

— Sosinha ?

— Não senhor, com um moço, esse que vem ahí às vezes...

Edmundo não perguntou mais nada. Tinha ouvido rumor no quarto. Desceu de novo as escadas, entrou no restaurante, sentou-se a uma meza.

Estava fraco, fez o possível por comer. Depois de duas colheres de sopa pediu o peixe e não tocou sequer n'elle. Sentia as faces a escaldar e tremiam-lhe as mãos.

Voltou-se na cadeira para apanhar o guardanapo cahido. Honorina estava sentada a uma meza do fundo, jantando com Leão Absali.

Ferrando as mãos fechadas, Edmundo pensou em tirar a desforra de todo aquelle tempo de vergonha, humilhado aos pés de uma mulher da vida, de uma mulata, de uma mulher

á tóa, arrastando por todo o hotel o descaro de se deixar insultar dia a dia por essa cabra, que se sentava á meza com um outro, na sua cara, á frente de todos, rindo-se talvez d'elle com esse typo, contando-lhe as suas baixesas, toda a historia torpe da sua amigação, em que a mulher fazia de homem e o homem de mulher.

Via agora em todas as caras um sorriso de troça... Os creados olhavam-'o, esses creados, testemunhas das suas scenas humilhantes com essa mulher, que agora lhe cuspia na cara, agradecida...

E entre essa nuvem vermelha, de todo esse entulho, a imagem da mãe, triste, compassiva, austera, de cabellos brancos e toda de luto, surgiu ante elle... Debaixo de toda aquella lama que lhe entupia o coração, a imagem santa reaparecia, como Christo depois dos tres dias...

Bebeu o vinho n'um trago, mais calmo.

Ia-se embora, d'alli... Dava-lhe vontade de escarrar, com nojo de si proprio... Rangia os dentes, enraivado de ter sido tão creança, tão ingenuo por tanto tempo...

Sacrificios, carinhos, perdões, todo esse amor tão grande que lhe dera, com as illusões e as esperanças e as ambições da sua vida, toda essa outorga de si proprio, e vae a cabra ri-se d'elle e chega o ventre a um outro, quasi á sua vista...

Lembrou-se de que na vespera lhe pedira trinta mil reis para pagar um carro. Tinha pago as contas, estava com pouco dinheiro no bolso.

Tirou então os trinta mil reis, desdobrou-os, poz o chapéu e levantou-se da meza.

Approximou-se de Honorina.

— O cavalheiro dá licença?...

— Pois não..., disse o turco, arrastando uma cadeira.

Edmundo estava pallido e tremulo.

A amante olhava-o, de pé, com as notas embrulhadas na mão.

— Ah! tem | e atirou-lh'as no prato, á vista do outro...

Ficou um minuto de pé, esperando uma bofetada que não veio.

Honorina cravava os dentes brancos nos beiços. Edmundo virou costas, sahiu.

Andava pela rua como um bebedor, fallando só... Um homem deu-lhe um encontrão, que quasi o fez cahir. Já tão absorto, tão afflicto, que nem se voltou. Parecia-lhe ver os bonds e os tilburys encaminharem-se todos para elle, quasi a esmagal-o.

Quando socegou mais, ergueu a cabeça : estava na rua 1.º de Março. Só então reparou que chuviscava. As calçadas estavam todas molhadas. Tinha os pés humidos. Tinha a face coberta de suor, doia-lhe o peito. Encostou-se ás grades do Carmo para tossir.

A dois passos era a casa do Julião... Havia um mez que lá não ia... Pensou em vel-o, mas chegando a meio do largo do Paço parou ainda, voltando costas... Lembrava-se que tinha por alli passado uma noite com ella, vindo de Nictheroy... Sentiu vontade de chorar... Mais do que nunca percebeu a agonia

de toda a sua alma. Teve frio, achou-se sósi-
nho, debaixo de um candieiro. Lembrava-se
de um homem a estorcer-se, rasgando se, sob
aquella mesma luz de gaz..., e ainda uma vez
pensou em ir ter com Julião..., mas estacou a
meio do caminho, como da primeira vez.

Tentava sorrir de toda a sua afflicção. Uma
mulher, grande perca ! Havia tantas mulhe-
res !

E emfim todas eram a mesma coisa. A
mesma pelle...

Mas amava-a, amava-a muito... Amor...
porque amor ?

Por essa coisa com que se fazem tambo-
res ?... O que elle amava n'ella era a pelle da
mulher ! Era pelo menos aquillo que elle bei-
java... Que sentimentos queria elle que tivesse
a pelle de uma mulher ?

Sob ella havia as entranhas, as tripas, os
pulmões, o basseto, o figado, e essa posta de
sangue coalhado, o coração... Que pretendia
elle de toda aquella immundice ? Pensava tal-
vez que toda aquella fressura que recheiava
as formas da amante o havia de amar ? Pen-
sara estar compondo uma dolorosa poesia em
todo aquelle templo de immundice e torpeza...
Tinha architectado um poema, ia rimando a sua
humilhação com o desprezo de uma prosti-
tuta, ia fazendo versos dolorosos com hemis-
tichios de alegria.. Era muito lyrico e muito
sentimental, esse poema... Fallava-se mal do
mundo, trocavam-se beijos, insultos, phrases
de bordel e canticos de d'egreja, acarinhava-
se a femea e esquecia-se a mãe... Ah ! um

idyllo bem trabalhado, bem sentido... Hero e Leandro n'um mar de lama, Daphins e Chloé n'um hotel de mulheres...

E Edmundo sorria dolorosamente.

Mas era bem amargo, era bem triste vêr tanto sonho, tanta mocidade, tanta loucura e tanto soffrimento apodrecer como um monte d'esterco... Em toda essa porcaria estava a sua alma... Todo aquelle cynismo se voltava contra si... Era melhor que não pensasse mais n'isso; martyrisar-se julgando curar-se, era imitar o gamo que arranca a perna com os dentes para se livrar do laço, era fechar os olhos enterrando nas orbitas dois punhaes...

Agora mais experimentado, os seus labios ainda amargos d'aquella bocca perfida, não se iriam pousar com tanta embriaguez na bocca das mulheres.

O passaro uma vez cahindo no laço não se deixa prender tão facilmente, recuperando de novo a liberdade.

Tinham sido dois mezes bem mal gastos, em que se havia esbanjado muita illusão e muito engano, mas tudo tinha remedio...

Dois mezes arrastados de joelhos, dois mezes adorando e soffrendo..., que lhe restava ainda para dar? Com outra seria preciso recomeçar ainda, desesperar ainda e sempre... A cada amor seria abrir uma cova a mil esforços inuteis... Era desesperante fazer do coração o coveiro da sua propria sepultura.

Tinha lido uma vez que no Oriente obrigam o condemnado a abrir a valla; depois

decependo-lhe a cabeça empurram o corpo. Elle vinha de soffrer esse supplicio. Levava dois mezes a arranhar-se com as unhas, abrindo a cova, depois uma mulher tinha-lhe atirado ao fundo na sua propria alma, e elle agora chorava sobre o jazigo de tanta illusão morta, de tanto soffrer perdido...

Ah! não, não tinha perdido coisa alguma. Tinha amado como lhe ordenava a mocidade, tinha pago o seu tributo ao Idéal. De tudo aquillo restava uma saudade a mais... A vida é mesmo assim. Antes da suprema agonia na cruz o homem cahe por vezes no caminho, ao peso do madeiro. O filho de Deus, crucificado no Calvario ensinára os homens. Cada um leva ás costas o seu instrumento de supplicio, a vida..., leva-a até ao lugar da execução e crucifica-se n'ella... A vida era a mais falsa das amantes; uma creatura soffre durante annos por causa della e um dia vê agonisante que ella vae-se embora... Tinha das mulheres o femenino, era o quanto bastava para a desculpar. .

Emquanto a si, tirava respeitosaemente o chapéo ao destino. Quem entrára no mundo baptisado com lagrimas, era natural o sagrar-se na desesperança e morrer na duvida, que é a mais terrivel das mortes... Ia seguindo os «passos» da Paixão... Excusava bem a Maria Magdalena para os seus derradeiros momentos, mas a mãe?... conceder-lhe-hia Deus o consolo de a ver chorar aos pés da sua cruz?...

Parou, porque ia andando sempre. Estava

defronte de uma casa de jogo. Alguem que ia entrando parou tambem para accender um cigarro. Reconheceu-o. Era o musico, o Flavio Reis, o compositor do «Nero», poema symphonico, e organista da cathedral.

Edmundo começou a olhar as janellas d'essa casa onde se aventura dinheiro no tapete verde... A vida era tambem uma banca de jogo. O roleteiro é a sorte... E aquelle desgraçado ia jogar? Não lhe bastavam as emoções sentidas a cada transe da sua pobre vida de infortunio?

Então, no silencio da noite ergueram-se as plangencias de um piano.

O artista tocava Chopin para distrahir os ficheiros...

Eh! murmurou Edmundo, ainda ha gente mais infeliz do que eu! Elle vae ganhar uns dez ou vinte mil réis em calcar umas teclas toda a noite, eu sou bem mais feliz, perdi uma amante... Elle, coitado, anda a vender a peso o seu unico amor, a arte!...

E continuou a caminhar... Entrou no largo do Rocio, e espantou-se de se ver alli, a dois passos do hotel, a dois passos della...

Foi ao «Recreio». Pareceu-lhe ser ainda o «Tim Tim», o que cantavam lá embaixo, entre aquelles pannos de lona.

Aborreceu-se. No tempo do Dias Braga aquillo era melhor. Havia um 2º secretario baixinho, meio calvo, que fallava em magicas, em revistas, contava enredos, expunha planos de tragedia, em que a Delorme tinha o papel de repolho e o Dias Braga por força o

de caixa de rapé... Como diabo se chamava esse 2º secretario? Auctor da «Fada de Diamantes», do «D. Pacheco», drama historico em redondilhas, pois não!...

Tinha talento, foi pena esse homem não ter começado mais cedo, quando o grande Arthur traduzia Molière, e o Furtado Coelho ainda não era pobre, e tinha bôa mulher... Coitado! quem o havia de dizer capaz aqui ha uns trinta annos, de escrever livros só para homens, para não morrer muito desgraçado, n'uma enxerga!?... O actor tem essa má sina comsigo, leva a vida a vestir casaca e a figurar de duque, arrastando ouuropeis e declamando de um throno de papelão, para acabar pedinte e sem vintem para o enterro, o que é mais triste...

Os bons tempos em que Furtado Coelho dava espetaculos em beneficio de casas de caridade!... Hoje rõe as coroas de louros; a esposa está longe e ainda é bella...

Má vida, a de actor, ducididamente!...

E acabam sempre cornudos, como nascem os bodes... Bastidores é o diabo... Edmundo pensava que, se chegasse a casar, nem um verso de Racine traduzia para o theatro... Demais, elle não fazia falta, alli estava o 2º secretario do Dias Braga, capaz de emendar o «Hamlet» e pôr o «Macbeth» em «vaudeville» com as feiticeiras a dançar lundús, Lady Macbeth entre fogos de bengala n'um maxixe com Macduff, Banquo e Donalbain e ao fim a apothose, um cancan endiabrado, Offenbach na orchestra e gruta ao fundo entre moleques

de joelhos, sob uma chuva de oiro e papeis de côr...

Edmundo tinha bebido cinco calices de cognac, estava tonto.

Chamou uma mulher, perguntou-lhe o nome, convidou-a a tomar alguma coisa.

Dizia-se Sylvia, queria cerveja.

—Onde mora?

—Botafogo...

—Ah! sim, carne cara no bom sitio...

—Não comprehendo...

—Dizia eu que nos açougues ha carne para todos os preços...

—Isso é commigo?

—Não, estava a pensar na ceia.

—Não entendo d'isso...

—Em casa de ferreiro, espeto de pau...

Quanto é?

Edmundo levantou-se, sahiu para a rua e depois de cinco passos encostou-se a um portal, começou a chorar.

As lagrimas embriagaram-o de todo. Encaminhou-se para o hotel, bateu á porta do quarto de Honorina. Ella veio abrir.

—Que me quer o senhor?

—Saber quantas bofetadas levou já do seu amante...

—Não tenho amante... já tive.

Edmundo viu-a fazer um esforço inaudito para pronunciar aquellas palavras.

Olhou-a fixamente...

—Não posso fallar-lhe mais tempo, espero alguém.

Honorina aparou com o braço a bofetada e recuou deante d'elle.

Edmundo quiz agarrar-lhe os pulsos para a deitar ao chão, como um trapo, mas ella vergou-se, beijando-o, os olhos cheios de lagrimas...

— Toda a mulher sabe chorar quando quer...

E desviou a cara dos beijos, com um movimento brusco.

Ella sentiu então o cheiro de cognac, perseguiu-o com a vista triste, e disse-lhe n'uma voz grave e séria : — Para que bebeste?

— Estou acostumado. Ebrio de ti ou de cognac, é a mesma coisa...

Honorina prendia-se aos braços d'elle, olhando-o sempre.

— Não quero que bebas...

E era tanta a tristeza d'aquella falla, que Edmundo deixou-lhe os pulsos e fitou-a bem de face.

— Senta-te... Estás todo molhado...

— Não posso mais, Honorina, tenho de ir..., tudo acabou...

Mas ella prendeu-se-lhe ao pescoço...

Tinha sido uma doudice.. Não se tinha dado a ninguem, jurava... Tinha sido só pelo prazer de o machucar... Se ella o quizesse enganar, escondia-se, elle comprehendia bem.

Edmundo sentia-se na necessidade de acreditar.

— Então juras?

— Pela alma de meu...

— Não, não, por alma de ninguem...

— Como tu foste malvado, grosseiro, estu-

pido..., alli, em frente de todos... Não me podias fazer aquillo a sós?

No olhar d'ella passavam clarões no escuro denso...

Elle accusava-a torcendo-lhe as mãos.

—Por piedade, não digas isso... Andei pelas ruas como um doido, estive chorando a uma esquina... Ah! maldita hora em que eu te vi... Se eu soubesse que era para isto... Que te fiz eu para me quereres tanto mal, para me desprezares tanto? Que te fiz eu para merecer os teus insultos, o teu odio, para me calcares tanto aos pés? Que te fiz eu?

Ella ergueu os olhos humidos, encostou-os quasi aos d'elle.

—E' porque gosto de ti!...

—Que amor! disse elle, arredando a vista dos olhos d'ella, que pisavam.

—E' assim que eu amo...

—Não diz mais nada, não... E' preciso teres a alma bem amarga, bem dolorida, para assim fazeres soffrer os que de ti se aproximam!... E' melhor separarmos-nos .. não me posso livrar de ti, não te quero mais... Parece-me até que era feliz antes de te conhecer...

—Fica! suplicou ella amarrando-o com os braços,

—Para que? somos dois a soffrer...

—Não, não vás embora... Eu sei que tu não vaes...

E as sobranceiras arqueavam-se duramente, o olhar era duro como o aço, os labios brancos. A sua voz socegada em cada syllaba, tinha um não sei que de protectora, de

grave, como se o que ella disesse fosse bem sério, uma coisa de vida ou de morte.

Arrependia-se do que tinha feito..., não imaginara fazel-o padecer tão cruelmente... Esquecesse tudo aquillo, esse dia máo em que ambos tinham soffrido, em que ambos se tinham castigado... Elle insultara-a, fizera-a levantar-se da meza, capaz de o matar... Não devia ter feito aquillo... Era preciso pedir desculpa a esse homem, arrastado na sua affronta grosseira... Era preciso..., sim, devia pedir-lhe desculpa...

Ahl não, tudo mênos isso... Era elle o escarro que tu me cuspias na cara... Outro no lugar d'esse typo tinha-me dado uma bofetada... Mas, tu sabes esses homens que batem em mulheres tem medo dos homens... Falla n'outra coisa, este casten suja-te a bocca e dá-me nauseas...

Honorina escutava-o, carregando as so-brancelhas.

— Edmundo, disse ella, esse homem vai pedir-te uma explicação, na primeira occasião que se encontrar contigo... Foste grosseiro... Foste estúpido... Não foi só a mim que insultaste, injuriaste-o tambem...

Os seus grandes olhos crepitavam, a sua voz tinha uma dolencia commovida ao reprehendê-lo, como a uma creança.

— Somos muito doidos, tanto eu como tu... Precisamos tomar juizo bemzinho, e esquecer o dia de hoje...

Edmundo disse: — Mas tu esperas alguem...

Ella estremeceu, fallou-lhe angustiada, com uma serenidade mentirosa no olhar escuro.

Tinha-o esquecido, julgava que elle não tornasse mais... Que importava depois de sósinha?...

Foi fechar a porta, voltou a sentar-se, atirada sobre elle, mordendo-o silenciosamente, enchendo-lhe a cara de beijos; e um vago sorriso crispava a sua dolorosa bocca, á procura da sua ..

Edmundo deixava-se enterrar docemente na lama... Balbuciava palavras incoherentes, farrapos de vontades diluidas antes de exprimidas, sentia o embriagante perfume da mulher atordoal-o aos poucos, a cabeça cahir-lhe sobre o peito, pesada e cheia de fadiga, e no peito qualquer coisa que tornava a si, em grandes haustos, que serenava, apóz uma agoia horrendamente atroz...

O mundo era assim tão abominavel que elle o trocava por aquella mulher?

Desesperava assim de tudo para ter voltado, sem coragem, sem fé, sem forças?

No momento em que palpara todo o nojento material da vida, quando com os olhos entupidos ainda d'aquelle céu que o deslumbrara, o céu que a sua alma imaginara o seu amor, o seu unico amor, o desgraçado olhara o mundo, uma mulher tinha vindo beber consigo, á sua meza, tinha-lhe dito o nome e ia entregar-lhe o corpo, a porcaria, ia abrir-lhe as pernas, por uns papeis com que a sociedade compra o character, a honra, a virtude, o orgulho, a infamia e o pão...

N'aquelles minutos de vida enfrentara logo o vicio á procura do dinheiro, percebera ainda toda a crueldade da sorte e todo o esterquilinio do mundo, injusto e prostituido.

Não pudera mais, sahira da latrina de olhos fechados, escondendo as vistas nas mãos. Por os ratos preferirem a podridão ao perfume, não se seguia que elle lhes tivesse os instinctos como os outros... Que importava ser esse perfume uma droga falsificada, impura e venenosa.

Nem por isso tinha menos odôr, nem por isso embriagava menos...

A sociedade só comprehende o amor do umbigo para baixo, elle escalava essa theoria infamante, ia procural-o acima, e sem olhar os castiçaes d'oiro do altar, voltava os olhos para o tópo, onde a alma refulge na sua custodia, entre os esplendores do sonho e do idéal...

Rebaixado, opprimido, abandonado, os seus olhos postos na illusão não veriam o despreso humilhante com que o esmagavam os homens...

Ah! e que importava o despreso dos seres despresiveis?

Lastimava não ser mil vezes mais miseravel para tripudiar com todo o peso da sua ignominia n'esse cisco, n'esse esterco, n'esse mundo nojento, que vivia repudiando Deus e clamando, a face contra terra, para satanaz ouvir melhor, «a alma é materia»!...

E abraçou-se desesperadamente á amante, aconchegou-a bem a si, dizendo-lhe ao ou-

vido :—Mesmo que me tivesses enganado com o outro, ainda te acreditaria mil vezes melhor, mil vezes mais preciosa do que todo o mundo !...

E cravando-a com o olhar onde havia toda a tôrva tristeza de um cemiterio, afogando-se no pantano profundo e negro das suas orbitas immensas, vendo todo um sonho nos seus olhos parados, entregou-se a ella, corpo e alma, como esses martyres mysticos, hypnotisados pela religião do Christo, como esses allucinados que se deixavam esgaçar pelos leões e morder pelas pantheras, nos circos de Roma, entre os applausos do povo e o escarneo das vestaes...

Eh ! o mundo parecia um d'esses amphitheatros, e a sociedade apinhada nas galerias, no podium, nos gradis, entupindo as archibancadas immensas, de polo a polo, rugia de gozo ao ver agonisar na arena os crimi-nosos de ter alma, de ter ideal, de ter fé no invisivel, estraçalhados pelas feras da lei, da justiça, e das conveniencias...

Ria da morte, do supplicio, da tortura, crente mais do que nunca, haver dentro de si uma alma immortal, que as tenazes dos algozes humanos, os instrumentos de supplicio da justiça das gentes, o tronco e as chibatas do mundo, não poderiam nunca torturar...

O desejo era a fascinação, o erguer de azas, da alma... O desejo fazia santos dos ascetas, o desejo batia a envergadura para os

páramos . . . , o desejo era o hypnotismo, era a suggestão, era a precipitação para o sobrenatural, o desejo era a vida e o instincto da alma . . .

A creança, aterrada, sentia todo o impulso do seu sêr interior para o desconhecido, para o mysterio, para o invisivel. . . , e, debruçado sobre a amante, aspirava-lhe nos labios todo o coração, todo o seu fluido de creatura, toda a noite clara da sua pobre alma angustiada, como alguém que respira o perfume de uma flor nascida, crescida e aberta no estrume, sem que tenha perdido por isso o seu aroma...

Das suas ulceras filtravam raios de luz; da medonha «morgue» da sua vida, onde descançavam mortas tantas illusões e tantas esperanças, reinava um silencio de igreja, errava um perfume de altar... e então n'um fanatismo, n'uma loucura, chegou á impiedade de ver a sua alma divina crucificada na carne, chaguenta, ulcerada, apodrecendo, como uma cadella leprenta, como um trapo, gangrenada, esgaçada, em postas, vertendo puz, sangue, materia denegrida, sanguinolenta, nojenta, meia cadaver, soluçando, ganindo, chorando, mas illuminada como uma divindade, espalhando clarões em cada farrapo agonico de dôr, uma alma ulcerada mas divina na sua essencia, como um Deus estorcendo-se na cruz, como um Prometheu amarrado no dorso de uma montanha, de figados arrancados pelo bico do abutre. . .

Via-a, sentia-a, apalpava-a em cada um de seus soffrimentos, que lhe importava o mundo?

Punha-se em cima do idéal, trepava até o cume, chegava as mãos á aboboda celeste, á morada de Deus...

Toda a sua amargura miseravel triumphava... E fôra aquelle amor que abrira-lhe os olhos para as influencias incomprehensiveis, para essa fascinação surda da alma que se arroja, que se arrebatava, que aspira eternamente um desejo, um mysterio, uma sensação extrahumana, um espasmo de sonho, um raio de luz subindo aos ceus como os raios das estrellas descendo á terra...

E patinhava no desconhecido, as carnes mortas, a alma extasiada, murmurando o «Credo quia absurdum», n'uma exasperação, todo fôra do mundo, a diocese da materia, cambaleando no sonho, o arcebispado do ignoto...

E tudo aquillo surgia da miseria, como a santidade da cella do monge...

Se o mundo não levasse a vomitar a alma pela bocca, todo o homem se atordoaria de extases...

Estava ainda deitado em cima da cama, apertando a amante, e consubstanciava n'ella todo o seu sonho de milagre, vendo nos olhos mysteriosos da mulher toda a inexplicavel suggestão do além e da crença suprema...

Honorina tinha sido o archote que lhe tinha allumiado ceus e mundo, perfeição e cahos...

De encontro a ella tinha vindo quebrar a ultima esperanza humana, a derradeira mentira carnal, a ultima illusão e o desengano

final. Nos seus braços tivera ainda um momento de mentira, julgara perceber a felicidade, a alegria da carne, mas a voluptuosidade dos instintos depressa morreu ante a voluptuosidade dos sentidos.

Tinha vindo, chicoteado pela sorte ter aos braços da fêmea, esperançado de lhe encontrar no ventre a compensação do que elle sentia de doloroso na alma. E o ventre da prostituta, repellia-o mas o coração dilacerado da mulher batera de encontro ao seu, segredara-lhe a ignominia do mundo, e esse corpo envilecido tinha sido o pedestal dos seus arroubos, a escada com que tinha assaltado os dominios do sonho e conseguido cravar no ignoto o estandarte do ideal...

Elle amava Honorina como o carcereiro que lhe tinha aberto as portas da masmorra. Fôra esse Satanaz que lhe mostrara o mundo, do cimo da montanha da sua propria desgraça fôra ella que o levara a repetir o que está scripto:—« Não adorarás senão o Eterno, teu Deus! » E a lei de Christo fulgurou na treva:—« A grande conquista faz-se pelo Amor e pela Caridade! »

No seu grande bater de azas para a suprema realização da luz perpetua, á medida que descia do alto a claridade, espalhava-se embaixo uma sombra confiante... A sombra que recortava esse deslumbramento era a certeza, era a verdade era a parte accordada do seu sonho que o fazia acreditar na realidade idealista ; essa sombra, de que não podia prescindir era a mulher...

Em todas as religiões a mulher existe como substancia, é nella que o ideal derrama a sua essencia para que por sua vez ella crie...

Assim o Divino Espirito Santo, a Virgem Maria, Jesus...

A alma humana, a individualidade, é immortal por essencia, e balouça continua e alternadamente entre existencias espirituaes e corporaes. Os seus dois extremos são Deus, o sobrenatural supremo é o amor, o mais profundo ideal da materia.

Tudo aquillo resvalava por si, como uma visão correndo atravez um somno.

A amante pousara a cabeça no seu hombro, deixando-o pensar.

Elle ergueu-se, pallido. Foi abrir a janella. O luar innundava a noite, arrastava-se pelo infinito. N'uma casa junta, ouvia-se um choro de criança...

Honorina veio debruçar-se ao peitoril, aconchegando-se a elle, Edmundo sentia na face a seda perfumada dos seus cabellos.

Estiveram assim por muito tempo, os dois, as mãos dadas, ante a noite de plenilunio.

Depois Edmundo abriu a porta, chamou o creado, pediu Kummel, mandou comprar cigarros...

A porta ficara aberta.

Elle percebia ter sonhado em muita coisa triste, nem se lembrava mais... Havia um circo, vinte mil pessoas berrando, estendendo os braços, enquanto na arena feras rasgavam um rebanho tranquillo e gemebundo de creaturas...

Tinha tornado lentamente á realidade.

Estava beijando uma mulher a quem atirara dinheiro, horas atraz. Insultara-a com o que era d'ella. Essa mulher tinha se mostrado indigna; para a merecer tambem elle se infamara. Essa mulher, ferida no seu orgulho prometera entregar-se a um outro n'aquella noite... Elle comprara-a com a sua vergonha. O interesse venceu. Mais vale um homem aos pés que um homem por cima. O outro tinha compartilhado o seu ultrage; pagava caro as suas caricias, mas elle cobria o lance, dava a dignidade...

Era por isso que estava vendo o luar ao lado della.

O outro ia chegar, encontrava a porta fechada, vinha n'outro dia qualquer, em que a achasse sósinha. Tinha a promessa de Honorrina.

Edmundo olhava-a com raiva.

Quando o creado entrou disse que o senhor Leão estava na sala.

— Vou lá...

— Não, gritou ella, não quero que vás...

O creado, com medo, aventurou um conselho.

— Pódia sahir, elle não o via.

— Quem podia sahir, eu ?

— Depois voltava...

Edmundo percebeu então essas palavras... Aquelle creado vendo-o assim tão indigno, tão rebaixado, tão sem-vergonha, julgara-o capaz de fugir para escapar de uma bofetada, como tinha vindo ainda depois de toda essa

scena immunda do restaurante... Uma acção valia bem a outra.

E foi da bocca de um creado que Edmundo ouviu a voz do mundo, e essa voz tinha razão.

Foi esse para elle o momento mais doloroso d'aquella cruel e indigna historia do seu amor...

Aquelle creado correra-o a ponta-pés...

Edmundo olhou-o longamente, com um sorriso triste. Depois ergueu a cabeça, puchou a amante para a cama, deitou-a para a parede, n'um esforço brutal.

A sua vista queimava. Foi abrir as portas... Sentiu-se homem, sentiu-se ferido. Deu dois passos para o creado, e em voz rouca, de modo a ser ouvido na sala, gritou, os dentes a bater, as mãos enterradas nos bolsos:—Pois elle que venha!...

Durante toda noite não pode dormir... Tinha nos ouvidos o conselho da amante:—fôste grosseiro, fôste estúpido, debes pedir desculpa...

Via-se feito de escarradeira, onde um cafeten e uma femea cuspinhavam... Acabava naquillo todo o seu grande sonho.



VIII

Edmundo amanheceu triste, e abatido. Fallaram os dois por muito tempo, ella e elle..

A's dez horas desceu sosinho, foi sentar-se a um meza do restaurante.

O turco almoçava com um amigo, ao lado.

Edmundo esteve ainda um instante, de olhos fechados, pensando, a mão no gargalo da garrafa de vinho, e tremia. Levantou-se com esforços, desviou a cadeira, encaminhou-se para Leão Absali.

— Queira perdoar-me se inconscientemente o offendi hontem durante o seu jantar... estava exaltado, julguei que insultar uma fêmea era como apedrejar um cão vadio e sem dono.

Sei que tinha pensado em pedir-me uma explicação... Como vê apresso-me em vir eu mesmo dar-lh'a para o poupar desse trabalho. Seria um traço de união bem reles para duas inemisades... Quando me quizer detestar um pouco deve escolher para isso outra causa, outra razão... Estou desculpado, não é assim?

Lastimo, fallou o turco, com esse sorriso que tem os jogadores para os apresentados e para os fazendeiros, lastimo ter-se passado uma scena d'aquellas entre mim e o senhor, a quem eu admiro, um rapaz distincto... um jornalista...

— Agradeço-lhe... Serve-se de almoçar na minha mesa ?

— Oh ! agradeço, estou á espera do café, levanto-me já..

Edmundo virou as costas, evitando os olhares.

Quando Honorina entrou percebeu de longe o que se tinha passado e teve um sorriso mau, uma ardencia nos olhos. Esse sorriso e esse olhar nunca mais a deixaram.

Haviam-se terminado entre os dois as velhas confissões de amor e os longos abraços de desejos. Muitas noites adormeciam sem dar palavras de costas voltadas, cada um pensando em si.

Tinham dialogos brutaes grosseiros, em que se ultrajavam mutuamente quasi todos os dias Edmundo era o primeiro a perdoar e a pedir perdão... Tentavam voltar ao tempo antigo, de adoração mas ambos desanimavam no primeiro beijo. Tinham tripudiado demais em riba da illusão, tinham feito d'ella um trapo, não a apanhavam mais do soalho.

Honorina com o bico do sapato empurra-a para a roupa suja, entre as toalhas...

Não fallaram mais de tal coisa depois desse enterro de cachorro.

Ella tomara uns ares da rua de S. Jorge de cigarro sempre na bocca, fazendo olhos ternos aos machos.

E enquanto Edmundo perdia o amor da amante, Emilia approximava-se, confidente, meiga, amiga... Tinha-se apaixonado, deixando a companheira de praser. Honorina

sentia-se, dizia mal d'ella, com olhos de despreso.

De tão baixo que cahira, Edmundo começou a sentir uma affeição de irmão por essa pobre rapariga tão criança, tão alegre no seu amor tão simples no fundo, tão carinhosa, tão virgem ainda.

— Parece tão feliz, a Emilia !...

A mulher fitava-o, radiosa.

— Parece-me que o Alfredo gosta tanto de mim... Desde que estou com elle, até me esqueci da minha vida, de que sou...

Edmundo apertava-lhe as mãos, a alma torcida de angustia... Tinham a miudo d'essas conversas, ás vezes enfrente ao amigo d'ella um rapaz alto, alegre, forte, um typo antigo, d'esses Phebus de Châteaupers com que sonham as mulheres de romance, um capitão medievo de archeiros, empenachado, de espada a cinta, morrião na cabeça de esporas de oiro nos calcanhares. A pobre creança, que sonhava com os Montmerancy e os Nemours, idealisava, no amante um personagem de aventura, um typo de capa e espada.

Elle jurava e praguejava como um mosqueiteiro, sentava-se nos joelhos como um principe, fingia amar como um Romeu, mandava-a como um rei, e os dois pareciam felizes como dois rouxinões no ninho. Ao lado d'elles, da sua alegria, dos seus idyllios, Edmundo soffria, amarrado á amante, subjogado pelos olhos sinistros e malvados da feiticeira, pela sua bravesa de onça.

Ante as fanfarronadas do amante, Emilia

vergava a cabeça como uma corça, ante os olhos de Honorina, Edmundo tremia como ao ouvir o uivo de uma fêra. Tinha-se habituado vagarosamente a supportar de cara erguida a sua misera vergonha de creança.

Passara a ler livros de cavallaria e de proezas, e de noite, enquanto a mulher dormia, elle admirava-se perdido entre hostes luzidas e radiantes dos cruzados, nas galas orgulhosas da nobreza antiga, da velha arrogancia, da aventura arrojada, entre batalhas, torneios e saraus.

Foi então que se lembrou de continuar um romance começado havia quasi um anno, um livro medieval, em estylo antigo, com grande pompa de phrases, castiças oiro de lei, bem forjado, como uma durindana sahida das mãos de um alfageme de Toledo.

Esse romance, que abria pela partida de el-rei D. Sebastião para a Africa, tinha de feito dois capitulos, mais obra de rascunho que de ultima demão. Edmundo, para se embriagar, releu as paginas da «Jornada de Africa», a epopéa lugubre de Hieromino de Mendonça, um exemplar rarissimo da edição de 1607, trinta annos apenas depois do desastre de Alcacer-Kibir...

Deitou abaixo da estante tudo o que poderia trazer-lhe á vista a magnificencia d'esse tempo de cavalleiros andantes.

Publicou dois trechos d'essa reconstrucção historica n'um hebdomadario litterario da capital... Eram periodos tersos, ricos, rebrilhantes de brocados, tellas d'oiro e prata, te-

cidos de sêda... Viam-se os fidalgos ostentarem saias de damasco, montados em corseis escabreados, corcoveando os galões, balouçando plumas na cabeça. Toda essa mocidade que partia para a guerra, alamarada de oiro, com rebanhos d'escudeiros, pagens, arautos, cavalleriços e sérvos, passava radiante, romantica e descuidosa n'essas paginas luminosas, em que o poeta esquecia as suas dores e o seu luto.

Havia ginetes com opulentissimos jaezes em que só resplandecia o brocatel, o oiro e o veludo, e mancebos que saham de pagens de el-rei para entrar nas hostes de guerra, de gorro, cabellos louros e punhal guardado na escarcella de setim, ao lado da ultima missiva da castellã e as cordas de sobrecellente para a guitarra das serenatas... E eram mais os filtros e gorrões que os capacetes e os elmos, mais as armas com bozantes de prata em campo azul, que as boas coiraças de Milão e as valentes laminas toledanas.

E ao vel-o n'esses periodos, alguem não pensaria em outra coisa que não fosse na escolta de D. Leonor, indo para a caça, com seu sequito farto, pagens, senhores e falcoeiros, cortezãos ladeando o palafrem real, ao soar de charamellas e trinar das esgravatanas de oiro... A Africa era um torneio, a que se ia em galeões empaverados, nas náos venesianas e nas urcas altaneiras, de quilhas e rebordos agaloados, com altares, n'uma festança, sob o esparavel azul dos céos.

Mas todos os seus esforços para continuar

a sua obra foram-se quebrar um a um em frente ao doloroso estado de seu espirito...

Era em vão que os amigos, esses poucos com quem ainda fallava, lhe diziam para trabalhar, o animavam a proseguir.

Um grande desanimo apoderara-se d'elle, implacavel.

Desde uma noite em que ouvira dizer a Luiz Murat, o ter elle conversado com o espirito de Pardal Mallet, por intermedio d'um medium, no Paraná, isso levou-o a estudar o espiritismo, a magia, a sciencia occulta, o thezophismo, a mystagogia, o satanismo. Desanimou a meio do caminho, deixou de ler para continuar a sonhar.

Percebia bem que ao fim de toda essa imundice de positivismo, de materealismo, de scepticismo, a humanidade tendia mais que nunca ao seu ignoto, ao occulto, ao mysterio. O satanismo não era mais do que o mysticismo deste fim do seculo. Na idade média havia uma tensão para a luz, agora para a tréva.

E afinal, ao cabo de uns vinte livros devorados, Edmundo parara ante o portal miraculoso do Mysterio de Eleusis... Toda a sua secreta maneira de pensar estava alli intacta e maravilhosamente exposta. A vida é a sombra, a morte é a luz... Eis o grande principio de iniciação. O dogma, esse hieroglypho divino, decifrava-se... O artista envolvia-se em toda essa soberba loucura do desconhecido, a nevrose cravava esporas no seu espirito desmantelado, Edmundo perdia-se no longiquo, retrocedia sem se affastar assim do

mundo, indo e vindo, sem um instante de quietação e de calmo pensar, balouçando entre o que foi e o que hade vir, como a pen-dula de um relógio de parede.

E mais a mais sentia em redor todas as almas prestes a naufragar n'um mar de tormenta a sagrada barca do espirito virar no dorso das ondas furiosas, e não haver um Christo que fizesse parar a tempestade, estirando as mãos ao ceu...

Não vira elle Coelho Netto tremer todo por ter cahido um quadro da parede no instante em que se pronunciava o nome do Pardal Mallet?

E Aluizio de Azevedo, o realista, jurar que tinha ouvido de noite a voz do finado compa-nheiro, do grande irmão, do grande amigo?

Ao menos d'essa noite em que se debatião os homens, rebentaria a aurora! Abrir-se-hia um dia o calyce d'essa flôr mysteriosa, a que chamam sobrenatural?

Quem sabe se para adiantar o desabrocho d'essas petalas implacavelmente cerradas, d'essa flôr definitivamente em botão, é que a humanidade se reduz cada vez mais a esterco? Seria o espirito a epycloyde da natureza?

Tudo o que era duvida acabara a seus olhos. Acreditava, procurando a solução...

Que tudo apodrecia era palpavel... Os vicios cravejam os homens.

Na rua de S. J. existiam duas casas de pederastia, no largo do Rocio bastava accen-der tres phosphoros... Floristas de dez annos piscamos olhitos aos homens, no jardim dos

theatros... Nos collegios a devassidão grunhe n'uma precocidade atroz. Do primeiro ao ultimo são uma só latrina. A mãe que á noite beija o filho vindo de aprender o A. B. C. mal sabe a pobre mãe, que está beijando ás vezes um anjo todo escarrado d'infamia... As mulheres praticam o saphysmo, desde as condessas ás cosinheiras...

No hospicio de alienados, em S. Paulo, n'aquelle lugubre casarão atulhado de doidos, morreu ha uns dois annos uma pobre mulher, vendedeira de hortaliças no mercado, que tinha a monomania da fressura... Coibiçava todas as loucas, beijava-as, era preciso vestil-a com camisa de forças para que a tribade não se atirasse ás companheiras, como uma féra. Essa mulher era virgem, tinha trinta e oito annos, nunca conhe-cera homem na sua vida.

O seu vicio sensual era satisfeito pelo onanismo e pelo saphysmo, e não sabia lér!... Nunca estremecera com as paginas de « Mephistophela » de Catulle Mendes, — da « Fille aux yeux d'Or » de Balzac, — « Mlle. de Mau-pim » de Theophile Gautier, — do « Monsieur Anguste » de Mery, — da « Nana », do « Charlot s'amuse », nunca, nunca...

Oh ! instincto da depravação, oh ! degenerescencia das raças, o que escondes tu n'esses olhos d'encanto n'essas virgens cobertas de sedas e brilhantes, que ouvem as musicas de Wagner e sabem lér francez ? !...

Elle d'antes duvidara d'essas monstruosidades sexuaes de que fallam os medicos de

hoje, julgara uma « mise-en-scene » d'inferno a « Prostituion Fin de Siécle » de Leo Taxil, mas agora não... Sabia da bocca de uma mulher que no Rio havia homens que pagavam para que ella lhe mijasse na bocca!...

Punham-se de quatro patase gozavam, os monstros! com tamanho absurdo e contra-senso!...

E depois, se ha uma inversão sexual na generalidade das mulheres, em Honorina por exemplo, era ou não para acreditar que tal nojo existisse no outro sexo?...

A Augusta « Vagabunda », a Carmen, a Xica « Polca », a Susana, a Peruana, todas essas mulheres que não escondem os seus vicios, os faziam triumphar a cada passo, confessando-os... E a Pepa Ruiz, que namora mulheres, lhes faz côrte, promessas, juramentos, e se apaixona por um seio bem redondo e um artello de estatua antiga?

Illusão? fantasia, toda essa immundicie a ver a luz do sol? Chimera, tanta realidade abstracta?

Não se tinha visto um ministro, banqueiro de casa de roleta?

Eh! muita infamia! Os bons são que sabem esconder, nada mais!

Tanta carne e tanto materialismo já cheirava mal!...

Quando havia a terra de comer todo aquelle estrume para vêr ao menos se elle podia apressar a germinação do ideal supremo? Pois não é verdade que se estrutavam os amores perfectos? os cravos? as violetas?

E já que via tudo pôdre, supportava com mais resignação aquella sua vida. Ao menos não fazia mal aos outros !

Era bem possível que em Honorina a sua maldade fosse o resultado impotente de seu espirito acanhado de mulher ignorante para romper as carnes e precipitar-se no ideal!... Tinham-lhe cortado as azas, por isso o seu esforço constante e inaudito fazia chapinhar a lama em que se debatia...

« Quem seria capaz de dizer que não » ? .

Ah ! elle não andava sonhando accordado, não ! Ao deixar-se ainda levar por essa creaturã tão doce e tão terrível, por continuar a abdicar-se a essa mulher tão mysteriosa e tão languida, não fechava com isso os olhos.

Sentia porém o irreparavel d'aquella ligação, conservava ainda a volupia de se chegar a essa mulher, de olhos de noite incendiada, de treva arranhada de labaredas e sentir enroscarem-se ao seu pescoço os seus braços de cobra, macios e mornos, como bichos da seda, a roçar-lhe a pelle... Ante o seu porte melancolico e ardente, o seu ar impaciente e nervoso de felino, o seu sorriso de enyigma a mostrar dentes de tigre novo, Edmundo sentia-lhe escorregar-lhe um tremor no sangue e possuia de joelhos, como um mago no sacrificio da Kabbala...

Quanto mais cruel e malvada se fazia, mais elle se prendia indissolvelmente a ella... Passavam dias sem se desejarem, ferindo-se..., mas uma noite curavam as cha-

gas n'um delirio, embebiam o ressentimento no opio de um espasmo, e mesmo assim era boa, dulçorosa, entregando-se sempre com o estupro de um prazer ainda não sentido.

Edmundo consentia a jantar entre ella e o turco, desconfiando muito que o casten mordesse no mesmo fructo que elle, mas tentando convencer-se ainda do contrario, falta de provas, por mais que espiasse... O jogador tinha o seu interesse tambem empenhado em demorar quanto possivel a conquista... Na meza de Edmundo bebiam-se vinhos caros, licores exquesitos... Havia uma voz de mulher, doce e meiga entre o tinir das taças e dos calices... Edmundo fazia um papel de Gil Blas de Santilhana na hospedaria de Penafôr, mas transformava-se gozando mesmo aquelle seu logar d'amphitrião e espiando o hospede entre dois tragos de «Sauterne»... Deixava-o fallar das mulheres em que batia, achava graça, nunca lhe perguntara pela vida, por instincto de repugnancia, 'acceitando-o tal como elle era, falso, vil, bohemio de casas de tavolagem, vivendo em casas de mulheres, sem dinheiro quando ellas não lh'o davam, e dando-se ares com tudo isso de um addido d'embaixada do sultão, « poses de blasé », vestindo bem, torcendo o braço, encostando-se na cadeira como um pachá e escondendo a face de capoeira na cava do collete.

Desprezava-o, e esse desprezo escondia-lhe muita pequena cousa. Tolerava-lhe as intimidades com a amante e pagava sempre, como um principe que recebe os seus hospedes.

Tinha ás vezes curiosidade de saber como esse typo viera de Constantinopla ter ao Rio, sem mãos tatuadas de azul e bahu de armário ás costas feito mascate...

Ouvia resmungar que era um patife, mas podia ser bem um infeliz. A bocca do mundo mente tanto...

Tinham-lhe fallado de uma historia complicada entre elle e uma tal Sara, enteada da Rizza... A tal scena dos cabellos dentro da gaveta parecia verdadeira, mas para ganhar-se a vida faz-se tanta coisa!... Ser um maque-reau honesto é já ser alguém n'esta pocilga!...

Era preciso contentar os caprichos de Honorina, que diabo ?

O turco bebiapor dois, mas embriagava-se poucas vezes... Engulia os desejos libertinos na sua frente, podia-os contentar pelas suas costas, mas mostrava-se-lhes nojento de mais esse coito de meretriz com rufião, não acreditava n'elle. A amante, nos grandes momentos de expansão e carinhos tinha fallas despreziveis para o pobre subdito de Sua Grandeza o Sultão da Turquia, isso acabava de convencer o Edmundo que toda a mascarada não escondia nada de ignobil e inaceitavel.

Até que um dia pareceu-lhe ouvir um beijo na janella, onde os dois, Honorina e Leão estavam debruçados. Voltou-se. mas, viu-os tão socegados, tão distrahidos, a fallar de coisa tão prosaicas!...

Talvez não fosse beijo...

E toda a noite levou a pensar dolorosamente no escuro...

Podia bem ser que fosse..., podia bem ser,
podia bem..., podia, sim.....

Honorina andava doente. Soffria dôres de cabeça, no alto..., umas dôres crueis. Tinha vontade de vomitar, um bôlo na garganta, a angustial-a.

Edmundo perguntou mesmo ao Julião, que lhe disse ser hysteria. Dera-lhe conselhos, duas horas de maximas, sem citações latinas mas coisas difficeis de comprehender, uns termos medicos de arripiar os cabellos...

Vendo-a assim doente e abatida, Edmundo começou a tratar a amante com os carinhos de um enfermeiro...

Foi-lhe tomando de nôvo um grande amor passional, terno, abdicado, todo de meiguice, illusão, ternuras de romances á 1830. Accudiu-lhe um ciume atroz, uma raiva pelo outro, que vinha trazer consolos e arrastar no quarto da doente os seus modos de Schâ da Persia crapuloso... E quando Honorina olhava o turco com a iuz quebrada e nevoenta dos olhos pretos, erguendo as pestanas, Edmundo crispava as mãos de odio na coberta ou nas roupas.

Dava-lhe vontade de o pôr fóra, como um cão.

O seu coração de lazaro confrangia-se todo, sentindo aquella sombra seguil-o atraz do seu egoismo de paixão.

Lembrava-se do beijo, chegava a comepnetrar-se de que Honorina o enganara... E

via-os, os dois, ella núa como uma cabra, elle por cima, mordendo-a passeando os beijos por aquella bocca, aquellas faces, aquellas palpebras, aquellos cabellos...

Via-a quebrar os rins debaixo do turco, os olhos tremulos, as pestanas palpitantes, os labios abertos para esses farrapos celestos de alma que vêm aos dentes, no delirio do espasmo...

E de noite, agarrando nas mãos da amante adormecida, encostando as fontes ás d'ella, na treva, procurava suggestionar aquelle somno, forçal-o a desvendar segredos escondidos naquelle corpo...

A imaginação dava-lhe respostas, sempre contradictorias; o oraculo desmentia-sea cada instante, e Edmundo julgava ás vezes ser verdade, que o hypnotismo emfim fallara...

Aquella nigromancia infantil desesperava-o ainda mais..., porque chegou a perceber-se como um dominante n'ella... Pousando-lhe as mãos, de leve, n'um braço ou n'um seio, Honorina tremia no somno, arqueava-se, ficava arrepiada como uma lyra em cujas cordas se esgravatou levemente com as unhas...

Noites de angustias, que o deixavam prostrado, inanime, fatigado, com o peito a doer, os pulmões arquejando.

Depois a sua pobre cabeça não chegava para tanta coisa... Tinha contrahido dividas com esse «amanhã» de todos os pedintes, sem pensar na impossibilidade do pagamento... Devia dinheiro, devia joias..., ainda não tinha

pago á creada, a senhora Maria ; não dormia em casa, ia lá para mudar de roupa, desorientava-se, mentia, escondia-se, arredava os amigos, acabou emfim por deixar o jornal, sem saber, á tôa, desanimado n'um exaspero. Tinha suores frios, uma atonia dolorosa aniquilava-lhe todas as ultimas energias de caracter.

Os ultimos fieis retrahiam-se, os ultimos conhecidos voltavam-lhe costas na rua, e cada vez mais fugia da luz do sol a multidão dava-lhe tonteiras, sentia-se malandro até á medulla dos ossos, incapaz de um esforço, imbecilizando-se ao lado d'essa mulher, que nem ao menos desculpava pela belleza uma tal abnegação insensata de sentimentos e virtude.

Acabou por se ver mesmo um patife romantico, accusava-se, sentia-se resvallar, chafurdar na lama, e as calumnias apertal-o por toda a parte, a bocca do mundo, essa bocca de meretriz, collada ao seu nome, atormentando-o.

E cada vez se convencia mais da sua infamia, sabia que o turco vinha de dia estar com ella, emquanto elle andava fóra, arranjando dinheiro para lhe dar de beber, para pagar a lavadeira e o hotel á femea, cama e quarto para se rirem d'elle, como d'um cabrão, como d'um safardana !...

Uma noite, — a noite de S. João, o turco tinha queimado as mãos com um foguete. Ella foi vel-o, toda chòrosa de o presenciarem a sofrer, com a pelle lanhada, gretando puz...

Gemia de dôr, sem vergonha de ser poltrão em frente a uma mulher, e repellira-a

mesmo com um gesto brusco, como quem empurra um animal.

Edmundo via tudo aquillo, acobardava-se fechava os olhos fingia não vê e pedia a Deus, do intimo d'alma, que lhe desse a morte quanto antes, essa sagrada e bemdita eucharistia do além...

De dia metia-se em casa, folheava os livros, de portas trancadas, queixando-se às paredes, olhando pasmo para o futuro, agonizando de solidão... E quando o sol recebia o esconjuro das trevas e descia atraz dos montes, espadanando clarões pelo infinito, evacuando no horisonte seu enxurro de luz, ia então recolher ao pé da amante, encerrar-se na sua enxovia, no seu chiqueiro...

Uma noite, sem poder mais, escaldando de febre, transido pela chuva, deitou-se aos pés de Honorina, escarrando todas as ulceras da alma, vomitando toda a dôr do coração, confessando a sua desgraça, o seu martyrio, o seu supplicio, e como ella, com os olhos mortos em luz, esgravatados de scentelhas, o aconchegasse ao peito, elle sentiu-se abrir por dentro, um trovão secco de tosse sahiu-lhe da bocca torcida, vergou a cabeça, abriu os dentes, lançou uma golfada de sangue em cima dos hombros da amante...

Ella, espavorida, arredou-o, e elle, sempre de joelhos, agarrando-se á cama, os olhos esgazeados, vomitou a hymoptyse na coberta, nos lenções, no tapete, sem forças para se arrastar até ao balde, n'uma ancia de verter toda a hemorragia dos bronchios,

aos arrancos, o peito balouçando, toda a carcassa a tremer, a tremer...

Honorina, horrorizada, ia chamar alguém mas já elle se levantava, livido, a bocca sanguinolenta, a camisa manchada de laivos rubros...

Lavou-se, arquejando, sem forças, amparando-se ao lavatorio...

Ella, de pé, pallida, cheia de lagrimas, contemplava-o, com um doloroso sorriso de compaixão, d'esses que uma pessoa tem ante um cadaver, ante uma cova onde desce um caixão, um d'esses sorrisos que são a continuação do chôro, o desdobramento da magoa, um d'esses sorrisos que parecem soluçar ao canto dos labios, n'uma afflicção, como o arreganho de uma chaga, aberta nas carnes a bico de punhal...

—Que é isso bemsinho?

—Maltrataste-me tanto o coração, que deitou sangue...

Ficaram os dois, um em frente do outro.

Honorina tinha o «peignoir» todo ensanguentado no hombro; elle a camisa e a gravata toda salpicada...

—Vou-me embora...

—Não, não deixol... Fica, manda-se chamar um medico...

Um suor frio escorria-lhe das fontes.

—Já passou... Muda a roupa da cama..., preciso de dormir, de descansar...

Deixou-se cahir n'uma cadeira, abatido, as mãos a roçar o tapete.

— Mas diz, diz o que é isso...

—E' a morte a bater ás portas...

—Edmundo...

—Ein?

—O que foi? Diz, manda-se chamar um medico...

Elle abanou a cabeça, respirando a custo.

Honorina desapertara o peignoir, tirou o braço para fóra da manga, e assim, meia núa, sem mais uma palavra, arrancou os lençóes, deitou tudo a um canto, fez de novo a cama.

Ajudou-a a despir, silenciosa, com um ar de desgraça, os olhos invadidos de sombra, como dois carceres onde morava trancado um penoso remorso...

E durante toda a noite, á luz da vela, Edmundo viu aquelles mesmos olhos em vigilia, immersos n'uma tristeza infinita, como embaciados de fumo...



IX

Edmundo chegou a casa às dez horas, por uma manhã de sol, alegre e luminosa.

Entrou o portão, cambaleando de fraqueza. Foi até á porta da cosinha para chamar a creada, e encontrou-a sentada perto do fogão, lendo uma carta, chorando.

— Bom dia, senhora Maria...

A velha teve um sobresalto, levantou-se, escondendo o que estava a ler. Mas Edmundo reconhecera a letra da mãe...

— Bom dia, senhor Edmundo...

— Não tenho cartas?

— Não senhor...

A creada olhava-o espantada, assim pallido, os beiços brancos, os olhos sem luz, a golla do casaco levantada, para esconder as manchas de sangue.

— Ah! o senhor teve outro ataque!...

— Senhora Maria, deixe-me vêr essa carta de minha mãe...

Ella tremeu.

— E' uma carta de... meu... filho...

— Não minta, eu vi bem...

— Senhor...

— Nunca lhe dei licença para abrir as minhas cartas...

A velha deitou-lhe um olhar triste..., tirou o papel debaixo do avental...

—Pode lêr... a carta era para mim...

Edmundo abriu-a, com as mãos tremulas.

Na sua face desfigurada passou um desvairamento, da vista que fulgiu á bocca que não reteve um ah! de espanto.

E leu isto :

Minha boa amiga.

Rio Grande, 3 de Maio de 189...

Pelas cartas que d'antes meu filho me escrevia, sei quanto lhe é dedicada e o quanto lhe devo de gratidão, occupando perto do meu Edmundo o lugar que me pertencia...

Deus lhe pague toda a sua bondade... Não tenho palavras para agradecer todo o carinho com que o tratou na sua doença... Com certeza a senhora é mãe, sabe o que é ter filhos e não possa talvez comprehender o que é tel'os longe..., sem os ver, como eu, que ha tres annos não vejo o meu Edmundo...

Fazem hoje tres mezes que elle não me escreve. Está doente? Por amor de Deus mande-me dizer o que elle tem, que assim o faz esquecer a sua mãe. Conte-me tudo, não tenha medo. Diga toda a verdade, estou preparada para tudo. Diga-me que elle não morreu, sim?

Elle não se podia esquecer de mim, sem razão. Tenho lhe mandado sempre as mezadas... Se elle está doente é preciso vir, quero tratar d'elle, não quero que elle morra.

Pela resposta a esta carta fica-lhe eternamente grata uma desgraçada mãe que pede a

Deus por si. Disponha, minha amiga de quem o é sua . .

Edmundo encostou-se á porta

A velha chorava, olhando-o.

—Eu respondo a esta carta, senhora Maria. . .

—Eu já respondi ha. . .

—O que lhe disse? perguntou elle offegante.

—Nada faltar ao senhor, graças a Deus. . .

Que saude sempre havia. . .

—Que mais ainda?

—Estava trabalhando n'um jornal. . .

Edmundo segurou-lhe as mãos para as beijar, mas como ella se arredasse, elle subiu fechou-se no quarto, tapando a bocca para não desatar em soluços.

A' tarde vestiu-se, depois de haver tentado por cinco vezes escrever uma carta á sua mãe.

Poz o chapéo, desceu ainda á cosinha.

—O senhor Antonio já veio, disse-me para o senhor ir lá, precisava fallar comsigo. . .

Esse Antonio era o seu correspondente e morava com elle.

Rico, ainda novo, trinta annos no maximo, intelligente e bom, religioso como todo o homem de negocios, caritativo como todo o religioso, ganhara-lhe uma affeição intensa, profunda, sincera.

Apezar de Edmundo morar com elle, poucas vezes se viam. Antonio do Couto sahia cedo, pela manhã, e voltava só á noite, quando Edmundo ainda não estava em casa ou já dormia. De tempos a tempos o negociante ausentava-

se por dois mezes ou tres, n'uma viagem a Minas, S. Paulo ou Espirito Santo... chegara na vespera de Ouro Preto.

Edmundo tomou o bond, partiu para a cidade. Só então se lembrou ser um domingo. As ruas estavam desertas, tudo fechado.

Em frente ao Paschoal deu de rosto com o correspondente.

Abraçaram-se, estiveram fallando muito tempo.

Queriam-n'o encarregar de uma obra, um bom trabalho, coisa de ganhar uns cinco contos...

Edmundo acceitou, agradecido, prometendo ir lá no dia seguinte para fallar mais longamente do negocio...

Com que pagar todas as suas dividas e ir embora, para o lado da mãe, fugir do mundo para todo o sempre, ir acabar socegado, longe d'alli, sob a benção da virtuosa creatura que o amava tanto de coração... Deixava-se levar por esse bello sonho de paz e tranquillidade, sentindo-se quasi feliz...

Partir, ir embora, não pensava em outra coisa... E admirava-se, ante essa ideia carinhosa, de haver por tanto tempo hesitado...

Tinha sêde de respirar felicidade..., erguer a cabeça acima de todo o esterco em que cahira embriagado... Desatava um por um todos os laços que o prendiam á amante... Via-se solto e balbuciava planos, como se tivesse tirado a sorte grande.

Foi passar o resto do dia á casa de um amigo casado, um grande artista...

E alli, n'esse meio tão calmo e tão honesto, n'aquella sala cheia de tapetes felpudos, poltronas, repositores n'uma meia sombra de socego, sentiu se renascer para a vida, a alma reconfortada, o coração apasiguado emfim...

No gabinete, a dona da casa calcava nas teclas de ébano e marfim do piano um trecho de Mozart. A harmonia errava na pequenina sala, como o rumorejo de um insecto maravilhoso, de azas de oiro.

Na sombra do gabinete luziam aços de adagas japonezas, de hallabardas, de cimitarras turcas. Um alfange mourisco pendia de um cinturão de couro, e ao canto da parede uma tapeçaria de Tokio explandia, verde clara, com fios de prata. Duas cegonhas mergulhavam os bicos n'uma lagoa branca, entre lotus, nenuphars e crysanthemos côr de rosa. Um sol de oiro descia ao fundo da tapeçaria entre nuvens sanguentas, e um passaro de plumagens turqueza e esmeralda, batia azas sobre uma japoneira cravejada de camelias escarlates.

Havia mezas carregadas de livros e jornaes. No damasco azul de uma «chaise-longue» o gato branco ronronava, pregando no escuro os olhos verdes.

E era a sala, entupecida de moveis curvando ao peso de «bibelots», monstros de um palmo, Budhas de marfim e lacca, jarros de Saxe com a pastora de Florian a rir a um fidalgo, sob carvalheiras, mil nadas preciosos, bronzes, idolos de sandalo, faianças, e em cima de uma columna de pau santo um vaso

de cobre, batido no «atelier» de um artista de Ieddo, bojudo, com dragões de guela hiante e espadartes fabulosos, entre um hervaçal de bronze fundido em relevo.

A meza de trabalho, enorme como um altar de sacrificios, de pés torneados, parecia ter sahido de um velho convento ou de um solar mediévo com as suas fechaduras feitas por mão de ourives e o seu ar augusto e antigo de movel de outros tempos.

Havia em todo aquelle aconchego um tal ar de felicidade, de socego, que Edmundo sentia-se invadir de beatitude, os pés enterrados n'uma pelle de urso, as mãos pousadas nos braços estofados da poltrona.

Fallava-se de arte, devagar, em voz baixa, ouvindo Wagner e Chopin.

O artista, fumando, todo envolto n'uma nuvem densa de fumo, mostrava-lhe uma gravura antiga, comprada n'um leilão um dia antes.

Era um luctador dos Jogos Olympicos, bello, grande, estendendo os braços, uma mascula formosura academica, de uma desenvoltura ao mesmo tempo femiñil e herculea. A gravura, bem mordida n'um fundo escuro, figurava-o de perfil, e desde as espaduas aos jarretes, todos os musculos resaltavam da carne, suavemente, n'uma doçura em que se percebia a força do gymnasta... Advinhava-se no seu gesto de triumpho, nos seus braços estirados para o archonte, o heróe dos jogos gymnasticos, esperando os louros.

Ficaram-se os dois a fallar sobre o atter-

rador definhamto do homem, lembrando os guerreiros antigos, os barbaros, Vercingetorix, Alexandre, Marco Antonio...

— Se imaginamos o que seria um d'esses esquadrões de cavalleiros romanos, armados de phalaricas e gladios, parecendo de ferro, desde o capacete ás cunemides, pisando n'um fracasso sob os cascos dos estalões enormes as florestas druidas e as selvas germanicas, a imaginação treme apavorada...

E assim fallavam os dois em phalanges antigas de exterminio, emquanto o piano vibrava por todas as cordas um hymno triumphal de Wagner e a marcha das Walkirias...

— Jantas commigo...

Edmundo desculpou-se, sem saber o que dizia... Tinha sido convidado por um amigo..

E quando se viu na rua arrependeu-se de não ter accedido...

Foi alli a dois passos, procurar um amigo á praia do Flamengo, convidal-o por sua vez a vir jantar com elle.

Tinha medo de se vêr sosinho com Honorrina á meza.

Queria conservar em volta de si até o mais tarde possivel essa atmosphera feliz e honesta que desde manhã o banhava, como um balsamo.

Debruçado na banca, o artista retocava uma aguarella.

Um pagem, de gibão azul, puchava pelas correntes um atrello de galgos brancos, e essa figura de creança, com cabellos louros e gorro uma cadeia de ouro ao pescoço e chinellos de

velludo nos pés, era de uma suavidade maravilhosa... As côres brilhavam, pareciam húmidas, e os olhos garços do pagemsito riam para os tres galgos...

— Vinha pedir-te um favor...

— Oh ! não te sentes em cima da caixa de tintas...

— Parecia um caixão...

Então diz lá o que queres...

Fallava curvado retocando a pena de gavião no gorro carmesim do lindo pagem.

Edmundo curvava-se para ver.

— Mas o que queres tu ? diz...

— Que venhas jantar commigo...

— Vou sim, mas deixa-me acabar... Tens aqui cigarros, fuma...

Diabo ! tu servias para modelo... Preciso fazer uma outra aguarella, um falcoeiro... Tens um typo antigo, de trovador de chronica medieval... Que dizes ? Arranjava-te em cima de um palafrem, ao lado da rainha, com um falcão em punho...

Edmundo ria, olhando ò mar.

— Vê lá... Visto-te com um gibão até meio da côxa, pescocreira de velludo, dou-te um alação engualdrapado, bello como o ginete de Bayard... e um gerifalte como os da rainha Anna...

— Estás a caçar... Acaba depressa é quasi noite.

Uma hora depois, ao entrar no restaurant, Edmundo que ia alegre não pode esconder um movimento de contrariedade.

Honorina estava sentada a uma meza com o turco.

Depois da scena da vespera, da hemoptyse, julgava-o de cama, doente, e ficou espantada de o ver entrar, sorrindo, um pouco pallido, mas com uma rosa-chá na botoeira.

Edmundo apresentou o artista.

Leão na cabeceira da meza, dava-se ares de pouco contente com a visita inesperada,

Aquelle typohumilhava-o propositalmente, com as suas intimidades com Honorina, fallando-lhe ao ouvido, deitando-lhe á cara a fumaça do cigarro... Ella sentia-se pouco á vontade, tambem.

O artista tinha trazido para a meza os seus modos bruscos, e no seu olhar inexperiente brilhava um desprezo fundo pela companhia que Edmundo lhe déra.

Afinal sem poder mais, voltou-se.

— Aquelle sujeito é o amigo d'ella ?

Edmundo já esperava aquillo.

— Não, é um coisa atôa, nasceu na Turquia, comprehendes ? mercados de escravas, serralhos, concubinas... o que é certo é que deu em casten...

— E jantas á sua meza ?

— A meza é de todos... Que vaes fazer João ?

O artista voltara-se para o turco, e com uma voz de mandar lacaios, perguntou-lhe :

— O senhor é actor, não ?

O outro sentiu o escarneo, disse que não.

— Capitalista, com certeza ?

— Muito menos..., gaguejou Leão, pallido.

— Mas então o que é o senhor afinal de contas.

Honorina ferrava os beiços.

E era agora mais do que nunca que Edmundo comprehendia toda a baixeza do seu papel n'essa comedia porca e reles, que a amante representava para com elle. N'um momento o companheiro comprehendera tudo e resalvava o brio, descarregando a carga dos hombros... Não se queria tornar conivente em tal chiqueiro...

Desviava de si a pia da barrela.

— Mas o senhor soffre de escorbuto?

— Leão Absali julgou prudente levantar-se. Despediu-se e sahiu.

Honorina veio sentar-se perto de Edmundo,

— Já estás bom?

— Já sim.

E o proprio artista se sentiu commovido com essa pergunta tão cheia de carinhos, de meiguice, proferida com os labios a tremer os olhos nadando em sombra.

Subiram os tres para o quarto.

Honorina sem ser bonita, apesar de todos os seus defeitos, demorando-se uma pessoa a olhar para ella, sentia-se attrahida pelo mysterio d'aquella vista negra, a revoltante languidez de todos os seus gestos, o nervoso franzir dos seus beiços de cravelina, mostrando duas carreiras de dentes brancos, uma dentição de fera recém-nascida.

Havia qualquer coisa de diabolico n'essa face morena, e se como diz o poeta a mulher é uma harmonia, essa tinha em si o arrepio

de todas as cordas de uma orchestra no final do 3º acto da «Carmen» de Bizet.

Era a mulher fatal de Baudelaire, a «frousse agile et fauve, le port mélancolique et ardent» de Huysmans, a Hyacinthe do Lá-Bas.

O grande sonho de Hello e Moreas parece ser uma mulher assim: olhos confusos; largos, esgravatados de resteadas de luar, bocca doentia, soffredora, mordida de um sorriso de esphynges, e um corpo de vibora, com dois seios pequenos, dois pequenos escudos de carne, de umbos aguçados.

Felizmente para elles, entre as parisienses de olhar azul e cabellos louros, «fausses-mai-gres» de «boulevard ou brasserie», nunca a encontraram, essa mulher de alma barbara, libidinosa, languida e molle, mas escondendo as unhas de onça no seu veludo, como as gattas.

João Eduardo fallou em que ella se parecia com um estudo mysterioso de Goya na galeria hespanhola do «Louvre», com o olhar da «Gioconda de Leonardo de Vinci em que se advinha alguma coisa que se não vê.

Edmundo dissertou longamente sobre ideias de artistas e amores celebres. Alfredo de Musset e George Sand foram citados, e n'esse quarto de amor á luz morticã do gaz, com a cabeça no regaço de Honorina, Edmundo recitou a «Nuit d'Octobre...»

« Honte a toi qui la première
 « M'as appris la trahison,
 « Et d'horreur et de colére
 « M'as fait perdre la raison,
 Honte à toi, femme à l'œil sombre,
 « Dont les funestes amours
 « Ont enseveli dans l'ombre
 « Mon printemps et mes beaux jours!

Os versos do poeta soaram tristemente... A melancholia desesperante que os rimara, estava toda na voz de quem agora os accordava, cincoenta e oito annos depois que a mão febril de Musset os compusera em Fontainebleau.

E a alma de Edmundo parecia acompanhar as ultimas quadras... Percebia ser bem verdade, ser bem sincera a poesia...

« Je te bannis de ma memoire,
 « Reste d'un amour insensé,
 « Mystérieuse et sombre histoire
 « Qui dormiras dans le passé !

.....

— O que fazem mulheres !.....

— Queres saber, João, eu nunca as pude comprehender .. Desde crianças são enygmáticas... A psychologia anda a volta d'ellas como mosquitos em redor da chamma de uma vella.. Queimam as azas, os psychologos ... Desde a creada que lava pratos até a mulher que lê Schopenhauer e ri do philosopho teutão, étudo a mesma charada indecifavel.

— Ninguem as comprehende...

— Eu tive uma amante, disse Edmundo

uma loura e de olhos azues, que entre todas me parecia incomprehenhível como um dogma... E' muito conhecida, a Louise de Voucoux...

— Ah ! sim ..

— Pois bem, essa mulher fez fugir de bordo do «Congo» um segundo «maitre-d'hotel»...

— Que diabo queria ella faser d'elle ?

— Amores de bordo !... O mar, as noites passadas na coberta, o céu de Africa, Dakar, os dias de sol balouçados nas ondas verdes, que queres tu ? leva muitas vezes uma cabeça loura a fazer tolices... chamava-se Gabriel. Conhecio-o. Era um rapaz novo, triste, com uma grande sombra nos olhos...

— Estás romantizando...

— Não, demais eu conhecio-o pouco tempo antes da morte, já desgraçado, bem infeliz.. Elle suicidou-em 1893, com um tiro de revolver na cabeça... (1)

— Por causa da cabeça loura ?

— Sim por causa da cabeça loura...

— E esses labios porquem elle morreu, beijaste-os ?

— Muita vez...

— Mas vou contar-te em tres palavras a historia d'esses amores... Dá um romance.. Talvez que o faça um dia.. Conheci o pobre heróe da tragedia, já fui amante da Luiza... conheço-os bem aos dois...

Edmundo accendeu um cigarro e contou a historia.

(1) Não posso de momento precisar a data, mas tão pouco tempo dista d'esse suicidio, que o leitor se lembrará bem d'elle ainda.

— Esses amores de bordo, deixaram-n'a tão doida, que uma noite aproximou-se do paquete das «Messageries,» n'uma lancha, e trouxe o amante para terra.

— Mas os paquetes não demoram muitos dias no porto...

— Sim, mas o Congo seguiu para Montevideo e Buenos-Ayres.

Gabriel escreveu-lhe, e em duas cartas combinaram a fuga de bordo, quando o paquete voltasse ao Rio...

— Ella deve ter essas cartas...

— Sim, mostrou-m'as até, li-as... Heide fazer o possível por conseguil'as. O que n'ellas se lê de juramentos, de saudades, de paixão, não t'ó posso dizer. O pobrerapazamava tanto essa mulher que assim deixava familia, futuro, patria, para ficar n'uma cidade desconhecida, sem fallar uma só palavra de portuguez... A fatalidade levou a «cocotte» a embarcar no «Congo.» a achar-se doente nos primeiros dias de viagem, a encontrar n'esse creado um enfermeiro...

— Mas uma mulher fina entregar-se assim a um creado...

— Fina porque tem joias e calça 32 e veste sedas? Todas ellas são assim mascaradas pelo dinheiro, ao cabo de algum tempo... Nasceram quasi sempre pobres, rôtas, conhecendo a miseria, a fome...

— Como a Luiza, por exemplo...

— Não, essa teve um conde aos dezoito annos...

— Romance...

— Vi as cartas datadas de 1886, com o braço, a corôa...

— Então Mlle Louise de Voucoux tem 27 annos ?

— Tem sim...

Honorina sorriu e disse:

— E' velha para ter paixões...

Aquella mulher já acabara com as suas aos vinte e um.

Edmundo comprehendeu, passou adeante.

Gabriel viera para o Rio, pobre, com oitenta francos no bolso e 20 annos no coração... E' pouco para se poder ser feliz. A Luiza, sem pensar, promettera-lhe empregos... Conhecia ministros, banqueiros, jornalistas... Elle, creança, deixou-se levar por tanta promessa... Quem lhe escrevia tudo aquillo era a mulher que elle amava e isso bastaria para vender-lhe os olhos...

Começou a viver á custa d'ella... Só imaginar o martyrio dessa pobre creança apaixonada, vivendo do dinheiro com que se pagava o corpo da amante, causa pena... Quando ella, desesperada de lhe ouvir constantemente o choro, os soluços e as queixas, cuidou do emprego, era tarde. Os homens promet-tiam, mas quem se interessa por um rapaz que vive á custa de mulheres ?

De nada lhe valeram os vinte annos... Os homens ouviam-lhe a historia por prazer da amante, e ao fim diziam em segredo:—Que patife ! que malandro ! ajuda-n'os a comer o dinheiro e ainda pede emprego !

— E' horrivel ! soltou o artista, accendendo um cigarro.

— Vio-o chorar muita vez, ensopar o lenço de lagrimas... Desde então comecei a comprehendêr o mundo. A creança fallava em casar com a mulher da vida... e um dia em que lhe lembrei um lugar de restaurante, o misero, sem dizer que não, lembrava-se que ella o deixaria de amar, vendo-o servir a meza, ouvindo as insolencias dos freguezes, humilhado, com o guarda-napo no braço, servindo «champagne» ás outras, a todas essas mulheres que o viam com a Luiza e se iriam rir d'ella, sabendo-a amancebada com um creado...

Pensava na familia, na mãe.. O que pensaria a pobre velha sabendo na Companhia que elle tinha fugido de bordo?...

Sempre que vinha de viagem a mãe ia esperal-o ao cáes... Não o vendo havia de julgal-o morto e atirado ao mar!...

Fugia de mim na rua, temendo envergonhar-me...

— Oh ! gemeu Hcnorina horrorisada.

— Sim, com medo d'envergonhar-me apertando-me a mão diante de toda a gente, evitava encontrar-se commigo...

— E a Luiza ?

— Desesperava-se, ia ao theatro, bebia «champagne» andava de carro... E' o que fazem todas as mulheres...

— E tu, não lhe podias arranjar trabalho ?

— Conhecia pouca gente... Tentei diversas vezes, respondiam que esses conhecimentos

faziam-me mal... O mundo é assim mesmo, infame, vil....

Luiza teve a febre amarella, Gabriel não sahio de perto da amante, enfermeiro do primeiro dia ao ultimo. Quando ella se levantou elle cahiu por sua vez... Julgou morrer longe da mãe, como um «maque-reau»...

Tres mezes depois dava um tiro na cabeça, ás dez horas da noite...

— Mas não vejo em nada d'isso a mulher enygmatica de que me fallaste...

— Então houve. A Luiza estava no Polytheama quando lhe trouxeram a noticia. Ficou rindo como estava. Ceou, teve espirito toda a noite, entrou em casa acompanhada, entregou-se, recebeu o dinheiro... Depois levantou-se, chamou um carro, foi vestir o cadaver e lavar o sangue, pagou o enterro, e n'esse mesmo dia estava no theatro, toda de branco, com um ramo de violetas no seio...

— E' repugnante a tua Luiza...

— Talvez..., mas no cemiterio de S. João Baptista, tem Gabriel uma lapide de marmore cercada de cadeias de bronze, entre um can-teiro de roseiras... A Luiza paga vinte mil reis por mez ao jardineiro para cuidar das flôres do seu querido morto, e quando lá vai fica rezando, ajoelhada e as suas lagrimas enferrujam as lindas cadeias de bronze...

— E quando lhe fallam d'elle?

— Ri, levanta os hombros, muda de con-versa. Não quer saber dos mortos...

— E onde mora esta tua tragica Louise de Voucoux!...

— No Cattete, parece-me... A Rizza deve saber...

Honorina debruçou-se para Edmundo, deitou-lhe as mãos ao pescoço, beijou-o...

— Esta é ao contrario, João...

Foi então que ella sentiu estar tudo acabado. Edmundo tinha um sorriso triste... Depois, voltando-se — “E o pobre Gabriel morreu sem ver a mãe!...,” pensando consigo que elle tambem não estava muito certo de tornar a ver a sua...

— Que pressa! Vaes acabar o teu pagem e os teus galgos brancos?

— Não, deixas-te-me triste com essa historia, essa fantasia..., esse conto...

— Ouve, João, juro-te que não é fantasia...

— Queres então que eu acredite? Fazes muito empenho?

— Faço, sim!

E já na escada, entregando as mãos ao amigo, fitando-o bem nos olhos. Edmundo repetiu ainda, com voz triste :

— Não é verdade, João, que se vê a fatalidade na vida d'esse desgraçado ?

— E' sim... até amanhã...

Edmundo sentia-se ainda doente. A hemoptyse prostrara-o. Apesar da ipecacuanha e do tartaro, o peito parecia estalado por dentro.

Passou a noite quasi sem dormir, abraçado a Honorina, suando frio.

Ella, carinhosa como nos outros tempos,

consolava-o, attenta nas horas, para lhe dar o remedio.

De manhã, quando se levantou, Edmundo estava com febre.

— Talvez passe alguns dias sem vir cá... Vou para casa deitar-me, chamar o medico...

Honorina beijou-o longamente, pedindo-lhe para voltar logo que estivesse melhor..., e que escrevesse..., não fosse agora esquecer-se d'ella...

Havia tanto receio e tanta lastima n'aquella querida voz!... mas elle sentia bem que tudo acabara... Esse amor todo trespassado de dôres fatigara-o... Tinha dado a essa mulher tudo o que possuia... agora não podia mais, ella tinha-o feito soffrer demasiado, estava exausto...

Olhou-a sem esperança, contemplando-a desconsolado... A ninguem aproveitára o seu horrivel sacrificio. Ella ficava tambem mais abatida, mais velha, mais desilludida...

Despediram-se, como para uma separação indefinida, quasi eterna...

Honorina debruçou-se para o ver partir, meio curvado, com o ar de um galé que sahe do degredo...

Olharam-se ainda, quando elle dobrou a esquina, queixando-se com a vista..., e a mulata enxugou os olhos humedecidos...



X

Julião estava escrevendo um livro— «A grande Nevrose» para ver se podia juntar uns cobres para a formatura. Uma febre palustre amarrara-o cinco dias na cama, sosinho, no sótão. Apenas a pequerrucha, essa que elle tinha salvo de uma angina, o vinha visitar de vez em quando, para brincar com a caveira e ver as gravuras dos livros de anatomia.

Julião fazia-a sentar perto d'elle, contava-lhe historias de fadas e almas do outro mundo... Ao menos perto da creança não se sentia tão abandonado... E tinha por ella uma profunda piedade, ao vel-a tão rachitica, tão franzina, doentia como uma velha, com seus olhitos azues, frios e sem luz, os beiços muito brancos, toda ella pallida como cera, sob os cabellos ruivos e asperos.

Ao terceiro dia levantara-se, pouco costumado á cama.

Pensava em Edmundo... Seria feliz? e sentia-se contente só com a lembrança de que o amigo morreria depois de ter visto um pouco o céo d'aqui de baixo, d'esta grande sombra...

Como devia ser bom amar e ser amado!... Ter um hombro a que encostar a cabeça, uma alma em que depositar a nossa...

Ante as provas de pagina estendidas sobre a meza, ficava a pensar, tristemente, com um sorriso de dôr...

Viver entre o perfume de uns cabellos negros... Adormecer perto de uma creatura languida, carinhosa e meiga que nos tenha desalterado de caricias e beijos...

Lembrava-se de uma mulher nova e branca, uma que tinham estendido a semana passada na meza numero tres do amphitheatro anatomico ..

Fazia ideia do que fosse a mulher por esses cadaveres frios que arrastavam continuamente pelos marmores...

Essas mortas povoavam os seus sonhos desesperançados de amor... Pensava noites inteiras n'esses restos esquartejados de carne, dessa carne de gozo, que cahia sob o seu escapello e o bisturil...

Ah! esses dolorosos dias de estudo, em redor das mezas pingando sangue, ao lado dos companheiros, de mangas arregaçadas, avental branco, cigarro ao canto da bocca, saqueando corpos mortos, arrombando-lhes o peito para roubar corações...

Ficou parado, olhando sem ver, as mãos cahidas.

Estava magro, alquebrado por esses dias de cama e febre.

Levantou-se com cuidado, como quem teme cair inesperadamente no soalho. Passou as mãos ennegrecidas pela cal suja da parede, e foi caminhando até à janella, espreitar a rua coalhada de noite, vasia, uma

lepra de luz mordendo uma casa fronteira a um candieiro.

Ficou-se alli tempos, a cabeça encostada á vidraça espiando a silenciosa escuridão.

Ninguém passava, fazia frio, ventava, e a rua ao fundo d'quelle terceiro andar, negra, quieta, parecia um canal despejado, um dique de compórtas fechadas á agua, abandonado.

— Preciso mudar-me, murmurou, passando os olhos piscos pela escuridão.

De dia, com o sol, a solidão é boa, mas pela noite, não, não deve ser, é horrivel...

O, Edmundo tem razão, cheira a crime esta rua... A's vezes parece-me sentir um feodor de cadaver apodrecendo n'uma sentina de noite, quando abro a janella...

E a sua mão caminhava nos vidros, como uma aranha.

Voltou a sentar-se, chegado a parede, arranjando as provas. Era o capitulo 3º sobre epilepsia, e isso lembrava-lhe ainda Edmundo... Recordava-se do seu pavor ao avistar a cabeça toda lanhada pelo escalpello, em cima do lavatorio...

Passava a mão pela testa quente áquellas lembranças...

Suava frio nas fontes. Dizia elle ser a carne ganhando mofo...

Tinham-lhe vindo nos pés umas chagas entre os dedos e as covas do calcanhar. Ainda não atinara de onde lhe viera essa immundice de molestia herpetica, á ultima hora. Parecia lepra, bubões syphiliticos...

Experimentava o acido borico, o iodo com vaselina, o polvilho com oxydo de zinco.

Não podia calçar um par de meias... Quando sahia, p'ra ir ao editor buscar as provas, tinha que roçar os muros e morder os beiços para não gritar. Voltava sempre a meio do caminho, tinha que lá mandar uma pessoa, desesperado de não conseguir approximar-se sequer do bond.

Um dia, precisando de dinheiro, não tendo quem mandar, fizera um esforço; as ulceras tinham reaberto todas uma a uma.

Era uma tarde escura. Na rua Sete tinham começado a tombar gottas de chuva, grossas, espaçadas, dos uberes das nuvens russas, mas logo ao voltar a esquina a chuva escorregara dos cèos tintos de negro.

O seu primeiro pensar fôra, com as mãos agazalhar o peito, subir a golla do jaquetão, encolher os hombros; e de cabeça baixa, sob as gotteiras que escorriam dos telhados, foi andando, primeiro apressado, depois mais lentamente, tossindo, vergado, com arrepios na carne, os dentes a bater. O seu olhar de cão faminto cahido sobre as pedras alagadas evitava deparar os vultos que passavam.

Oh! a tarde horrivel! sentia-lhe ainda o frio e os tormentos.

Entrara n'uma taberna para beber café. Ao lado do balcão, tres homens magros, uma flauta, uma rabeça e uma harpa, tocavam o Intermezzo da «Cavallaria Rusticana».

Lembrava-se com extraordinaria precisão...

Agonisára alli, atirado a um canto, uma das horas mais crueis de toda a sua vida. Uns bicos de gaz allumeavam. Era uma sala baixa cortada ao fundo em angulo optuso.

No vertice, cahido na sombra, um cantar de bebedo partia, miseravel, tremulo, tresandando a cachaça.

Nas paredes forradas a papel còr de limão e flores roxas, miudas, apagadas, um esparinho de sangue em todo o muro, havia umas gravuras reles de jornal em caixilhos sujos pelas moscas, umas gravuras funebres de crime, que o arripiavam todo sob o vidro. A primeira, arrumada de lado, —era preciso voltar-se para ver, —tinha tres creanças famintas agarradas á mãe esfarrapada, á esquina de uma rua em que passavam mascaradas, em terça-feira d'entrudo. Debaixo d'esse quadro, sentados a uma mesa um homem fallava rouco a uma mulher, uma mulata, que fumava silenciosa em um pito de barro, cuspinhava ás vezes, ouvindo o homem, embrulhada n'um chale desbotado, os pés nus e enlameados na travessa da cadeira.

N'outra mesa, em frente, uns garotos jogavam dados p'ra pagar um martello de aguardente. Sobre elles cahia o outro quadro —Deibler guilhotinando Pranzini, entre dois padres...

E Julião ao canto que pensáva no amigo, beijando a amante, entre os lençóes de linho, perfumados a sandalo ou jasmim.

D'esde essa noite cahira elle de cama, todo escaldado em febre com o empalludismo...

Teve um arquejo no peito, molhou a penna continuou a emendar as provas, debruçado, á luz podre do tocò de vella espetado no gargalo da garrafa.

Bateram ás 7 horas n'uma torre, som a som, e ao findar a pancada do bronze, Julião ouviu que batiam á porta do seu quarto. Foi abrir. Uma velha de preto perguntou se era alli, não o reconhecendo no escuro...

—O senhor Julião...

—Sou eu mesmo... Que deseja?...

Mas viu então quem era.

—Entre senhora, Maria... Edmundo?

Está muito doente, manda pedir para o senhor ir lá...

Julião ficou pasmado, balbuciando baixo coisas só p'ra si.

—Muito doente? muito doente, senhora Maria?...

Está na cama com febre... Elle teve outro ataque, senhor Julião...

—Muito sangue?

—Isso eu não sei dizer... Quando veio de fóra hontem pela manhã, vinha sem collarinho e a gravata manchada ainda de sangue.

O estudante vestiu as meias, calçou as botinas, sem uma palavra, pôz o chapéo.

Vamos, vamos lá senhora Maria...

Desceram as escadas, a tomar um carro.

Edmundo, no quarto ás escuras, a cabeça enterrada nas travesseiras, parecia dormir.

Julião accendeu a vela, aproximou-se d'elle...

—Obrigado por teres vindo... Senta-te aqui...

E chegou-se para a parede, dando-lhe lugar na cama para sentar-se.

A senhora Maria, de pé na porta, escutava, silenciosa.

—Deixa vêr o pulso... Não é nada... tens uns 38 de febre...

Edmundo olhava-o tristemente.

—Tive outra hemoptyse no sabbado á noite.

—Forte?

—Oh! sim. Com que encher uma bilha... Julião apalpava-lhe a testa humida e quente.

—Socega... Abre a camisa...

A creada, perto da cama, debruçou-se, desapertou os botões, deixou o peito do enfermo á mostra.

—Sentes dôres?

—Tenho tudo aberto por dentro, n'uma chaga viva...

Julião, agachado, applicou o ouvido ao peito de Edmundo. Auscultou-o por longo tempo.

—O que tomaste?

—Ipecacuanha... Dei hoje uma fricção de iodo, guaiacol e morphina...

—Sim..., não continues..., vou receitar um calmante para a febre e um adstringente... Estás fraco, muito fraco...

—Póde tomar caldos..., aventurou a velha.

—Sim, só caldos, de tres em tres horas...

Edmundo agarrou nas mãos do amigo, e disse-lhe com uma voz sumida e medrosa:

—Tenho que ficar aqui muito tempo de cama?

—Não, dois ou tres dias no maximo...

Levantou-se para escrever a receita. A velha allumiava.

Edmundo ficára no escuro.

—A que horas se costuma elle a deitar, senhora Maria? perguntou Julião em voz baixa.

Ha quasi um mez e meio que não dorme cá...

—Bem, era isso mesmo que eu desejava saber...

E alto, acabando de datar a receita:

—Tem pharmacia perto?

—Aqui mesmo na rua...

—Tire d'ahi dinheiro, senhora Maria, do bolso das calças.

A creada sahiu com a receita. Julião veio de novo sentar-se perto da cama...

—Socega, depois d'amanhã estarás bom...

Os olhos cavados de Edmundo tranquillavam-se.

—Então ainda não morro? Ainda posso ir lá?...

—Lá, onde?

Sem poder fallar, o doente approximou as costas da mão á bocca.

—Para perto de tua mãe?

Edmundo baixou as palpebras, dizendo que sim.

—Mas se eu te digo que depois de amanhã te podes levantar...

Houve um silencio. Ambos se espiavam.

Julião torcia os pés doloridos.

A treva comia as arvores, a rua, deixava uma devastação de sombra rente ás vidraças.

— E tens sido feliz Edmundo ?

O enfermo estremeceu todo, abanou dolorosamente a cabeça.

— Não ! não !

Julião tomou-lhe as mãos entre as suas, chegou-as ao coração.

Edmundo fitava-o tristemente, n'um sereno espanto, e ouviu-o murmurar baixinho : — Nem as mulheres têm piedade !...

— Têm, sim, olha..., e apontava com o braço fóra dos lençóes a creada que entrava.

Julião deixou-o, promettendo vir no dia seguinte e domorar-se mais...

Ao manhecer, Edmundo achava-se melhor sem a oppressão no peito.

N'esse dia, vendo morrer a tarde, sentado na cama, contou tudo a Julião, toda a medonha historia do seu amor...

— Que desgraça !... Deus é muito injusto !

— Não, Julião, não... O que deseje mais quem tem uma mãe como eu tenho ?...

Havia um sorriso resignado, quasi feliz nos seus labios roxos.

Badalavam vagarosas as Trindades, n'uma toada de toque a defuntos. O sol, vagarosamente, ia descendo á cóva, na agonia, e pelos ceus crescia o brilho das estrellas que vinham ver surgir a lua, o ultimo sacramento do dia moribundo, o baptismo da noite recémada.

As ultimas folhas seccas das mangueiras tombavam, no saibro do jardim...

— São as minhas ultimas esperanças... Ouve, Julião: sabes porque eu não quiz ir embora ha dois mezes? E' que eu tinha tanta ambição a contentar! Quaes são os vinte annos que as não têm? O meu nome tinha-me dado tanto trabalho a fazer!... Que de noites levadas a fazer versos! a medir alexandrinos, a partir hermistichios!... A descrever visões!... Tu nunca escrevestes, não sabes o que isso vem a ser... Trabalhar dois annos, cheio de fé, de esperança, de sonhos de oiro, vendo o futuro a chamar-nos noite e dia..., tudo isso perdido, morto, sepulto... E não poder recommear, porque me não não sinto mais com forças; seria preciso abrir de novo o caminho atravez dos mesmos abrolhos...

Quanta poeira luminosa erguida ao tropear de tanta ambição, e vel-a sumir na realidade pesarosa das coisas!... Fincar um pavilhão de victoria n'um bello sonho e sentir que elle hoje faz-se em farrapos!... ¶

Levar dois annos em martyrios, chorando pela fórmula, padecendo pela ideia, febre, vigílias, ranger dentes, ferrar os pulsos, damnar ante as visões intraduziveis, vêr, querendo que os outros tambem vejam..., tanta abnegação, tanto trabalho, para entregar todo esse passado e todo o futuro aos dentes malvados de uma mulher, que os roe, os esgaça, os reduz a frangalhos!...

Tudo está perdido sem remedio... Agora estou socegado, sereno, e tranquillo... Só me resta minha mãe... A arte morreu para mim!... Era o meu unico amor..., morreu...

— Não chores ; que é isso ?

— Ah ! eu sei bem que tu não sabes...
Ouve, Julião : vê's alli, aquellas gavetas, pois bem, estão cheias de jornaes... Tenho-os todos alli, desde e meu primeiro verso até á minha ultima chronica... Eu era rico, tinha thesouros, ... e hoje vejo-me pobre...

—Continúa a escrever...

—Não posso mais... O que vale é o nome e eu perdi o nome...

—Vaes partir? Vaes embora ?

—Vou sim, em demanda da ultima esperanza, do ultimo refugio... Só o tempo de acabar um trabalho..., dois mezes ainda ou tres, e depois parto...

—Fazes bem...

—Não é? Lá... posso ainda ser feliz, sentindo á minha beira todo o conforto e todo o carinho de minha mãe... Tenho sido tão só, tão desgraçado...

—E porque não vaes no primeiro paquete?

—Tenho dividas preciso pagar...

—Tudo isso por causa de uma mulher...

—De uma mulher...

—Bem..., eu vou, tenho ainda que estudar... Amanhã pódes-te levantar, e se a tarde estiver bonita, dá um passeio que te não fadigue...

—Adeus, Julião...

Amanhecera um dia alegre, que fazia cantar o passaredo todo. Edmundo passou o dia na varanda lendo o «Werther». Ao almoço comeu como um abbade.

Deixou-se perder duas biscoas de tres pela senhora Maria, depenou o jardim de todas as rosas, aborreceu-se muito, namorou da varanda uma creada que lavava roupa n'um quintal visinho, e acabou por se vestir, depois de experimentar todas as gravatas, de ter escolhido entre todas as rosas um ramo das mais bonitas, tranteando a famosa habanera: «L'amour est enfant de Bohême» . . .

A's seis horas partiu para a cidade, sem destino, pagar talvez a conta do restaurante, dar um ultimo beijo em Honorina, arrumar a um canto toda a vida passada, e cuidar d'esse futuro, tão ameigado pela sua imaginação e pelo seu espirito.

A's nove horas, depois de jantar no Globo, sósinho, o que o entristeceu, estava perguntando ao Romão se a Honorina estava.

Entrou na sala, esperando-a. Debruçou-se á janella, vendo passar a gente para os theatros . . .

Quando se voltou, impaciente, a amante entrava.

— Estás ainda tão pallido ! . . .

Sentou-se ao lado della, disposto a dizer-lhe tudo, a despedir-se para sempre.

Mas porque era tão cheia de tristeza e amargura essa felicidade que elle se imaginara ? Custava-lhe assim tanto a pegar nas mãos dessa mulher, que o fizera soffrer e dizer-lhe docemente, sem a magoar, acarinhando-a: — "Adeus, sê feliz, nunca mais nos veremos . . ." ?

As palavras tão estudadas durante o dia

não se sentia com forças para as dizer... Parecia-lhe n'aquella despedida, ir-se embora qualquer coisa que ainda morava no seu peito tão doente e tão fraco...

Faltava-lhe a coragem, sentindo-a tão entregue, envolvendo-o n'um longo olhar que confessava amor, que promettia caricias..., com o seu sorriso de mysterio pendente dos labios tantas vezes beijados por elle em extases...

Percebia em Honorina os sulcos deixados por esses dois mezes de paixão, de soffrimentos e de lagrimas... Tinha emmagrecido, parecia mais velha, mais cançada, via-se bem ter o coração muito ferido, como o d'elle...

— Que noite bonita!... disse ella derrubando a cabeça no seu hombro, procurando beijal-o.

Havia tanta submissão, tanta ternura nos seus olhos!... Era tão confiante o abraço em que o envolvia...!

Sem forças, deixava-se beijar, lembrando o primeiro encontro, n'essa mesma « chaise-longue » em que se ia agora despedir para sempre d'aquella creatura... Ter dormido a seu lado tres mezes e deixal-a assim, ir-se embora depois de ter abdicado por esse amor de todos os seus sonhos, desde a mais alta a mais secreta esperança? Ter-se despojado de tanta illusão, ter-lhe cedido tanta mocidade, para a abandonar agora, como se ella não fosse a depositaria de todo o seu passado, a testemunha de tanta felicidade perdida e tanta dôr ainda latente!

Deixal-a desesperada tambem, sosinha, sem uma consolação, sem dinheiro, largada no mundo, pisando esse caminho que leva tanta vezes á Santa Casa, ao Hospital, ás dissecações dos estudantes de Medicina... Ver que ella não era bonita, pensar só em encontral-a de noite nos jardins dos theatros, com o seu triste sorriso para sempre incomprehendido, ou sentir-se chamar um dia por essa voz bem-amada a porta d'essas casas abjectas da rua Sete, da rua do Espirito Santo, da rua do Senhor dos Passos, talvez !... Era horrivel !... Ter-lhe entregue um futuro, a essa mulher que o não tinha, e perceber afinal que a nenhum aproveitára esse abnegado sacrificio...

Conhecera-a feliz, despreoccupada, ao lado de um homem que nunca lhe pedira amor e se contentava com o que ella repartia com elle...

Recordava-se d'essa primeira noite do seu idylio, viu-a, entregar-se corpo e alma, tal como era, inconsciente do mal que fazia, indo toda a sinceridade de sua paixão de desgraçada a fazel o compartilhar da sua desgraça e da sua vergonha. Tinha-se-lhes entregue toda, infamante, maldosa, vingativa mas com delirios sobrenaturaes de adoração, todo o seu ser doando-se n'um beijo, toda a sua alma entregando-se n'um abraço...

Deixal-a assim impiedosamente, sosinha, abandonada, sem familia, sem belleza, sem amor...

Não ! até ao derradeiro instante ficaria perto d'ella... Viria vel-a, consolal-a, fallar-lhe

nos bons tempos passados, tão doidos, tão dolorosos e comtudo tão saudosametine lembrados...

Tres mezes a fazerem-se mal um ao outro... Que de tempo perdido!... Quanta hora alegre desdenhada, para acabar tudo assim n'uma palavra... Uma palavra!..., dizer-se que com duas syllabas elle se podia desligar de tantos juramentos!...

O que era a vida?... Um homem deixa esganar entre as mãos de uma mulher todos os sonhos, todas as suas esperanças, todas as suas ambições, e essa mulher que nos torce implacavel o caminho, que nos força a tragar a miseria, o ultraje, a vergonha, basta uma palavra para a afastar...

O destino serve-se da fragilidade para executar as suas leis de ferro... Tal homem que caminhava para a fortuna, para a felicidade, é preciso desvial-o do caminho; a fatalidade desce ao mandado da sorte, encarna-se em uma mulher e o homem estaca a meia estrada, volta sobre os seus passos e vae morrer n'uma prisão ou n'um degredo...

E emquanto sentia a consciencia segredar-lhe tudo aquillo, Edmundo fitava a amante, debatia-se, julgava ouvil-a pedindo piedade, entre soluços, entre gemidos. esforçando por aticar com as suas caricias tremulas e desesperadas as cinzas frias de tanto amor...

— Edmundo, que tens? estás tão triste...

Elle arredou-se ainda dos seus beijos, n'um derradeiro esforço, mas sentiu'o coração tremer de cobardia, abandonou-se aos seus braços,

que o procuravam, e sem paixão, sem desejo, mais curvado ainda ao seu olhar de pena e de mysterio, deixou cahir a cabeça entre as mãos d'ella, murmurando-lhe o nome, muito baixo, como respondendo á sua alma, para contentar o coração e apaziguar a consciencia...

O nome destruido, a vida perdida, era pagar bem caro um instante de paixão e de loucura..., mas ella tambem não viera quebrar de encontro á sua passividade e á sua ternura tão pouco viril, o ultimo sôpro de alma, a ultima vontade de amar, o derradeiro desejo de sentir-se entregue até ás entranhas a um sér que lhe concedesse o mundo, o terrivel enigma do futuro a infamia brutal do seu presente, e lhe apagasse da testa o ferrete de ultima?

Tanto peor para elles dois, se ambos se tinham enganado, pobres borboletas que tinham queimado as azas na mesma luz doirada, perigosa e perfida a que se chama amor... Ambos se tinham desesperado, ambos se tinham expectorado toda a amargura e fel que lhes enchia o peito... Se houvera beijos amargos, só o mundo os envenenára... Coito de poeta com meretriz traz sempre desgraça..., é como o de padre e a feiticeira. Ambos têm uma religião a servir, ambos a conspurcam. Arrastar poesia na lama é como chafurdar os votos na blasphemia sacrilega.

Edmundo deixava-se mirar pelas pupilas deoiro de Honorina, contemplando-lhe a figura pallida, debruçada para elle, receiosa, perturbada, tentando comprehender no seu olhar o

turbilhão de pensamentos que alli rolavam a seu lado, no espirito do amante qua ella fizera infeliz, sem sua culpa, sem saber, largando-se irreflectidamente, sem calcular o sorriso, sem afogar dentro de si o que a revolvía no momento, farta emfim de calcar tanta coisa no peito, ante a indiferença e o desprezo dos homens, o interesse da vida, a incerteza do amanhã...

Era uma caridade conceder-lhe ainda uns dias de existencia, na vespera de a deixar para sempre, abrindo um mar entre os seus amores, as suas doidices, as suas horas de embriaguez, de delicias e de magoas...

Ella, exhausta tambem, sem forças mais, prendia-se a elle, e ambos se sentiam finalmente reviver, rendidos, poupando-se, caminhando talvez para um verdadeiro amor, sereno, calmo, puro, constante, fiel...

Foram tres dias socegados, tranquillos, os unicos talvez da sua vida a dois.

Edmundo levantava-se cedo, ia trabalhar, agora cheio de fé, acariciando sempre esse sonho dourado de ir revêr a mãe, pensando que bastaria prevenir Honorina no momento de partir, preparando-se comtudo desde já para o lance que ia desatar a jamais os seus abraços e separar indefinitamente as suas boccas.

A Emilia tinha ido morar com o amigo, e Honorina sozinha, passava agora os dias a cozer, a deitar as cartas, invadida de um vago terror pelo futuro, sentindo aproximar-se uma hora lugubre, inexoravel, fatal.

Paga a conta do restaurant, Edmundo co-

mia agora em casa do correspondente, todo entregue á sua obra, assignado o contracto pelo qual o editor se obrigava a pagar os cinco contos á entrega do trabalho.

Sentia-se outro, julgando um sonho todas as baixesas de que o accusava um passado de hontem, julgando-se incapaz de recommençar, inflexivel no seu proposito, sedento d'aquella honesta e nova vida, onde se reanimavam os seus sentimentos de orgulho e de amor proprio, como flores pendidas pela chuva e que se reerguem a um raio de sol.

Perto de Honorina as palavras faltavam-lhe, não se sentia sincero. Os beijos rareavam, e muitas vezes de manhã, ao levantar-se, era preciso que ella pedisse, mal accordada, vendo-o partir: «abraça-me ao menos»...

A' noite n'aquelle ninho tepido feito para si, Edmundo encostava-se, lia os jornaes da tarde, fumando cigarros um atraz do outro, até lhe vir o somno. Chegava tarde, ia-se embora cedo...

Antes de se deitarem ficavam os dois á janella mudos, vendo a rua, olhando os carros passar a trote rasgado para Botafogo, para os escandalos burguezes da «Sereia», as orgias pobres do «Campestre»... E ambos estavam longe d'alli, a mil leguas um do outro, as cabeças juntas, roçando-se as faces.

Não havia mais como em outros tempos os grandes beijos demorados, as contemplações de vista, os delirios febris, insensatos, depois d'essas rugas em que os dois se injuriavam

em phrases de alcouce, em giria do Sacco do Alferes.

Aquellas mãos, que antigamente arrancavam colxetes, atiravam a saia e a camisa para o meio do quarto, n'um frenesi, n'uma pressa abrazante de goso, eram agora preguiçosas, molles, indolentes.

Denoite, no escuro, quando se abraçavam, elle percebia por instantes nos olhos da mulher essa chamma d'incendio, como um tremor d'ouro na treva, mas depressa o relampago fugia, o seio deixava de arfar tão precipitadamente, havia um repouso e uma resignação subita em todo o seu corpo de vibora, as boccas approximavam-se humidas, ella abandonava-se sem vontade, como um dever...

De manhã, eram inuteis os seus rogos para retel-o na cama por mais tempo... Por mais que ella deixasse descahir a camisa até ao bico dos seios e enterrasse a cabeça de bronze na escuridão dos cabellos de atados, erguendo as palpebras, inundando-o de olhar, as pernas abertas, as mãos estiradas, Edmundo deixava-a, promettia vir mais cedo, dando-lhe o ultimo beijo á porta, onde ella o acompanhava sempre, semi-núa, offerecendo-se ainda, suspensa do seu pescoço...

Uma vez na rua, Edmundo procurava um passeio, ia á Copacabana, á Tijuca, a Nictheroy, ficava a lér debaixo de uma arvore ou na praia, até ás horas do almoço.

Honorina ficava na cama até á uma hora, indolente, entorpecida, sem nada que fazer...

Aborrecia-se durante todo o dia, fumando, molhando os beijos em calices repetidos de kerman verde, indo e vindo no quarto, só-sinha, quasi sempre cahida no divan, sentindo a falta de alguma coisa bem imprescendivel á sua vida, essas horas agitadas, que a erguiam como uma rainha coroada em face ao amante, para cair logo depois mais vergada, mais escravizada, torcendo-se de desejos, de febre, ardendo dos pés á cabeça, com o coração aos sobresaltos, o ventre em convulsões, a ganir como uma fera, trincando os beijos...

Tudo acabara... e ella sentia-se agora com forças para proferir a phrase rebelde, essa confissão nunca murmurada em tempos de sua vida:—Amo-te!

Sim, se elle quizesse ainda, se a desejasse, os seus abraços podiam tornar-se cariciosos, meigos, tremulos como no primeiro dia, o unico em que os dois se haviam entregue, sem hypocrisia, sem intimidade, sem mentira, julgando ser só por uma hora, uma noite, e que tudo acabaria de pois, sem saudade, sem tristeza...

Mas não fallava elle em partir para perto da mãe, ir-sê embora, deixal-a? E com que felicidade elle dizia tudo aquillo, preparando-a fazeñdo-a comprehender o irremediavel da sua resolução!... Em outros tempos, a um signal seu, Edmundo resignaria tudo, por ella, deixaria que lhe escarrassem na cara, e agora, hia-se embora, feliz, calmo, com o seu olhar sereno que a calcava aos pés, desprestando-a

por essa vida honesta, virtuosa e pura, que era todo o seu sonho de futuro...

La ficar sosinha, obrigada a chamar os homens da janella, debruçada ao mesmo peitoril onde tinha ouvido tantos juramentos falseados, tanta promessa mentirosa... Tinha agora que correr todos os theatros, cuidar dos seus sorrisos, da pelle, da toilette, reconstruir pouco a pouco os seus restos de belleza, envelhecida n'esses dois mezes de abandono e paixão...

Ficava horas em frente ao espelho, pesquisando as rugas, a morte do olhar, apagado como brazas frias, passava em revista todos os vestidos, a roupa branca, as meias de seda, vendo tudo reduzido a trapos, a rodilhas, sem um chapéo decente, um espartilho que prestasse, uma velhice em todas as gavetas, em todas aquellas sedas, usadas gastas e imprestáveis...

— O senhor Francisco está na sala; pede para fallar-lhe...

Honorina, de um pulo, levantou-se, concertou os cabellos, poz os brincos...

— Manda entrar, que venha...

E atirou-se ao pescoço do amigo, arranjando-lhe o nó da gravata, reprehendendo-o de se haver demorado tanto tempo em S. Paulo...

— Vinha ver-te, sei que estás amigada...

Ella encolheu os hombros; chegando-o a si, sem responder, entregando-se alli mesmo no sophá, sem desejo, sem vontade, por interesse, cuidando do futuro...

E quando veio a si, o tremor que ella passou, ouvindo a voz de Edmundo nas escadas.

Despediu o amigo, segredando-lhe para voltar ao outro dia, ás duas horas... Teriam tempo de fallar á vontade, mais longamente...

Foi fechar então a porta, passou a borla do pó de arroz pela face pallida, perfumou-se, espetou uma camelia nos cabellos, perto da nuca, como as creoulas de Cuba, o que lhe dava o ar de uma gitana.

Olhava-se ainda ao espelho, arranjando o penteado, quando bateram á porta.

— Entra, Edmundo...

Honorina voltou-se, estendendo o pescoço para o beijo do costume, depois, parando diante da sua frialdade, ficaram os dois hesitantes, enfrentando-se, com receio da primeira palavra.

— Bôa tarde... disse ella baixo com voz tremula.

E fitava-o com os olhos penetrantes, procurando advinhar a razão do seus modos tímidos de repulsa.

— Pareces doente, Honorina...

Ella, receiosa, não o largando da vista, balbuciou que estivera a dormir...

— Com esse typo que sahiu d'aqui ha pouco, não é?

Com as mãos estiradas para traz, debruçando o busto, approximando a cara, parecia sorrir orgulhosa, desafiante, vendo-o chegar de novo enciumado, como d'antes.

Elle, arredando-a, fallava-lhe agora da sua felicidade, d'essa viagem ao Rio Grande que

o separava para sempre da vergonha, das suas perfidias, das suas mentiras... Depois, bruscamente queimando-a com os olhos incendiados:

— Já deixaste o Leão, ein? Este é mais velho, mais seguro...

— Ouve-me...

— Não mintas, estiveste com elle...

E' o meu amigo, o que foi a S. Paulo... Deixei-o por tua causa...

Ah! sim... E' melhor acabar já de uma vez com toda esta porcaria... E' melhor assim...

Ella aproximou-se, as pestanas batendo sobre um mar de luz libertina...

— E's injusto, digo-te... Veio ver-me, eu estava deitada, doente...

Recebi-o com a porta aberta... Esteve sentado alli, n'aquella cadeira... E depois, para que ter ciumes? Tu vaes embora... que te importa?

— Estavas com saudades d'elle, ein, minha femea?

Honorina tapou-lhe a bocca com as mãos.

— Queres continuar a vida antiga, bemsinho? Não, eu não quero... E' peor para nós ambos... Não quero, ouviste?...

Edmundo recuou, olhando-a assim desvairada, com uma flor de sangue nos cabellos...

Ella abraçava-se, envolvendo-o nos braços chegando-se a elle, fazendo-o respirar a sua carne quente perfumada de iris e violetas.

— Fica, não me deixes..., fica morzinho, meu bem...

Aquellas palavras da rua do Senhor dos Passos enojaram-n'ó. Viu-a tal qual ella era, vulgar, já velha aos vinte e um annos, baixa, reles, mulher da vida em Juiz de Fóra...

Arrancou-se dos seus braços, esforçando-se por desatar a rir...

— Deixa d'impostura, filha...

Honorina, de pé, parecia não ter ouvido.

E eu fim, comprehendendo tudo, escondeu a cabeça nas mãos, toda vergada. A camelia vermelha desfazia-se, petala a petala, cobrindo-lhe os hombros e os cabellos de grandes nodoas escarlates.

Na rua já estavam os candieiros accesos o quarto embebia-se de escuridão.

Levantou vagarosa a cabeça, para uma derradeira supplica.

Edmundo, de pé na porta, ria-se ante essa comedia da mulher.

Ella então cresceu dentro da sua miseria, e com as ventas dilatadas, estendendo o braço, gritou-lhe entre os dentes :

— Puxe!... Nunca mais aqui volte...

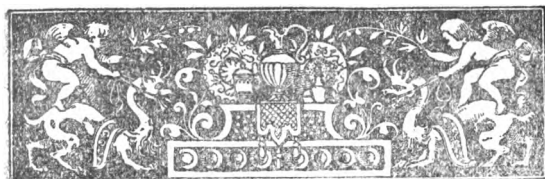
Edmundo desceu as escadas, e ella ouviu mesmo oriscar de um phosphoro com que elle accendia o cigarro no ultimo degráo.

Deixou-se cahir na cama, como um trapo, soluçando, até que ouviu passos no quarto. Ergueu-se a meio, com um sorriso d'esperança na cara molhada pelo choro...

— A conta da semana, D. Honorina...

— Não tenho dinheiro, amanhã pago!...

E escondeu de novo a cabeça nas travesseiras, mordendo desesperada as fronhas brancas.



XI

« . . Si notre affection est traversée ; si elle rencontre des obstacles, elle réagit, et cette réaction, impétueuse, convulsive, comme celle de tout ressort agité et comprimé, nous porte à des mouvements desordonnés. par conséquent accompagnés de souffrance. Notre affection, alors devient passion. Et comme les obstacles qui l'irritent ne peuvent jamais être placés que par les intérêts d'autres personnes, elle nous anime d'une violente haine contre ces personnes si offensives si importunes ; elle change notre douceur en brusquerie, notre générosité en sentiments odieux. »

AZAIS, (Précis du système universel.)

Por mais que elle quizesse odiar essa mulher, sentia-a dentro de si, envolta no seu passado, tolhendo-lhe o futuro...

Tinha-se encarnado n'elle, vivia no seu sangue, povoava-lhe os sonhos...

A's vezes de manhã estirava os braços julgando encontrar o pescoço macio da mulher,

+

a que prender as mãos... No escuro parecia-lhe vêr uma nuvem de cabellos pretos atirada nos travesseiros, e vergava-se para beijar esses cabellos...

Não a podia esquecer. A carne e o sangue pediam-lh'a a cada momento n'uma supplica lastimosa...

Não, elle não se arrependia de a haver deixado, mas desesperava-se de se ter visto forçado a fazel-o.

Por mais que se convencesse da sua indignidade, não podia apagar da memoria a sua imagem.

É a vida sedentaria, vasia, nomade, que levava, predispunha-o a todo esse levante de ideias, a bater-lhe a imaginação, noite e dia, sem treguas... Um desanimo intenso apoderara-se d'elle... Não trabalhava mais, e que tortura para conseguir encher duas tiras ou lêr duas paginas!... Começava um soneto e largava-o na primeira rima, incapaz de um esforço... Passava dias no quarto, sem sair, atirado na cama. a cabeça cheia de Honórina. A apparente tranquillidade do seu olhar escondia um desespero aferrolhado na alma. Como alguém fatigado de chorar, sentira exaurir-se toda a demonstração exterior do soffrimento interno e deixava-se viver dentro de si, escondido na sua carne velando mudo o feretro de todas as suas esperanças...

A voz da razão consolava-o, mas a creança não desviava os olhos d'essa lenta agonia do coração e da sua queixa tremula... Para salvar uma linha de deixar morrer o outro... Resi-

gnava-se, mas não sem mormurar de olhos baixos ante a inflexibilidade do orgulho, do amor-proprio, de todo o seu character emfim, esse juiz da alma, sempre assentado no tribunal da consciencia...

Como um réo tentando desculpar-se um crime, procurava atenuantes, forjava subterfugios para apiedar a força fria e calma da razão.

E talvez fosse possível dobrar esse veredugo, era essa a sua mais intima esperança, no dia em que fizesse acreditar a si proprio a felicidade que d'ahi lhe poderia provir.

Mas como ?

Essa mulher cegára-o, quasi o desgraçára. Nos seus beijos de impura parecia haver uma contágio de infamia. Não o amava, não o comprehendia; o seu amor era uma humilhação sem nome, a sua vida a dois um chiqueiro abjecto de porcos, bebendo na mesma pia...

E d'ahi? os outros todos não viviam de egual sorte? Era só elle a ser immundo e vil ?

Ficava horas e horas remoendo vilipendios ao mundo, rogando-lhe pragas... Tivesse elle uma só garganta fosse ella de ferro, sentia-se com forças para o esganar, alli, como um cachorro...

O terror da morte convertera-se em desasombro... Injuriava o mundo julgando-se já com os pés na cova.

Mas quem o impedia de ir outra vez parar aos braços d'essa mulher? Fosse... Qual o

que! não podia, era impossível... O mundo não estava sómente a volta d'elle, estava também dentro de si!...

A dignidade, a virtude, a honradez, o orgulho, não eram só palavras que lhe berravam ás orelhas, havia também na sua consciencia uma voz a prendel-o de medo, a agarral-o, crivando-o de martyrio... Porque essa voz? Até onde a vista alcançava só via injustiça, maldade, egoismo e ambição... E eram essas quatro boccas de meretriz que lhe gritavam: honra, dignidade, sentimentos e virtude!...

Toda essa infantilidade monstruosa, todas essas ideias nascidas corcundas, defeituosas, essa creche de raciocinios doidos, mais o irritavam ainda, porque não lhe davam razão e não o desculpavam.

Mais do que nunca, só, preso entre as quatro paredes de um quarto, rolava a sua pobre cabeça enferma atraz de mil sonhos impossíveis, atiçava ideias como matilhas de caça, desesperava-se, e ficava longos minutos murmurando, muito baixo, nas folhas de um livro, nas costas da mão, nas travesseiras: Honorina!... Honorina!...

Esforçava-se por trabalhar, impunha-se a tarefa de escrever tantas paginas em um dia, só se levantar ás horas da comida..., mas deixava-se perder na nuvem de fumo de um cigarro, abria volumes, encharcava a alma de odio, rindo as vezes com Voltaire, Montaigne, La Bruyère, Pascal, Spinoza, repetindo-se deliciosamente a phrase de Boileau: «chacun trouve sou plaisir où il le vent; lais-

sez vous emporter pour ce que vous prene pour les entrailles et ne cherchez jamais á avoir du deplaisir.»

E chasqueava, dava um ponta pé em todas as convenções, tremia de odio, gritava ás paredes: — Então gatuno é o que rouba um pão para comer? E o rico que trabalha para possuir ainda mais? Não é gatuno? Não rouba os outros?

Estirava o punho fechado para os lados da cidade: — choldra!

N'aquella vezania confundia-se com todo o lixo da desgraça, empurrava theorias, desdobrava planos de conversão.

Passava horas a inventar supplicios, sem saber porque fazia tudo aquillo. Em instantes de febre atirava periodos ao papel, com o intento de forjar uma obra que tivessse por synthese: «O mundo é uma esterqueira.»

Uma noite levantou-se para rabiscar a lapis estas linhas confusas e desesperadas:

«Como é possível ser o acto do amor uma coisa hoje em dia tão rebaixada e vil, que um homem o póde pagar a cada esquina? Se é do amor que nascemos, nós todos que veneramos nossas mães, se é o amor o dote que a noiva nos traz, em paga ao sacrificio de lhe entregarmos em mãos a nsssa vida inteira, se é ainda do amor que nascem os nossos filhos, porque foi então que os homens o infamaram n'uma parodia infame?

Como se concebeu esse horrendo sacrilegio? E os céus não se despenharam sobre a terra para a esmagar n'esse dia?

As casas onde se compra por instantes um ventre parecem-se com os templos em quo se calca aos pés a hostia consagrada.

« Vade retro Satanaz! . . . »

« O amor é ou não a mais poderosa força do universo, aquella em que mais se percebe o poder sobre natural de Deus? E' ou não do amor que brota a vida? E conspurcam-n'o, os vis! Por isso tudo é lama!,.. Se querem a agua pura limpem a fonte... O amor deve ser tão santificado como a religião, esta leva além do tumulo, aquella traz-nos ao sepulchro... A vida nasce do amor, assim como a religião nasce da morte. São as duas paralelas que descem do céu á terra. Uma parte do amor e vem desaguar na vida, a outra brota na religião e vem terminar no aniquilamento. Tudo caminha entre essas duas barreiras de luz. Mas os homens tripudiaram em cima do amor e descreram de Deus...

Julgando abrir balisas, estreitaram o seu circulo de vida e caminham agora de ventre a tumba como um prisioneiro da porta á janella gradeada... Cachorros! o amor é tão puro que Christo nasceu de uma mulher virgem... »

.....,.....:.....
 Passava assim os dias, n'uma agitação, alanceada, sem saber para onde se voltar, tentando reagir, procurando desviar do futuro a treva espessa que a razão lhe figurava, chorando ás vezes como uma creança...

Ter vivido para «ella» dois deploraveis mezes de agonia, e esquecel-a, seria renegar

a vida. Ao só pensamento de a perder via-se perdido sem remedio...

O que seria feito d'ella. Soffreria como elle, sem animo de o chamar, de lhe pedir que voltasse?

Talvez fossem os dois a padecer... Porque ella devia bem ter lido nos seus olhos os sacrificios, os martyrios, a que o forçara

Devia saber que não podia viver assim sem ella, deixando-lhe entre mãos os despojos da sua alma posta a saque

Ah! ella roubára-lhe tudo!... Não; fôra elle que tudo lhe déra!...

Para que viver assim, sem fazer nada, sem aspirar a coisa alguma, sem ambições, sem vontades, sem uma amizade, uma palavra de conforto, uma illusão ainda?

Prendera-se áquella ideia, o resto era um grande vacuo...

E quando sahia, raramente levava a bater as calçadas, sem um fito, sem uma paragem, andando sempre, como n'um grande deserto. Pisava n'esses passeios as mesmas pedras que ella calcára, quando d'antes sahiam os dois durante a noite, caminhando ao accaso, com murmurios de amor...

Estava possuido d'aquelle ser maligno e não havia exorcismos que lhe valessem. A nevrose irritára-se e fizera-o um monomaniaco. Já não eram angustias nem desejos, era uma raiva atroz pelo « outro », uma raiva interior, surda, por essa consciencia que o tentava amparar na sua quéda. Esse « outro »

que morava em si proprio, que o sustinha, o exhortava a seguir pela vereda do Bem...

Mas seria um mal, esse pobre amor que padecia no seio de sua alma, prosternado, de joelhos? Era culpa d'elle não ser esta mulher digna de um tal beneficio? Não era então o destino que plantava o amor nos corações? Quem faz nascer a palmeira na brenha da matta? Quem obriga a samambaia a brotar a beira dos correços? E o lyrio a nascer n'este valle e não n'aquelle monte?

Pois não era a fatalidade? o decreto irrevogavel, soberano, mysterioso, que ia accendendo as paixões na terra e espalhando as estrellas pelo céu?

Assim, todo aquelle grande amor seria admirado por uma esposa, e o desgraçado que se sacrificasse pela sua mulher seria bemdito pela voz do mundo?

Em tudo se lia o desígnio da Providencia, essa força invisivel que é apenas o lado palpavel do poder divino.

Tudo partia d'esse principio immutavel de genese, e exterminio... A cada passo se tropeçava na fatalidade. De que serviam as leis dos homens? Os codigos esmagam-se aos pés, queimam-se ao fogo, renegam-se, revogam-se, mas o irreductivel, o irrevogavel, o fatal, o que leva á cadeia um chefe de policia e cobre de honrarias um miseravel, ah! com isso ninguem pôde contar, são sentenças que se não podem desviar da cabeça do réo; nem mesmo que á uma, todos os juizes da terra clamassem contra os céos...

O amor e a vida, a religião e a morte...
Engrenagem formidável!...

E por toda a natureza ruge essa fome de Ugulino, essa sede d'exterminio, assim como em todos os séres rebenta a ancia do amor, o desejo insaciavel de vida...

A terra comê os cadaveres e pare as flôres. As flôres sugam a podridão; no seu calyce vem o abelha buscar o mel, o homem rouba-lhe o mel e a cêra. Essa cêra trazida de um corpo em decomposição, acompanha em tochas outros cadaveres á sepultura...

Depois de olhar assim o mundo, encadeiando-se segundo a segundo por uma força de vontade sobrenatural, olham-se então os homens, tentando ainda desviar a fatalidade com as leis, emendando Deus...

Edmundo pensava, debatia-se, vendo as aranhas chupar as moscas, os passaros engulir os mosquitos, os gatos estrangular os ratos, e a sociedade, meretriz de porta aberta, reger o mundo, dictando convenções!...

Qual é o destino do homem senão tragar até á ultima gotta a taça da vida, seja ella de vinagre, de fel, de veneno ou de cidra e agua de rosas. Para que vacillar?

Tem que se beber. beba-se logo. Nem que se haja de morrer com a ultima gotta que contenha, nem que se haja de agonisar cincoenta annos a fio... Veneno ou balsamo, o homem devia-o tragar sem repugnancia, sem retorquir... Está lá em cima quem manda!...

Ninguém foge á sua sorte . Nada de ser pusillanime! Que importa o mundo!

Edmundo curvava a cabeça, resignado, chorando.

Quando a deixára, o seu primeiro pensamento fôra que ella não tinha dinheiro. Entrou no «Paschoal» para lhe escrever duas linhas, mandando-lhe com que pagar a conta da semana.

Ao levantar o copo onde fervia o syphon despejado no vermouthe, Edmundo ouvia fallar no seu nome. Reconheceu a voz. Quem fallava não o podia vêr, occulto como estava pelo espelho. Escutou.

Leão Absali, n'uma roda de poetas semi-decadentes, respondia á pergunta de um rapaz de côr duvidosa e punhos positivamente muito sujos.

— Se conheço a amante de Edmundo?... Mais do que elle...

— Como se chama?

— Honorina...

— Nome bonito para romance...

— Dizem que gosta muito d'elle...

E o turco, debruçando-se na cadeira, batendo os dentes com o castão da bengala, desatou a rir.

— Se gostasse não estava commigo que não lhe dou um vintem...

Houve duvidas.

— Não, falla sério... Ella é bonita?

— O que tem de melhor são as pernas...

Fallando desse episodio vergonhoso dos seus amores, Edmundo escrevia estes periodos n'uma carta para S. Paulo:

«...Deu-me vontade de partir a garrafa n'aquelle pulha, mas contive-me e agradecei-lhe no intimo. Subiu-me á garganta um nojo de todo esse passado de vergonha, e mais do que uma intensa vontade de ir embora, fugir para bem longe... Confesso-te que nunca me tinha compenetrado dessa supposição odienta, que ella me enganasse com esse typo... Custa tanto uma pessoa a acreditar em cousas tão humilhantes!...

E' como querer convencer um camponez de que não existe Deus. O simples estenderá o braço para a colheita, para as roças de milho, e a sua vista affirmará o contrario... Eu beijava-a tanto que nem tempo tinha para a julgar tão degradante!... Oh! meu amigo, quanto elles dois se deveriam ter rido de mim, vendo-me humilhado, triste, os olhos cobar-des, a alma embebida de desespero, sacrificar-me, descer, descer sempre..., coberto de ridiculo, com as gargalhadas d'elles nas costas!... É pensar que ha um homem capaz de ser tão hypocrita, de possuir uma consciencia tão negra, uma alma tão falsa!... Quasi todos os dias elle jantava á minha meza, bebendo do meu vinho, dizendo-se meu amigo, bajulador como um valido... E sahia d'alli para os cafés, contar o meu papel, alardeando a sua infamia e o meu ridiculo... Dizem que o mundo desculpa sempre essas villezas... Agora que te escrevo, que revolve toda esta lama, lembra-me essa historia do tunnel, esse a «proposito» para fazer vomitar depois do jantar... Estou no lugar d'esse individuo, que to-

mando a garrafa onde a velha expectorava por um remedio contra tosse, engole todo o ranho da velha, e só então sente os escarros descer-lhe á garganta como lesmas, pegarem-se-lhe á lingua, aos beiços, ao ceu da bocca, flacidos, molles, pegagentos, amarellos como puz...»

Essa impressão tão justa de repulsa e de nojo, afogará-se depressa no turbilhão de ideias, de evasivas, a que se entregara depois, no isolamento, no abandono. Mas passados os primeiros dias de revolta, mais socegado, percebendo não haver para si desculpa alguma se continuasse a persistir n'aquelle opprobio, sobreveio-lhe um abatimento e uma melancholia funda.

Uma noite ouviu que o chamavam a uma esquina, de «Lovelace em verso» e «pudim d'amor». Não se atreveu a olhar para traz. Andava indiferente a tudo, fugindo a todos.

Julião, o unico fiel, acabava de concordar sempre com as suas doidices. Liam em voz alta o «Werther», e mesmo de uma vez, falando de Musset ao jantar, descuidaram-se na dose do vinho e Julião vira-se forçado a levar o poeta de carro para casa e aturar-lhe as lamurias em versos traduzidos da «Marion Delorme».

Andava pelas ruas, alta noite, sosinho, rondando de vez em quando as janellas da amante. Retrahir-se, cahido n'uma indolen-

cia de que accordava febril, n'uma ancía de caminhar, ir sempre a direito, até ao Jardim Botânico, até á Tijuca.

Tinha crises de chôro, sentia que mais ninguém se importava com elle. Desviava-se das redacções com medo que lhe não correspondessem aos cumprimentos ou o olhassem de travez. Entrava nas igrejas, para ver os outros rezar. Ao menos allí entravam todos, os pobres e os ricos.

Deu em levantar-se cedo para ouvir a missa do Carmo, ás oito horas.

E a sua vagabundagem isolada, levava-o a entrar em tabernas, pedir «reino», embriagava-se quasi. Deixava sujar a roupa, era preciso a creada lembrar-lhe para mudar a camisa.

Uma noite de chuva, como o chamassem de uma porta escura da rua da Misericórdia, voltou-se. Debruçada na cancella, uma mulher fallava-lhe, com um olhar triste. Entrou. Viu-a despir-se, atirar-se na cama, sem desejos, por fome... Tinha um ar de cadella doente, d'essas que se entregam na rua a todo o cão. E como elle a ficasse olhando, com um sorriso doloroso, a bocca aberta, a mulher perguntou-lhe se estava «doente...»

Sahiu repugnado, compadecido, sem lhe dizer uma palavra.

Habituará-se a dar esmolas a certos pobres. Havia um na rua Gonçalves Dias com as pernas inchadas e os joelhos reduzidos a duas úlceras. Outro na rua Primeiro de Março, estava cego e tinha dois filhos. A' noite vinham-no

buscar. No largo da Carioca rondava sempre uma desgraçada em farrapos pedindo para o marido, paralytico...

Assim se repartia a sua vida, n'uma preguiça revoltante, horas e horas a olhar os montes estendido na cama, sem forças e coragem para proseguir a obra, mentindo ao editor, dizendo-lhe estar a trabalhar com afinco, inventando obstaculos imprevistos a principio, falta de documentos imprescendiveis, falhas em todas as bibliothecas, o archivo desfalcado, mil empecilhos a revolver a cada pagina...

E as poucas folhas escriptas arrastavam-se pela meza, entre os livros, abandonadas de ha muito.

De uma vez, esquecendo a chave do portão bateu as ruas toda a noite, arredando-se dos policias, com medo que o prendessem, seguindo rente aos muros, lentamente, dobrado em dois pelo cansaço. Foi até á Escola Militar, voltou ainda pela praia de Botafogo, arripiado de frio, atemorizando-se com o ladrar dos cães, de encontro ás grades dos jardins.

E levou toda essa noite perdida a reviver todas as horas do seu amor... Os passeios de carro, os inolvidaveis momentos de caricias, os almoços alegres, com o vinho bebido pelo mesmo copo...

Fallava sosinho pelas ruas desertas, parando ás vezes a descansar, alagado em suor, as pernas bambas, sem forças. No silencio, a sua tosse roncava comoum mastim, aquelle

dobre agourento de morte enchia a rua, fazia voltar as patrulhas...

Chegado ao largo do Machado espiou as horas no relógio da estação de bonds. Cocheiros dormiam estirados nos bancos, a cabeça no capote enrolado. Parelhas de bestas esperavam, dormindo em pé, carregadas de tirantes...

No caos da Gloria viu-se forçado a cair nas escadas de pedra, sem poder adiantar um passo mais... Ao longe, no negrume que cahia nas agoas ressonantes, as luzes dos vasos de guerra tremiam brancas como lagrimas... Nem viv'alma passava... E quando um rodar de tilbury despertou a rua, elle ergueu-se, cambaleando, ébrio de somno, quebrado de fadiga...

Fingindo-se á espera de um bond esteve uma hora no largo da Carioca, encostado a uma porta, dormindo de pé, e como se fosse aquella para sempre a sua vida, chamava baixinho a amante, n'uma supplica de mendigo a pedir pão... Tudo lhe metia medo, a solidão, uns passos no escuro, uma sombra pegada a uma esquina, o tropear das patrulhas a cavallo...

O mundo visto assim atravez uma noite de desgraça, parecia-lhe vazio, parecia ter-se arredado d'elle para o ver morrer de fome e desespero no meio das ruas...

O dia demorava, e na mudez da escuridão, quando cahiam das torres as vozes gemendo as horas, contava-as n'uma ancia, esperando

ainda um novo soluço do bronze, avançando mais uma hora para o romper da madrugada.

Os seus olhos tremulos, mal abertos, espantavam-se a cada instante... Era o despertar de uma cidade... Dos jornaes sahiam as carroças para a Estrada de Ferro; operarios enchiam os bonds no largo de S. Francisco, e no escuro escorregavam sombras, com canastras cheias de hortaliças e fructas, caminho do mercado. Havia grupos de esfarrapados em volta dos kioskes que abriam. Apagavam-se os candieiros, uma nevoa entupia as ruas onde soavam agora passos vagarosos, de gente com ares de somnambula, caminhando a dormir, as mãos batendo as pernas...

As primeiras portas a abrir eram tabernas, esconderijos lugubres de rondantes nocturnos, onde vultos entravam apressados, andrajosos, olhando para traz, medrosos de ser seguidos...

Até que emfim soaram cinco horas, e o céu abriu uma pupilla de cego, embaciada, vêsga, as estrellas submergiram, e as sombras diluiam como um «godet» de nankin em que se verte um pouco de agua...

As casas romperam do nevoeiro, silentes, debruçadas, sem uma luz nas frinchas.

Edmundo seguiu atraz de um caminhão de verduras e foi parar no mercado.

Ahi, n'esse espaço que vai do chafariz á porta dos carnicheiros, n'esse largo fedorento que olha o mar, entre as canastras de peixe, os molhes de couves, os cestos de fructas, poude elle ver uma scena horrorosa... Eram os men-

digos rondando com olhos famintos e apanhando na lama as laranjas pôdres, as folhas de verdura imprestáveis, esses restos comidos pelas lagartas e pelos ratos, esses frangalhos atirados fóra, esses destroços que os pobres vinham apanhar de madrugada, para fazer o caldo, para enganar a fome aos filhos, para ter forças de gemer o dia inteiro, pedindo esmola...

Ah! mundo abominável!...

Edmundo, depois de tres dias em casa desceu á cidade.

Andava cheio de nojo até á garganta. Quiz tentar esquecer-se, procurando attentamente o que os outros achavam a cada passo na vida: esse prazer que traz do jardim de um theatro uma mulher, ceia n'um restaurante, dorme com ella, paga-lhe á vista, e amanhece na rua, descuidoso, alegre, de flôr ao peito e riso na bocca...

Fez como via os outros fazer, tomou ab-sintho n'uma confeitaria, em que havia senhoras honestas bebendo licôres e «cocottes» provando gelados. A Pepa, com um vestido azul pavão, namorava uma rapariga loura, viva e magra, envolvendo-a com olhos de serpente. Pobre «passarinha» loura! Logo adiante, a Rizza fallava nos seus versos, com meneios de um cadaver fallando dos seus vermes.—«Ah! par exemple, mes vers...»

A Cármen, de preto, com um ar de quem tem predios e brilhantes d'imperatriz, levava

de quando em vez á bocca, com as pontas dos dedos enluvados a «Peau de Suède» uma colher de sorvete de tangerina.

A Laura S. de olhos baixos, fingindo familia, ameigava uma creança que comia biscoitos de baunilha... e ao vel-a assim tão recatada, séria, amimando a cabeça loura do pequenito, quem havia de a julgar essa serpente depravada de luxuria, libidinosa, pervertida, com todos os vicios na carne, essa mulher cujos desejos, como uma môsca varejeira, esvoaçam sempre no deboche e na imundicie ? !...

Havia um ex-ministro, figura esqualida, com modos de principe, curvada a fronte quasi real sobre um prato de empadas de marisco... Era tal o «aplomb» d'esse estadista, que Edmundo julgou-o debruçado sobre um mappa, esbulhando o paiz de uma provincia.. Nas mezas dos rapazes havia baixos pedidos de dinheiro, «até amanhã»...

Edmundo, encostado á bengala assistia a tudo aquillo, sorrindo desdenhosamente.

— O que fazes aqui ?

Era um litterato, um bohemio do 69 da rua do Lavradio, esplendido na sua gravata vermelha com pingos verdes.

Um calceteiro de phrases, vindo de São Paulo, de luvas brancas e muita Rosa Cruz na craveira.

— Aborreço-me... Senta-te, jantas comigo...

—Sabes que morreu o Floriano ?

Edmundo não sabia... Morre tanta gente a toda a hora!...

— E de que morreu o Marechal, de arrependimento, de remorsos?

— Não, de um cancro...

— Como Nero, então... Tive um creado que morreu da mesma coisa... Todo o tarimbeiro tem mau sangue... Questão de principio...

— Não fallemos em politica, sabes as minhas opiniões...

— Ah! é verdade, esquecia-me de que eras estudante de Medecina... Merece-te opinião, o cancro?

— Deixa-tê d'isso... parece-me Voltaire achincalhando a «Pucelle».

— Não falles em «Pucelage»... já nem Boccacio sabia explicar o mytho, ha bons duzentos annos...

— A Carmen está bonita...

— Não é?... Desde que o amante em tempos da rovolta levou com uma granada nos joelhos que quasi o fez cahir, a rapariga é isso, desabrocha como a couve-flôr... E' bem regada...

— Isso é p'ra fazer rir?

— Ah! não, respeito as opiniões... Rir no dia da morte!...

E voltando-se:—«Garçon,» um outro absintho...

— O' Edmundo, tu sabes afinal quem vem a ser Papus?...

— Um gajo muito grande!... O derviche da «Rosa-Crucifére?»

— Não conheces tu outro... Mas o que vem a ser, faz versos o Papus ?

— Não foi elle quem chamou á eternidade o limiar da morte... Um lobis-homem, filho...

— Pasmoso, esse Papus !... Mas olha cá, rosnou-me que elle era um pouco theozophista.

— Certo, certo...

— Mas desculpa-me ainda... O que vem a ser isso ? Alguma descoberta ? Um novo continente ? O balão dirigivel ?...

— E' quasi a mesma coisa... Assim como esmagar o absurdo nas mãos... escancarar o mysterio... allumiar com a sombra, ouvir fallar o silencio ..

— E' questão de um artigo sobre as novas escolas decadentes... Como nephelibata...

— Homem ! não tens máo gosto... São tenrinhos, não são ?

— ...estou fazendo em estylo alevantado uma defesa... Tenho nomes difíceis na carteira... Eliphaz Levy, cirurgião contemplativo e astrónomo... Descobriu a Kabbala... Sar Peladan, mystico e romancista, dramaturgo, poeta e alchymista... E tenho muitos mais...

Edmundo pasmava, a bocca aberta...

— Já não te deixo mais... Explica-me bem tudo...

O outro emendou o «plastron», puchou os punhos, abriu de novo a carteira.

— ... Verlaine, o mysterioso, o nigromante da rima... Moréas, o sceptico, Baudelaire o immortal, Cruz e Souza, o «Morto». Azevedo Cruz, o asceta, Lima Cruz, o mago...

— Deus Santo ! quanta cruz !...

— E agora Papus, que eu não comprehendendo bem...

— Meu Deus ! pois é bem simples...

Vé lá se é o que eu digo... Um exemplo: Para comer um ovo, a gente põe-lhe sal... pois bem, sustentando a gallinha á banha de leitão, o ovo sahe salgado... E' uma ideia... Papus é como quem diria um idiota assim ?

— Pois não, meu bom amigo... E que a alta espiritualidade vos seja sempre junta assim como o vosso espirito é todo d'ella...

Edmundo, á medida que os dias corriam sobre os dias, e como mais a mais uma atonia dolorosa lhe fizesse da mente um reptil vagaroso e indolente, molle e preguiçoso, deixava-se ficar em casa só sahindo pouco para espaiar o sarcasmo e o odio que o atulhavam, rindo de tudo com o cynismo mais revoltante, largando phrases, medindo todos pelo nivel das pedras das calçadas, esbanjando a bilis, escarnecendo sem contemplações de todo o mundo, deixando approximar-se a trote largo o derradeiro dia, sem um gesto para o deter em meio do caminho, não se importando mais com o tomar remedios, folheando os jornaes á busca de um crime, com vizitas aos necrotérios e curiosidades monstruosas de saber as mil infamias do mundo, um pai que violentou a filha de seis annos, os assassinatos do Paraná a revoltante passividade do governo em tanto crime, os desfalques no thesouro, os escan-

dalos da rua do Ouvidor, essas mil pustulas abertas em entrelinhas nas gazetas, esses mil nadas que andam pela bocca de todos, em toda a parte...

Escondia assim a melancholia de isolado, bocejando da vida, aconselhando a Julião a procurar mulheres de tres mil reis e a beber cognac, os ultimos e supremos confortos d'esta choldra, tomando interesse em saber quanto doido andava na cidade, calculando-os pela venda dos bilhetes de loteria e do jogo dos bichos... Acabara mesmo por se convencer que o amor, tal como o sonhava, era impossivel. A' falta de melhor, tinha para contentar-se, muita mulher bonita, de cabellos de toda a côr, pretos como os de Hero, louros como os de Cloé, castanhos como os da Manon..., e havia-os já vermelhos, como estandartes de victoria, espalhando nas espaldas o triumpho da carne...

Farto de caminhar a procura de outra coisa, estava quasi resolvido a aceitar estes restos de goso, mas tornava-se difficil, procurando uma que não fosse vulgar como mercadoria, que soubusse enganar, fingindo-se dada como um presente e não vendida como um livro em que se procura uma emoção... Alguma que mercadejasse a carne sem ser açougueira...

D'aquillo era difficil. Acabara-se a raça. D'antes, era certo ter existido d'essas mulheres de amor. A Augusta Vagabunda jogava navelha, comia nas tascas de perna traçada com os capoeiras e tinha ciumes da Carmen, como de uma leôa. D'esses typos de romance, cresci-

dos na bohemia de ha dez annos, não restava nenhum...

A mocidade dera em ostentar roupa nova para esconder a alma velha, camisa limpa para disfarçar a consciencia suja, e esse resto antigo de paladinos, os sobreviventes da vida airada de bohemios, com a alma illuminada de ideal, a cabeça pesada de illusões, e o coração bastante grande para o amor e para o soffrer, d'esse punhado de talentos, desse grupo de estudantes pobres de dinheiro e banqueiros de chimeras, uns estavam casados, os outros tinham de aguentar nomes feitos á custa de muito sacrificio e muito transe.

O estudante de hoje tem mezada, reparte-a com as femeas e embriaga-se por luxo, no primeiro botequim, como um cocheiro...

Passar aquella extraordinaria phase da vida litteraria, esse adoravel capitulo inedito das memorias de Murger. D'alli tinha sahido esse admiravel Parda! Mallet, os dias luminosos do «Combate» e os primeiros versos da moderna litteratura brazileira, e os mais brilhantes periodos da geração actual, um punhado de carbunculos nascidos na meia-sombra de dias afflictos, de mezes de soffrimento, de annos deutupias... Esses pagavam ás mulheres com beijos, e nos dias de fortuna repartiam um pouco com os pobres bem sabedores do que é a miseria... Tudo acabara... Tambem, que desespero insano a esganar os vinte annos crescidos hoje!... Que céos tol-dados veem as almas quando abrem!...

Difficil de comprehender, este raio de mundo!...

Chegara o dia 6 de Julho. Enterrava-se o Marechal Floriano Peixoto, n'uma camara ardentedo cemiterio de S. João Baptista. Desde cedo Edmundo conseguira um lugar a uma janella, na rua do Ouvidor.

Na varanda do predio visinho uma senhora de preto, com uma grande veu de lastima, toda de crepe, esperava tambem, severa e luctuosa, a passagem do prestito.

Ao meio dia a esquadra e fortalezas salvaram, erguendo no mar um nevoeiro branco.

Acabada a missa pontifical na igreja da Cruz dos Militares, fardas transbordavam dos portaes entre alas de soldados com as armas em funeral, e logo a carreta d'artilharia foi arrastada atéaos degrãos... Corrido o grande reposteiro de brocado negro, a eça surgiu ao meio da nave escura, rodeada de alampadarios e tocheiros, esmagada de corôas.

O caixão, de madeira preciosa incrustada de prata, foi atirado em cima da carreta...

Começaram então as descargas de fuzilaria. Cada regimento, ao passar o feretro, despejava as Manulicher, e entre a fumaça, os sabres dos esquadrões de cavallaria, as lanças e as bayonetas faiscavam. Havia um sacudir de ferragens e tropear de cascos ao fundo do largo do Paço, onde se alinhava a policia a cavallo e o esquadrão de lanceiros.

As vozes de commando berravam a espaço: —Fogo! e aquelle trovão os cavallo tri-niam assustados. Até que uma a uma as tres divisões de tropa despejaram as armas ante os restos mortaes do marechal.

Generaes passavam, o peitoresplandecente de bordados e gran-cruzes, de espadas desembainhadas.

Um piquete de lanceiros tomou a frente do prestito, abrindo alas..., e começaram a passar, aos solavancos, as carroças militares, puchadas a mulas, arrastando as corôas...

Vinha depois o côche, a tres parelhas, lento, como se os animaes arrastassem um mundo...

Do fim da rua vinham toques de clarins, funebres, clamando a morte, e os soldados a cavallo, soprando a toada funerea, avançavam a passo, sustendo os ginetes brancós.

As escolas superior de guerra e militar marchavam latteralmente ao coche como guarda de honra...

Ao longe fanfarras soavam, e ouvia-se um tropel de cavallaria avançando, a passo, erguendo as lanças.

E o prestito passava, intermino, com estandartes, almirantes, generaes, ministros, os ajudantes de ordens, a casa militar do presidente da Republica, um mundo de homens alamarados de oiro, com o chapéo bicorne debaixo do braço, os peitos pesados de condecorações...

Levou duas horas a passar tudo aquillo, e já se perdiam do fundo da rua do Ouvidor

os ultimos feiches de bayonetas resplandecendo ao sol mortiço, quando Edmundo se voltou na janella.

Perto d'elle a viuva chorava. Viu-a estender o braço para o prestito longinquo, e sob o véu luctuoso, uma maldição tremenda foi murmurada: — «Maldicto sejas tu que me mataste os filhos!...»

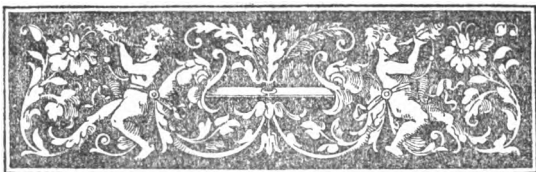
Edmundo fitou essa mulher coberta de crepe, espantado, mudo...

Ella afastou se, levando o lenço ensopado aos olhos cheios de lagrimas.

E Edmundo pensou quanta maldição implacavel cahiria ainda sobre os restos gloriosos do grande morto, até que lhes dessem o descanso da camara ardente, no cemiterio ..

E todos esses clarins, todas essas farras estrugidoras e triumphaes, no seu berro metallic de lastima, todas as marchas funebres que atroavam os ares, não impediam que Deus, o unico justiceiro, o unico que pode punir, ouvisse as maldições balbuciadas pelas mães, pelas viuvvas, pelos orphãos...

Quanta pompa para levar mais um cadaver á gula dos vermes!... Que mascarada, o mundo!...



XII

« Dans le monde tout est confondu. Les juges ne sont plus que des borreaux, qui offrent des victimes humaines à ce Dieux mensonger q'on apelle le Droit et la Justice. L'homme sans foi devient un sage et le sage une dupe. Le héros qui donne sa vie pour la vérité n'est q'un malheureux fou, qui s'est sacrifié pour une chimère. Q'uil meure désespéré sur les pavés sanglants objet de l'indifférence de Dieu et de la raillerie des hommes.

JULES SIMON. (*Le Devoir*)

Edmundo voltava de novo á vida; trazendo consigo uma serena tristeza, uma calma resignada e um olhar soffredor, contando uma historia inteira de martyrio.

Arrebanhou de volta esses companheiros, que o tinham sido de outro tempo.

N'essa camaradagem encontrou sempre os mesmos vicios e de caminho deu em esbarrar com todos os monturos.

Entrou em casa de mulheres que sorriam para aquelle que tinha mais diuhiro. Teve noites em que se descuidou de beber pouco e voltou por isso para a casa sem saber ao certo onde ficava a fechadura do portão.

Fez tudo o que os outros faziam. Depois da ceia brigava com os cocheiros, deixava-se insultar pelas meretrizes de rotula... Era um divertimento passar duas horas no camarim da Pepa, rindo dos adoradores da actriz. Havia phrases ferozes para um deputado do Rio Grande e um negociante janota da rua do General Camara.

Davam-se orgias de Locusta nas casas de iscas, e bebia-se vinho verde em canecas vidradas.

O grande «chic» era fallar em coisas tôrpes... Discutiam-se as aberrações do sexo com uma profundeza de principios philosophicos... Negava-se a existencia de Deus e do Dinheiro.

Pagavam-se amores á hora e nunca se pagavam as dividas. Os carros algumas vezes...

Uma noite entrou n'uma roleta. Leão Absali contava fichas e o banqueiro olhava-o de soslaio, a vér se o gajo não guardava uma no bolço do collete.

Na sala tapetada, leques na parede, sophás e cadeiras de palha dourada, alguem tocava no piano uma fantasia sobre o «Fausto» de Berlioz.

Edmundo espiou.

Curvado no teclado, triste como se acompanhasse o officio a defuntos no enterro do pae, Flayio Reis caminhava as mãos magras pelas teclas, sem erguer sequer a cabeça.

O banqueiro, que estava perdendo, gritou ao criado :

—Dê vinte mil réis a esse typo e que deixe de cacetear com a sua musica... Basta de realejo por hoje...

Rr. r. r. r. r. r... tra... tra... trá... «quinze...» Tres no «impár, vinte e dois no «pequeno, oito na «2ª duzia...» Quantas no quinze?

E a pá arrastava os cartões e as fichas.

Edmundo sahiu d'alli com o coração cheio...

Começou de novo a arredar-se, a fugir de toda a gente.

Fazia outra vez a romaria aos logares por que passara com a amante. Deu de espreitar-lhe as janellas... Depois de a ter avistado entre as cortinas, voltava para casa mais desesperado e mais sombrio.

— Talvez que ella ainda se lembrasse d'elle... Com quem estaria agora?

Uma tarde, na rua do Ouvidor, chamaram-n'o. Era o amigo da Emilia, alegre, com o seu ar eterno de archeiro medieval, fallando alto, atirando gargalhadas, cortejando as mulheres e bebendo como um soldado...

— Como vae ella?

— Quem? o camondongo?

— Sim, a Emilia...

— Bem, nós estamos sempre bem... Somos um casal de pombos... E você, porque deixou a Honorina?

— Porque a deixei tão tarde, quer você dizer!...

— Não, não! Ella falla sempre de si... Coitada, está sosinha, doente...

- Sosinha ?
- Sim está...
- E falla de mim ?
- Sempre...

Nessa tarde, Edmundo chegou até a porta do hotel, depois parou, voltou para traz, mais triste, balbuciando:—Não, não devo ir... Não vou...

A' porta de um jornal, um companheiro fel'o parar n'um grupo, pedindo um cigaro.

— Que é feito de ti ? Julgava-te morto, homem !...

— Ainda não, ainda não tinha morrido ; que pressa que elles tinham !...

— A vêr, de vocês to los, quem seria capaz de me acompanhar ao cemiterio ? de me seguir o enterro ?

— Eu !... disse um rapaz alto, forte, que tinha um grande ramo de violetas na botoeira.

Edmundo olhou-o fixamente, sem o conhecer...

— Emilio de Alcantara, ex-saldanhista, ex-presos da ilha das Enxadas, ex-presos da Casa da Correcção, ex-federalista e ex-capitalista...

— Edmundo de Souza, homem de letras... Apertaram-se ás mãos.

— E porque me seguiria o senhor ao cemiterio ? Bem vê que é o unico... Nem o conhecia sequer quando lhe ouvi a resposta, esse « eu », que o senhor deixou cahir com tanta emphase...

— Porque o estimo, senhor Edmundo...

— Sem me conhecer ?

— Exactamente por isso. Hoje em dia só se podem estimar profundamente as pessoas que se não conhecem...

Os seus amigos hão de estranhar essas suas palavras...

— Não tenho amigos, senhor Edmundo... Ou por outra só tenho um, que a estas horas deve estar a tomar chá, perto da mãe e das irmãs...

— Uma creança, então?

— Uma creança, que se bateu na revolta como um homem.

— Um « Gavroche », então...

— Não, senhor Edmundo, um aspirante de marinha...

Edmundo olhava com curiosidade esse rapaz janota, perfumado, correto, de olhos verdes e frios, que já andara nas guerrilhas do Rio Grande, nas manadas barbaras dos federalistas.

Ninguém o havia de dizer, ao vel'ô assim, risonho, um ramo de violetas na botoeira, e encostado á bongala, fumando charuto. Nada que lembrasse as noites, do acampamento, atirado no cochonilho, dormindo ao relento... as marchas forçadas indo á batalha, atravez a desolação dos Pampas...

— Deve ser bella, a guerra do Sul, senhor Emilio...

— De uma poesia rude e selvagem... Caminha-se para a morte cantando... A's vezes as lanças são de varas de cypreste... As batalhas vencem-se a pata de cavallo, porque no

geral nem ha balas para fazer fogo... E' me-donho, é terrivel!...

— O que é ter uma causa a defender!...

— Qual! tirante os chefes, a tropa é um cardume de vandalos!... São guerreiros como os soldados de Spartacus. A valentia, a heroidade, o dessassombro vêm-lhes do sangue... E' a raça de Canavarro... Aquella vertigem das batalhas, aquella sede de perigo, do sangue, da morte, é um instincto apenas...

— Sabe, que me desfez uma boa illusão ?

— Mas isso tudo não obsta a que essa gente seja grande como deuses vivos... Emquanto ao que acabo de lhe dizer, peço-lhe licença para o provar.. Na batalha das Trahyras vi uma creança de dez annos esfurancar com um pontão de lança um clarim do 12º de infantaria, que lhe tinha morto a mãe com um tiro de carabina...

— Pois ha mulheres nas batalhas do Rio Grande ?

— De certo... As chinas... Acompanham as guerrilhas, montadas, de bombachas, quasi nús até á cinta... Ha algumas que têm divisas... Essa que morreu era sargento... Já vê que tenho razão de fallar no instincto de guerra d'esses homens... Está-lhes no sangue... Nasceram entre dois tiroteios, um pouco por toda a parte, em Cacy, na Laguna, em Porto-Alegre, em D. Pedrito... Abriram os olhos na guerra, fecham-n'os para sempre, vinte, trinta, cincoenta annos depois, em meio de uma batalha...

Um grande poema a fazer, senhor Emun-

do!... Só a marcha do Gumercindo basta para tornar assombrosa essa revolta...

— E o suicidio do Saldanha da Gama...

— E a traição do almirante Mello...

— E o enterro do Floriano...

— O que é o mundo!

— Ah! o mundo!... E se nós fossemos tomar uma cerveja?

Edmundo deixou-se arrastar aos theatros, a um restaurante, á casa de umas mulheres de nome difficil e vida muito facil acabando as quatro horas da manhã, fallando de Alexandre Dumas e de Paulo Féval, querendo convencer-se que esses dois eram os primeiros poetas da Finlandia!...

O Julião foi encontral-o no dia seguinte com um ameaço de hemoptyse, fel'o guardar a cama dois dias.

Edmundo levou esses dois dias a pensar... Aquella vida parecia-lhe mil vezes mais ignobil do que a primeira.

Não valia a pena gastar a mocidade a evacuar a alma pelas entranhas... Tudo isso era nojento e não o fazia esquecer toda a necessidade de amar que havia em si.

Desde que a sabia sosinha, quem o impedia de voltar a ser feliz?

Mas Emilio, ouvindo-o depois de lhe ter contado toda a lenga-lenga da sua paixão dissuadiu-o de semelhante passo...

Mulheres casadas encontram-se a cada passo.

Não é mulher casada...

— Então é uma.....?

Edmundo romantisara todas as scenas, architectara um drama com fins de actos desoladores, quasi tragicos...

Emilio achou indigna a pantomima..., e pasmo, de olhos parados teve apenas força para perguntar se ella era loura ou negra...

— Uma cabocla

— Uh! que horror...

— Então não acredita?

— Só na imperatriz da China porque a não comprehendo...

Edmundo, envergonhado, sem forças para defender a sua paixão, procurava conformar-se ásquellas theorias tão commodas do amigo.

Mas soffria em silencio cada vez mais.

Emilio vasava-lhetodas as suas opiniões... Talvez que o amor existisse ainda em raras almas bem virgens, bem ingenuas, ignorantes da verdade, boiando em sonho..., mas n'essas mulheres que ouvem operettas, e leiem romances, para essas outras que passaram em collegios do « high-life » e a quem a professora era obrigada a gritar de noite nos dormitorios : — « As mãos em cima da colcha ! não quero ver mãos debaixo dos lençóes » !... , essas mulheres que só pensam em sédas, em joias, em carruagens, esses monstrosinhos de face linda e coração desfigurado como um « bibelot » chinez, n'essas era impossivel acreditar-se... Aquillo era lá gente capaz de amar !...

— A paixão da mulher de hoje é procurar fazer-se um enredo de romance em que ella seja a heroina !... Quanto mais descer o ho-

mem mais ella cresce no trama urdido pelas suas unhas de gata manhosa ... Paixão é enganar o marido, é enganar o amante, é procurar entrevistas perigosas, véus que escondam a cara, carros fechados, é sentir-se o gosto de serem procuradas atravez de mil difficuldades, de cem sacrificios.., O amor que tem a mulher de hoje é apenas o de sentir-se amada... Isso desculpa-lhe as perfidias, as infidelidades, as felonias...

— O mais é tudo fantasia... Na roça a sensualidade vence, nas cidades o capricho domina.

E ainda a maior loucura era esperar coisa tão difficil nas mmlheres faceis... Mulher que vende o corpo vende até a alma a quem lh'a quiser comprar...

E uma vez, vendo Edmundo indignado, Emilio lembrara-lhe com o seu sorriso de sceptico :

— Luiz XIII tambem assim amava a mulher..., mas Anna d'Austria, que não era rei, era rainha, andou procurando entre Gastão d'Orleans, o duque de Buckingham e o cardeal Mazzarino, um que melhor prestasse que Sua Magestade... Mulher é sempre a mesma..., é sempre o mesmo gato... Essa rainha, femea como as demais, obrigou Richelieu a fazer de truão deante d'ella... Provado pela sua obediencia que lhe não podia servir, mandou-o embora... Mulher é tão cobra, que até como a serpente muda de pelle, ella muda de capricho...

E acabavam sempre por se despedir discu-

tindo eternamente esse lemma de todos os seculos. Emilio armado de todos os philosophos que tinham apedrejado a mulher, Edmundo deixando fallar o coração sem ir á procura de testemunhas para defesa de seu crime...

Um dia, Emilio atirou o amigo aos braços de uma loura exquisita, de olhos bizarros, uns olhos grandes como flôres, e um sorriso de esphyngge mostrando dentes brancos...

Edmundo achara-a linda, encantadora, com toda aquella meada de oiro na cabeça e essas duas saphiras engastadas em sombrançelhas luminosas...

Mas Emilio veio encontral-o de novo triste, desilludido, apoquentado pela idéa fixa dá amante.

E sentiu curiosidade em vel-a.

Tres dias depois ia procurar Edmundo a casa para jantar.

Encontrou-o abatido, estirado na cama, fumando.

— Que fazes em casa?

— Aborreço-me...

— Então vem d'ahi...

— Aonde?

— Que te importa, se em toda a parte te podes aborrecer como em casa?

— Mas aqui é mais commodo...

— Qual!... Das janellas do «Globo», enquanto se come um «attereaux aux huitres», pode-se ver rondar lá em baixo gente com fome...

— Eu vou...

A' meia-noite, Emilio tinha convencido o companheiro de que lhe era imprescindivel tentar um reatamento de relações...

Fallou-lhe em termos de ministerio e propoz-se para embaixador...

Edmundo delegou-lhe todos os poderes... tratava-se de uma missão em extremo delicada. Emilio desceria da carruagem á porta do hotel e procuraria obter uma recepção para negocio importante... A meio da conversa o nome de Edmundo cahia naturalmente, e elle fingindo-se de Pilatos no Credo, teria occasião de observar se a mulher accedia de bom grado aos desejos de Edmundo...

— E' isso, sim ! Ah ! tu és um bom amigo !

— Isto repugna-me até certo pnto, e não fosse a certeza que tenho de nem sequer ella se lembrar mais de ti, não me encarregava do papel n'esta comedia de roça...

— E promettes ser sincero ?

— Prometto fazer o possivel por julgar essa mulher uma mulata a todos os respeitos e a ti um toleirão...

— Vê lá o que dizes!... Possa ella enfeitiçar-te...

Edmundo esperou dez minutos no carro, impaciente, febril.

— Então ?

— Não me recebeu, estava já deitada... Mas não te affligas, vamos passar uma noite divertida.

A carruagem rodou pela rua do Lavradio acima, tomou pela rua dos Arcos, dobrou uma esquina e parou.

- Desce...
- Para ir aonde?
- Ahi a essa casa...

Mandaram o carro embora.

Emilio tinha batido á porta, pouco depois aberta por um negro.

— Boa noite, Chico ...

— Boa noite...

— Já vieram ?

— Não podem demorar... Vamos subindo...

Edmundo, espantado, deixou-se guiar pelas escadas e entrou n'uma sala forrada a papel azul com florões dourados.

Encostados á parede havia canapés e cadeiras austriacas, de palhinha. Nas janellas cortinas de rendas. Em cima de um console arrastavam cartões de visita, retratos de mulheres, cartas, bilhetes a lapis... Ao fundo da sala uma porta dava para uma alcova em que havia luz...

— Mas onde estamos? perguntou Edmundo baixo.

O companheiro debruçou-se, fallou-lhe ao ouvido.

— Mas não está em Lisboa ? não foi deportado ?

— Voltou, estás em casa d'elle...

— Mas para que ?

— Para veres como um cachorro e um grande homem são uma e a mesma coisa, no geral...

— Não comprehendo...

— Socega... Enquanto esperas vaes ouvir

a profunda philosophia d'esse negro... Schopenhauer daria a alma ao demonio para saber tanto como elle no que respeita mulheres...

E voltando-se:

— Estava a dizer, seu chico que não ha mulher honrada n'este mundo...

— E', sim senhor... Eu ainda não encontrei nenhuma; não senhor...

Havendo dinheiro...

— Mas, seu chico, como arranjou o senhor a mulher do X?

— Muito facil... Eu entrei para copeiro da casa... As creadas era tudo gente minha... Foi preciso arranjar a Dolores para o marido...

— Estás vendo Edmundo? para se arranjar um amante a uma mulher casada basta que se obtenha uma amante ao marido...

— Nem todas...

— Uhé! senhor! mulher é igual a toda gente... Femea vae a pancada e cobre, mulher casada é só para as coisas difficeis...

N'esse momento parava um carro a porta.

O negro recommendou silencio e apagou o gaz.

Um minuto depois ouviram-se passos subindo a escada e um rugir de vestido...

Edmundo segredou ao amigo:

— Já tinhas combinado tudo?

— Já sim... Hei de mostrar-te amanhã ainda mais coisas... Os cosmoramas dos suburbios, onde vão assassinos e ladrões; as rolêtas onde tu verás juizes do Supremo Tribunal, homens

que já foram ministros, paes de familia que empenham as joias da mulher...

— Que horror!...

— Hei de mostrar-te albergues onde dormem vagabundos semi-nús... Hei de levar-te uma noite ao Sacco do Alferes e arredores, para seres roubado a uma esquina... Vou mostrar-te todo o Rio de Janeiro... desde os cortiços da Saude e da Cidade Nova até as casas de banhos da rua do Sacramento...

Agora silencio... Espreita por essa frincha... Não tenhas receio, estamos no escuro não te percebem...

Edmundo engoliu uma exclamação...

— Então?

— Mas eu conheço aquella mulher..., é casada..., tem filhos...

E a outra?

— A outra tambem, é uma femea...

— Pois a mulher casada, essa que tem assignatura no Lyrico e carruagem na cocheira, paga essa p... para...

— E o marido?

— Achacado do mesmo mal; tem uma inclinação funda pelas «capivaras...»

— «Capivaras?»

— Sim, homem, é giria...

— E o mundo?

— Respeita-os... Ella é uma mulher honesta; não se lhe conhecem amantes... Elle da mesma fórma, ninguem o vê em casas dvidosas...

— Vamos d'aqui, Emilio...

— Não queres esperar pelo resto? Ainda que isto esteja longe de ser o celebre 26 do campo de Sant'Anna, é assim mesmo digno de ver-se...

— Campo de Sant'Anna?

— Isso leva muito tempo a contar... Sahiu de lá muita prênhez... Tanto, que agora um rapaz casa-se e tem que receber abraços comovidos de todos os velhos... Cada um duvida ser a noiva sua filha... Dizem-te ao ouvido: «faça-a feliz»..., e a todo o momento ouvirás a phrase: «faça-a feliz»... Aconselho-te; se tencionares casar, guarda isso para quando passar esta camada de meninas casamenteiras... Vir-te-hias obrigado a ter vinte ou trinta sogros, afóra o presumido...

— Mas nós não estamos no Rio de Janeiro, Emilio...

— Roma, Edmundo, isto é Roma, é Sodomia, é Babylonia, é esterco, é como em toda a parte... E fóra o vício ha ainda a miseria... Na Saude vende-se virgens por atacado e a varejo... Oh! a policia sabe, a policia sabe de tudo... E queres saber ainda? De um preso politico que passou vinte dias na rua do Lavradio, sei eu, que trepou n'um policia secreta... se mais tempo lá ficasse, filho, nem os delegados escapavam!... E' como diz o Chico, tudo se arranja, é questão de haver dinheiro para toalha e mais p'ra cama...

Edmundo, uma vez em casa, deitou-se a pensar... Sim, na vida é dente por dente, unha por unha... O que fazer com gente desta? As sedas cobrem andrajos de alma. Os an-

drajos cobrem almas em lagrimas... A riqueza tem o reverso da miséria; é com essa moeda singular que a humanidade paga o imposto da vida...

Agora que tinha aberto os olhos, a sua profissão de fé estava lançada: «Se n'este mundo te sorrir uma illusão, esconde-a cuidadosamente, vive só para ella, devesse isso custar-te os mais atrozes sacrificios... Porque tu dirás:— Esta illusão é a unica coisa que me resta na vida e eu não quero ver morta esta illusão...»

Pois bem, quem quer que tu sejas, se pensares assim e puderes conservar eternamente contigo esse dote divino, serás um homem feliz; mas se o mundo descobrir o teu thesouro, treme, porque o sicario irá esperar-te as dez horas, com uma faca escondida rouba-te...

Se tiveres um filho mostra-lhe toda a gangrena, toda a peste e toda a ulcera... Previne-o de que a mão direita que lhe estendem é companheira da mão esquerda que o atraiçoa... Não lhe escondas coisa alguma..., diz-lhe rudemente o que isto vem a ser aqui por baixo, não te arreceis de arrancar a máscara a este mundo, deante a ingenuidade do seu olhar... E diz-lhe então, ao cabo de lhe haveres desvendado a terra, desde o faminto ao avarento:—Filho, só um asylo te resta, puro, luminoso, santificado, onde refugiar a tua alma ainda virgem, ainda immaculada: é o amor! E se encontrares uma mulher virtuosa, honesta e simples a quem confiares a missão

de velar esse amor, se essa mulher puder guardar intacto e puro esse deposito sagrado até o derradeiro suspiro, tu terás sido feliz e bemaventurado na terra:

Nunca ajudes a degradar a mulher, que a cada uma que rebaixares terás augmentado a ceara do mal... Aceita-as taes como ellas são victimas dos homens, consecuencia da perversidade do mundo... e nunca te esqueças de que essa que vende o corpo a uma esquina de rua nasceu para ser mãe e semear a vida... Foje de gastares a alma inutilmente... Mais te valerá amar quem seja indigna desse beneficio que não amar ninguem.., Nunca olhes para a mão que se te estende pedindo esmola... que mais vale dispensal-a a quem a não merece que recusal-a a quem precisa...

A maior desgraça que ainda pôde acontecer a um homem é a maioridade precoce. Aquelle que vive em demasiado moço, vive geralmente demasiado depressa. Não te deixes mutilar pela experiencia, e se encontrares no teu caminho um desses pobres desalmados a alma prenhe de desencantos, o coração vasio, usa para com elle de uma piedade intensa... Consola esse ferido; os vinte annos descrentes é um passaro de azas quebradas...

Emfim, foge quanto puderes do mundo, procura viver recolhido em ti. Para conseguir amar o proximo como a nós mesmos é hoje preciso que o não conheçamos e nos julgemos bons. Retrahe-te, porque no mundo a felicidade só tem apparencias, e cada uma de tuas alegrias custar-te-ha uma decepção;

porque viverás n'uma sociedade onde a corrupção é quasi uma necessidade de existencia...

Que o teu guia seja sempre o coração... Medita essa phrase profunda de Murger e possas tu seguir-lhe à risca o conselho : — « Ou fait le bien avec le cœur seulement, le mal exige la collaboration de l'esprit et de la raison. »

Edmundo recomeçára a trabalhar, agora com mais afinco.

Durante uma longa semana ficou em casa. Julião viera-o visitar sempre estropeado, os pés chaguentos, perguntando noticias do Rio Grande...

— Não tenho recebido cartas.

— E' curioso !...

E dissera aquillo n'uma voz que fizera estremecer Edmundo...

Aquelle tambem teria escripto á sua pobre mãe, consolando-a no seu abandono? Parecendo não ter entendido, não fallou mais n'isso, extranhando porém o estudante...

Julião queixava-se de estar sempre sózinho, sem um amigo...

— Tu agora andas só com janotas... Pensas que não sei da tua vida? Has de arrependerte cedo ou tarde, verás...

E eram mil phrases odientas, cheirando a raiva em que se percebia um desespero surdo, uma ancia vingativa... Ria de tudo, fallava

das mulheres em termos de anatomia, disse-
cava-as com a voz, tinha termos immundos,
explicando o amor como um contacto no-
jento...

O dinheiro que lhe tinha dado o editor,
pois bem, gastára-o todo com uma rapa-
riga...

Não eram só os poetas a ter amantes, elle
tambem tivera uma...

Descrevia-a com minuciosidades repel-
lentes, em linguagem grosseira, com palavras
de tasca e de bordel...

Edmundo, pasmo, olhava-o, cada vez
mais miseravel, mais desgraçado, com a roupa
suja, os sapatos sem tacão, a calça rôta...
Persebia-o revoltado contra a sorte, e ouvia-
lhe as accusações sem nome que atirava á
cara de toda a gente...

— Precisas de dinheiro, Julião? Tens
aqui...

— O teu dinheiro é para pagar os carros
e as ceias...

Não queria, não accitava esmolos... Antes
de offerecer pagasse aos credores...

— Julião, tu bebeste demais...

— Ah! eu não sou como tu... Ainda nin-
guem me levou a casa...

— Julião, não consinto que...

— O que é que você não consente?

Edmundo cahio em si... Viu-o tão des-
graçado, achou tanta razão naquelle odio,
naquelle desespero, que lhe respondeu n'uma
voz com que se falla a creanças...

— Não consinto que vás embora sem levar

dinheiro... Eu, devo-te, tu tens sido o meu medico...

Acabou afinal por accitar, contrariado, e despediu-se logo, sem agradecer, sem se mostrar arrependido das suas phrases injustas e grosseiras.

— Chegou a vez d'elle ! pensou Edmundo tristemente, vendo-o partir...

Os homens vistos d'aquelle sotão lugubre devem parecer pulgas... O desgraçado coça-se... Chiram-lhe em casa os percevejos... Pobre Julião!...

Ficou a pensar encostado ao peitoril da janella ..

Assim, aquelle tambem passara a ser como todos os outros!... A miseria, a injustiça, o soffrimento, tinham acabado por revoltar aquella creatura tão paciente, tão resignada e tão infeliz!...

Parecia-lhe que elle tinha inconscientemente preparado aquella queda... Havia muito tempo que esquecera de subir os tres andares do becco da Fidalga. Deixara-o abandonado, só, entre as quatro paredes humidas do cubiculo... Fôra ingrato... apressara esse terrivel momento em que a desgraça ergue o punho contra o mundo, n'uma revolta que faz estremecer andrajos e dá ás almas dentaduras de tigre...

Era mais uma na embosca!... Decididamente o mal era apenas a consequencia prevista de uma serie de factos produzidos pela marcha das coisas, tal como os homens e a sociedade as prepararam...

Edmundo foi arrancado da sua penosa e desoladora meditação pela voz do amigo, acabado de entrar o portão.

— Alguma coisa triste, Emilio?

— Não, um convite para jantar...

— Mas...

— Houve primeiro... Estive com ella...

— Ella?

— Sim, a Honorina...

— E então?

— Acho-a inoffensiva... A pobre rapariga gosta de ti.

— Eu bem sabia disso...

Emilio atirou-se n'uma cadeira de balanço.

— E ouve lá... Quando ella não andar direita, vae-lhe aos queixos... « Iras mistus abundat amor », já disse Ovidio...

— Oh! Emilio...

— Uma boa correcção vale mais ás mulheres do que um collar de perolas... Isto é de Salomão...

— Mas não fallemos d'isso, por piedade... Conta-me...

— O que?

— Tudo, como conseguiste esse pedido d'ella...

— E's ingenuo como os tres mezes de um ebê...

— Estás então convencido de que ella me quer bem?

— Emquanto a isso, socega... A mulher-sita parece pensar com muito acerto... Eu a ella dou-lhe razão... Depois de lhe ter passado

pela cama a rua toda, viu-te um pouco diferente dos outros... Escolheu-te... Se tu tiveres o mau gosto de a acceitares, a rapariga julga-se feliz .. Nada de poesia, sobretudo, Edmundo... Paga-a de manhã e não te lembraes della senão á noite...

— Mais nada ?

— Alguma coisa ainda... A tua Dandé é feia como um raio... Se não tiveres cuidado engole-te n'um beijo, tamanha tem a bocca...

— E que t'importa a ti, se eu gosto della ?

— Mas que diabo vem a ser isso d'amor ? Não é uma coisa que se paga, assim como um extrato, uma essencia, um cachorro de raça, uma gravata ingleza ?

— Talvez...

— Pois bem, promette... Entrego-te á mulata, um dia, dois ou tres... Mas não permitto que faças della á força uma mulher honesta... Inteira liberdade... Tu pagas para isso, mais nada, ouviste bem ?

— Sim...

Edmundo pareceu ainda vacillar...

— Não, é preciso que venhas, a rapariga chorou, fez-me jurar... Veste-te, vamos, são quasi cinco horas...

E sahiram os dois pela tarde calma, ao descer do sol, quando os passaros se recolhem ao arvoredos, e os trabalhadores largam as obras e partem para casa, contentes, satisfeitos, gente que cumpriu o seu dever e vai

boijar os filhos, lá em baixo, na miséria honesta de um cortiço...

Era já noite quando chegaram á cidade. Edmundo demorava os passos, arrependido... Ouvia-lhe ainda nos beiços brancos a despedida enraivada: Puche! não volto mais aqui! .. E tinha-a na frente, embaraçando-lhe os passos, tremula, desfeita, em pé na meia escuridão do quarto, com uma camélia vermelha nos cabelos, batendo o tucão, os dentes cerrados, duas lágrimas a escorrer nas faces: — Puche!...

Sentia um frio na alma ao aproximar-se do hotel...

Era ella quem o chamava, o que tinha elle a receiar?

Sim, ella chamava-o, mas elle ouvia bater no coração uma hora lugubre, que devia por força assignalar na sua vida um momento terrível...

—Estás triste, Edmundo... Vá, grande creança, deixa de tomar tanto a serio o que o primeiro cocheiro faz a rir...

—A solidão fazia-te mal, dou-te em que pensar... Ah! tens essa mulher de que tu gostas... Quando estiveres triste, bebe, é o grande remedio... E agora não te vas apaixonar por essa creatura... Corrompe-te antes que ella te corrompa... E se ella te amar deveras,—o que duvido,—gosa sem escrupulo d'esse amor, nada lhe dês em partilha... Não deites fóra o que te será talvez preciso um dia... Quando precisares de

adorar tua mulher, não encontrarás no fundo da tua alma um ceutil d'esse thesouro desperdiçado com meia duzia de typas...

—Sê avarento, Edmundo, não queiras chegar os labios onde outros passaram com os pés..., ouvistes?

—Sim. .



XIII

Edmundo sentou-se a uma mesa, tremulo.

—Não, não subo... Vae tu chamal-a, que venha jantar...

Emilio sorriu, sem comprehender.

—Mas porque?

—Não me quero ver só com ella... Consenti em jantar, não em fazer-lhe uma visita...

—Como se não fosse a mesma coisa!...

—Vim jantar contigo, pouco me importa que ella venha ou deixe de vir... Para mim era ainda melhor jantarmos só os dois...

—Bem, eu vou chamal-a...

Edmundo esperou. Os criados vieram falar-lhe, saber se estivera doente... As mulheres sorriam, comprehendendo... D'ahi a pouco entrava o Romão que se aproximou d'elle.

—A D. Honorina manda dizer para o senhor lá ir a cima...

—Diga-lhe para vir ella cá em baixo... Não posso ir...

De novo veio o recado...

—Para fazer o favor, que era ella quem mandava pedir...

E elle então levantou-se, arrastado por um poder extranho, que o impelliu para as escadas, o ajudou a subir lentamente os degrãos, com um pensamento a cada um, e duas forças mysteriosas assaltando-lhe o espirito, uma voz a aconselhal-o que não fosse, e emfim um desejo que o levou até á porta do quarto e lhe abriu de novo a porta do passado em frente ao seu futuro...

Elle entrou no quarto, humilhado, vergando os olhos para não a ver d'uma só vez.

Perto da janella, sentados, Emilio e Honorina conversavam.

A mulher poz-se a pé, sorrindo, ao enxergal-o pallido, desteito, e com aquelles modos timidos de creança, que ella accentuára eternamente n'elle com o seu amor dominante de bicha brava.

Comprimentou-a, sem erguer para ella os olhos tristes, em que Honorina advinhou um grande desfallecimento de vontade, uma luz vergastada de paciencia, uma vista de cão que vem latir aos pés do amo, offerecer-se ao castigo. E ella gosava, silenciosa d'aquella tristeza suicidante, d'aquella grande prostração de vontade, que lhe cahia nas mãos, n'uma fatalidade gerada d'ella para com elle.

Emilio ria, batendo com os anneis no parapeito da janella.

—Ahi o tem ; adorem-se á vontade...

Mas ella parecia tomada subitamente de um vago remorso, e nas suas orbitas immensas e obscurecidas, uma luz de piedade difundia-se, ante aquella pacificação, aquelle

abandono, aquella insomnia de homem, que aninhava a seus pès a sua vida, que a amava des speradamente desde que ella o fizera soffrer.

Um capricho trouxera-lh'o aos braços, romantico, despreoccupado. feliz em sentir-se desejado por um corpo macio de mulher, e Honerina revia-● n'aquella primeira noite de amor que ella lhe fizera gozar na sua cama, satisfeito, passeando-lhe toda a face com os labios abrasados, prendendo-a a si em caricias demoradas, olhos ao fundo dos olhos, cobrindo-se com os cabellos que ella deitava sobre elle. subjugada, outorgando-lhe a belleza, rendida por aquella ingenua adoração de livro de versos.

Agora, no seu typo moreno e sombrio de arabe, havia um grande traço de soffrer que afilava as feições, pacificava o brilho vivissimo dos olhos e impunha uma resignação naquelles labios tão habituados aos seus beijos.

D'antes, tudo nelle marcava uma tendencia á vida, uma ancia de evidencia, que acalentava uma immensa ambição toda doirada, como as mulheres bonitas e os escriptores costumam ter, esses conquistadores eternos dos espiritos e almas.

Dantes, havia n'elle uma qualquer coisa que crescia desmesuradamente á vista, que arrebatava a sua mocidade n'um longo hausto de orgulho e independencia, como um estandarte balouçando as pregas victoriosas ao vento n'um céu todo azul em querefulge o sol.

Mas toda essa vaidosa alegria desbotára n'elle, enternecera-lhe de pallidez o rosto, prostrára-lhe a vista n'uma absorvente melancolia de ser que se presente inexoravel e faticamente talhado para a desgraça.

N'esses dois mezes de s lidão, em que andara fugido ao carcere d'aquelles olhos em que se confiava afinal toda a sua vida d'emoção, soffrera elle o supplicio da esperança, como o judeu do conto de Viliens. N'essa mão morna que apertava a sua, ressentira as algemas.

Curvava-se, n'um desalento, sem uma revolta, n'uma sujeição d'inconsciente.

Dos tres, ninguem fallava durante um longo instante.

Emilio olhava o amigo, supplantado enfim á vista do companheiro enamorado. O seu sorriso de troço desaparecera ante a visão emmudecida d'aquelle grande amor que encadeára duas almas, uma simples e apaixonada, a outra impura e pervertida.

Já não lhe vinha vontade de rir. Acharva-se infimo, elle que nunca sentira, que nunca dera um passo sobresaltado na vida, e eterno sarcasta que viera da guerra e transteara trechos de opereta nas batalhas, se sibilisava-se agora, ante essa mudez triste do companheiro abatido ao peso do coração.

Tinha quasi inveja d'aquella melancholia feliz, que iria acabar lá para o meio da noite em duas lagrimas vertidas n'um hombro de mulher, na escuridão, entre palavras acari- ciantes d'amor. A sua ironia comprehendera

o drama d'aquellas duas vidas, e parecia-lhe ouvir ainda a voz d'essa mulher, preguiçosa e envenenada, pedir-lhe para que lhe trouxesse o amigo de novo á beira d'ella.

E olhando distrahidamente a rua, fazia-se intimamente sentir o gozo transcendente de se deixar uma pessoa esgotar á vontade a vida nos braços d'uma mulher. Derivar como um rio para o mar, deixar-se ir; de olhos cerrados, como uma folha secca ao sabor da corrente de um regato...

Sentir morrer em si toda a "ancia inquieta de collaboração na vida regular", todo o esforçada lucta, todo o sentimento de ambição que equilibra o homem largado entre os homens.

Percebia a nullidade da vida, levada n'um latejo continuo d'aspirações, e a felicidade que pode advir d'um esvaimento semelhante, quando se deixa morrer toda a humanidade que cada um tem em si, como um suicida que corta as veias no banho e deixa a vida escorrer lentamente com o sangue, n'um torpôr de sonho feliz que nunca mais acaba.

N'aquelle homem forte nascia surdamente uma ancia de debilidade, um desejo vehemente de poder sentir...

No seu sorriso de sceptico havia agora uma curiosidade.

De tantas mulheres que lhe tinham passado pelas mãos, nunca lhes pensara esse poder occulto, esse imperio surdo da carne, que leva Adão a sahir do paraiso e as religiões antigas a dentificar mulheres... Sempre

julgara mais ou menos lenda os barulhos que corriam na historia de que as guerras, as conquistas, os flagellos, as omnipotencias, os desastres, eram a consequencia d'essa creatura, que tendo seios amamenta ambições e tendo ventre, fecunda, julgando-se por isso com o direito de a tratar muitas vezes como escrava ou coisa sua, sem remorsos de aniquillar o que ella póde restituir.

Toda a sua complicada theoria d'esthetica, essa diffusa preocupação do bello, que era para ella uma desculpa do seu vasio de alma, ruia.

Alli estava um artista, afinado na sensibilidade como a cordagem d'um violoncelo, e que soubéra arrancar a uma lyra meio desacordoadá o seu cantico d'ideal, que o arrebatára acima do mundo, que o desprendera da vida, que o tinha suspenso n'uma contemplação horriavelmente intensa, n'um extase de illuminado.

Edmundo, confrangido, quasi de costas voltadas á amante, foi o primeiro a romper o silencio.

— Para que me fizeste subir ?

E uma voz, a voz d'ella, fallou.

— Fui eu quem te mandou pedir...

Aquella voz balouçada, indolente, que lhe lembrava phrases doidas, d'amor, soltas no escuro, quasi na sua bocca, deu-lhe um arripio, e era tão branda e tão doce, que lhe parecia um bicho de seda a caminhar nos nervos.

Sentiu a mão d'ella pousar nas costas da

sua cadeira, pelo bater dos anéis no bambú dourado.

N'um momento, aquelle gesto quasi de posse, comprehendeo o futuro implacavelmente a narrado áquella mulher inexplicavel, que o deixára partir um dia, desolado, sem lhe estirar os braços, e agora era a primeira a retel-o n'uma maldade, essa mulher que se apossára de si, que o mandava sem o olhar sequer; e o obrigava a sentir-se entregue inteiramente a ella, como um magnetisado.

— Como vocês são creanças! disse-lhes Emilio sorrindo a custo.

E ella, tomando-lhe as mãos e olhando Edmundo, ia dizendo:

— Veja como está tão triste...! Porque m'ò trouxe assim? Parece doente... e mais creança do que o deixei ha dois mezes...

N'aquella intimidade entre dois lia-se toda a gratidão da mulher, e ella olhava Edmundo, tentando com o esforço da vista arredar-lhe os olhos pensativos, fitos nos frascos do lavatorio todos comprados por elle em bons tempos....

Emfim, sem poder mais, debruçou-se para elle, as mãos no ar: — Bemzinho! olha para a tua negra!... Etoda uma passividade de cadella rolava n'aquellas palavras humedecidas pela sua bocca.

Edmundo agarrou aquellas mãos suspensas, em que faiscavam joias, e trouxe-as ambas aos seus beijos, que pareciam um choro d'alma, mudo e constricto.

Honorina encostou a face á face d'elle, e ambos, de olhos cerrados, pareciam pensar

em qualquer coisa de medonhamente triste, que para elles dois se deixasse advinhar ao mesmo tempo.

Ella, sentia dentro de si o que o mar sente quando sobe a maré: sentia uma intensa vontade de amor, cobrir e levantar-se sobre o lôdo e as algas que a vasante dos sentimentos puros lhe deixára na alma. Sentia um grande desejo de apoiar a si aquella doida paixão estremecida de creança, a unica que na sua ingenuidade confiante lhe poderia ainda resgatar a vida da tôrva desolação a que a sujeitara, banindo de si a possibilidade de ser amada, a unica fortaleza que uma mulher tem n'este mundo.

Elle, respirando aquelle brando perfume de heliotropo com que ella humedecia os cabellos, abria-se inteiro aquelle encanto fatal, que sabia bem o ia fazer tragar uma existencia dupla de mel e fel, odiosa perante os homens e a sua consciencia.

O que havia na sua alma de ideal, era precisamente essa paciente dor que sustentava sempre, n'uma volupia com paragens intensissimas de vida, que o inutilisava, que o affastava do commun dos homens, fazendo d'elle um ser a parte, vivendo no seu mystico egoismo do coração.

E deixava-se rolar na fatalidade do seu destino, de olhos cerrados, resumindo o mundo em si, aggreddo-lhe as leis, rompendo com as conveniencias, capaz de se tornar um miseravel conquanto esse meio supremo na sua desorientação de cego e alienado, lhe

pudesse conservar a sua miragem, que elle guardava aparte tudo, só para si.

Amortecia-se n'elle a sensação da sua individualidade, julgava-se vivo apenas pelo sentimento unico que o tinha alli, preso ao pescoço perfumado e morno de uma mulher morena, e esse instincto de amor rosnava a todas as considerações, como um leão, á bocca da furna onde dorme a companheira, urra feroz afugentando os outros que rondam a caverna, perseguidos pelo calor, agulhoados pelo cio.

A sua bella indolencia imaginativa não estava senão a serviço d'aquella grande e imperiosa necessidade de reter com a sua mulher a sua vida. Perdera de todo o instincto de pensar duas horas adeantadas.

Deixava-se ir, sem um gesto, como um afogado sem esperanças, que nem solta um grito, que nem saccode um braço.

Tudo era diffuso como n'um crepusculo de outomno, dentro os seus pensamentos.

A nitidez acabara n'elle, completamente.

Em tudo via sombras, manchas, laivos, e d'ahi d'essa definhante e ennuclada penetração das coisas exteriores, surgia ante os seus olhos, a uma distancia incrível, um mundo que o não via, desterrado, longinquo, liquifeito em tintas de sombra como um fim de poente á sua existencia de meio morto. A perspectiva das coisas embaciava-se n'uma perturbação, e o seu maior prazer era acordar de noite, sentindo ao lado o bafejo da amante adormecida, e ficar de olhos abertos

para a escuridão, para o negrume, resumindo na treva e no silencio a sua vida inteira no torpor deixado pelo somno sem um ruido, sem uma luz, no immenso mysterio e alquebramento da somnolencia, com o pensamento parado ante as vedetas da sombra impenetravel, amarrado na treva, sepulto no nada.

E era um martyrio atroz para elle, a volta á vida, á luz, quando pelas janellas abertas apercebia o sol innundando os altos ceus sobre a cidade, trepidante de vida, cheia de rumores, de carros e passos, calcada por trezentas mil pessoas em trabalho . .

Com a luz, accordava a maldade, a luta da rapoza e do lobo, o terrivel combate atroz da existencia, com hospitaes, como ambulancias sempre a estravasarem de feridos e moribundos e as pás dos coveiros sempre a remover a terra, que se vingava da humanidade que a pisa.

Com a luz rompia-se a morte apparente do somno em que tudo repousara, e essa vida cantada por todos, era apenas um despertar para o ganho egoista da subsistencia, e o gatuño vaé comer o que roubou a deshoras, a mulher da vida o que ganhou com os beijos e o ventre, e o mendigo sahe a mendigar o caldo amaldicoando Deus por não ter acabado ainda o mundo n'aquella ultima noite. A immensa torre de Babel da inveja e do egoismo, ruge as suas doze horas de vida á luz do sol; e todos se procuram fazer mal uns aos outros; o pae para dar de comer aos filhos, o rapaz

para dar de comer á amasia, este para dar de comer a ambição, aquelle outro para saciar o orgulho ou a infamia, e o mundo rola sempre vertiginosamente, entornando ao sol acarretando os seus milhões de vermes, que se matam, se estrangulam, se devoram, implacavelmente, até que o ultimo coveiro enterre a dez palmos o penultimo homem, e Deus enfim, aniquilando a serpente, faça voltar ao Eden o seu primeiro homem e primeira mulher, que viveram sosinhos, libertos do mundo, vivendo com a alma ajoelhada perante o seu eterno sonho accordado de adoração e amor.

Se isso era possivel, Edmundo fazia-se espiritualmente essa vida. O mundo era apenas a sua emoção. Bastava estirar os braços até ao pescoço da amante e encontrava alli o fim da terra.

Aquella cabeça desequilibrada regressava apenas na essencia do seu pensar á divina existencia de sêr creado por Deus. Transgredia as leis humanas, trazia n'alma como ideal, o ideal primeiro, uno, indisivel, o só permitido pelos ceus, aquelle em que se resumem todos os ideaes, e por isso o unico que existio na terra até que o Archanjo desceu empunhando o gladio flammejante e condemnando para todo o sempre a humanidade inteira.

A degenerescencia da raça esgotara n'elle todo o instincto adquirido por quinhentas gerações. N'elle reaparecia o primitivo.

Talvez que desse facto incrivel evacue a raiva e a revolta dos homens contra a socie-

dade: o anarchismo destruindo as balisas que impedem que a terra seja pasto para os homens como é para os leões ; o nihilismo espurgando o poder absoluto ; o operario revoltado contra o patrão; o mendigo soltando pragas ao rico; a humanidade inteira evoluindo n'um regresso assustador para a epocha primitiva, retrocedendo de novo até Deus, depois de comprehender que as religiões mentiram e que a vida assim, levará tudo o que é desgraça, á crise derradeira do assalto á felicidade, e a humanidade se esgaçará entre si, rico contra pobre, inexoravelmente

.....

O destino juntara aquelles dois seres, ambos largados da familia; uma mulher que vendia o corpo e que enganara para isso a consciencia ou o coração, como quem engana um filho, e uma creança innocente de ser assim como elle era, porque a idade não lhe dera sequer tempo de cometer o crime de se degenerar, surgindo para a vida havia poucos dias, irresponsavel da desorientação sublime na sua cegueira absoluta.

O que queria o mundo fazer de gente equal? Com que direito se queixavam os homens. A humanidade era ou não a unica responsavel?

Ella tinha sido innocente, nascera sem saber fallar, vagindo como um anjo a quem cruelmente cortaram as azas.

Nascida para ser mulher e por conseguinte mãe, o instincto nasceu por sua vez dentro quella innocencia.

As suas primeiras palavras balbuciadas foram d'amor : pae e mãe.

O seu primeiro sorriso foi para a boneca.

A boneca! Essa irresistivel necessidade da creança, e que põe, nos campos, entre as mãos das pequeninas guardadôras de gado, bonecas feitas com um trapo enrolado n'um punhado de herva secca. A boneca! esta especie de prenuncio do instincto maternal e talvez o tatear e a aprendizagem de cuidados que mais tarde dará á creança das suas entranhas a mãe da boneca!

E os homens roubaram-lhe o direito de ter filhos, de ser mãe.

Aos dezoito annos, quando ella sentia pulsar em si um recém-nascido : — o coração, os homens obrigaram a mulher a matar esse primeiro filho, o filha da alma, que é a geneses dos filhos creados nos flancos.

Como para ser mãe é preciso ter coração, Deus não dá filhos aos que o deitaram fora por um pedaço de pão.

Deus faz bem.

Elle, apenas os olhos abertos para o mundo, uma desesperança moral assustadora o invadira matando-lhe todo o consolo e coragem que n'esta vida assenta apenas "na consciencia de ser util". E na sua desgraça de ser largado a parte, sem apego, o primeiro hombro que encontrou a que encostar a sua melancholia d'indolente, esse hombro resumiu para si o objectivo de sua vitalidade na incongruencia da sua maneira doida de pensar, com a cabeça cheia de uma miragem

pavorosa do mundo, precocemente laço d'elle, tremulo e inexperiente ante essa terrivel "guerreia de raposas contra lobos", n'uma desfalencia de qualquer esforço, uma fraqueza desalentadora para a minima lucta, e tudo isso confundido no seu cerebro «de-traqué», n'uma ponta viva de horror instinctivo, n'uma atordoadora nevrose de medo, horrorisado para todo o sempre, como uma creança que se esconde sob os lençoes, ao avistar de noite á luz da lamparina uma sombra na parede.

Ah! até que emfim elle tornava a possuil-a, aquella mulher bem-amada, que tinha o poder sobrenatural de lhe esconder o mundo **atraz** das costas.

Encostado a ella descansava d'aquelles dois mezes atrozes de soffrimento.

Aquelle seu amor, quasi insexual, era para elle mesmo um mystério que o desorientava, por ter tudo o que o fazia sonhar, sublinhado por tudo o que fazia soffrer.

Beijava os seus cabellos negros, cuja lembrança tinha sido ás noites dos seus dois mezes saudosos e tristissimos de abandono, e um desejo vago d'amor crescia n'elle, abria-lhe os labios sobre o pescoço de Honovina, um grande desejo de a ter nos braços, na escuridão, abraçada a si, e chorarem os dois, na treva, as cabeças encostadas, as faces molhadas mutuamente.

Ella pensava-se feliz, desilludida amargamente de poder viver sem elle; enojada um dia pelas caricias de um velho, que lhe pro-

metterá, inconsciente do que dizia, toda a fortuna por um beijo d'aquella bocca, que ella arredava d'elle...

Emilio fumára pacientemente dois cigarros, lendo um jornal.

Mas Honorina retirou de sobre si, com meiguice, a cabeça d'Edmundo, e os olhos meio embaciados, voltando-se para elle, com uma caricia na voz:

— Vou me vestir sim? para irmos jantar. .

— Emilio teve um suspiro d'allivio. . .

— Ah! sim, jantar!

Edmundo sorria, feliz, e ficou á janella com o amigo, fumando, vendo passar a gente para os theatros, enquanto Honorina se lavava e vestia.

— E tu, que vais faser agora, sosinho?

Elle dava-lhe logo assim cruelmente a perceber que ia ficar para sempre sem o companheiro, sem o amigo.

Encolheu os hombros, franziu os beiços...

— Mas para que me trouxeste tu aqui? Bem te tinha dado a perceber que esta mulher me roubava tudo, amisades, companheiros, sei lá... Tu viste bem... Que amigos tinha eu dos que tinham sido meus, quando te encontrei? Agora deixo-te...

Emilio ficava calado chupando o cigarro apagado.

Edmundo lembrava-lhe companheiros... O Armando um pouco esbandalhado por uma bohemia que tinha lido Murger e Gerardo de Nerval, aquella atrevida figura toda nervos, um bello camarada e leal como uma espada...

O Luiz Machado, um artista, ahí estava um capaz de o comprender, bom e ingenuo, um pouco romantico, sonhando em escaladas e aventuras de capa e espada, mas bom, franco detestando o mundo... Elle não havia de continuar a ir sosinho aos theatros, ao Stadt Munchen, a Botafogo, dormindo á meza com uma mulher loura convidada no theatro ou ressonando no carro, ao lado de uma «cocotte», conhecida na vespera n'uma roda do Paschoal... A menos que não quizesse vir todas as noites, tomar chá com elles, ao lado das suas caricias e dos seus beijos...

E baixinho, quasi ao ouvido, Emilio disse-lhe :

— Deixa esta mulher, não jantes aqui, vamos embora...

Edmundo não teve tempo de responder. Honorina aproximara-se com uma rosa e um alfinete entre os dentes, cerrada no seu vestido de seda preta, com o travessão de coral e brilhantes no peito.

Curvou-se sobre o Emilio, e pregou-lhe a rosa na lapella.

Elle agradecia, tomando-lhe as mãos, enquanto Edmundo o olhava, sorrindo.

— Agora vamos jantar.

Honorina ainda foi ao toucador, concertar o cabello, perfumar o lenço, e os dois amigos seguiram -n'a depois, ao longo do corredor, atraz do ruge do seu vestido de gorgorão, sem trocar palavra.

A meza, n'um gabinete paticular em que ardiam tres bicos de gaz em arandellas de

bronze, estava posta, os tres talheres descansando na alvura da toalha, os pratos de porcellana inglesa, e ao centro, n'um vaso onde tres cegonhas meditavam n'uma lagoa de agoas azues, uma palmeira abria tres folhas de um verde humido, debruçadas como ventarollas.

O balde atulhado de gelo esperava a primeira garrafa de vinho, e foi discussão para meia hora o que se devia tomar com o peixe...

Edmundo lembrava o «Chateau Iquem,» mas Emilio procurava um branco mais distincto, Chablis ou Hungaro; o Bordeus era réles.

Honorina não sabia ao certo, lembrou o Rheno, e o creado aturdido meteu no balde afinal uma Johannisberg esgalgada de rotulo verde, com grandes cordões doirados.

Emilio pedia faizões trufados e perús recheiados, abandonando a lista como indigna. Exigia caça, um macuco, um jacú, qualquer coisa emfim que se pudesse comer, que não fosse os bifes de cebollada e a costelleta de carneiro.

Desceu á garrafeira para escolher o Bourgonhe, voltando com uma Pomard veneravel, empoeirada e coberta de teias.

Mandou-se fazer punch para antes do frango assado que o «garçon» tinha ordem de annunciar como perúa ao desarrolhar o velho Bourgonhe.

E emfim aochampagne, Emilio, muito enternecido, levantou um brinde ao Nirwana.

Honorina não co nhecendo quem era, beb e

silenciosamente, com o olhar já tão brilhante como o crystal das taças á luz do gaz.

Edmundo deixava-se envolver n'aquella alegria, com um ar feliz no grande olhar profundo.

Lá fóra na rua rodavam ruidosamente os carros em frente á porta do Apollo onde se cantavam os « Sinos de Corneville »

— Vamos ao theatro ?

Emilio protestou contra a ideia : — Era preferivel um passeio de carro, a Botafogo, ir ver o luar boiando nas aguas.

Romantisava a grandes tintas a bahia, immersa n'um banho de madreperola com umas catraias balouçando a maré ao lado do morro, e ao longe os pharóes de Santa Cruz, rompendo das casamatas da fortaleza, á beira do pescoço esgaldado dos « Banges » monstruosos.

Inventava scenarios de grande-opera, sacudindo a cinza do charuto na chavena de café, e tinha gestos, fallando do luar, que era a saudade do grande ceu pela luz abrazada do dia...

Honorina offereceu para se tomar o licor no quarto dell', e os tres subiram, ella na frente, para accender o gaz.

Só Edmundo parecia triste no meio de todo aquelle estouvamento.

Tinha pressa de se ver só, de a ter só para si, sem alegrias, sem risos, contar-lhe como soffrera longe d'ella, aquellas noites passadas a espiar-lhe a janella, na rua encostado a uma esquina, tentando reconhecer os vultos que se desenhavam atraz das corti-

nas. E a doida tranquillidade que lhe vinha, quando a sabia só, dormindo em toda a grande cama, sem ninguem. . .

Era já tarde. Honorina poz o chapéo, calçou as luvas, poz aos hombros uma pelerine, e com o véo levantado tomou o calice de kummel, gulosamente.

Mandou-se chamar um carro. A noite estava linda, toda resplandecente de estrellas. A via lactea, como um formigueiro de luz, serpeava em meandros, desapparecendo ao longe. A lua parecia uma custodia de ouro fôsko, rebrilhando serenamente ao cimo de um altar carregado de cirios.

Edmundo encostado a Honorina, não falava.

O carro desceu á praia, cujos candieiros descendo a luz nas agoas, entranhavam por ellas abaixo tremulas raizes de fogo. A bahia estremecia, toda arripiada sob a caricia do luar, e o astro pallido rasgava no mar um grande rastro luminoso, como uma serpente de luz boiando nas vagas.

Edmundo encostado a Honorina beijava-lhe os cabellos, as mãos d'ella entre as suas.

Emilio então quebrou o silencio, vergando se, o queixo no castão de prata da bengala.

— Esta noitesuicido-me, esvasio um frasco de laudano, mato-me.

— Meu Deus ! porque ? disse Edmundo encostado ao hombro da amante.

— Esta vida é estúpida, não vale um esforço, bem dizes tu. . .

— Que noite bonita !

— Mato-me, tu verás... O que fui eu buscar na revolta e depois no Rio Grande do Sul? As balas não me quizeram... Ha gente como eu que só morre com laudano... Fui besta em não me deixar fusilar na Ilha das Enxadas...

Edmundo acrescentou entre dois beijos:— Era heroico.

Emilio com os olhos meios cerrados, falava, a face encostada nas mãos arrimadas ao castão de prata:

— Estar quatro mezes a bordo ouvindo o urrar dos canhões e vendo partirem-se as balas no convez, esperar quatro mezes uma grana, ir á Armação de machadinha de abordagem, rachar cabeças na treva á espera de uma baioneta que me trespasasse ao menos, e ver os soldados fugir sem me darem um tiro, ante as machadas dos marinheiros; esperar depois, de kropatschet nas mãos, que os generaes viessem por entre as nuvens de fuzilaria, e voltar para bordo, sem uma arranhadura vendo morrer quinhentos homens!...

Ter depois de certa a morte ante um pelotão e fugir a nado, por cobardia, perdendo a melhor occasião de morrer, o peito varado...

E no Sul, ter cahido com um pontaço de lança no hombro e uma bala nas pernas, e escapar das Trahyras como escapei da Armação, e da Ilha do Governador, e da Ilha de Bom Jesus, e da Ilha das Enxadas, de toda a parte!... E' imbecil!

Depois de tudo isso, gastar a fortuna com trez bailarinas, em Buenos-Ayres, e pobre

afinal, levar a vida a lêr o «Jacobino», a vêr o Dias Braga representar o «Conde de Monte Christo, e beber champagne falsificado em restaurantes pouco limpos...

E levantando a cabeça;

— Achas que é pouco, para levar um homem a beber depois do café um calice de Laudano?

Honorina, no escuro, apertava nervosamente as mãos de Edmundo, e este, n'uma dormencia, ouvindo fallar de morte—a felicidade imperecível — lembrava-se d'aquella noite fria de chuva em que a amante, sentada na cama, os olhos amortecidos de goso, cavados de olheiras de tuberculosa, lhe contára aos arrancos, n'uma confissão de desabafo, que desejaria morrer apunhalada por um homem com ciumes d'ella, que a arrancasse do mundo pelos cabellos, em plena mocidade, em plena belleza, amada até o derradeiro regongo, sentindo-se desejada até no bico da faca que a matava...

Seria o medo do hospital, da miseria, d'esses ultimos tempos da mulher da vida, que morre como uma cadella engalicada e é atirada á promiscuidade da vala commum, depois de ter passado a juventude entregando o corpo á promiscuidade dos homens?

O medo da morte miseravel e leprenta, que ainda aproveita ás aulas de anatomia, e cujos restos, embrulhados n'um lençol da Santa Casa, são arremessados á cova da desgraça? — porque até na morte ha desgraça!...

Edmundo sonhava com esse olhar de

bre que lhe confessava o desejo de se cerrar para sempre sob uma crueldade d'amor, farto de tantas vezes ter-se fechado e obscurecido na vertigem dos espasmos, no' marasmo aniquilante do goso.

Aquelles pensamentos eram-lhe uma fascinação, attrahiam-n'o como um abysmo, e traziam para dentro d'elle essa reacção depressiva e dolorosa que era o symptoma caracteristico e saliente da sua desorganisação melancolica. Ao seu espirito a ideia terrivel dispertava como o «supremo refugio», mas essa grande tendencia do alienamento cerebral diluia-se n'aquelle temperamento morbido, desfazia-se inoffensivo na indolencia e inactividade de todo a sua cerebração, n'uma sempiterna cobardia do esforço, incapaz até de ser um doido, por lassidão!

Quantas vezes, elle tambem pensára no suicidio? mas a energia do momento faltava-lhe, as forças desanimavam e abatiam ante o momento, quebradas pela perspectiva do instante supremo da revolta pratica, impotente para executar fosse o que fosse, quando isso lhe exigisse uma reacção, um choque, uma perturbação á inercia de todo o seu systema nervoso adormecido. Uma atonia dolorosa entorpecia-lhe o minimo movimento energico, de character como de sensação, e deixava-seir, n'uma vaguez inaudita de somnambulismo. abatido pela perenne angústia do desalento infindo, que se lhe infiltrára nas veias.

Emilio não, era um sanguineo, um activo, um ser inflexivel de acção. Não se deixava

empolgar pela ideia, dominava-a. O seu poder de vontade era forte.

Quando se tratára de procurar a salvação a nado, não vacillára um instante, atirára-se ao mar, no escuro, e depois de duas horas de esforços, rira da sentença que o tinha preso ao espingardeamento.

Com a mesma serenidade ter-se-hia deixado passar pelas armas.

Quando o almirante Saldanha fizera baixar a ordem do dia mandando o desembarque em Nitheroy, n'um assalto combinado com as forças federalistas que o «Aquidabam» e o «Republica» deviam trazer n'essa mesma noite á praia de Santa Cruz, elle fôra um dos primeiros a pedir um posto de combate, com o lenço perfumado á «White Rose» e um cravo murcho na botoeira.

No sul, entre as hordes selvagens dos gaúchos, usava camisolões de seda e arreios de prata no chucro bravo.

Quem o visse no theatro, alto e forte, no seu vestão de casimira ingleza, um enorme ramo de violetas na lapella, a mão no bolso das calças, ninguem julgaria que esse homem bello e novo, tinha galopado todos os pampas á frente das guerrilhas barbaras, que durante tres vezes se sustentára de churrasco assado nas brasas do acampamento, que durante cem dias vivera no meio das fumaradas dos combates e batalhas, cheirando a polvora, e a cavallo dormindo em cima dos arreios, a cabeça encostada á carona coberta pele pelego de cabra.

No seu olhar verde e sereno como um mar em bonança, não se liam os grandes dias de sol, levados em fuga ante o inimigo, por entre o faiscar das lanças da gaúchada, toda a cavalgada enorme tomada de panico, trotando n'um ruido secco de mil patas desferradas, soccando o solo arido, n'um poente agourento, todo sangue em brasa, ou as noites escuras, acampadas à beira d'um rancho incendiado, n'uma cochilla, fogueiras ardendo espaçadas pondo tremulos de luz nos pontos das lanças cravadas na terra, as grandes noites negras, ouvindo piar as corujas nos alamos, jogando o bambá, encostado ao sirgote, sentado no cochonilho, tirando a espaços a borracha do pessoelo para beber um trago de cachaça.

Nada havia n'elle que desse a suspeitar todos aquelles transes.

Aborrecera-se de tudo aquillo, voltara tranquillamente, como sempre, à vida impessoal que antigamente arrastára, rindo pelos cafés e redacções dos jornaes, com um soberano desapego por tudo, mas sem spleen, tomando a vida pelo seu lado fugitivo e vasio, sem uma preocupação grave, sem um desejo, sem precipitar um passo.

Da antiga abastança da familia, restava uma casa de tres andares, velha, e uma fazenda abandonada ha muitos annos, onde vivia a mãe, n'um casarão afidalgado, de grande alpendre, e um largo pateo de pedra, onde em tempos idos o morgado deixava os cavallos da comitiva...

Edmundo percebia vagamente que Emilio

era homem bastante para levar a effeito aquella ideia nefasta que lhe adviera depois do Bourgogne e do Champagne.

A tristeza amorosa de Edmundo era communicativa.

O despreendimento de Emilio invejara talvez a paixão fatalista de Edmundo.

Vira de subito, n'um grande relance illuminado, uma face da vida até ahi perdida á sua fugaz contemplação de homem forte, que não lia, detestando os romances, mordendo a sentimentalidade com a sua ironia, conhecendo as mulheres depois das ceias, ou exigindo d'ellas apenas um pouco de alegria e um pouco de prazer, julgando sempre que o amor ficava na bacia onde a mulher se lava e acaba com o sacudir das saias ao romper do dia.

Forte e sanguineo, parecia-lhe que se os pallidos podiam amar, julgava-os bestas, dava-lhe vontade de lhes rir na cara.

E subitamente topara com um companheiro perdidamente enamorado por uma mulher, que elle olhava agora persistentemente, e que sem isso lhe teria passado desapercibida, na sua nullidade de mulher magra e morena, insignificante, sem grandes vestidos e sem grandes joias.

Edmundo admirava-o, assim acabrunhado por uma ideia fixa que o devastava, tomando-lhe todas as faculdades, amordaçando-lhe todo o seu instincto de senso pratico. E essa subita lembrança de morrer, a funebre preocupação da morte, que invadira aquella carro, despertava naquellas tres almas esse obscuro

appetite do tumulto, de que Emilio se sentia possuido, n'uma grande fome do seu ser physico, que se espreguiçava para o Nada, n'um longo desejo desmaiado, como uma tortura de momento, deliciosa; uma vesania que tomava conta d'elle inteiro, passeando-lhe os desejos como uma larva.

A ideia da morte afigura-se ao dominado como uma ressurreição, uma liberdade que se levanta das profundezas do seu intimo, e tende a desprender-se da carne para o eterno refugio da tranquillidade.

E quem passasse por aquelle carro onde ia uma mulher e dois rapazes, ninguem pensaria que a morte era o pensamento d'aquelles tres espiritos, todos discordantes, e com os quaes se poderia traçar o grande triangulo, onde se limitam os temperamentos: o activo, o passivo e o insexual; o homem na sua tendencia, a mulher no seu inexplicavel mysterio de ser diffuso, incompleto, vagando entre dois extremos, como um crepusculo entre um dia de sol e uma noite sem estrellas.

D'alli ao hotel, Emilio fallou incessantemente na morte, atordoando-se com aquella ideia extravagante, macabra, que lhe accelerava as palavras na bocca, n'um frenesim; lhe toldava os olhos, como que se um delirio devastasse todo o seu ser intimo, n'uma lancinante nevralgia moral.

Mas depressa a ideia fixa se espraiou em considerações que se estendiam a detalhes, que o faziam rir, fallar em almas do outro mundo

e em contos de fadas, e quando o carro rodou em frente ao «Eden» e ao «Apollo», Honorina fallava que tinha somno e Emilio atirava a um conhecido estas quatro palavras que resoaram na noite:—Espera-me na «Maison Moderne.»

Despediram-se á porta. Edmundo a sós afinal com a sua amante, abraçou-a longamente nos degrãos que os dois subiram enlaçados, em um grande beijo sem fim.

O novo quarto de Honorina era grande, abrindo em quatro janellas sobre a rua. Tinha um ar frio, desconsolado, tristonho, desde os tectos pintados em quadros japonezes, em tintas alacres, vermelhos, ouros, purpuras, azues da Prussia, até ás paredes do mesmo estylo, em que se confundiam monstros de fauces hiantes, uma pintura rica desbotada pela humidade, descolorida pela soalheira. Ante as janellas as cortinas de reps escuro, côr d'azeitona, punham um contraste pelintra com a lona exotica do tecto, a meio do qual os cortinados de renda cahiam sobre a cama, fechando-a como um altar.

Ella tirou o chapéo, arrancou as luvas e veio sentar-se perto de Edmundo que accendia um cigarro.

E os dois ficaram silenciosos, n'uma d'estas mudezes que nos invadem, que nos entorpecem a garganta.

Othavam-se a furto e comprehendiam-se. Ia recommear então para elles a eterna lucta de desalento, ella sem forças para se submeter aos caprichos d'elle, n'uma cegueira que o

presencia superior; mas que o não advinhava; elle rendido a ella, n'uma docilidade, deixando definhar-se mais a mais, n'uma lassidão infinita, lassidão de tanto sentir sem nunca poder exprimir nada!?...

Ella nascera mulher para receber o complemento do homem, o ser d'acção: elle contradizia o seu sexo n'uma passividade acatunhante, sem uma energia, sem um passo, na sua deploravel tendencia para finalizar, preso em si proprio, n'um grande desejo de se abolir da vida no conforto da insensibilidade fria da morte.

E os dois, frente a frente, viam-se incapazes da vida, fracos, soffrendo a imperiosa necessidade de se largarem cada um ao seu destino, massem forças para se abandonarem na sua fraqueza, no seu desfallecimento.

Elle roia-se com o remorso d'uma insufficiencia organica, inconfessavel. Ella via-se incapaz de trabalhar para a sua vida sem a dôr intensissima que a lavrava, quando um homem lhe mostrava dinheiro e lhe exigia amor.

Edmundo fazia mil projectos de trabalho, prometia-se uma vida d'esforços, de luta pela vida, mas mal elaboradas estavam as fantasias de realidade, de viver pratico, um temor arruinava-as, punha-as em terra, n'um baque...

Aquelles dois mezes de solidão tinham-lhe apenas servido para embrulhar-se mais no seu nevoeiro de ser platónico, no seu abatimento moral, no seu definhamento, assombrando-lhe mais o olhar de uma luz crepus-

cular, pacificado n'um vago luarento, ante o qual se perdiam todas as objectivas. E não havia comedia na desesperança de todos os seus traços, a alma cheia transbordava-lhe nas feições, como as lagrimas transbordam das palpebras. Tornava-se um espectador dos seus proprios gestos e admirava-se ás vezes das suas palavras, tão em discordancia com a sua maneira de sentir.

Tornara-se hypocrita, enraivado contra os outros, sabendo bem que nunca o desculpariam tal como era, e essa hypocrisia acabava de o desesperar, carregando-a como um fardo, uma exigencia que lhe fazia o mundo abominado. N'esses momentos, sentia uma nostalgia immensa da mulher amada, e fôra esse sentimento que o trouxera de novo perto d'ella avido de martyrio, buscando o gozo soffredor que ella lhe dava, e com que elle se alimentava para deixar de viver um pouco mais depressa...

— Honorina...

Ella chegou-se a elle, as pestanas batendo, os labios tremulos, os olhos sombrios.

— Como eu soffri estes dois mezes! E tu? lembravas-te de mim, ás vezes, nas noites de chuva?

Ella atirou-lhe os braços para cima dos hombros, e apertando-o a si e chegando-lhe a face rente á sua, gemeu-lhe ao ouvido:— Sim, lembrei.

— E os outros homens?

Honorina levantou-se sem uma palavra, foi à gaveta do guarda-vestidos, agachou-se

um momento a rebuscar entre as fitas e as luvas, e veio de novo, vagarosa, sentar-se ao pé de Edmundo, com dois papeis côr de rosa na mão.

Eram duas contas. Honorina devia duas semanas d'hotel, a 12\$000 por dia.

— E devo á lavadeira, á costureira, á Emilia, até ao Romão, sabes? o creado que faz a limpeza nos quartos!... Devo-lhe dois mil réis: foi para mandar comprar cigarros e alpiste para os canarios ..

Ella dizia aquillo tudo, a voz pejada de vergonha, mas nos olhos irradiava-lhe um grande clarão de orgulho: — Não tinha sido de ninguem.

Edmundo guardou as contas, beijou-lhe longamente as mãos morenas, e os dois cahiram na cama, entrelaçados. Ella abandonava-se, desfallecida sob os seus beijos, sentindo as mãos d'elle desmanchar-lhe os cabellos, e um arrepio sacudia-lhe as carnes magras sob o espartilho.

Levantou-se, desfeita, para se despir.

Elle deitou-se, e enquanto ella se lavava e abria frascos no toucador, Edmundo abriu a gaveta da mesa da cabeceira para procurar phosphoros e acender a vela.

N'uma confusão de nistros, fitas de seda, carrinhos d'algodão, novelos de retroz, papeis d'agulhas, as suas mãos encontraram um envelope.

E os seus olhos correram sobre as linhas escriptas, que o atrocidaram, como se cada palavra lhe furasse os olhos até ao fundo.

«Querida Honorina .

«D'aqui de Juiz de Fôra, escrevo-te, ainda na saudade dos teus beijos e dos teus abraços.

«E' impossivel esquecer-te, separar-te da memoria e do coração.

«Tenho a certeza que tambem te lembras de mim. Quem permitiu os meus beijos e a minha companhia durante quasi um mez, sem nenhuma recompensa, é que, facil de contentar, se satisfazia com a minha grande paixão.

«Porque não vens morar aqui commigo ?

«Ahi, pelo que tu me contaste, só tens sofrido.

«Perto de mim terias ao menos o socego dos pobres»...

Edmundo teve que guardar a carta debaixo da travesseira. Honorina appproximou-se, toda perfumada a verbena, cheirando bem a sua carne quente como um parasita de floresta virgem.

Elle respirou-a toda, chegando-a muito a si, fitando aquelles bellos olhos desavergonhados de mentirosa.

Nem forças tinha para a desprezar depois da leitura d'aquella carta, deixada a meio. Acobardara-se ante o extase dos sentidos, adormecidos n'elle havia dois mezes, e que acordavam agora ao lado d'aquelle corpo de carnes tenras e veludasas como petalas de camélias.

- Vem, meu amor...

E ella entregou-se-lhe toda, gemendo de-

cemente, como uma rôla moribunda, toda absorvida n'elle, chamando-o como se elle estivesse longe, abatida de goso, fechando os olhos, torcida, as mãos batendo as fronhas e os lençoes, a bocca entreaberta, como se estivesse a gosar a si propria, na allucinação de um incubo.

Soavam as duas horas n'uma torre. Ella dormia, prostrada, a cara meio encoberta pelos cabellos, as mãos atiradas na colcha de setim azul claro. Estava tudo escuro. Nem pelas frinças das portas trespassava o luar que corria lá fóra, na noite serena.

Um grande silencio de tumulto submergira toda a casa. Mesmo na rua nem viv'alma passava ao frio da madrugada.

Edmundo, de olhos esgaseados para a treva, pensava, amarrado alli de olhos abertos n'um marasmo, a noite a entrar-lhe pelos olhos e a escurecer-lhe o craneo, n'uma maré de sombra, onde ideias nadavam a affogar-se, esbravejando n'elle, tal que se em vez das carnes a caveira d'um morto se fosse enchendo de larvas, em cima de seus hombros.

Todas as sensações n'elle eram deliquescencias, desabrochavam murchas na sua grande noite hyperborea de louco, e a parte mais martyrisante da sua doença era talvez a mortal desillusão que confragia aquella alma penada e paciente de cão tísico, a desesperança da vida pr'a sempre arruinada, uma vida de fim de raça, nascida espuria, para cahir logo n'uma cova, inexoravelmente.

Recuava ante si, n'um esfuminho d'ideias, tudo o que podesse arrancal' o d'aquella escuridão que o inundava, e na qual empurrava de todo o seu espirito.

Olhava para traz, com uma dolencia triste de pensar, e percebia á grande, essa immensa loucura que o soffrimento e a melancholia lhe tinham gerado, perante a saudade enorme da mulher, em que um dia encostara a sua lassidão e com quem n'uma noite esquecêra do mundo, a vista entupida de cansaço, o turbilhão que o invadia como aos outros, e que só a elle lhe trazia a vertigem.

A ideia fixa, essa monomania terrivel, exasperada por um mysticismo e uma nostalgia aguda recomposera a mulher abandonada, inventando-a em ideal, falho d'outros, n'um internecimento por cada caricia lembrada, atordoado por esse vapor d'illusão levantado em nós todos pelo desejo physico, essa embriaguez do sexo de que elle se sentia doente como d'um vinho, e que lhe subia ás narinas; á só lembrança d'essa mulher bravia como uma onça, selvagem e ferina como um animal do matto, de voz avelludada e com demoras sentimentaes em certas inflexões, amando as caricias e as musicas plangentes, os olhos sempre assombreados n'um crepusculo de trovoada, immerso em meias trevas, d'essa mulher que elle sentia mais forte do que elle externamente, e que carregava em si a mesma dosagem indolente e lassa da sua alma;

Olhava para traz, para esses dois mezes d'angustia, como um moribundo que lança

um ultimo olhar á sua existencia, e espantava-se de se haver creado a illusão extranha de que essa mulher, que ali dormia á sua beira, podesse um dia comprehender-lhe—ser excepcional no mundo!—toda a dosagem de mysterio e desalento que o opprimia e escoraçava da vida.

Não a abandonára elle como indigna?

Mas, ah! a sua desacaroavel cobardia desculpava-a ainda. Elle indignara-se ante o seu predomínio, o predomínio d'ella sobre si, ella que tôra sentenciada como mulher a soffrer o homem. Elle revoitara-se por que ella dera o corpo a um outro.

E tinha ainda nos ouvidos, soantes e bruscas, rispidas e odientas, as derradeiras palavras com que o despedira...

E agora aquella carta, que tinha sido deixada n'uma gaveta, esquecida, para que elle a lêsse, para que elle soubesse que outros labios não os seus, tinham passeado a cara da mulher estremecida, e os seus olhos tinham rolado como dois astros na escuridão sob outras caricias que não as suas, essa mulher por quem elle trocava o mundo na sua suicidante paixão idealisante, ella, como todas as outras, o repellia no intimo, porque elle era menos que um homem e julgava-se um Deus na sua atonia immobilisada espiritualmente de desdém, de repulsa, de desprezo.

O que ia elle fazer agora, sem forças e sem vontade para se desprender d'aquelles braços?

Onde ia elle buscar dinheiro para a poder reter a seu lado, só sua?

Aquella grande obra de documentaria que lhe tinham entregue, com promessas que desculpariam os mais aturados esforços da sua parte, elle deixara-a em meio, n'um grande desalento e descoragem repentina, depois de ter trabalhado n'ella um mez consecutivo, pesquisando bibliothecas e archivos, n'uma febre que descahiu um dia n'uma indolencia imperdoavel. Sentia-se elle por acaso com forças para concluil-a?

Não, não, era impossivel...

E via-se assim a braços com o mundo quando mais do que nunca se esforçava para sahir d'elle.

Sentia-se rolar n'uma especie de lethargia completa e absurda da sua vitalidade, uma especie de perda d'acção e de raciocinio, uma falta de coordenação nos actos psychicos, um medo de cão vadio que vê pedras em todas as mãos, uma derretimento no pensar, que lhe escorria das cellulas cerebraes, já liquifeito, infixavel, e o misero debatia-se, olhando o somno da amante, essa mulher que era ainda o seu ultimo refugio, pensando que se ella morresse elle morneria tambem.

Em todo aquelle desvario lembrou-se da carta, tirou-a com cuidado debaixo do travesseiro, e sem a poder lèr, no escuro, amarrutando-a nos dedos crispados, a pobre creança escondeu a cabeça sob os lençoes e desatou a chorar, silenciosamente, enquanto ao seu lado a amante dormia, os braços atirados para cima dos joelhos, a bocca entreaberta, sonhando com beijos e uma pulseira d'esmeraldas.



XIV

Quando ella accordou, a sua primeira falla foi para saber se elle estava melhor do peito.

Lembrou aquella medonha hemoptyse que tivera, que a deixara sempre atemorizada a seu respeito, sem poder mandar saber noticias, ignorando-lhe a morada, depois de terem vivido juntos tanto tempo...

Accusava-o de não ter vindo mais cedo; porque tardára tanto?

Contava-lhe as suas saudades, passando-lhe as mãos pelo cabello, negro como a aza de um corvo, e os seus grandes olhos pisados pelo amor, resplandeciam como invadidos na sua grande sombra por um grande luar.

Sentada na cama, debruçada sobre elle, a camisa repuxada debaixo dos joelhos, salientava na sua transparencia de bretanha rendada a carne dura e morena dos seus seios, juntos como duas aves em um ninho. As grandes tranças escuras do cabello, todas desfeitas, escorregavam-lhe pelos hombros nús.

Elle esquecia-se de tudo, recebia como um sedento as palavras que ella deixava cahir dos labios pallidos; escutava abysmado, a cabeça enterrada na panna macia das travesseiras, a

vista presa toda no olhar da mulher estremeçada.

— Tinha estado á sua espera, julgando sempre que elle viria uma noite ter com ella quando menos fosse para imaginar... Havia noites que ella ficava debruçada á janella, a ver se o enxergava, á sahidá dos theatros... Mas não, nunca o vira...

Que tinha tido elle como razão para lhe fugir tanto da vista, se lhe queria bem?...

— Eim, morsinho?

Pêndida sobre elle, com a face quasi encostada á sua cabeça, Honorina abria a bocca a todas a quellas palavras que lhe accudiam do coração, balouçando-as na sua voz arrastada, n'uma cadencia de verso cantado n'uma moleza, n'uma preguiça.

Os perfumes que a embalsamavam tanto quando se deitára, depois d'aquellas horas de calôr e de somno, rescendiam como soltas de um ramo de cravos emmurchecidos.

Em todos os seus traços se lia a prostração, a languidez deixada pelo gozo, a que elle pouco a abituara na sua companhia.

As suas palpebras tremiam como azas cançadas mas ainda a sua bocca parecia pedir silenciosamente beijos, promettendo caricias.

O sol entrava pelas bandeiras e frinchas das janellas, estendendo uma grande mancha de luz na coberta e na renda do cortinado.

Ella, toda illuminada por aquella transparencia de ouro pallido, recortava-se na penumbra, na sua camisa fina e rendada, de cuja alvura se desprendiam os braços morenos,

queimados pela raça e o seu pescoço liso, que se espriava nos hombros, resvalava no peito...

A sua cabeça, de cabellos n'uma rodilha, parecia mais que nunca a Edmundo de uma formusura bravia, com a luz patanosa dos olhos profundos sob a sombra arqueada das sobranceiras, debaixo das franjas negras e sedosas das pestanas, o nariz de ventas dilatadas, como os de uma panthera ainda moça, umas ventas de felino, sobre uma bocca que se havia de jurar tinha perfume como uma flôr de carne côr de rosa.

Ella trazia em si, em todo o seu ar a barbaria da raça em que nascera, e toda a sua meiguice não disfarçava aquelle bello sorriso de maldade que lhe enrugava os beiços em certas occasiões, quando a raiva se apossava do seu corpo de cobra e lhe atirava para o olhar uma faisca de luz brava e venenosa.

Calçando os pés nas sandalias de velludo carmensim, ella desceu da cama e foi abrir as portas ao sol do meio dia.

Passarinhava por todo o quarto, fallando aos canarios que cantavam, apanhando uma saia cahida, arrancando das jarras as flôres murchas...

Elle seguia-a com a vista, sonhando com a felicidade de uma vida levada assim sempre n'uma dôce-paz em que tudo fosse amor, sem um atricto, sem um laivo de preocupação exterior á sua adoração religiosa de doente, e isso n'uma casa alegre, entre arvores na Tijuca, á beira de um correr de agua clara em cima das fragas limosas onde coxassem de noite as

rãs... Como seria bom, passar a vida em beijos quer vendo cahir no campo as folhas mortas, quer olhando os ceus dulcificarem-se n'uma religiosidade de magoa, ante o requiem do verão.

Jantar na varanda, sob as folhagens das mangueiras, pelos fins de tardes violáceas maceradas, e dormir com as janellas abertas á noite, que geme ao peso das estrellas !...

E o seus olhos cavavam-se mais fundos seguindo esses desejos que lhe transpareciam já desfeitos em impossiveis, que lhe nasciam na imaginação como ideas mortas.

Cahiu entre os travesseiros, as narinas cheias do perfume que Honorina deixara no linho dos lençoes, gosava d'uma grande beatidade, deixando agonisar todos os pensamentos, cerrando os olhos, invadido por uma vontade immensa de acabar alli, deitado n'aquella alvura perfumada por seu amor:...

Ella, já lavada, os cabellos espetados na nuca por dois grampos finos de tartaruga, veio sentar-se a beira da cama, calçar as meias.

E n'aquelle conjuogo de vida reatada, o habito antigo das conversas reapareceu em pedidos de toda a especie... Era preciso comprar um chapéu para o vestido de côr de vinho que elle lhe dera, e precisava de meias, um metro de véo preto, um par de sapatos.... sabia lá !... tanta coisa que ella precisava !...

Eicavam os dois a fallar, Honorina penteando os cabellos, Edmundo lavando a bocca, embrulhado no roupão de banho, de capuz,

que lhe dava um bello ar de beduino queimado pelo sol do deserto.

Desceram os dois ao banheiro, no fundo do jardim, onde tres arvores enfezadas estendiam para o sol morno d'inverno os galhos seccos, como n'uma imploração de moribundas que recebem o viatico.

E elle ria, ao puchar o cordão do ralo, vendo as carnes da amante arripiarem sob as primeiras gottas d'agua fria, e depois os mil fios de chuva alagarem-n'a toda, escorrendo-lhe pelas costas, pelos hombros, pelo ventre, humedecendo-a como uma Ondina.

Depois ainda mil risos para a enxugar, e phrases soltas n'aquella solidão fresca que os fechava perto d'agua correndo na tina de marmore... — Ah! não; deixa...! Elle protestava, de joelhos no estrado: — Havia de a enxugar por toda a parte! ..

E o espanto, quando subiram, ao ouvir a pancada da uma hora da tarde! Já o sol descia. Gallos esganiçavam-se pelos quintaes, e os perús bufavam na capoeira, retesando as azas negras...

Vestiram-se apressados, e ao descer para o almoço a voz do Emilio fel'os parar, com o pé no primeiro degrão...

Trazia um grande ramalhete de rosas-chá, na sua correcção de sempre, com uma grande alegria nos olhos, barbeado, cheirando bem!

— Tambem almoço, preguiçosos!

E com o chapéo na mão, curvado, cumprimentava Honorina, offerecia-se para ir deixar

as rosas no quarto, no jarro d'agua, para que não murchassem.

—Põem-se n'um copo, na mesa... Almoçariam com ellas ao lado, rescendendo...

Emilio deu o braço, desceram os tres para a sala toda illuminada de um sol que não feria, coado obliquamente pelas taboinhas envernizadas.

E logo á mayonnaise, Emilio enchendo o calice de Bucellas, brindou os amores dos dois, debruçado na mesa, fallando-lhes quasi aos ouvidos, em phrases de «Heloisa et Abeillard» de Lamartine e romantizando.

Levantaram-se da mesa por serem quasi horas de jantar, e depois da promessa de voltarem muito cedo, sahiram para a rua. Edmundo preocupado, Emilio, atirando os passos, transbordando saude e alegria.

—Achei o que me faltava!... Tu que gostas do antigo, vê-me agora um Horacio que ainda hade escrever Odes... Tenho o meu Ligurino!

—Oh! Emilio!

Mas elle enthusiasmava-se.—Era a unica belleza, o ephebo, de carnes tenras como as de um Apollo, peito branco e macio como o das virgens impuberes, olhos azues como aguas do golpho de Salamina... Ao menos alli não havia mentira, não existia a porcaria escondida sob a folha de parreira do amor...

Edmundo, enojado voltava a cara.

—Pudor? dizia Emilio, mas tu lêste o grande Juvenal, o sabio Herodoto, o severo Aristophanes...

Tu sabes das bacchanaes da Hellade, dos Archontes e da Roma dos Cesares... Tu já cantaste mesmo o inpuđor da carne n'uns versos a Heliogabalo...

Tinham parado á porta d'uma charutaria para comprar cigarros.

— Impudico és tu que te rojas sob os tacões d'uma cabocla! que chegas a esquecer tudo por uma caricia sabida de mulata! Impudico Edmundo, és tu que atiras fóra o teu amor proprio e a tua dignidade á custa d'uns beijos.

Mas elle, repugnado, não se deixava convencer.

Deus castigara Sodoma, arrazara Gomorra...

Sim, elle tinha visto os poemas cantando amores, os philosophos alardeando amantes, as Deusas baixando do Olympo para gosar os homens, os carthagineses adorando Taut a divina sensualidade, a Grecia erigindo em Epheso uma estatua de ouro á Thespiana Phrynéa, entre as dos reis... Vira Babylonia consagrando o coito e adorando Milita, os sydonios ajoelhando aos pés de Astartéa, os moabitas incensando Camos, Cleopatra fazendo estremecer o mundo com o pestanejar dos seus deliquios...

— Mas era sempre a mulher!

— E não viste Alexandre ostentando' nas campanhas da Asia libertos como amantes? e Heliogobalo, nontifice do sol, imperador e Cesar, offerecendo o corpo aos machos fortes?

O conquistador das Gallias é conquistado por Nicomedes da Bythinia; Horacio inspira-se nas caricias perversas de Lysiscus e chora quando elle morre...

—Não voltes a cara. Tudo depende do ponto de vista e mais ainda da mise-en-scène, para imaginações como a tua...! A lei universal é a relatividade,.. Acho mais digna a sociedade n'uma inversão sexual, que ao menos não destróe o character, ao esquecimento a que os homens são ás vezes levados nos braços de uma mulher, que se vende ao primeiro que lhe paga bem...

Tem cuidado com a tua... A sentimentalidade é estúpida, meu amigo...

Assim, tu como os mais, condemnas um homem que matou ás machadadas n'um momento de furôr, um semelhante, e perdoas ao bedel de um amphitheatro que, a sangue frio, esquarteja o cadaver d'uma virgem, para distribuir pelos alumnos da escola de medicina as postas sangrentas do corpo estraçalhado a fáca e a serrote...

Tinham-se sentado os dois fumando.

Edmundo abria os olhos do espirito sobre o mundo inteiro, e o seu amor crescia desculpado aos seus olhos. Em silencio, n'uma concentração, enquanto o amigo fallava de Oscar Whild e do rei da Baviera, architectando grandes phrases, semeando insenso e myrrha nos periodos, elle abatia sob o vicio da contemplação, absorto entre o esmaecido occaso que as celulas filtravam em côres fracas n'uma grande confusão que o embriagava.

Os velhos classicos corriam ante os seus olhos gazeos as cortinas resplandecentes que emcobriam os mysterios de Eleusis e de Ceres, as Lupercaes, as Priapicas, as Floraes, as Isiacas, as Bacchanaes. Salomão tinha 700 mulheres e 300 concubinas, e havia ainda leilões de virgens no Oriente, e harens e serралhos na Turquia, no Egypto, na Persia, em Marrocos, no Indostão! Via o mundo semeado d'alcouces e a civilização nojenta andar a quatro patas, ganindo pela bocca do marquez de Sade, pelos beijos de Philippe de Gilles; os cardeaes rojar no chão as golasdos seus mantos escarlates, e a humanidade miseranda e duas vezes castigada pelo diluvio e pelo fogo cuspinhar nas leis de Deus, fazendo requintadamente o ideal do sexo no «putant cadam marem ac geminan esse» de Macrobio!

Elle via-se puro e desculpava-se, indigno pela religiosidade do instincto, d'esta epocha de androgynas e gynandros, em que a decadencia larvada se onanisa sobre as hostias consagradas, no officio alienado da Missa Negra, em que o ideal se arrojava para a cabeça loura dos «pantoums» cantados na poesia symbolista.

E d'ahi, se elle não tivesse encontrado aquella doce mulher que cheirava a felino, terrivel e embriagante como um d'esses perfumes venenosos das «Mil e uma Noites», quem sabe, onde o teria levado a sua grande estagnação de sensibilidade, o seu grande desiquilibrio emocional?

Emilio, com um cynismo rebuscado, fazia

descripções, o cigarro ao canto da bocca, batendo com a bengala na parede da charutaria.

Foram descendo a rua, de vagar...

No céu derramavam-se nuvens, n'um prenuncio de chuva. O sol amortecia.

De repente os dois voltaram-se. A uma varanda da Rua do Espirito Santo um homem chamava-os com grandes gestos.

Tinha morrido a amante de Ramalho d'Alencastro, ainda não havia dois dias. Elle refugiado na sua grande dor, os olhos pisados pela insonia, veio-os receber ao topo das escadas, em chinellos, sem collarinho, um paletot d'alpaca aos hombros.

N'aquella solidão e infinita tristeza, segu-rava os amigos, retinha-os a seu lado por uns momentos, n'um grande desespero de se ver só, entregue toda a memoria querida de Celeste, que tinha partido para o mundo de onde não se volta mais.

Fel'os entrar na saleta de redacção do «Contemporaneo», um jornal que ia vivendo de ciladas tecidas aos incautos, de elogios vendidos e de intrigas e calumnias politicas inventadas n'uma sala de casa velha, as paredes carregadas de panoplias, settas, flechas, azagaias dos bugres do Amazonas, facas do matto, punhaes com cabo de osso apanhados no lixo das casas de ferros velhos, carabinas do tempo da revolta e quatro estantes carregadas de livros por abrir uns, e abertos outros, accusando compras nos «cebos». O desafio de Bayard, as duas gravuras encaixilhadas, pendiam sobre as portas que davam para o

quarto, de cama desfeita, onde arrastavam peças de roupa, n'um recanto, de mistura com umas saias e caixas de chapéo.

— Entrem, sentem-se... Para aqui tinha eu mudado quando me separei da Celeste, que tinha ido para a casa da mãe, coitadinha! já nas ultimas, eu não querendo que ella morresse nos meus braços, com medo de enlouquecer...!

Edmundo, espantado, — não sabiadenada! — fallava commovido dando os pezames.

Alencastro, batendo com os anneis na mesa, contava tudo, o jantar que dera em S. Christovão, a uns amigos, um jantar de fim de «ménagem», com que se despedira da casa onde vivera dois annos perto de Celeste. Tinham-se bebido tres duzias de garrafas emquanto ella agonisava na sua doença e na sua vergonha, ao lado da mãe e da irmã, assim enviada para a casa da familia, quando já não servia para mais nada, batendo ás portas da morte... E elle enterrando as mãos nos cabellos curtos, confessava que ella tinha sido o seu unico incentivo de trabalho, de honra, de dignidade, de virtude... Tinha morrido! Ia-se embora d'aquella cidade que vira de perto a sua felicidade agora enterrada no cemiterio, a apodrecer...

Ia-se embora, ia vender tudo...

Edmundo, mudamente, puzera-se observar aquelle amor que escorraçara de casa uma mulher agonisante, imprestavel, que atirava sem sentidos para a casa da familia, onde a pobre moribunda iria entrar corada de

pejo, pedir umas horas de cama e o enterro pois o homem que d'alli a arrancara com promessas a mandava agora embora, esse homem por quem a misera deixara mãe, socego e virtude.

E á pura e infantil ingenuidade de Edmundo aquillo parecia uma crueldade e uma vilania.

Aquelle que se não prende com todo o coração á companheira que se tornou o seu amor, esse, trahindo o unico sentimento cuja cegueira ainda os poetas e as almas compassivas e faceis permitem aos homens, o que será elle de falso e impostor para com aquelles que nunca lhe entregaram docilmente entre mãos toda a esperança todo o carinho, toda a felicidade possível, como essa desgraçada Celeste, que teve de ir mendigar á mãe ultrajada pela sua doidice deshonrosa, o ultimo caldo, o ultimo medicamento, a derradeira morada...

U seu unico incentivo de trabalho, de dignidade, de virtude!... E os olhos de Edmundo pesquisavam todo o quarto, desde o estojo de Pravaz e o frasco de chlorydrato de morphina e agua de louro, com que elle devia per-lhe muitas vezes adormecido criminosamente os gemidos, até esses restos de seda, esses vestidos de seda que ella nunca mais vestiria, e que elle ia vender, vender tudo...

Emilio sentado n'uma poltrona, abrira o «Barão de Lavos» e enfrochava-se na sua leitura, sem erguer a vista das paginas, o chapéo e a bengala nos joelhos...

Edmundo procurava uma desculpa para

sahir, mas Alencastro fel-o entrar no gabinete para tomar uma cerveja, e subito, entre uma longa falla de saudades pela companhia extincta, lembrou :

—Queres tu ficar com tudo isto ?

Que não, era impossivel, não tinha onde pôr tanto movel...

—Vendo-te barato, quero desfazer-me de tudo, de todas estas coisas que constantemente m'a lembram, m'a trazem viva á memoria, tal como ella era em vida... Vê estas cortinas, Constantinopla verdadeira, sem direito nem avêso, vendo-te pelo custo, trinta mil réis o par com as sanefas e as abraçadeiras...

Edmundo deixava-se fascinar pensando na amante, e n'uma casa erma, entre folhagens... Deixava-se levar por aquelle homem que fazia leilão de todos os vestigios do seu amor, como provas d'um crime que lhe acirrassem os remorsos...

Mostrava-lhe a cama, larga, de cerejeira.

Aqui dormiu ella noites felizes, a meu lado e agonisou aqui longos dias d'angustias, sob a minha vigilia... Custa-te cento e cincoenta mil réis ; quasi de graça... Colchões de crina vegetal e de arame, travesseiros de paina... Vê lá, vê lá, vendo-te tudo ; isto para mim é um martyrio...

Edmundo envolvia todos os trastes n'um grande olhar de cubiça, e Emilio viera juntarse aos dois, com o seu sorriso frio, detendo n'um desprezo de toda a vista aquelle homem que negociava com moveis como tinha nego-

ciado com o corpo da amante, pondo-a na rua quando as despezas de medico e remedio lhe tornavam demasiado caro aquelle seu luxo egoista e interesseiro de ter mulher em casa.

Não havia ainda um mez a pobre martyr arrastara a sua desillusão e desesperança por todas aquellas poltronas, por aquelle divan que elle vendia, fazendo o reparo do estofó, como um leiloeiro habil...

Pobre desgraçada Celeste! Lá da tua cova ainda sem lapide, n'esse lethargo de pulverisação em nada, que agora é a tua vida, a vida do retrocesso a coisa nenhuma, n'essa tua vida mysteriosa de decomposição, pudesses tu ver, misera mulher, para que serve ainda o teu nome na bocca d'esse homem, por quem tu morreste de certo antes do tempo, antes de te embranquecerem os cabellos, como uma folha que cahe da arvore antes de secca!...

Emilio pretextava um negocio, tinha que sahir...

Alencastro arrastando as chinellas, foi acompanhá-los ao patamar, desolado, n'uma compostura de grande magoa, e Edmundo, em imaginação, entalava-lhe no olhar pisado o monoculo que o typo sempre usava, e mirava-o assim phantasiado um sêr perverso e cynico, que tinha uma palpebra a escorrer de lagrimas a saudade da companheira perdida, e a outra piscando a uma costureira, com todo o descaro de um fadista.

E os dois, Emilio e Edmundo, quando se viram na rua, desandaram apressados, sem uma palavra.

No largo de S. Francisco pararam para se separar, as mãos dadas.

—Crês na transmigração das almas?

Emilio, parando de accender o cigarro as-severou.

—A de Celeste deve por força transformar-se em verme para roer o coração d'esse mariola...

—Fica roubada!

—?

—A mãe, uma condessa de liga d'elastico e unguento nos cabellos, esqueceu de pedir ao cocheiro que lhe fizesse um filho mais limpo que elles dois..., e vae a lesma poz-lhe no ventre um biltre por esquecimento...

—Até logo, ás seis horas no Paschoal...

E Edmundo já ia longe quando Emilio voltou atraz.

—O que é?

—Sabes onde se vende o «Barão de Lavos?»

Tomou um tilbury, mandou tocar para casa, para o largo da Segunda Feira.

Precisava de dinheiro para pagar as contas de hotel da Honorina e só lhe lembrara uma coisa, havia só um meio ao seu alcance; levar ao edictor o que estava feito da obra encomendada, pedir um adeantamento com promessa de levar o resto dentro em dias... Aos poucos amigos a quem se poderia dirigir n'uma emergencia tal, apenas a um não devia dinheiro e a esse, fazendo já dois mezes que o não via por nada d'este mundo elle se

atreveria a fallar ainda em favores. Já lhe era devedor de muitos, dos que nunca se pagam.

E o medo de sempre tomava conta d'elle. Via o olhar prescrutador do livreiro cravar-se no seu pedido, e temia uma recusa, uma desculpa, que a dar-se o levaria 'a desanimar de todo e a deixar-se morrer desesperado.

E elle estaria em casa? Teria dinheiro de momento, áquella hora?

Sentia que todos os esforços de que se julgava capaz n'aquelle instante acabariam alli.

A um momento dado as moleculas ideaes, as fibras sensitivas e musculares, todo o homem interior, acha-se em tal estado que, já existe n'elle uma tendencia surda a praticar um certo e determinado acto; se nada vem parar ou desviar essa tendencia depressa os musculos se começam a moer e dá-se então o caso da simples tendencia se transformar em vontade.

O mesmo se dava então com Emundo no intuito do seu ser moral. Ora, a vontade era n'elle uma pallida sombra, um vago reflexo que se não impunha, e a desesperança varria de si ao menor sopro.

Ha arrazoados e julgamentos como ha simples ideias, começam ordinariamente por serem actos produsidos na alma, depois ficam, subsistem, não mais como actos mas como qualquer coisa de material ou como uma força residindo no temperamento, invadindo todo o espirito como a côr invade a retina de um olhar fixo.

Assim em Edmundo, preparado a receber

todas as impressões e a gerar todas as forças n'um ambiente cerebral que as debilitava, as enfraquecia, sem que elle tivesse consciencia d'isso.

Chegou a casa, desanimado. Mandou esperar o tilbury.

Subio ao quarto cuja porta estava aberta, e ás pressas mudou de roupa. Depois deitou-se na cama, sem saber, sem querer, abandonado por todo aquelle poder de vontade meio morto n'elle, incapaz de gerar um impulso mais do seu ser para realisação do desejo.

Quanto tempo ficou alli, olhando as madsilvas da varanda, contando as flores que abriam n'aquelle trecho de grade apercebido pela porta aberta?

Sahio d'aquelle mundo longinquo e difuso quando uma sombra se recortou á porta e uma voz o chamou.

Era a creada.

—Mando o carro embora?

—Não, eu vou sahir. . . Que horas são?

—Bateram agora mesmo as Trindades, . . . são cinco horas. . .

—Meu Deus?

—Que tem, senhor Edmundo? está tão acabado, tão amarello! . . .

—Não é nada, é a vida. . .

—Cruzes! mas para que se havia elle de affligir tanto? Aquillo fazia-lhe mal! . . . elle já era muito doente. . . Precisava de uma mãe ao lado de si para o cuidar. . .

—Não é nada, senhora Maria, é uma ques-

tão de dinheiro... apenas... tudo se hade arranjar.

Ella approximára-se, as mãos cruzadas no avental, com o seu olhar sereno de ceu vergado sobre elle.

—E é muito... esse dinheiro?

Havia uma caricia maternal n'aquella pergunta proferida a medo, a meia-voz.

—Não, senhora Maria, não é; tudo se hade arranjar... e senão, paciencia!...

E essa ultima palavra quasi se desfez n'um soluço.

A velha parecia absorta, com um sorriso bom nos labios...

Edmundo levantou-se, foi debruçar-se á varanda, vendo a noite chegar...

A senhora Maria desceu á cosinha, foi á arca de pinho, tirou debaixo da roupa uma caixa de papelão, abriu-a, contou o dinheiro que tinha dentro.

Deixou vinte mil reis na caixa, fechou com todo o cuidado outra vez a arca e foi offerecer a sua pequena fortuna ao seu amo.

Edmundo chorava...

—Que tem? Não esteja triste, socegue... Com a ajuda de Deus tudo se hade remediar.

E tímido, esse anjo que os céos tinham deixado envelhecer na terra, apertava o dinheiro nas mãos tremulas, sem animo, com um grande receio de uma recusa...

—Senhor Edmundo... se o senhormefizesse um favor se me pudesse guardar este dinheiro..

São tresentos e quarenta mil réis... se fizesse o favor.

Edmundo olhava-a espantado... Agarrou-lhe nas mãos para as beijar áquella santa..!

Ella largou o dinheiro nas mãos d'elle e deixou-o pousar a cabeça no seu hombro...

— Meu filho !...

A lua erguia-se na meia sombra do crepusculo. No poente ainda havia um grande clarão de forja. Os montes cobertos de folhagem perdiam a nitidez descambando em manchas. Havia um grande silencio no adormecer da luz aos quatro cantos do horisonte.

A senhora Maria acompanhou Edmundo até ao portão, e na despedida teve uma pergunta; se «ella» era bonita!...

Elle disse que sim com a cabeça, tristemente...

Ao fim da rua da rua do Hadock Lobo, Edmundo reparou que ainda conservava na mão cerrada o maço de notas. Guardou-o, fazendo um grande esforço para não chorar, e disse então ao cocheiro:—Toca depressa para o Largo de S. Franciaco, precisamos lá estar antes das seis.

Escondeu a cara nas mãos. Via-se perdido, fatalmente perdido e para sempre.

Só pensava n'ella, em nada mais...

O orgulho do macho que se vingava de toda a humilhação do seu organismo, esse orgulho era tão forte, que o facto de ter possuido uma mulher, de ter tido d'ella o corpo e a alma, sentimentos e sensações, satisfazia-os tão completamente, que não fazia mais um esforço para reter em equilibrio as ruinas de seu sêr profundo e intimo, a alma toda vol-

tada para essa derradeira força que lhe restava: a do affecto. O poder de vontade, fria e intellectualmente concebido, apagára-se n'elle por completo, substituido pelo desejo, que tendia por sua vez ao aniquilamento como as azas de um passaro tendem ao vôo.

Elle sentia bem aquella derrocada interior, e esperava amedrontado, immobilizado, temendo que, ao cabo de uma tal desorganização, a alma sentindo a jaula sem varões, se arrojasse para fóra, fugisse de dentro d'elle.

Todas as suas moleculas ideaes estavam vivendo n'aquella impressão viva de amor, e dahi o desconcerto em que elle se achava sem poder prender-se aogúia do raciocinio.

O labor da sua cerebração, posto que intenso, tinha sido sempre na mór parte dos casos pouco amplo; a imaginação vinha logo enfumaçal-o quebrando-o impreterivelmente...

Era assim a modos como um sol entre nuvens dardejando nos nevoeiros matinaes de um rio. Quando a luz fulgida trespasava os cumes das nuvens, a neblina desmaiava e parecia tender a desfazer-se, mas logo o sol sumido, as nevoas sentavam de novo, prendendo-se nas ramarias e vagando suspensas sobre a corrente.

A definição do amor pelo poeta francez parecia ter sido arranjada para elle; — A paixão reduzia-lhe o mundo a uma só creatura, o ente amado, e para essa sensação, por ella, elle vivia.

Deixára-se dominar inteiro como um ro-

chedo que se deixa cobrir pelo mar ao encher a maré. E esse mar em crescente despertava-lhe grandes ruidos, como a vaga batendo a fraga, como uns dedos arrepiando a cordagem de uma lyra.

Todo o seu intimo, por todos os seus póros, havia um arrebatamento para a mulher amada, e toda a sua parte emocional, todo o seu poder nervoso e imaginativo se despenhava para ella, como um bando de passaros nocturnos que batem as azas em roda dos vidros quentes de um pharol acceso na treva...

Tinha paragens completas nas fibras sensitivas, olhava sem ver, perdia até a sua afinada contemplação de tísico, que sempre pousava em todas as perspectivas, n'uma insistencia dolorosa de quem sabe que vae fechar os olhos sobre tudo aquillo, um dia não longe.

Esse instincto desesperado de doente, recolhera intacto aquelle sentimento dominante, e era por isso, que a revia sempre, essa mulher, como uma Atala selvagem e romantica, vagueando no brenho d'uma grande floresta virgem, humida, verde, penumbrosa, repleta do rumor flacido das palmeiras, do deslizar molle das aguas entre limos e troncos mortos, do romurejo das azas, do canto dos passaros, do arrastar das serpentes, no desprendimento das petalas de parasitas pelos cipós, e o zumbir dos insectos pela grande sombra mysteriosa e humedecida.

Toda a sua muda contemplação da natu-

resa se ligára como uma trepadeira a uma columna, n'essa sombra implantada n'elle...

O mysticismo de extatico que morára sempre nas suas retinas em frente as mattas enormes e imponentes emigrava com o mesmo subido grão de pasmo e adoração para os olhos negros e molhados de Honorrina.

As duas orbitas, aprofundadas sob as pestanas pretas, percorridas de tremulos, como violinos, traziam-lhe á idéia as florestas adormecidas n'uma vólupia, remurejando como beijos, densas e impenetraveis, macias, erguendo-se lubricamente no gesto languido das palmas e das samambaias enormes, com grandes plumagens que acariciavamos nervos de colosso das perobas e dos jacarandás, que se empinam das grotas, estendendo os braços como apóstolos a toda a immensa natureza derojo, cahida em spasmos, bebida de perfumes, bavada de lichens, enquanto os lagartos e as coraes serpeiam sob as folhas verdes e as jararacas dormem entorpecidas no toco dos ipés ou entre as raizes nodosas das jaboticabeiras...

N'ella, estava toda a natureza dos tropicos languindo de odores, mysteriosa como um precipicio, indesvendavel como um dogma... Ella era o passaro cardinal da floresta virgem, e a sua alma batia azas ao seu lado, no denso coração da matta, onde resoavam as onças ao luar, esperando as pacas que desciam ao rio...

Flexível como a palmeira, sinistra como

a sombra das florestas, meiga como as jurutys, delirante como os perfumes das alcéas, de voz doce, uma doçura em que havia plangências, como o escorrer das aguas sob as abobodas de verdura, ella arrastava em si todos os encantos da natureza americana, como uma deusa de amor nascida n'uma grotta, como a Venus da Grecia que nascera das espumas do mar.

Edmundo, de olhos abertos, nada via em redor senão sombras bambas, n'uma deliquescencia de meia tinta, com luzes tremulas boiando á superficie. Eram as ruas, as praças, os lampeões e reverbéros já accesos—golpando oiros falsos na meia tréva, envolvendo em clarões bruxuleantes a fachada da Estação Central, onde resplandeciam no alto, como dois olhos de gato apocalyptico, os fôcos côr de phosphoros da luz electrica.

As casas, em postura immovel, paravam na semi-luz crepuscular, e atraz os arvoredos do parque da Acclamação, entre as unhas finas e verde-negras dos pinheiros, uns sangues rubros espaireciam ainda os céus, n'um ultimo ganido á agonia do sol.

Tudo se esfarrapava na sombra, vultos caminhavam no chão, eram os homens, e vultos trepavam aos ares, na meia tinta crepuscular, sem forma, perdendo os contornos na obscuridade..., eram as torres, as obras dos homens...

Breve o tilbury, levado a galope, passou

o largo do Rocio, n'uma corrida, e veio parar em S. Francisco.

Edmundo pagou e desceu.

No Paschoal, Emilio sentado a uma mesa, sozinho, bebia absyntho...

Largaram-se as mãos...

—Ainda não encontrei o «Barão de Lavos!» Não se lê, n'esta terra sem livrarias!...

—Espera-me um pouco, vou ao Garnier, a vêr se tem... Tu espera-me, fica olhando as femeas... A Louise perguntou por ti, vai falar-lhe...

Edmundo atirou a vista distrahida, por toda a sala, de mesa em mesa, cumprimentando conhecidos.

Encostado a um espelho, fumando um cigarro turco, olhando a Sara que bebia um vermuth com a Rizza, Leão Absali estava com dois litteratos, agarrados a elle por uma grande curiosidade d'aquelle tedio de «maquereau», com gestos cançados, os olhos amortecidos pelas vigalias do jogo e do officio...

Arredou a vista, com um nojo subito na garganta, ante aquelle homem que o fizera soffrer tão desesperadamente, e sahiu para a porta, á espera do amigo.

—Vamos, sim, são horas...

E n'um desalento, tomando as mãos a Edmundo: —Não encontro; decididamente não ha livrarias n'esta terra, ninguem lê...

E baixando a voz :— A pederastia morre á falta de d'incentivos ! e é pena...

Honorina esperava-os, vestida, com tres botões de rosa no peito do vestido de seda furta côr, um pente de diamantes na noite profunda dos cabellos...

Jantaram, e Emilio foi embora cedo, inquieto, lembrando-lhe uma livraria talvez ainda aberta onde pudesse comprar o « Barão de Lavos ».

Os dois sósinhos, debruçaram-se na janella, vendo passar gente, encostando as cabeças como dois passaros no ninho.

Um canto de bebedo vinha do fundo da rua do Senado, de entre a escuridão apenas apartada de espaço a espaço pela luz livida que escorria dos candieiros.

A voz rouca rolava uma cantiga deturpada canalhamente na taberna, e com a qual o homem sahira para a rua. A's vezes parava, e logo no silencio accordavam as palavras...

Ai ! compadre, chegadoinho
faz, faz...

Ai ! comadre, devagarinho
faz, faz...

A gente que passava por elle afastava-se do passeio, e a sombra cambaleante aproximava-se áquelle vulto descrevendo zig-zagues, rente ás casas, tropeçando nas juntas das pedras, bambeando as mãos, de dedos abertos, um chapéo rôto atirado para a nuca...

Ai ! comadre, mais um bocadinho
faz, faz...

Ai ! comadre, mais devagarinho
faz, faz...

O bebedo passava agora debaixo da janella, remoendo o estribilho da cantiga obscena, e parecia um cego andando ás apalpadellas, a cabeça cahida, a camisa desapertada, manchada de vinho, os joelhos dobrados como se fossem ajoelhar...

Parou encostado a uma porta, e agora era uma melopéa triste que elle cantarolava, com a sua voz de falsete, lugubre e avinhada, n'uma cadencia pungente que dava lagrimas.

Eu tinha um filho,

Morreu...

Tinha tambem um amor,

Morreu...

Ai! quem me dera o meu filho,

Quem me dera o meu amor...

Apalpava as paredes com as mãos tremulas, a cabeça derreada entre os hombros.

Então o vulto d'um policia dobrou a esquina, encaminhou-se direito a elle.

O pobre homem estremeceu sentindo a mão pesada agarrar-lhe n'um braço. Fitou o policia com um olhar idiota...

— Vamos, marche para o xadrez.

E a voz rouca com soluços desfez-se em palavras...

Tinha-lhe morrido o filho ao meio-dia, ainda estava por enterrar, em cima da commoda, entre dois cirios...

Deixasse-o ir para casa, para perto do filho... Chorava, com o chapèõ na mão, encostando-se á parede para não cahir.

— Por amor de Deus! não o levasse, tinha o

filho morto em casa... Entrára n'uma taberna para beber..., não podia mais..., deixasse-o ir embora..., fallava da mulher á espera d'elle, e gaguejava, sem tino, estropeando as palavras...

O policia, com phrases brutaes, levou-o aos enconrões, e o grupo sinistro dobrou a esquina, a aranha levando a mosca perdida... Honorina pendia a cabeça sobre o hombro de Edmundo, envadida de tristeza...

Assim esse pobre homem que tinha ido buscar o esquecimento n'uma medida d'aguardente, esse pobre homem, talvez um operario honesto, simples, bom, com um filhinho morto em casa e uma mulher desolada a chorar sobre o fructo das suas entranhas, ia para á cadeia, embriagado...

Mais do que nunca Edmundo comprehendeu a inexorabilidade dos destinos que os homens se haviam a si proprios preparado, e o seu terrivel despreso pelo mundo invadia-o, subindo-lhe á garganta. O mundo! o mundo!...

Um grande desejo d'amor e esquecimento penetrou-o, tomou conta d'elle, o deixando a janella aberta ao morno quarto-crescente que escorria dos altos ceus penumbrosos e sem astras, elle foi levando a amante para entre os cortinados... Desapertou-a, arrancou-lhe o espartilho, descalçou-a, e envolvendo-a, toda, a camisa aberta, agarrando-lhe a cabeça com as mãos tremulas e febris foi beijando-a mudamente apertando-a a si, escondendo-se entre os cabellos d'ella, sentindo-a arfar como uma onda sob as suas caricias doidas...

Honorina abandonava-se, os braços suspensos ao seu pescoço, ferrando-lhe os beijos, os olhos n'um delirio, o corpo estorcido, fremente de se sentir trespassada...

O bico de gaz, flambando no globo côr de rosa, inundava-os de uma luz coada de mysterio, em que os beijos voavam, n'uma vaga de fluido emocional que alli rolava de alma a alma n'uma conturbadora voluptia de spasma...

Os seios crispados arfando altos, rompendo das rendas subiam e desciam como se a carne soluçasse de gozo, e todo o seu corpo, arqueando-se como o dorso d'uma gata, torcia-se, todo possuido, os dedos dos pés n'uma crispção, as mãos tremulas batendo no lençol, as narinas abertas, os quadris bamboleantes, a bocca semi-aberta n'um arrepio em que havia sorvos como os calefrios de uma corda de violoncello roçada levemente pela seda do arco, como uma d'estas arcadas « frisonantes », em que geme a sua alma, n'uma desfilencia de sonho, n'um chio de angustia humana que se parte.

Edmundo, desprendendo-se d'aquellas mãos que o palpavam, o enlaçavam, abertas e trementes como azas, foi lhe beijando todo o corpo; e ella, sabida n'aquelles segredos perversos de amor, batia as palpebras, toda sacudida, gemendo surdamente, abraçando-o com as pernas, toda moribunda desde os cabellos ás unhas dos pés, os dentes cerrados, esfarrapando palavras d'amor perdidas, os olhos em alvo, esgaçando a seda da camisa, agitada de sobresaltos, até rolar com a cabeça

do travesseiro e ficar abatida, prostrada, como uma morta, as palpebras descidas, beijos seccos presos á humidade dos labios d'elle...

Ella foi-se lavar d'ahi a tempos, apagou o gaz, fechou as janellas, e veio cahir de novo na cama, toda perfumada, n'uma somnolencia, respirando alto, chegando-se ainda a elle, com uma tremura nos braços, estirados, e um grande calor, por toda a carne.

Estiveram assim por muito tempo, sem poder dormir, os olhos fechados, se itindo-se accordados, perdidos n'essa tristeza que sobrava ao saciamento dos desejos...

E elle foi o primeiro a fallar, lentamente' d'uma vida a sós, n'uma casa pequena, n'um arrabalde, entre sombras de magnolias e mimosas, com um jardim cheio de rosas, todo tapetado de amores perfectos ..

Como devia ser bom sepultar assim entre quatro paredes o seu grande amor voluptuoso, lubrico...

Tinha ciumes d'ella, largada n'aquelle hotel onde entravam homens... O que daria por tel-a só d'elle, vivendo ao seu lado, toda satisfeita das suas caricias e dos seus beijos... Se ella quizesse... Sim, ella queria...

A boa vida que os dois levariam, accordando cedo para ir apanhar as rosas abertas durante a noite, almoçando perto da janella, vendo os campos, olhando a estrada e os grandes montes cobertos de arvores...

Eram mil projectos que faziam, ella agarrada ao seu pescoço, fascinando-o, embriagando-o com essa miragem de vida feizi,

quieta, toda de paixão e delirio, longe do mundo e dos homens...

Ella é que havia de cosinhar... Sabia todos os segredos da cosinha... Em casa, nos bons tempos pobres de familia e de virgindade, era ella quem fazia a comida...

Deitavam calculos, podiam viver muito barato, com uns quinhentos mil reis por mez...

Edmundo não via impossiveis, parecia-lhe tudo aquillo muito facil de realizar, desde que era ella que queria...

Accenderam a véla, sentados na cama, as mãos dadas .., e a pobre creança largada tão cêdo da familia, gosava aquella perspectiva feliz de « ménage », n'uma nostalgia vaga da amorosa quentura do lar, de que elle estava apartado ha tanto tempo.. E deixava-se embalar áquella ideia inesperada que lhe acariciava o instincto secreto e vivo, entretanto da amizade e do conforto, aquella vida passada ao lado de umas saias...

Trabalharia com vontade, então, escrevendo enquanto ella cosia á machina ou compunha um ramo de cravos nas jarras do aparador...

Era já uma hora da noite no relógio pequeno da cabeceira...

— Estou com fome!... Se nós comessemos alguma coisa ?

Edmundo foi accordar o creado... Para trazer uns frios e vinho do Porto, ameixas secas e passas...

E em camisa, os pés enfiados nas chi-

nellas, os dois sentaram-se á mesa, comendo o frango com as mãos, n'uma alegria doida, bebendo pelo mesmo copo, tirando as passas do mesmo cacho...

Ella n'uma confiança instinctiva, contava toda a sua vida de desgraça... O paemorto com dois tiros de garrucha, n'uma estrada, ella casada com um vendeiro, fugindo-lhe para se entregar a um saltinbanco, um acrobata da companhia do Albano Pereira, que a ensinou a andar a cavallo, a saltar os arcos de papel, de cima do palafrem ajaesado, com plumas na cabeça e as crinas entrançadas com fitas de seda côr de rosa.

E a sua belleza selvagem, cheia d'inso-lencias altivas no porte e no olhar, com a sua cabelleira lisa e negra, torcida em grandes mechas revoltas em cima do oval afilado e suave doseu rosto moreno, onde se desenhava um typo barbaro e lubrico de indiana, triumphou no circo, no dôrso dos cavallos, com a saia de gaze e o corpete decotado mostrando a raiz dos peitos e os braços torneados, como fundidos em bronze.

Os seus olhos, em que havia negras claridades electricas, pensativos e tenebrosos, depressa despresaram o saltinbanco para se entregarem abatidos e humildes ao hercules da companhia, um louro e de carnes brancas, que a enchia de pancada todas as noites.

E a sua graça maldicta, a sua belleza bizarra, assim chicoteadas dia a dia, resplandeciam orgulhosas no circo, quando ella de pé nas ancas do cavallo, fazendo sibilar a «cra-

vache», as mãos estiradas, envolta n'um nevoeiro branco de luz electrica, gritava: Eh! Salero! hip! hip!, e atirava-se por entre o papel de seda dos arcos, dominando em todos os corações, sorrindo ao amante, levada ao galope furioso do Salero, que trinia branco d'espuma...

Edmundo revia-a n'esse tempo, nova e maldosamente bella, apertado no «maillot» de seda côr de carne, balouçando suspensa nos trapezios, attrahindo todos os olhares, infernal e lubrica como um demonio, toda possessa de philtros, feiticeiros, pendida pelas juntas dos joelhos nas cordas aos balanços, como um passaro morto n'um galho d'arvore... Depois pendurada pelos braços na barra, redopiava em volta, virtiginosamente, os cabellos desfeitos, e parava n'um suave angur de todo o corpo, fluctuando suspensa, n'um rythmo cadenceado, batendo as pestanas...

Honorina, toda entregue áquellas lembranças ficava triste sem fallar...

Toda a sua alma barbara e incomprehendida desejava ter um filho, um ser que ella amasse com todas as forças das entranhas de onde tivesse sabido... Depois, cahindo de braço em braço, desilludida, sem nunca ter sentido amor, e sempre escaldante de desejos como um inferno de carne, deixára-se ir n'aquella vida inundada para todo o sempre de uma mysteriosa tristesa, onde viviam desejos impossiveis, os olhos cada vez mais sombrios, mais profundos, passando a mo-

cidade a satisfazer os caprichos dos homens, entregando o corpo sem nunca ter entregue o coração, ciumenta ás vezes, por instinto de femêa vaidosa, má, gosando das paixões que despertavam os seus olhares tremulos e negros como lagôas durante a noite, sentindo pouco a pouco acabar a sua belleza, agonisarem os seus desejos de animal novo, o coração batendo sempre, mais apressadamente dia a dia, debatendo-se n'uma ancia incontestavel, e já ferrado pela bocca de um aneurisma, que lhe tinha vindo pelas noites de circo, quando ella revolteava no trapesio, a cabeça no vacuo, os braços batendo os ares como grandes envergaduras de azas depeçadas...

Edmundo, pegava-lhe nas mãos enternecido, a alma toda entregue áquella mulher...

— Como eu te amo! Se tu soubesses...

Ella era sincera, confessava tudo: nunca amára a ninguem... Sentia-se má, um desejo de ser cruel sempre acceso dentro de si... Não, ella não o amava ainda...

E Honorina fitava dolorosamente a pobre creança que lhe beijava as mãos, invadida subitamente de uma grande piedade, sentindo-se dominada n'aquella alma quasi angellica de soffredor, comprehendendo-o enfim, e impellida entretanto por um desejo immenso de lhe fazer mal, de o perseguir implacavelmente de amargura, tornando-se cúmplice do destino, vingando-se dos homens n'aquelle ser ajoelhado contemplativamente aos seus pés.

Accudia-lhe uma sêde perversa de o faser para sempre desgraçado, desviando-se da sua vida, deixando-o despenhar-se na fatalidade injusta e crudelissima da sua má sôrte, da sua má sina.

Aos olhos d'aquella mulher essa criança atirada a seus pés, estava á sua mercê...

Então, como elle a arrastasse para a cama Honorina desviou-se, embrulhando-se nos lençóes, escondendo-se ao fundo das travesseiras.

— Dorme bemsinho, apaga a vella...

Edmundo viu-a adormecer socegada, e como na vespera, sem saber porque, sentiu uma grande vontade de chorar...



XV

Passados aquelles dois dias de febre, cravou-lhe dentes no desalento uma ideia má, a perseguil-o como uma mosca vareja. Era aquella carta, lida a meio, esquecida durante horas e lembrando-lhe agora a paixão da mulata por um rapaz sem vintem, um typo dengue, de pastinhas, a ver pelo estylo, de quem ella não quizera um só real por uma duzia de noites levadas a dar de alma por entre pernas. E a pensar n'elle nascia-lhe uma raiva surda, um ciume baixo, de cocheiro, vendo-o apelintrado, com mulher de graça e sentimentalidades no fallar, offerecendo a casa á femea, com phrases de romance barato, dando vestidos de chita e sapatos de liga áquella mulher, que parecia só estar bem dentro de sedas e veludos, encharcada de perfumes, sonhando com joias.

Para elle, Honorina tinha um ar quebrado de voluptuosa, exquisita e bizarra, e o seu corpo molle de cobra, todo calor, macieza e nervos, pedia requintes, luxo, uma vida de harem, com escravas aos pés.

E um azeiteiro pudera-a prender, fazer-se desejado, na sua vulgaridade de D. Juan de lacinho verde e corylopse no lenço. O que elle, Edmundo, nunca obtivera della, um

amor desinteressado e brando, passivo e por gosto, um outro já lh'o possuira, na sua ausencia, com uma grande felicidade de idyllo piegas, dengue, de beijos lorpas e os «eu ti amo, negra» da adoração a cinco mil réis por hora.

Comsigo, nem um instante só lhe déra desse amor de costureira, cheio de recatos, de prazeres trocados sem custo, naturalmente como a paixão simples das rolas. E era justamente n'uma vida assim, sem balouços, socegada e mansa como um pequeno rio, que Honorina devia ser gostosa de tragar, languorosa, adorinçada, de olhar quasi morto de estagnado e tranquillo. Todos os seus nervos de gata raivosa de sete bofes, deviam serenar apasiguados, como uma giboia embebedada de opio, emmollecida entre cobertores...

Assim, enquanto elle soffria lá fóra, crivado de saudades, lepreto de dores, ella para esquecer, matar saudades, desafogada emfim, livre d'aquelle martyrio inutil e idiota, soffrido dois mezes á sua beira, chegara-se mansa e soluçante de lascivia a um homem que a possuira tranquillo, como a uma cabra meiga e voluptuosa, sempre a balar de luxuria.

E era de vel-a então, com o seu socego de mulher contentada, vivendo sem ruido, sem nervos, sem impaciencias, sem delirios, com um homem simples e ignorante como ella, acceitando-a facil e morna, sem se esbaforir nem desesperar, ajudando-a a levar a canga, como o boi ao lado de uma vacca.

Edmundo percebia bem aquelle homem cruzado por azar na sua vida, uma creatura commum, sem nome, sem feitio, morando n'uma cidadezinha de Minas, de todo só, cantando ao violão as lamurias bezuntadas da roça, olhos erguidos ao céu, gemendo o— «É aí meu bem, sinhá, meu bem...», todo saudoso d'essa quinzena de côrte em que se lhe abriram uns lençóes alvos e perfumados, com uma mulhersinha languida e humida como um jasmim do Cabo a pontos de em-murchecer.

Via-o em frente aos olhos, besta e de labios grossos, escrevendo á mulata n'um dia de saudades, convidando-a a compartilhar a sua cama banal de solteiro e os magros trezentos mil réis do ordenado. Sentia-o bem, advinhava-o, a esse homem que se deitára tantas vezes na mesma cama em que elle já soffrera e gozára tanto, rolando a cabeça na mesma travesseira em que elle encostára a sua, tão alvoraçada de ideias tristes, desesperantes, allucinadas...

Odiava-o por instincto, e torcia-se de raiva ao ver que os outros approximavam-se aquella mulher sem perigo e sem fremitos, enquanto elle a não podia ver sem paixão e temor, assombrado pelo seu olhar de maga fatal e o seu sorriso acre de molestia. Era talvez porque os outros nunca tinham arrancado áquelle corpo esses segredos escondidos ao fundo de todas as almas, esse mysterio agachado ao fundo de cada creatura, que leva a mulher da roça, rustica e branca, a atirar-se de cabeça

n'uma grotta, por causa de um tropeiro, ou de uma treva ponteada ao violão, e arrasta um negro, guardador de porcos, a torcer o pescoço da mulher, como a uma gallinha, por ciumes, pela honra...

Edmundo accordara n'aquelle temperamento lubrico e sobreexcitado, a hysteria somnolenta que aninhava a um canto d'essa mulher.

Os seus desejos impossiveis, todo o devaneio do seu pessimismo de doente pegara nevrose áquella organização doentia e insatisfeita. As lagrimas, os olhos que cavam ao fundo d'alma os sonhos contados boca a bocca, os desfalecimentos de todo o seu ser esgotado n'outro corpo, a vida agitada, aos solavancos, passada entre um ceu de beijos e uma estiameira d'insultos, toda de attritos, de descontentamentos, bocejos, horas em que se viviam annos e dias em que se assassinavam vidas, esses tempos atrozes levados a arranharem-se, tinha-os deixado a ambos feitos frangalhos, nus, frente a frente, conhecendo-se bem no intimo e odiando-se por isso, não podendo dissimular um sorriso sem que a hypocrisia passasse desapercibida, advinhando-se pela vista, sondando-se até as entranhas, ambos criminosos, de mãos a abanar, sem esperanças, sem illusões, sem amor, algemados por isso mesmo, sem forças para despedaçar as cadeias e estremecendo-as afinal sem ter outro remedio, para se aguentarem ao lado um do outro, assim como faziam.

Para ella, fôra um allivio a separação, e

gozára feliz, de ventas abertas, como um animal do campo, aquelle amor sem esforço e sem difficuldade, que um rapaz de Juiz de Fóra lhe offerecera de passagem na Côrte.

Sendo a hysteria uma loucura da sensibilidade, a vida compartilhada com Edmundo era uma irritação, uma provocação constante, um alcool para a sua cabeça mal segura. A impressionabilidade nervosa a que a sujeitava sem descanso, aquella afeição predominante, exasperava-lhe a natureza debil de anemica, trazendo-lhe fatalmente para o corpo uma volubilidade de humor, uma anciedade, melancolias sem causa, impulsos irresistiveis, agitações, furores uterinos, uma desorganisação tremenda, que fazia da caipira uma esphyngue morbida, hoje irascivel e meiga, amanhã um enigma de colera e alegria sem motivo, um espirito da disputa e chicana, de indecisões, de inconstancias, perversa e carinhosa, rude e meiga, obstinada e caprichosa, insupportavel e damninha.

O regimen tonico da vida de paz pôdre em que cahira logo, adormecera pouco a pouco a irascibilidade do genio. A calma curára a doença, desperta á contradança de seis semanas intoleraveis de uma vida atribulada de emoções.

A' falta de sangue, chupado pela anemia, o systema nervoso, chicoteado por uma duzia de annos de vida airada, tinha dominado. E d'essa vida, recolhida ao quarto, com sahidas para a sala asphyxiante dos theatros, dos

bailes, a obrigação imposta de se crear diariamente momentos de excitação lubrica, o estomago estragando-se aos poucos de ceia em ceia, o sangue enfraquecendo de noite a noite, gasto em spasmos, em vigílias, em perfumes, d'essa vida, rebentára, viçosa, extranha, venenosa e terrivel como as flôres dos tropicos, essa flôr bizarra da nevrose, que n'essa cabocla nascida á tôa, n'um catre de roça e crescida na terra, ao sol, podia parecer um desvanio.

E d'ahi, a pardinha nascera nevropatha como toda a femea, sujeita ás influencias da lua e das trovoadas.

Edmundo por seu lado, passando na vida como um estrangeiro, fôra contagiado pela melancholia, a dolorosa nevrose do espirito, caracterisada por um delirio triste, depressivo, com ideias persistentes de desesperança e temor. Aquella amargosa lesão das faculdades moraes affectivas, excitada sem cessar por golpes repetidos, preparada desde creança pela educação religiosa, irritada depois pelo instincto poetico de sêr diffuso, fantasista, sonhador, o abandono em que o largára a precoce separação da familia, e por ultimo, como golpe de massa, aquelle amor de desgraça, dexára-o inconsciente, irresponsavel, amarrando-o com tudo o que lhe restava a uma só ideia, a uma ideia fixa, fôra a qual tudo era impossivel, fumo, areia, impalpavel, vertiginoso.

A sua personalidade moral, irregular, estranha, bizarra e extravagante, sempre tolhada de duvidas ou arrastada irresistivelmente pela monomania, diffundia-se, en-

nevoava-se, transparente e impalpavel como uma neblina. Aquelle eterno ruminar de um problema psychologico, procurando razões, tentando demonstrar opiniões, pensando em Deus, na eternidade, na morte, tres problemas a solver e sempre presentes ao seu espirito de vago, uma sucia de theoremas absurdos, a cançal'o, exigindo persistentes uma demonstração de axioma, tudo fazia d'elle, d'esse adoravel typo de melancholico, um desequilibrado e um irresponsavel, perigoso a si mais do que aos outros.

A tísica, acima de tudo, cravára as garras n'aquelle estado penoso de morbidez.

Era triste porque soffria d'essa cruel doença da tristeza. Só a meiguice de uma noiva ou mãe lhe poderia suavisar tanta dôr. A' pobre creança enferma, o mundo só offerencia venenos, escondendo-lhe os remedios. Seria preciso crear-lhe um trabalho material, com preocupações intellectuaes moderadas, evitar-lhe a vigilia, que enerva e abate, entregar ao somno umas dez horas tranquillias, calmas. Era-lhe necessario viver ao ar livre, endurecer-se ao frio e fazer-se um novo organismo, em que o sangue predominasse, derrotando o poder absoluto dos nervos, e afastar-se o mais possivel das excitações sexuaes, abusivas, evitar na leitura tudo o que melancholisa a vida, não abrir as paginas d'esta desesperante litteratura moderna analysta de chagas, dissecadôra de podridões e fetos. Era-lhe necessaria a tranquillidade idyllica do campo, onde só ha arvores, regatos

passaros e sol, e onde as mulheres só nascem para cantar e serem mães. Precisava de fazer-se inteiro, varrendo a anemia, que é o alicerce firme da nevrose, e readquirir um sangue forte, alimentado a ferro, a magnesia e quinquina, por um regimen tonico, uma vida severa, banhos de cachoeira ao levantar da cama, passeios a cavallo, e para distrahir, occupar o espirito, um namorico de roça, muito simples, muito platonico, quando muito com um ou outro beijo ás escondidas e serenatas de sonfona nas noites de luar.

Ao contrario de tudo isso, Edmundo levava uma vida agitada, aos tropeços, difficil e crivada de ratoeiras, preso entre cinco ruas de uma cidade quente, epidemica, em que as carroças de lixo atravessam ás nove horas da manhã, uma cidade empestada de vicio, que choca lassidão e preguiça, uma capital infestada de meretrizes, e em que os theatros só representam peças em que ha pernas nugas e maxixes.

Tudo concorria para acirrar a sua molestia, alentada ainda n'aquelle organismo de pauperado pela tuberculose.

Os dois, tanto Honorina como elle, eram creaturas de fim de raça, d'estas que são de commum o ultimo galho de uma familia.

Onde iria parar aquillo tudo?

Honorina sentia falta d'elle, vendo-se de novo só esperava-o, anciada por continuar uma vida medonha de violenta, mas que amarra as creaturas, como um par de cachorros vadios que se procuram, para roçara

lepra e consolarem-se com a sua egualdade de infortunio. Isolada, fechada em casa, gastando os ultimos vintens, descendo a dever as contas do hotel e pedir emprestado até mesmo aos criados, adormecendo só, sem ninguem para se agarrar, n'uma vaguez que lhe espicava saudades, Honorina tinha horas de uma nostalgia funda, em que arranjava as malas para partir, desesperando de poder encontrar de novo aquelles dias de extases e agonia, com febres de paixão e minutos de odio, pendurada a uns braços que a estremeciam, que a não repelliam nunca, sustendo-lhe os deliquios e as raivas, amparando-lhe a vida, como um berço em que ella se podia estorcer, espernear á vontade, sem susto.

Sentia, enorme, encarcerando-a, a separal-a do mundo inexoravelmente, essa doença funda de toda a alma, o sentimento vivo, aspero, da solidão.

Via-se sosinha, como se achara sempre, mas agora via com os olhos mais de susto, com medo de enfrentar o futuro agourento, assim só e sem forças. Ninguem a que contar o seu padecimento, os seus desejos, essa ancia que marulhava lá dentro do peito, como um redemoinho de agoa n'um escoadoiro.

Tinha que se calar, immobilizando o mal estar que a triturava penosamente, sem parar um instante, bem no fundo, e lhe erguia a alma em ondas anciadas, como as vagas do mar, que levam toda a vida a ameaçar os ceus.

Quantas vezes na cama, ao erguer-se de manhã, não recahia entre a roupa, olhando

longe, de braços cruzados na cabeça, rendida por um alquebramento de lagoa morta, só-sinha entre as quatro paredes de um quarto, sem familia, sem amigas, sem ninguém, a sós comsigo mesma, espiando o desc labro de todo o seu sêr, gasto aos poucos debaixo do prazer dos machos, que lhe fossavam o corpo para lhe tirar um gozo!...

Pensava n'elle então, lastimando a perda dos dias de raiva e de luxuria, compartilhados, com horas em que as mãos acariciavam e outras em que as unhas, nos dedos crispados, anciavam por enterrar-se nas carnes, encharcar-se no sangue.

Ao menos, n'esse viver abominavel; trancado de duvidas a cada passo, de desconfianças, nojos, repulsas, desdens e arrebatamentos dos sentidos, com noites de amor e de fogo depois de dias de quisilias e insolencias, os abraços no escuro, em que os braços ao estender-se para o pescoço do amante encontravam de caminho os braços de Edmundo a procurar o enlace dos seus hombros, noites em que elles eram todos um do outro, e ella má, perfida, dominadora e escarninha, se entregava desfallecida, sincera, humilde e apaixonada, gemendo, estreitando-o, offerecendo-lhe o ventre, fazendo-se gostosa, agradecendo-lhe com o olhar torvo de lascivia e dando-lhe a bocca para elle chupar, para elle humedecer a sua, e puchando a camisa para cima dos seios, para lh'os offerecer á vista, retezos, empinados, com os bicos duros, para lhe dar a perceber que a

possuía inteira, que a devassava toda por dentro, ejaculando-lhe tremores em todo o corpo, roçando-lhe a alma, fazendo-lhe arquejar o seio, arfar o ventre, bater as palpebras e arrefecer a espinha, essas noites infernaes que lhe povoavam os sonhos e a apouquentavam de desejos, ao menos esse viver terrível de outr'ora prendia-a, illudia-a, tinha-a sempre alvorotada, roubando-lhe o marasmo lancinante em que se sentia enterrada até aos olhos.

Dera em pensar continuamente em Edmundo, imaginando mil coisas, consolando-se com a ideia de que elle tambem devia padecer e ter saudades.

Esperava sempre a sua volta, qualquer noite, a deshoras, chegando atizado de desejos, perseguido pela nostalgia dos dias felizes.

Adoentada, anciada, com formigueiros na carne, palpitações, vontades subitas de vomitar, arrastava os dias melancholica e abatida. Erguia-se com um mal estar indefinivel, o ventre dolorido. Depois o vazio do estomago dava-lhe uma afflicção e parecia-lhe que uma bola trepava dos intestinos á garganta. Sentia constantes ruidos e silvos nos ouvidos, uma oppressão no peito, dôres nas fontes e no alto da cabeça, como se lhe enterrasem um prego. A' tarde vinham-lhe as dôres de dentes, e nunca a deixavam as nevralgias. Um fastio enorme levava-a á meza sem quasi tocar nos pratos, inventando comidas apimentadas, iguarias feitas por ella,

que acabava tambem por desdenhar, mal as provando.

Via-se obrigada a coçar-se, arreitada alta noite, com cocegas entre os labios da vagina, uma comichão entre as pernas, que só acabava alagada.

Uma noite fôra bater á porta de um quarto onde dormia um homem, que a olhava sempre com luxuria ; mas logo arrependida, voltara a deitar-se.

A solidão murava-a, trancando-a dentro em si, abatendo-a partida de desespero, inutil, insensivel, fraca, sem dominio e sem jugo, largada de lado, arredada de todos, e ia então pelos quartos das companheiras, enrolando cigarros, entontecendo-se de fumo, com resoluções bruscas de fallar, despejar a alma n'aquellas creaturas iguaes a ella, desgraçadas com certeza, mas como ellas fingidas, preparando o rosto com um sorriso falso, como se nos frascos do toucador, entre o carmim, o pó de arroz, o lapis das sobancelhas o azul das palpebras e agoas de «toilette», guardassem tambem uma droga de feiticeira para mascarar o vestigio da alma.

E a mulata parava, olhando-as baixas e reles, alegres na sua infamia, pousando-lhe a vista clara e vasia, n'um socego e n'uma paz de creaturas puras.

Umhas tinham vindo de longe, talvez acoçadas pela fome, pela miseria, fugidas de casa para vender o corpo. Todas ellas, assim cahidas, tinham no passado um drama tenebroso, que só os grandes ventos derrubam as arvores e

só as grandes desgraças abatem as mulheres. Mal sabe Deus por onde já tinham rolado aquelles corpos de mercenarias alegres e por que transes aquelles pobres séres desprezíveis haviam passado na vida!... E essas chagas horríveis tinham fechado, recolhido como cancos syphiliticos, sem deixar vestígios. Os antigos farrapos convertiam-se em sedas, e a miseria acabava alli onde nasce a humilhação.

Muitas eram talvez creadas, que tinham lavado penicos e dado de comer aos porcos, outras filhas de assassinos, de criminosos presos nas cadeias, ou galés, deportados nos presidios, restos de familias dispersas pela fatalidade, semeando o mundo, sem um apêgo, sem mãe, sem pai, sem ninguém.

Honorina fitava-as, tremula, tentando em vão surprehender-lhes o grande inferno que ardia dentro d'ellas advinhando-as desesperadas e cravadas de chagas, vendo-as reles, caminhando descuidosas para a Santa Casa e para a valla commum do Cajú, disfarçando a sua amedrontada miragem do futuro, sem pensar na velhice, sem economias, estouvadas e contentes como passaros, tirando fumaças do cigarro-turco, fallando dos amantes, dos homens, dos vestidos, das costureiras, das contas por pagar . . .

—Aquelle sacana de hontem deu-me só vinte mil réis. . .

E a Zita do lado, com o seu ar de patrona, atalhava á queixosa :

—Bem bom, filha, muitos não pagam...

N'esses cenaculos de femeas chama-se a tudo pelos nomes, naturalmente. Mostram-se os defeitos, erguem-se as saias para mostrar as pernas e abrem-se os corpetes para gabar os peitos.

A Magdalena tinha os bicos côr de rosa...

—Olhae que lindeza...

Logo a Zita golfava do «peignoir» os seios de vacca leiteira, enormes, molles, de um branco pallido, cançado com veias azues, fartos e cahidos, de pontas cinzentas, côr de charuto, alargando na brancura de marfim velho duas manchas redondas e enrugadas.

Honorina olhava tristemente aquillo tudo, deixando-se desapertar, mostrando tambem as suas carnes quentes e douradas de moça.

Jogava-se o monte, o sete e meio, o vispora, sentadas as parceiras na cama desfeita, cheirosas de perfumes mornos, murchos, de verbenas e amor, de suor e agoas de «toilette».

Ainda a mulata pensára, para se entreter, chegar-se á mais nova, cantal-a para o prazer como passatempo, para matar as horas, mas, via-as gastas, velhas, com carnes flacidas, e corrimentos de flores brancas, imprestaveis, incapazes de um momento de ardor, um delirio de goso, uma bebedeira dos sentidos, e o seu grande e admiravel instincto de lubrica, o seu sangue de cabocla, fremente, os seus nervos de mulher nova, irritantes, desdenhavam esses restos de mulheres, debeis e fatigadas, cheirando a chulé e opoponax.

Lembrava-se da Emilia, dando-se toda ardente, curvando a espinha sob os seus beijos

furiosos, e assim longe, com o pensamento ao largo, sentia-se humedecer, pensando na bocca côr de rosa da amiga, viva e perfumada como um gomme de laranja, collada ao calyce rubro do seu grande lyrio negro, chupando-a como uma abelha sedenta, de gatinhas, roçando-lhe o clytoris com a lingua secca...

Olhava-as todos uma por uma, notando-lhes os defeitos, como entendida, torcendo a cara, sem lhe agradar nenhuma d'ellas.

Voltava para o quarto, desanimada, vendo o impossivel de largar o coração nos ouvidos d'aquella gente, e sósinha, arrastava os dias, enterrada no seu isolamento, padecendo de solidão, com crises de choro á janella, ante as noites escuras de Junho, frias, sem estrellas nos céus

Havia só uma mulher, com quem conversava e a quem abria a porta do quarto.

Ernestina era magra, alta, com mãos finas de tuberculosa, olhos castanhos, pisados, e com tudo isso um bello ar de actriz, uma Dama das Camélias fluminense, de sorriso triste e gestos de palco...

Honorina contava que a pobre rapariga já tivera brilhantes ás mãoscheias e tudo cahira em casas de penhores, joia a joia, para satisfazer os vicios de um amigo, um jogador.

Toda uma historia triste como ha muitas para contar, a vidadessa pobre mulher, linda e tísica, apaixonada como um romance, pagando com ás joias as caricias do amante, um doido que lhe atirava hoje aos pés contos de réis ganhos na roleta, para lhes pedir outra

vez no dia seguinte, e ir atiral-os logo ao panno verde.

Ella desculpava-o sorrindo dolorosamente... Perdoava-lhe tudo, essa boa rapariga...

— Se o amor é felicidade, eu já fui feliz... Mas qual! Já vejo mesmo que não ha felicidade n'este mundo. O amor é como os remedios: fazem bem mas amargam...

E voltava-se para a amiga:

— Vês tu? E' ainda a unica coisa que podemos obter como as demais, uma paixão!...

Edmundo sentia-a viver d'aquella saudade, saudade d'esse tempo de febre e amor, em que se despojára de tudo vivendo n'um quarto andar, com um só vestido para sahir, e feliz, embora, gosando a sua desgraça, entregando-se com prazer, corpo e alma, as gavetas cheias de cautelas de prego e a cabeça transtornada por esse vinho acre e delicioso da paixão... Tempos quasi de miseria, em que ella lavava os lenços e as camisas na pia da cosinha, descosendo até das ligas os fechos de ouro para empenhar tambem. .

— Se elle gostasse de ti, não te largava sem vintem, dizia Honorina.

— Que queres!., De todos que me tiveram, foi ainda esse o unico a quem julguei poder entregar-me inteira. Os outros pagavam-me, hiam-se embora... Esse nunca tinha dinheiro mas ficava..., não me insultava como os outros... Para elle, eu não tinha preço...

N'aquella phrase a Ernestina estava inteira... A meretriz aspirando a ser mulher...

Edmundo via—amelancholica esorridente, arrastando os homens ao quarto, n'uma indiferença que serrava a alma, aproveitando o que lhe restava de belleza, economisando para o enterro, gastando com os homens, a pobre tísica, o que lhe sobrava de forças no corpo branco e fino, um corpo de decadencia, escorregadio, sem saliencias, com um doce e triste olhar de elegia, toda ella uma deusa de tumulo, d'essas que se vêem nos cemiterios, cinzeladas no marmore, de bruços nos sarcophagos, chorando, estendendo na mão cahida o facho apagado da esperanza.

Honorina quasi fizera d'ella uma confidente, fallando-lhe tambem de um bom tempo de amor, com Edmundo.

Julgando-o longe, perdido para sempre, fantasiara-o outro, adorando-lhe a lembrança soccorrendo—se com aquella saudade ..

E' tão commum uma pessoa ter devaneios e saudosas tristezas de passados tristes !... E os dias de transes, de afflicções, de angustias, são esses exactamente os que mais lembram, os que mais se lastima terem fugido... Parece que lhes deixamos um trecho de nós mesmos, uma parcella de alma, um pouco de nossa vida, da nossa existencia, do nosso coração... Como é melancholicamente bom, pensar, n'um grande amor e dizer comsigo mesmo : — vivi-o !...

As dôres transfiguram—se, criam aureolas. Ha uma como ressurreição de gloria intima em cada mortal padecimento... Apalpam—se as chagas cicatrisadas d'esse combate, e a alma

veste-se de um orgulho, de uma vaidade, como mãe admiravel que estremece os filhos, mesmo aquelles que a fazem padecer, principalmente esses, esses antes de tudo!... A alma é a mãe dos nossos sentimentos.

Mas isso não tira que se volvemos á desgraça não a achemos amarga de tragar, dolorosa a aguentar. Quanto mais se soffreu no passado tanto mais cruel e pesada nos é a adversidade presente.

Perto da transfiguração com que vemos os momentos idos, o menor dos transe toma proporções de avantesma. A dôr de que nos lembramos é uma lua que semeia sombras a cada perspectiva que se lhe ergue. Dada a ressurreição da magoa, não é Christo que rompe do sepulchro, prompto a subir aos ceus, mas um Lazaro, chaguento e horrivel, que levanta a louza com o craneo.

Assim Edmundo tivera essa desillusão e a amante tambem.

Ella voltára a tel-o, sentimental e passivo; elle revia-a nervosa, má, arrebatada. Percebia-lhe uma ancia de contar um segredo, fazer um custoso pedido, confessar um desejo vergonhoso, qualquer coisa de bem difficil de proferir, que a levava a mecher os labios e callar sempre a confidencia. Deseperava-se, vendo a má vontade de Edmundo em comprehendel-a. Quando a beijava, n'uma ternura de beato ante um sacrario, accusava-o com a vista, mendigando, muda, menos meiguice. Tratava-a como uma noiva, e não era isso que ella queria. Usava para com elle de

um compassivo desprezo, valendo-se fêmea ante a sua adoração religiosa e beatifica.

A mulata nascera na roça, perto da Barreira do Triumpho, em Juiz de Fôra. Tinha sahido de um ninho de animal bravo. Creada à solta, como uma pequena Atala vadia, a pardinha medrara no meio da matta, passando lá òs dias, de manhã à tarde, como uma cotia brava. Andava à cata dos maracujãs, subia aos coqueiros para arrancar grampas doiradas de sumaré, que ella arrastava para casa, e com que enchia os vasos de louça do oratorio da mãe, um pobre Christo de latão, dentro de uma redoma de vidro, em cima da mesa.

Nas suas vagabundagens pelas capoeiras, seguia o rastro dos coatis, esfurancava os covis dos tatús, roubava os ninhos dos beija-flores, desmanchava os cupis, fazendo-se o terror do mundo, anão da matta, uma vandala de saúvas, destroçando as parasitas, espreitando a tóca dos catinguelés e dos guachinins, desassombrada, sabendo de todos os carreiros, e onde havia gabirobas e jaboticabas, devassando grotas, sumindo-se entre os cipós, as sapupemas, os imbés, arranhando-se nos gravatás, voltando à casa desgrenhada, com uma ninhada de gaviões no regaço, ovos de urú encontrados entre as folhas, o sangue da capoeira rebuscada, debaixo das lapas, nos troncos das arvores por toda a parte.

Os arvoredos conheciam-n'a de a ver passar todos os dias, assenhoraendo-se da solidão

virgem da matta. Lavava-se nos regatos, onde a agoa clara, entre as sammambaias, corria sob o esvoaçar das lavadeiras transparentes, debaixo das frondes enormes dos jequitibás das cabiunas, dos mulungús, á sombra dos velhos colossos, de pé havia seculos, tremendos de velhice, enredados de linhens, barbas de velho, enroscados de parasitas, florecendo na sua decrepitude, tamanhos como deuses, protegendo com os dômos pesados de folhagem as palmas verdes das jacytaras e indayás, as umbellas molles e humidas dos samambaia-ssús, a neve cheirosa dos lyrios d'agoa e o somno das coraes e das cascaveis bravias.

No silencio de cathedral da floresta, no remanso dos brenhos verdes, onde só o zunir dos insectos e o canto dos passaros desarranja a solidão tumular, a caboclinha entrava, quebrando os ramos, desviando os imbés, espionando como uma ladra todos os recantos.

As palmeiras e os bambús curvavam-se para a ver passar, esquiva como as jurutys, doirada pelo sol, andrajosa, descalça, com o cabello amarrado por uma embyra. E de ter vivido alli, abysmada no impenetravel do sertão, o seu olhar tinha ganho essa sombra profunda, humida, cavando duas noites nas orbitas, sob os palmares densos e vastos das pestanas.

A's veses levava um balaio de taquara e voltava carregada de flores, de uma pilhagem complicada, fructos, sementes de côco, ramas de pitanga, pedras de côr. .

Um dia matára uma jararaca e trouxera-a

de rasto, envaidecida da proeza. Ficava horas debaixo das aroeiras, ouvindo cantar os sabiás e os bem-te-vi. Balouçava-se dependurada nas palmas dos irurús. Brincava sosinha fugindo das outras creanças, esquiva e desconfiada como uma garça, bravia como as onças.

Na Barreira, as mulheres de vicio, que alliam aos bandos, de passeio, viam-n'a ás vezes espreitando, escondida atraz de uma merindimba ou de um jenipapeiro, espiando com os olhos escuros, curiosa, approximando-se sem ruido, como uma lagarta, surprehendendo os pares de amantes deitados no capim, fazendo amor.

Para ella, habituada a ver os touros atirarem-se ás vaccase as pombas bravas esvoaçarem aos casaes, nada a espantava.

Creada na pobreza, vira os paes fazerem-lhe os irmãos, e nem fallava quando a mãe gemia no catre, com o ranger das taboas, sob o peso do homem que lhe fecundava o corpo.

Todos os seus instinctos de cabocla, a sua selvageria de india vadia e nomade, castigados a relho e a pescoções pelo pae, tinham-lhe dado um temperamento desconfiado e humilde de cadella, erradia, medrosa, levando-a a procurar a matta, onde á vontade brincar, sem que as grandes arvores lhe ralhasses sequer.

Aos onze annos mandaram-na para Juiz de Fóra, apprender em casa de uma costureira. Foi n'esse meio vicioso, levando reca-

dos, incumbida de levar cartas de namoro e buscar respostas, que despertou mulher, atando fitas na trança e arregaçando a saia para que lhe vissem as pernas. Namorou como as outras, olhando os moços, deixando-se seduzir, irrequieta, avida de homem, com as carnes arrepiadas de comichões desde a primeira menstruação, e veio cahir afinal, já deshonrada, nas mãos de um trabalhador da Estrada de Ferro, um portuguez, que posera uma venda logo ao casar.

Honorina era nova, bonita e aprendera muito com as costureiras.

O portuguez batia-lhe, enciumado do seu corpo escaldante e novo de mulata. Ella corneava-o, fazendo olhos mortos a todos que vinham á venda jogar o truco, beber reino ou cachaça. Depois fugiu-lhe da cama, deixou de vender assucar e pinga no balcão. Cahiu n'um circo de cavallinhos. Quadrava-lhe aquella vida vagabunda, pousa hoje aqui, para levantar vô amanhã, balouçando-se nos trapezios, rente ao tecto de lona, com mil pessoas debaixo dos pés, vestida de malha côr de rosa com um corpete de velludo bordada a borboletas de ouro e matiz... O corpo adelgaçou-se na gynastica, creando forças, retezando-lhe os musculos sob a pelle morena de amor. Os quadris retrahiram-se, compondo a sua escultura escorregadia de serpente, de peitos como rocha e pernas duras. Foi d'ahi que lhe nasceram as suas bellas linhas de estatuaria, fina, de contornos de academia.

Vingou-se á larga. Sempre de tacão sobre

a nuca, ergueu cabeça e dominou por sua vez, desferrando-se. A mulata, a costureira, a vendeira, estava feita artista de circo! Até que do trapésio desceu á cama. Refocilou-se na luxúria como um jaguar no cio, deixando-se enlanguecer, prostrada, entregando-se n'um furôr, despresada mas ageitando na infâmia um leito tepido, grunhindo de goso na sua lama como uma porca no chiqueiro.

Habituada a ser maltratada em casa pelo pae, humilde e invejosa, moça de recados da modista, sentiu-se no seu elemento, quasi feliz, adormecendo o macho entre os braços, era infima a trepar em grandezas. subindo aos poucos, da terra, conseguindo ás vezes chegar ás ameias do monumento—o coração, e espernear ahi as suas cem raizes, até escondel-o por inteiro grampa a grampa, rebento a rebento, folha a folha, até encarcerar na sua rede a rocha, peial-a sem lhe deixar sequer forças para esgaçar a trama ardilosa da trepadeira...

Tinha prazer em fazer-se gozar como um favo de mel, possuindo a vaidade de toda a mulher essa vaidadesinha que se traduz vulgarmente pelo instincto de « coquetterie », os olhares de rainha, os sorrisos de desdem, o ar de Junos sobranceiras imperiaes, conhecendo-se dominadora, suprema, porque as suas carnes mornas, formosas como estatuarias, possuem o condão miraculoso, irresistível de prazer, de apascentar o desejo do homem, essa força irresistível da natureza animal, que incandeia gerações de miserias e

raças d'infortunios, de ouvidos tapados, á Tolstoi, esse pae de doze filhos, que prega no meio das steppes a castidade perpetua, a vingança tremenda a Deus, a ameaça espantosa ao Creador...

Honorina tinha um secreto prazer em se prostituir. Na sua humilhação havia o travo vingativo de abater, ainda que por segundos, o dominio do homem, no instante de spasma, e para saborear esse goso era preciso soffrer o desprezo que o creava.

Ora Edmundo cahira nas mãos dessa mulher, apaixonado, humilde passivo. Não era isso que ella precisava.

Habitára-se á pancada, não ia direita a beijos. Edmundo não a comprehendia, persistindo na sua paixão, na sua humildade, na sua passividade sentimental de morbido, affecto de uma incipiente monomania religiosa, sempre tendente á adoração, de alma sempre de joelhos, ante um altar onde throwava uma fantasia idolatrada.

Honorina fazia por merecer um encontrão uma bofetada, um ponta pé, e só lhe arrancava lagrimas...

Forçosamente, aquillo mortificava-a, forçando-a a olhar a vida com outros olhos, estremecendo então á nova e medonha perspectiva do futuro, do presente, do passado. Não sabia, não queria, não podia amal-o assim, de coração como elle lhe exigia. Seria preciso operar-se, enterrar um bisturi na alma, arrancar a forceps uma vida que vinha dentro d'ella... e esta operação dolorosa ame-

drontava-a, amarrando-lhe os braços, sem forças para começar essa drenagem íntima, pensando no aterro depois a fazer nos pantanos cavoucados, um trabalho penoso e sem resultados, porque um dia só para accrescer magoas ia servir este remedio de momento.

Os olhos da mulata acobardavam-se, reduziam-se a olhares de cadella, abatendo-se rastos e irros. Edmurdo agachava-se sempre mais abaixo, e cahiam assim os dois, incompreendidos. Por mais baixa que se fizesse, predominava sempre n'elle.

As unicas vezes que o sentira, homem para a merecer, homem para amar, fôra, da primeira, quando lhe atirara dinheiro ao prato e viera depois, para lhe dar uma coça, da segunda, quando se apartára d'ella, rindo do seu desespero, . . . N'esses momentos, calcada aos pés, sabendo-se despresada mas amada até o delirio, nesses momentos a mulata amára-o como nunca tinha amado ninguem. Sentira o preço da sua carne, gosara de se ver feita um farrapo, nas mãos de um homem de quem ella tinha o coração nas unhas. O prazer d'ella era fazer-se válida pelo corpo ciosa da sua profissão de mulher de amor, e o seu elemento era na cama, derrubada, dando goso aos homens com o bambear das coxas. . . N'essa vida, com esse mister, todas ellas sabem forjar algemas e compor feitiçarias. Em gratidão, em amor, essa qualidade de mulheres não diz:—amo-te; mas diz:—goso-te!

A sua prova de adoração está no ter pra-

zer... Tiram do corpo os sentimentos, não os vão buscar ao fundo d'alma. Quem as quiser ter fieis, submissas, humildes, é fazer-lhes valer as carnes sensuaes. Disputem-lhes o corpo á pancadas á porta dos Fenianos ou dos Democraticos, esmurem-nas, façam-lhes comprehender que as desprezam mas que lhes sabem bem as suas pernas macias, batendo as costas, durante a noite, e ellas serão gatas, virão roçar as suas carnes pelas vossas calças, sempre promptas, dando-se, todas humidas...

De romance a femea não entende nada. As suas aventuras é uma briga por um de seus beijos, é um amante a fazer-lhes «mimi» ás escondidas do marchante, é uma amiga companheira de cama nas tardes de calor, é uma ceia com «champagne» e vomitos depois do licôr.

Ha ainda no Rio tres qualidades de mulheres da vida: — a que vem de Paris atraz do ouro dos banqueiros, — a que vem de toda a parte para abrir casa algures, a cinco ou dez mil réis por cabeça, — e a brazileira, branca, cabocla ou mulata, mulher de soldado ou de vendeiro, que topa entrar como rameira um dia na cidade.

Honorina era d'estas. Longe de ser a Carmen, que de criada chegou a ser herdeira de brilhantes imperiaes, ou ser a Maria Sanchez, que de ama de leite em Valença, arribou ao espavento de ter carro, ou a Laura S., que de meretriz em alta escala soube entrar um dia pela egreja e ajoelhar aos pés do altar, longe,

bem longe dessa grande fornada de mucamas e regateiras habeis e bellas, douradas pelo ouro cupido e libidinoso dos ricos, Honorina tinha de morrer costureira e caipira de Minas.

Se o da «Geral» lhe dêsse um jarro e bacia de oiro, mandal-os-ia pôr sob redoma ou guardar na casa de penhores, e nunca que ella se lembrasse que a gamela preciosa de metal servia só para lavar as partes, em agoa de toilette de Lubin... Havia de gostar sempre dos caixeiros, das modinhas, do violão e do capilé. A grande e admiravel sobranceria da sua alma rude e simples, chafurdando no vicio, só dava em fructo uma sciencia profunda de lenções e um catalogo completo de posições.

Requite era saber que a pedra-hume aperta e a lagosta irrita.

Por mais que a cavem, não encontram na mulher vulgar mais do que isso. Honorina, como as outras, não passava de ser uma pardinha de Juiz de Fôra, amiga de cocheiros, heroína da Barreira, mulher do tom no theatro Novelli, muito apreciada pelos «cometas» e pelos filhos dos fazendeiros. N'aquella vida tôrpe e baixa porém, tres vezes a sua alma selvagem arquejára n'aquelle corpo ardente.

Um medico, vindo de Paris, onde se formára, um rapaz de vinte e tantos annos, com muita «grisette» e cancanista na vida, muitas noites de «Moulin-Rouge» e «Montagnes-Russes», impressionára-se á vista d'aquelle typo bizarro de mulata, com aquelles olhos molhados e as ventas frementes do felino.

Sentiu-lhe o sabôr acre da floresta, adivinhou-a nervosa, lasciva e toda febre.

A esse tempo, Honorina tinha casa, gastava uns contos de réis de um fazendeiro. O medico deu em passar á porta da cabocla, a cavallo, com roupas do «boulevard des Capucines». Solto dos braços brancos e macios das parisienses, prendeu-se á denguiçe sensual d'aquella femea, de pestanas compridas e cabellos negros. Apaixonou-se. Honorina deu-se ao luxo de não lhe receber um vintem em tres mezes d'amor.

Empenhou joias, mobilia, vestidos e deixou-o um bello dia, sem se queixar, atirando-lhe um beijo por despedida.

Muitas vezes Edmundo lhe ouviu falar d'esse tempo, com saudades na voz e uma sombra nostalgica nos olhos.

Havia ainda um Alfeno, filho de um senador, a quem ella dera brilhantes e de quem fizera um azeiteiro, para lhe saciar os vicios. Uma noite, aborrecida, despediu-o como um criado. Pagára-lhe momentos loucos de gozo, dando-se a beijar, roçando-lhe o ventre pela bocca. Tivera ciumes d'elle, batera-lhe até ás vezes.

Fóra isso, Honorina passava a vida a dar de corpo, amasiada com o primeiro negociante que lhe dêsse para os vestidos e lhe pagasse as contas do hotel.

Edmundo transtornára-a, fizera-a sentir, sbrigára-a a chorar. Essa creança tinha-a oensibilizado, estremecera-lhe os nervos. Ella

sentia um prazer doentio e doloroso em beijal-o, em apertal-o aos seios, em chegar-o a si, unido, pegando-lhe fôgo aos olhos sombrios.

A natureza nervosa de Honorina tinha atuado de uma maneira decisiva em Edmundo. D'antes, nos dias de paixão, a sua diferença de temperamento fizera d'essas duas creaturas um casal unido, pregado a beijos. Um completava o organismô do outro. Modificaram-se mutuamente. Elle embebera-a de tristezas, de desalentos, de aspirações sem nome. Fallara-lhe na morte; passára noites soluçando no seu hombro macio e redondo. Ella despertara-lhe uma nevrose que dormia a um canto de seus nervos. Sacudira-o todo, vascolejara aquelle organismo depauperado, fraco, creando-lhe uma existencia nervosa, sobresaltada, levada de choque, entre crises de spasmos e instantes de colera, empurrando-o para uma rede traiçoeira, em que se debatia, roendo hoje uma malha para fugir, cahindo logo n'outro laço, soltando um braço para prender uma perna. Andava aos encontros, pede dinheiro aqui para se desculpar acolá, fugido de todos, aninhando-se perto da amante, sacrificando-lhe inteiramente a vida, como um ebrio que só pensa no vinho, acostumado como um morphinomaniaco, injectando-se na vida aquelle amor, aquella mulher, sentindo o veneno, mas absorvendo-o por uma precisão imperiosa, impossivel de desviar. Aquella vida decuplicara-lhe as volutuosidades, engrandecera-lhe as tristezas por

meio de uma sensibilidade aguda, entonte-
cera-o como uma bebedeira.

.....
.....

Juntos de novo, espantavam-se, logo depois do engano dos dois primeiros dias, gastos em declarações que os dois faziam por tornar sinceras, e beijos sedentos, e caricias intermináveis.

Passadas essas horas allucinadas, os dois enfrentaram-se, e baixaram os olhos, assaltados pela mesma verdade.

Edmundo dera em pensar na carta, enciumado. Honorina encontrára-a atraz da cama, amarrotada, percebendo logo que elle a tinha lido, enfureceu-se de se ver roubada até n'esse segredo.

Quando elle chëgou, á noite, ella esperava um desafoço de lamurias, queixas, até ao insulto, mas teve que lhe responder a mil perguntas d'amor, a todo um roçario de coisas não sentidas e com que a procurava enganar, enganando-se tambem.

A mulata assanhava-se de o vër dissimular o padecimento. que lhe trouxera esse segredo descoberto. Lia-lhe nos olhos a dôr, o desespero, folheava n'aquella vista triste a historia da carta, e esforçava-se para o fazer fallar, para se desculpar, inventando uma trapaça, safar aquella nuvem de mau prenuncio, que podia de novo toldar os horizontes.

Bastava-lhes a certeza pungente de que precisavam um do outro, e que dos seus tristes

amores, bem pouco prazer já resultaria, sem ser preciso novas causas para mais suppliciar as suas horas.

Depois, ella tinha mentido, assegurando-lhe não ter sido de ninguem na sua ausencia, jurára até, e sentia uma necessidade de fortalecer essa mentira, apagar-lhe as desconfianças.

Farta de esperar d'elle uma palavra, resolveu-se a obrigar-o a confessar, a dizer tudo.

Fez-se meiga, sentando-se ao seu collo, alisando-lhe os cabellos.

Ao jantar foi ella que o servio, encostando as pernas ás pernas d'elle, bebendo pelo seu copo, fingindo-se alegre, com um riso feliz.

Depois do café lembrou uma volta pelas ruas, ver o povo, podiam entrar n'um theatro espiar um pouco o que se representava.

Edmundo consentiu, levou-a ao Recreio para lhe mostrar o palco.

Honorina nunca entrara na caixa de um theatro. N'aquella noite, o Dias Braga, de volta de S. Paulo levava a «Filha do Mar», em beneficio.

A meio do segundo acto, desceu com ella do camarote e empurrou a porta que vai á caixa.

Uma jumenta, immovel, triste, com as orelhas cahidas, guardava a entrada d'esse mundo mysterioso dos bastidores, essa caverna de Alí Babá, em que se amontoam thesouros, em que se passam coisas de feitiço, em salas de oiro, com mulheres vestidas de seda, dan-

quando entre jorros de luz electrica, entoando canticos a deusas de papelão, com pedras de vidro ao pescoço em guisa de carbunculos ou diamantes.

Gil Blas entrando no covil dos salteadores, não ficou mais espantado do que Honorina ao penetrar no corredor escuro como um subterraneo, sem soalho, com duas paredes de scenarios embrulhados, magicas deslumbrantes rolando na terra aos ponta-pés, empyreos, ceus abertos, grutas encantadas, palacios de jaspe e bronze, que alli no escuro tinham remendos na lona e pastas de trôlha a imitar tapeçarias...

— Parece o circo...

— Só ha um burro?...

— Ha mais lá dentro...

E levou-a para o palco a tempo de vêr como se imitam os trovões com um tacho velho de ferro e os relampagos com um carreirô de enxofre. Encostada ao seu braço. Honorina espiava a scena onde uma mulher, momentos antes a fumar charuto e a ouvir um convite para dormir, chorava agora, torcendo os braços, na tolda de um navio de cartão e ripas, onde os comparsas se preparavam a entrar, besuntados de carmim, com olheiras, brandindo machadas de pinho e pistolas sem gatilho.

As mulheres olhavam com sorrisos de malicia o grupo de Edmundo com Honorina, ella toda debruçada no seu hombro, prendendo-se ao seu braço com ambas as mãos.

Já um official de marinha alli chegava,

prompto a ir salvar a situação e arriscar o lance commovente da peça, quando um homem em mangas de camisa batia n'um bombo descargas de artilheria.

Honorina arregaçou o vestido, notando a sujeira do soalho.

— Os palcos nunca se lavam, é a mascote, a porcaria...

— Ah!...

A sala toda soluçava. N'um camarote que se via de entre os bastidores, uma senhora de preto limpava as lagrimas.

— Nunca choraste no theatro, Honorina?.

— Eu já... Mas olha, Edmundo, aquelle sujeito tem cabelleira postiça.

— Era o galã, que fazia choramingar o mulherio. O pobre homem poucos cabellos tinha. Eram mais os annos do que as répas...

Um sujeito descalço, precipitou-se lá do fundo, esbarrando nas coristas.

— Fecha o gaz...

Chegava o momento da exhibição de maravilhas. Os annuncios punham nos cornos da lua aquella apothéose pintada por mão de mestre.

Dois moleques pegaram fogo a uns canudos de cartão, e logo os fógos de bengala romperam n'uma labareda rubra, incendiando o luar da luz electrica, rasgando no panno de fundo a aurora boreal com um arco-iris de oca e vermelhão e raios de papel de seda por onde trespassava a chamma escarlata do fogo d'artificio.

Sahiram, quando já ia uma rostolhada

pelo palco, entre os gritos da platéa que chamava os artistas, enthusiasmada.

Fóra, na rua, fazia frio. Tinha choviscado e as calçadas estavam ainda humidas. Nas torres de S. Francisco batiam somnolentas as dez horas.

Os dois, callados, iam caminhando, evitando as poças.

A' esquina da rua do Senado, um grupo de cocheiros e criados de botequim formavam circulo em volta de um homem, que se debatia nas mãos de um policia. Gente parava para vêr...

Algum epileptico, pensou Edmundo, lembrando-se um ajuntamento semelhante, um anno atraz, em redor de um infeliz, escabujante, rangendo os dentes, as mãos crispadas, a bocca torcida e escumante, revolvendo-se na lama.

Continuou a caminhar, quando um grito o fez estacar rapido, como se enfrentasse com uma parede. Voltou-se.

O policia arrastava Julião, bebedo, por um braço. Os cocheiros riam d'aquelle pobre diabo, corcunda e magro, sujo, rôto, que supplicava em voz alta que o largassem, jurando ser um medico, um estudante de medecina, do quinto anno.

— Fóra o sujo !

— E'ta que chuva !

— De medico precisa elle, já viram o raio do typo !

Edmundo, escostado a parede, seguia com a vista o amigo arrastado pelo policia e ouvia sobresaltado as chufas dos cocheiros.

— Que tem, bemzinho ? Está doente ?

— Não, não, vamos embora . . .

Chegados a casa, disse elle a amante, pegando-lhe carinhosamente as mãos :

— Se tu soubesses como nós podiamos ser felizes . . . Se tu imaginasses se quer o que nós temos desperdiçado de felicidade ! . . .

Ella julgou que se tratava da carta, e sem saber ainda que resposta dar, olhava-o, muda.

Vio-o sentar-se n'uma cadeira; encostar os cotovelos nos joelhos, deixar cahira cabeça nas mãos abertas.

— E tu acreditaste ?

— Em que ?

— Eu sei, encontrei-a debaixo da cama hoje pela manhã.

Edmundo fitava-a espantada, sem comprehender.

— Estás te fazendo tolo . . .

— Mas . . .

Honorina chegou-se perto d'elle, pousando os braços nas costas da cadeira, toda debruçada.

— Tu lêste, não mintas ? . . .

E a sua voz parecia harmoniosa, de branda

— Li ? . . .

— Eu sei . . .

— Mas o que é que eu li, Honorina ? Eu não comprehendo, juro-te . . . Talvez seja de mim . . . Quando se vê um amigo levado para a policia, bebedo; um irmão . . .

— E' teu amigo, aquelle chuva ?

Edmundo estremeceu aquellas palavras d'escarneo... Poz-se a pé, erguido n'um impeto de odio, ante Honorina.

E vio-a insolente, sorrindo, achando graça que aquelle jurubú fosse amigo d'elle.

— Foi para o xadrez... Parecia-me um urubú a piar...

— Oh !

Virou-lhe costas, escondendo a cara nas mãos; foi cahir na cama, quasi a chorar, batendo as palpebras.

Honorina perseguio-o, sentou-se ao seu lado, passando a mão rebrilhante de aneis pela cabeça...

— Está enrabichado, meu negro ?... Você acreditou n'aquillo ? Foi uma troça da Emilia... Você não viu logo, morzinho, que aquella carta não era seria ?... Hein ?...

Foi só então que comprehendeu onde ella queria chegar com as suas perguntas, e esse homem esquecido por instantes voltou-lhe á vista, com o seu ar de caixeiro, com pastinhas na testa, esse alfaiate que dormira n'aquella cama onde elle estava agora...

— Ah ! a carta ? Lia-a, sim... Porque não foste morar com elle ?

— Acreditas ? que lucro tinha eu em mentir...

— Bem te conheço... minha gaja...

— O que ? o que é que tu conheces ?

— Nada... deita-te, despe-te, não falla mais...

— Hei-de fallar quando eu quizer...

— Oh! Honorina!

Sem poder mais, pedia já piedade, abrاندando a voz, doido pelos modos aggressivos da amante, e assim dilacerava elle a sua pobre alma, encontrando espinhos por toda a parte, levado á dolorosa contingencia de julgar ainda o derradeiro refugio, aquelle leito de ortigas, onde a amante lhe roia vagarosamente o coração, e esgaçava aos poucos a sua vida...

Honorina passára a tratá-lo com uma rudeza desdenhosa, olhando-o com sorrisos frios, d'escarneo, despreziveis. Tudo o que fazia, um passo que dé-se, uma palavra, bastava para a mulata rir-se d'elle como d'um bôbo, chamando-o de estúpido, maltratando-o com prazer, enfastiada, humilhando-o em frente a toda a gente, deixando cahir o guarda-
napo no restaurant para elle opanhar, obrigando-o a descalçar-lhe as meias, a desapertar as fitas dos sapatos, a despejar abacia.

A sua timidez sujeitava-se a tudo, deixando-se espatifar aos poucos, como uma barata nas unhas de um gato, a alma feita pantano, o orgulho coisa morta, sem uma revolta, vergado a tudo. Não tinha mais nada de um homem. Deixava-se ralhar, como um garôto, e apenas nos seus grandes olhos inteligentes e bons, um espanto dolorido espiava, na sombria tristeza das orbitas, cavadas, vinçadas de escuro.

Quando vinha de noite, para jantar, en-

contrava-a á janella, cantarolando, ou em frente ao espelho, acabando de vestir-se. O seu boa-noite já não tinha resposta. Ella apenas voltava a cabeça, a ver quem era, continuando a cantiga ou mirando de novo o chris-tal do lavatorio. Era raro um beijo. Fugia sempre com a cara continha-o delonge, arredado, sem lhe ligar uma sombra de importancia. E á janella, quando chegava as mãos para agarrar as d'ella, Honorina bocejava, fitando-o com odio, atirando-lhe um « não se enxerga » ? de desprezo.

A' mesa, ainda ás vezes fallavam qualquer coisa, ao accaso, sem interesse, para fingir em frente aos outroa uma felicidade falsa e mentirosa.

Edmundo arrastava assim a vida, acontecendo-lhe com as suas esperanças o mesmo que as creanças que fazem covas na areia da praia e as vêm logo sumidas pela agoa.

Demorava de manhã no quarto, pelas cadeiras, fumando cigarros, um depois do outro, olhando silenciosamente a amante vestir-se, lavar-se, pentear-se. Esperava por ella para poder chegar-se ao lavatorio. Ia-se embora depois, triste, com uma vontade immensa de ficar, sem saber ao certo o que fazer lá fóra, arredado de todos, com medo que advinhassem a dolorosa ignominia d'aquelle seu viver, d'aquelle desbaratar de mocidade, vergonhoso e cruel. Passava os dias n'um ou n'outro betequim, pelas ruas sujas, escondendo-se, á espera da noite, d'esse momento em que lhe era dado abrir uma porta e encontrar

alguem. Porque o mais, tirante essa mulher, não tinha uma só pessoa a que chegar-se. Passava tres, quatro dias sem ir a casa, trocar de roupa. Tremia ante o olhado da creada, percebendo a tristesa e accusação muda da velha.

Honorina reparava nos collarinhos sujos, nos punhos ensuareados, nas meias humidas.

— Você já não tem casa? anda-me perco que até cheira mal!

Elle entalava os soluços, deixava-a adormecer para entrarna cama, depois de ter ensopado as mãos e os pés em agoa de colonia.

Levava as noites a tossir, tonto de febre, fraco a não poder mais.

Para responder a uma pergunta titubeava, tinha suspensões de gago, temendo ser insultado a cada passo, descontentar a amante com uma observação, a ousadia de erguer a voz; e quando ligava uma conversa, estendia-a, sem saber o que dizia, para encher o tempo, poupar-se o silencio martyrisante com que ella se separava d'elle.

Via-a cahir, pouco a pouco, n'um desleixo desesperado, os labios cada vez mais brancos da doença, os olhos mais duros, os modos tombando em meneios laços de mulher de soldado, trahindo-se a femea de cocheiros de Juiz de Fóra, com aventuras no fundo das tipoiás e encommendas de fazendeiros, que a mandavam buscar de trolly, á noitinha.

Depois do jantar deixava-o só, ia jogar para o quarto das outras ou fallar para as escadas, espreitando quem vinha, e contava

às companheiras todo o infame derriço d'aquella amigação, a que ella, coisa notavel, era fiel.

Raro se entregava, afastando-o quando se aborrecia, logo aos primeiros beijos, de que voltava a cara, repugnada.

Sahiam pouco, deixando-se ficar em casa, no quarto, silenciosos.

Altas horas, cançados, olhando-se de travéz, cahiam na cama, voltando as costas, com receio de se tocarem com o corpo.

Quando Edmundo arriscava um braço ou encostava a cabeça ao travesseiro d'ella, a mulata tremia, desviava-se resmungando pragas.

Sentia-a accordada durante quasi toda a noite, pensando, de olhos abertos no escuro. E essas vigílias dos dois povoavam-se de ideias funebres, medonhas. Honorina sabia que Edmundo não tinha dinheiro, que se sacrificava para lh'o dar, e esse pensamento arredava-a d'elle, por uma desconfiança instintiva de mercenaria. Se a deixasse um dia, o que seria de si, sem dinheiro, sem belleza, sem joias?

Punha-lhe frios no corpo aquelle pensamento, vendo que estava a gastar sem proveito a mocidade.

A anemia accentuava-lhe no nariz um panno, uma mancha negra, que parecia um dathro. O cabello, aquelles admiraveis fios sedosos de um castanho negro, macio como pello de lontra, cahiam aos poucos. Já tinha uma gaveta cheia d'elles. Mais a mais o seu

sorriso doentio e nervoso lhe empallidecia os lábios e lhe ennevoava os olhos, distantes agora, perdidos n'um longe de tristeza embaciada... Pelo corpo tinha saliencias de ossos; os iliacos esbarravam a pelle nos quadris, eas clavículas arqueavam ao fim da garganta, deixando duas covas sobre os seios, que lhe doiam, como inflammados. A hysteria agoniava-a com as dôres de cabeça, as vertigens, o desarranjo d'estomago. Nos dias fôscos, sem sol, de nuvens baixas com trovões rumorejando pelo alto, uma melancholia profunda prostava-a na cama, horas e horas, n'um marasma.

Edmundo sentia-se mal, percebia aquella inquietação da amante, pensava em largal-a. Mas os hábitos amarravam-o áquella cama, áquelle corpo, e um desespero incrivelmente atroz comia-lhe por dentro todo o esforço da vontade.

Deixava-se insultar, humilhado como um cão, sem dizer uma palavra, e nos olhos trazia a confissão muda de um padecimento inegualavel. Escondia esse soffrer a quantos lhe fallavam, e nunca que dissesse toda a sinistra verdadedasua vida ignorada de amor. Quando **alguem** estranhava ser a sua felicidade tão triste, elle sorria, inventando thesouros de paixão para enriquecer a amante, envergonhado, transido de tristeza, vazio d'esperanças.

Os outros, olhando sem ver, julgavam-n'ogosando uma bôa mulher, com noitadas de prazer e dias de carinho. Sussurravam d'aquella

vida sustentada com dividas, commentavam o seu cynicõ egcismo, a sustentar a mulata á custa do proximo.

Que tratante ! murmuravam uns ; que felizardo ! diziam os outros.

Edmundo sabia-o, porque Deus nem lhe poupava sequer esse derradeiro supplicio de conhecer nos olhos dos outros o que pensavam d'elle. Tinha consciencia da sua ignomiia o desgraçado !...

E nem uma só queixa á amante, nem uma só accusação !... Supportava tudo... De manhã, ao levantar-se Honorina deixava a cama ás pressas, arreceiando-se das suas lastimas, dos seus pedidos lacrimosos, de que elle por fim se envergonhava, corrido de rubôr !

Uma noite, em que sahiram á rua, pelas onze horas, subiram a um gabinete do Stadt Munchen para comer, ella deixara cahir a cabeça no hombro do amante, seguindo com a vista esmorecida e vaga o espelho, ao fundo, onde mil nomes de mulheres, traçados a diamantes, espalhavam uma branca, enredada e baça teia de aranha.

Edmundo beijára-lhe os cabellos, prendendo-a a si, e ella arrastou-o, tirando um annel de brilhante do dedo, pediu-lhe que escrevesse alli, n'aquelle espelho d'amor, os seus dois nomes.

Pendurada ao seu braço foi seguindo o risco das letras, sorrindo maldosamente. Ao lado, em caracteres tremidos, havia um « je t'aime, mon gars, » em ponto grande, e data de horas felizes cruzadas, embaralhadas, todo

o vocabulario mysterioso das paixões que por alli tinham passado, gravando n'aquella lapide publica o « aqui jaz » do momento adoravel. N'esse cemiterio emoldurado a ouro, os bicos de gaz enchiam os riscos mostrando no alto — tinha sido preciso trepar a uma cadeira para se poder alli escrever, — esta divisa obscena e gaiata : — « Honny soit qui mal y baise » e embaixo assignado, « Gabrielle. » Havia uma outra divisa em fracez de Louise de Voucoux. Dizia assim : « Louise vaux le coup ! »

Um verso de Espronceda engatinhava com o epitaphio « Dolôres ».

Edmundo ferrava os beiços, triste.

— Quem hade dizer ? Os outros podem ser como nós !...

Ficaram-se os dois a olhar, comprehendendo-se, contemplando-se mudos.

E ella, ergendo a cabeça, pousando-lhe os olhos, perguntou-lhe placidamente :

— Porque você não me deixa, bemsinho ?

— Para ir aonde ?

A mulata roçou-lhea face nas mãos, escondendo-se nos seus braços.

— Vamos embora morsinho ?

E arrastou-o para casa, anciada por se despir, dar-lhe o corpo.

Entregou-se a noite inteira, consolando-o, afogando-o de caricias, tratando de lhe curar toda a desgraça com palavras meigas d'amor, aconchegando-o á macieza da carne, sumindo-se n'elle, terna, gemendo, calcando os seios ao seu peito.

Mas n'aquella entrega não havia nem as sombras d'esses ardores antigos, que estremeciam o corpo da mulata, dos calcanhares ás fontes.

A posse insatisfeita, largada por ambos, n'um desalento, acabara de lhe varrer toda a poeira da esperança em que já se desfizera o esqueleto d'essa fé, havia muito cadaver.

Sobre elles cahia uma fina chuva de pesar; uma desolação envolvia-lhe a alma, com um crepusculo prenhe de trevas, no ultimo periodo de uma gravidez hedionda do fim proximo.

Elle tinha até medo de pensar, tratando os pensamentos como rondantes perigosos da sua noite, e por quem se sentia perseguido, apavorado, transido de susto. Desviava-se de toda a preocupação, quebrando esquina aos primeiros passos da razão, á primeira sombra de raciocinio.

Causavam-lhe inquietação, principalmente os dias de sol, de ruido, de alegria, nas ruas povoadas de gente, entre o rodar dos bonds e dos carros. Todo o movimento lhe lembrava a sua solidão. De tanto homem não conhecia ninguem. Escolhia de preferencia, para vaguear até a tarde, os bairros afastados, longe do seu meio.

Batia toda a praia Formosa, o Sacco do Alferes, a Saude, caminhando entre a miseria, vendo a faina dos negros carregando os saccos de café, despejando as carroças, e o formigueiro lamentavel dos trabalhadores de trapiche, n'um vae-vem de bestas de carga, cur-

vados sob os fardos, immundos, descalços, negros de sol, com os pés inchados, arrastando para os armazens o bojo monstruoso dos navios, escoadouros d'esses Leviathans disformes, mastodontes que engolem a safra de um paiz e a vão vomitar n'outra nação... Os carregadores pareciam a Edmundo as ratazanas d'esses esgotos fluctuantes, e ficava a olhal-os, durante horas, derreados, augmentando a cada passo calorosos a fortuna dos amos, dos ricos, dos patrões.

Levava a chafurdar nos beccos dos pobres, espiando as mansardas, as vendas, os cafés escuros, os portaes e escaninhos cheirando a lixo e espinhas de peixe, os antros immundos de onde rompem disputas, pragas, phrases obscenas ou gritos de enfermo agonizando de molestia...

A' noite voltava ao hotel, a agachar-se aos pés da amante.

Um aborrecimento persistente, ideias de impaciencia e escrupulo, uma estranha susceptibilidade, o prazer inconcebivel da solidão, tornavam insondavel, profunda a sua dôr. Havia muito que o livre arbitrio se afogára naquelle sorvedouro que lhe cavava um cahos no organismo, e a desesperação traduzia-se em uma serie de actos hostis e lugubres, um desgosto pela vida, uma invencivel tendencia para o suicidio. Lamentava-se, tinha medos repentinos, a proposito de tudo, desejava amorosamente a morte, o descanso, presó de angustias, de anciedades, opprimido, inquieto. Insensivel a todas as alegrias, ceifava todas

as dôres para fazer a cama á agonia do seu espirito attribulado.

A tísica ia galopando pulmões a dentro...

A febre etica afilava-lhe aos poucos o nariz, salientando-lhe as maçãs do rosto, de um roza arroxeadado na pallidez da face. Os labios retrahiam-se, o pescoço parecia obliquo, as omoplatas erguiam-se como envergaduras de azas, as costellas resaltavam cavando os espaços intercostaes. Mas todos esses vestigios do mal incuravel accrescentavam uma poezia triste na belleza das suas feições. A cabeça parecia modelada por uma fantasia de artista, com os grandes olhos escuros, humidos, melancholicos como duas lagrimas negras.

Da ultima vez que Julião o tinha auscultado percebera accumulacão de tuberculos na parte superior dos pulmões, sobretudo no da direita. A resonancia era maior e desigual na parte anterior superior do peito, até ao nivel da quarta costella. Ouvia-se um silvo, um sopro, embaixo da clavicula, na fossa sobespinhosa e debaixo dos braços, com expiração prolongada.

A tosse tinha gorgulhos, echoando nas cavernas, e a bronchophonia diffusa dava logar á pectoriloquia, dia a dia mais evidente. O thorax resoava. As pontas de fôgo já não faziam effeito seguro, quanto mais elle não se sujeitava a um tratamento seguido e persistente. O mêsmo com a hydrotherapia, os vesicatorios, as inhalações, impossiveis por identicas causas.

Julião pensara que não convinham nem eram precisos os balsamicos, o bismutho, o laudano, o louro cereja e o nitrato de prata. Já tinha passado o seu tempo. O sulfato de atropina ia matal-o mais depressa... O sulphato de quinino, a digitalis, nada valiam como anti-febris para o seu temperamento de nevrotico e hysterico. As fricções alcoolicas e therebentisadas, o hypophosphito de cal e soda, o phosphato de potassium em vinho de quinina, o creosoto, a glycerina, tudo inutil. Era tarde, no vêr de Julião. Sem o poder ter preso ou exilado na roça, onde um tratamento seria possível, methodisado, com experiencias alternadas de um ou outro remedio, um regimen tonico, salutar, o estudante desesperava, cuidando só por fim em sanar as ulcerações dos vasos depois das hemoptyses, dando-lhe ergotina, tanino e ipecacuanha em grandes doses, tres ou quatro grammas absorvidas por dia.

Já tres mezes tinham passado sobre esse ajuisado temivel, esse diagnostico desesperado, que o atirava á morte, depois da ultima hemoptyse. O mal crescera lenta e progressivamente, sem rumor, surdo, para rebentar n'um momento dado e engolir n'um só trago aquella vida. Seria elle afogado pela escuma bronchial n'uma nova hemoptyse? O fim seria o marasmo assassino da febre? De qualquer forma o instante supremo talvez não tardasse a bater ás portas d'aquella existencia. Um anno? Um mez? Ninguem o podia dizer.

Um médico receitára-lhe bromureto de

potassium para acalmar os nervos, e essa receita de idiota, lórpa e criminosa, é que lhe ia sustentando a melancholia, habituando-o á tristeza pungente da agonia, irritando-lhe sentimentos primordiaes, das partes mais reconditas da alma, onde ainda não se tinha entranhado a somnolencia sensitiva do marasmo.

Os ciumes roiam-n'o, como se ninhadas de ratos lhe comessem o coração e os miolos.

Andava sempre com a sombra do «outro» a seguir-lhe os passos. Odeava o, mais, muito mais do que odeára o turco. Este disputava-lhe os restos, viera fossar por divertimento na sua ultima miragem de moribundo.

E desde que Honorina recebera um sabiá de Juiz de Fôra, o ciume crescera a olhos vistos. Ninguém lhe tirasse da cabeça que esse passaro preto não fôra mandado pelo «outro». Debalde a amante afiançava ter sido a irmã...

Dava-lhe vontade de picar o passarito com o canivete, esborrachar-lhe a cabeça sob o tacão, moel o, atiral-o vivo a uma sentina, esganal-o e vel'o apodrecer n'uma sarjeta, gosando de o contemplar devorado pelas formigas, pelos vermes, pelas moscas, as baratas e os camondongos, ou picado pelas gallinhas, na capoeira.

Namorava-o como um gato, e tinha que sahir ás vezes do quarto para alli mesmo, em frente da amiga, não se atirar á gaiola e espremer na mão sabiá.

Tudo vinha enfurecer, por ultimo. Não sabia mais quem pedir dinheiro. Todos lh'o

negavam, por menor que fosse a quantia. Um respondera-lhe que não sustentava vícios.

Antonio do Couto estava fóra.

Pensou em empenhar ou vender os trastes, mas á ideia de que ia ficar sem ter onde dormir no dia em que a amante o abandonasse causava-lhe frios.

Ultimamente contava nos cafés as necessidades, chegava a dizer que passava fome.

Lembrava-se de escrever á mãe, pedindo dinheiro, mas largava logo esse alvitre ante a demora da carta e a angustia da pobre velha.

Honorina queria camisas de seda, um grampo para o chapéo, uma pelorine de veludo. E emquanto pensava no meio de arranjar aquillo tudo, o sabiá cantava, rindo-se d'elle.

Uma tarde chegou ao hotel por volta das cinco horas. Honorina tinha sahido. Entrou no quarto e foi remecher as gavetas, á procura de provas de novas infedelidades, e encontrou a carta onde o «outro» tinha mandado a guia da Estrada de Ferro, remetendo o passaro...

A sua alma prophetica não o enganara. Aquella ave damnada, que a amante tratava com tanto cuidado, era uma prenda do outro...

Arrastou então uma cadeira para perto da janella, abriu a porta da gaiola, apanhou o sabiá apertou-o na mão crispada. Viu-o abrir o bico, estirar a lingua preta, sentiu-lhe o corpo quente estrebuchar entre os dedos, o

papo inchar, arquejante as pernas enteiriçar-se e a cabecita afinal tombar, pingando sangue no bico, de onde a lingua pendia, como trincada.

Ficou mudo, em cima da cadeira, olhando a rua, com o passaro apertado na mão. Depois desceu, abriu a porta, e vendo um gato no telhado, voltou atraz atirou-lhe o sabiá às barbas escondendo-se para ver. O gato fugiu à queda do corpo, mas veio espiar logo, de uma gotteira, atirando pelo telhado os olhos verdes. Aproximou-se, devagar, sem ruido, parando às vezes, e depois, de um salto, agatanhou o cadaver ainda morno, pousando-lhe as mãos, desconfiado. Cheirou-o, lambendo o focinho cõr de rosa e logo os seus dentinhos brancos, de carnivoro anão, trincaram a preza. Atirou o sabiá longe, foi de rastilhada atraz, erguendo-o na bocca, macerando-o de encontro às telhas, bufando, com mios de luxuria pobre de gato esfomeado vingando-se da miseria n'aquelle repasto cahido do céu ainda tépido.

Edmundo, encostado ao peitoril, seguia-o com a vista, sorrindo, até que o bichano levou a presa, desaparecendo.

Honorina entrava n'esse instante.

— Estàs aqui ha muito tempo?

— Cheguei ha pouco...

— E então?

— Compro-te amanhã a pelerine e as camisas; tenho que receber um dinheiro... Hoje foi impossivel...

— Pois sim!... Não vê que eu acredito mesmo n'isso!...

— Podes...

— Você também agora não sahe d'aqui?..
Sempre amarrado às saias, até aborrece...
Você não trabalha?

E olhando agaiola aberta, a cadeira, parou
espantada, franzindo a testa.

— Onde está o sabiá?

Edmundo, sentado na cama, sentia a gar-
ganta apertada, a respiração opressa; esfor-
çava-se para responder, sem que pudesse
pronunciar uma palavra.

Honorina parou de desatar as fitas do chapéo

— Estás mudo? O sabiá? onde está?

Então elle balbuciou:—O sabiá... sim...
é...

— Heim?

—... morreu ..

— O que? Eu vou saber...

Elle tornava-se aos poucos mais senhor
de si, sentindo crescer dentro um odio brusco
contra essa mulher insolente, de pé na sua
frente.

— Sim, merto... deitei-o fóra...

A mulata olhou-o, trincando os beiços...

— Morreu de saudades, atirei-o ao te-
lhado... Um gato comeu-o...

Tinha-se levantado, com um sorriso de
vingança, olhando-a furiosa, torcendo as
luvas.

— Estupido! e caminhou para elle, tre-
mula, invadida de um desejo enraivado de
lhe cravar as unhas na cara, de o ma-
chucar...

Edmundo recuou, deixou a cama entre os

dois, accendeu um cigarro, sacudindo da manga a penugem do passaro.

Honorina, gaguejante, aproximou-se da porta, para chamar o creado.

— Já te disse que morreu... Encontrei-o morto, deitei-o fóra...

— Então morreu ?

— Já te disse...

Teve que a ameaçar para a fazer cair, entupir o enxurro de insultos que lhe atirava á cara, furibunda.

— Que obrigações tinha ella de o aturar ? Nem dinheiro tinha, andava-a enganando, sem um nikel no bolso para o bond...

— Esta é a minha vida, você sabe perfeitamente... Se você fôr embora eu fico sem ter para pagar a conta... Devo os olhos da cara, preciso pagar...

N'aquella creatura inconstante já o passaro esquecera, mas accesa de raiva, accusava o amante, descompunha-o, lastimando-se, rangendo os dentes.

Que não estava nos casos de sustentar azeiteiros...

— Lembre-se que fui eu que lhe paguei as suas contas atrasadas, mais de setecentos mil réis de dividas e resgates de penhores...

Ella cresceu para elle, encolhendo a cabeça, os punhos cerrados...

— E agora, você tem ? Póde pagar o que eu quizer ? acha-se nos casos de viver comigo ? Quem lhe mandou ser tolo ? Quem quer mulheres paga-as !... Já ouviu ?... Hein...

— Creio que ainda não lhe faltou nada...

— N'este audar!...

Edmundo chorava, tomando-lhe as mãos, serenando-a. Pelos outros quartos as mulheres ouviam e riam-se descaradamente atraz das portas.

— Falla baixo, Honorina, toda a gente ouve...

— E que m'importa que ouçam? olhe não vá morrer de vergonha, agora!...

— Socega... Amanhã eu tenho dinheiro, dou-te o que quizeres...

E fallando assim, lembrava-se do outro, que a tivera um mez sem gastar...

— Pois trate de arranjar dinheiro, senão já sabe, a porta da rua está sempre aberta... Casas de femeas nunca fecham...

.....

De manhã cedo Edmundo sahiu, tolhido de vergonha, depois de uma noite levada a ouvir insultos.

Foi procurar Emilio, a ver se arranjava dinheiro, e só ás tres horas o encontrou, subindo a rua do Ouvidor.

— Fui-me lavar... Arre! Cuidei lançar a ceia ao levantar-me... Imagina uma «capivara» porquinha que nem um rato.

— Basta..., basta...

— Pois sim, não vás ter nauseas... Diz cá, e o estupôr da mulata?

— Vae bem...

Encostaram-se á esquina da rua do Carmo, accendendo os cigarros.

— Tu que gostas de saber coisas bem negras de romance; já te contaram a do padre em Campos?

— Não, o que foi?

— Encontraram um sotaina escarranchado n'uma santa, fechado na sachristia.

Edmundo pasmava, querendo saber tudo. Que contasse... E depois?

— Diz que o povo deu com elle de mangalho de fóra, fossando debaixo da tunica... Quizeram-n'ó matar...

— Infame!...

— Deixa lá, isto é mesmo uma choldra... Cada um nasce com o coração feito vagina de hysterica... Parece que o sangue dos de hoje tem sarro de spermen...

— Raça ignobil!...

— Mas socega, que isto tudo acaba em S. João Baptista... Dura menos que as tuas amições... E por fallar n'isso, precisas deixar essa caipira. Fallam de ti, pelas ruas...

— Que m'importa?

— Dizem que tu deves a todo mundo...

— E então?...

— Então é preciso acabar com isso... Tu não tens emprego, já não estudas, já não escreves, não has de viver de empréstimos... Qualquer dia vais parar na policia por causa de alguma divida... Toma cuidado...

— Prohibo-te que me repitas semelhante coisa...

Edmundo fallava com a voz presa, a custo, tremendo os beiços...

—E's uma creança... Se eu soubesse tinha-me acautelado contigo... Dizer que fui eu que te levei lá outra vez!... Ainda me has de accusar de ser o responsavel n'isso tudo... Se ella fosse bonita, ao menos, se valesse um sacrificio..., mas uma cabocla, uma mulata!

—Não, não te deixo ir... Onde é que vaes tu parar de maneira semelhante?

Emilio!...

Sabes que mais? Até me pareces parvo com esses amores com uma mestiça... E' baixo, é sujo... Amar uma mulher por cima de quem já passou toda a rua! Lembra-te só dos tempos que ella esteve com o portuguez do marido, um homem bronco, vendeiro, de barbassujas, uma cara denegrída pelo sol, quando trabalhador da Estrada de Ferro. Pensa um pouco n'esse par infimo e reles dos dois vendeiros, unidos n'um catre de lenções porcos, ao fundo da loja, n'uma alcova... E quando um portuguez de pé no chão a tratou como uma mulher para dar de pernas, queres tu fazel'a Deusa e adoral'a, consubstanciada na illusão! Uff! Parece-me que estou até a ver esse casal ignobil de roça, o marido fedendo a chulé, suando como um jumento, chupando os beiços á tua mulata! —Bae mais uma, mulher? E ella, toda dengue, cadella ciosa, encostando a cabeça no braço cabelludo do vendeiro, o nariz debaixo do suvaco, puxava a camisa de algodão, suspirando:—Faz amor-sinho, meu bem!.

—Deixa d'isso...

—E' repugnante. E depois cantas-lhe um poema .. Não, não quero que vás, prohibo-te, não deixo... Vamos ao theatro, ceamos, pasamos a noite juntos até á uma ou duas horas. Amanhã levo-te e Willegaignon, anda d'ahi... Estás pallido, magro, amarello... Tens até ictericia... Isso são ciumes...

Edmundo deixou-se levar, sem forças para resistir.

Compungia-o um desconsolo immenso, a que se entregava dos pés á cabeça, percebendo-se só no mundo, sem ninguem que pensasse como elle, sem encontrar uma outra alma semelhante á que casar a sua.

Julião bebedo, levado por dois urbanos, a dormir no xadrez, entre os gatunos e os vagabundos...

E áquella lembrança atirava a vista em derredor, pasmando de ver os homens, percebendo-os miseraveis como chatos. Julião preso!...

Rolava aquillo no espirito, de coração esgravatado por essa ideia terrivel. Recordava essas horas tranquillias de outr'ora, quando o estudante recolhia epilepticos em casa e se consolava na sua miseria lendo os philosophos... Teve vontade de ir até ao becco, espreitar no sotão, mas teve medo, recuou ante esse pensamento, temendo não encontrar o pobre amigo... E diziam ainda não ser só o mundo o culpado de todos os crimes, de todas as más acções! Aquelle fôra bom, resignado como um santo, pobre, com uma alma maior

do que um thesouro, e tinham-lhe exasperado aquelle docil instincto de bondade, a ponto de fazerem d'elle um ébrio e amanhã? talvez..., o que? o que seria elle amanhã? O que seria no dia seguinte qualquer creatura? Um falsario? um cadaver, um scelerado? um feliz?

Era bem verdade ser a sociedade uma pantomima cruel, com palhaçadas que vertem sangue, nada mais... Os homens viviam isolados, fechados em si, infimos e fracos como formigas.

Os dois subiram a rua do Ouvidor, callados, Emilio, olhando as mulheres, Edmundo absorvido pela sua molestia de pensador.

— Olha a tropa...

Do largo de S. Francisco escuava um batalhão d'infanteria, com as bayonetas riscando raios brancos no ar, e lá ao fundo, no meio das estilhas de aço, a bandeira verde e amarella balouçava, debaixo de uma lança doirada.

O coronel, vinha n'um alazão arreiado á gaúcha, freios de prata, estribos largos, peitoral com meias luas de metal batendo a peitaria ensuarada do cavallo. O militar, de calça vermelha listrada de oiro, firme na sella assente sobre um pelego negro de cabra, levantava a espada nua de commando. Tenentes passavam, fazendo garbo em retezar as pernas nos estribos, prendendo a redea, obrigando o cavallo a morder o freio e avançar a passo, aos galões, espumando, branco de espuma nos flancos.

E as companhias batiam as pedras com as botas empoeiradas, alinhadas, de capacete.

deixando pelo passeio um fetido de caserna, uma catanga de animaes suados, tropegos de fadiga tresandando transpirações fetidas de negros e caboclos e mulatos.

—E' bonito um exercito ! exclamou Emilio.

—A mim, mete-me odio e nojo. E' a morte official... O soldado é o assassino com salario do governo...

—Besta ! E a patria então ?

—Besta és tu ! Se ha direito para matar por causa de uma bofetada diplomatica, tambem devia haver o direito impune de morte para o esbofeteado publicamente no meio da rua. Ou a honra da patria cora mais depressa do que a de qualquer homem ? Os homens é que fazem a patria.

—A patria tem o direito de vingar-se.

—Sim, hade ser isso... A patria tem até o direito de assassinar para roubar...

—Isso é infame, Edmundo...

—São modos de vér... Eu estou prompto a morrer por ella, mas a matar por sua causa nunca !...

—Nem para a defender ?

—Não, nunca ! A mim não me dá ella esse direito. Para que o reserva para si ?

—Ora, é que nunca estiveste na guerra como eu, p'ra ver como se escorcha um homem...

—Um irmão, Emilio, na revolta só matavas irmãos.

—Confesso-te que não. Aqui no Rio, de tres que esmigalhei com machadinhas, dois

eram italianos e um argentino... O recrutamento não escolhia... Lá o teu Ramalho de Alencastro, quando tenente roubava os mortos...

—E' portuguez?

— Infelizmente já não é... Portugal expulsou-o e o Brazil deu-lhe duas divisas de oiro...

— Nunca lhe fizestes pontaria?

— Escondia-se atraz dos saccos d'areia...

— Dizem que prestou serviços...

— Sim, invadia as casas, mandava para os quartéis os litteratos...

— Um benemerito se soubesse escolher...

— E se não enchesse o hospicio de mães... e noivas loucas...

— Lembras-te quando nós lhe fallamos depois da morte da Celeste? Talvez ja fosse embora; elle ia para o Pará...

— Sim, talvez partisse.

— E leva de certo alguma coisa?

— Não sei, deixa a Condessa Gammiani traduzida...

— Bem, vamos jantar, é melhor sahir desta viella...

— Aonde?

— No «Reinassance»: só tenho dez mil reis...

Emilio estendeu o pescoço puchou o collete olhando a gravata n'um espelho de vitrine.

— Eu tambem não tenho... mas isso arranja-se... Os theatros são de graça...

Com 2\$500 de jantar ficam 7\$500... Es-

tamos ricos, Edmundo.. podemos tomar absintho no Paschoal, e comprar charutos... Ainda dá para o licôr... Vamos embora. Emprresta dez tostões para um ramo de violetas... Não achas que preciso de fazer a barba? E' um instante... Dá-me cinco mil reis que eu volto já...

Edmundo lembrou-se que não tinha onde comer no dia seguinte, mas deu o dinheiro e foi esperar no Londres a beber vermouth.

Era meia-noite quando chegou a casa. Entrou como um gatuno, para não fazer ruido, não accordar a creada. Tinha-lhe medo. Aquelles seus olhos limpidos, calmos, só elles lhe diziam mil verdades horriveis.

O que pensaria a pobre velha? Ha um mez que elle não pagava a roupa lavada, e nunca mais lhe ousára fallar no dinheiro emprestado...

Quem sabe se a pobre de Christo andaria precisando, a tirar da bocca por não poder gastar?

Ficou de pé, á porta do quarto, sem se atrever a abrir, chegou a voltar as costas, a descer o primeiró degráo, mas a noite estava fria, com cara de chuva, sem estrellas. As arvores ramalhavam com tremuras de pavor pela folhagem. Meteu a chave riscou um phosphoro, e entrou no quarto. Descalçou as botas para não fazer barulho, e foi cahir na cama, tolhido de desespero, anciado, mordendo os beiços para não chorar.

Estava tudo arrumado, os papeis em ordem a roupa dobrada em cima de uma cadeira e mesmo em cima da mesa, ao lado do tinteiro, n'uma jarra, havia flôres frescas, colhidas talvez a tarde. Edmundo olhava aquillo tudo, emmudecido.

De todas as vezes que vinha à casa, às escondidas, para mudar de roupa, encontrava sempre flôres no lavatorio, e um cheiro bom de alfazema em tudo, fallando-lhe dos cuidados da pobre velha, que o esperava sempre sem uma queixa, sem uma revolta. Desde que se ajuntara de novo com a Honorina, não tornára a falar com a creada. Ella comprehendendo os seus escrupulos, a sua repugnancia, fingia não o vêr chegar, e mal o portão rangia nos gonsos, retirava-se para a casinha, escondida tambem, sem apparecer. Depois via-o partir, apressado sem olhar para traz, e enxugava as lagrimas ao avental. Subia depois a cima, apanhar a roupa que elle trocára, resando a Nossa Senhora que fosse em companhia de Edmundo.

Uma vez só, estando a estender roupa no jardim, não poudé fugir a tempo, e ficou parada torcendo um lençol, olhando-o chegar. Logo baixara a vista, ante os seus olhos inquietos e duros, que a fictavam enraivecidos.

N'essa noite, a velha accordada, tinha-lhe ouvido os passos e puzera-se a escutar, julgando vel-o sahir logo outra vez. E soffria, calcava os olhos com os punhos, a pensar que elle vinha agora assim de noite, altas horas, pelo frio, só para a não encontrar.

Edmundo, em cima, vendo arder a vela, rodeado de silencio, lembrava-se da amante. Com quem estaria ella, a essa hora ?

Ficou assim muito tempo, de mãos cruzadas em cima da travessa, sem movimento, deixando esvoçar á larga dentro da caveira o bando agourento de idéas negras. Parecia-lhe que dentro do craneo, com effeito, um turbilhão espiralava, batendo azas, susurrante, bicando-lhe ás vezes as fontes, que latejavam.

Eram inuteis essas tentativas de fuga. Por mais que quizesse, estava algemado pelo vicio áquella mulher dos infernos. Fóra della não lhe restava mais nada. Era preciso pagar-se a sua companhia, nem que fosse preciso ir cavar dinheiro com as unhas. Irritava-o a lembrança d'esse outro, que a gosára um mez sem gastar um vintem... Com elle, Honorrina exigia sedas, joias, carros para passear de noite, vendia-se caro, a ladra, sabendo que lhe era precisa como pão para a barriga.

De repente um tremor abalou-lhe o peito. Quiz tapar a bocca com o lençol, mas teve que se curvar, roncando de tosse.

No silencio aquelle ruido secco, aquelle ladrar cavernoso, abriu um echo.

— Agora a carcassa vae accordar, resmungou elle...

Em baixo a creada, vendo que elle não tinha sahido, ergueu as mãos ao céu, agradecendo a Deus.

Vestiu-se, passou uma saia, deitou um

chale aos hombros, por cima da camisa, calçou os chinellos.

Edmundo não largava de tossir, estremeendo todo à violencia do ataque, que lhe rebentava o peito. De joelhos, curvado, os olhos cheios de lagrimas, expectorava aquelles latidos seccos, que pareciam vir de longe, subir de um poço.

Sentiu obscurecer-se-lhe a vista, já não enxergava a luz. Saccudia a cabeça, tossindo sempre, e só quando parou e ergueu a cabeça, viu a creada ao pé da cama, que o olhava, e lhe limpou a bocca, toda babada.

— Está doente, sr. Edmundo?

Elle, julgando que lhe ia falar no dinheiro avançou uma resposta, de um modo bruto.

— Socegue... Estive fóra, amanhã hei de receber dinheiro...

— Ah! sr. Edmundo, que o que eu q'ria era vel-o bom... Nem fechou a janella, assim constipado!... Deixe que eu vou buscar outro cobertor...

E um chá de flor de laranja, quer o senhor tomar um chá?... Talvez lhe faça bem... Deite-se, está a apanhar frio...

E a creada ia e vinha no quarto, arrumando, tirando uma camisa de dormir da gaveta da commoda, enchendo a bacia de agua, para elle se lavar, voltando-se, chegando o chale aos hombros quasi nus...

Edmundo não comprehendia.

Tinham-lhe feito tanto mal que estranhava o bem, vindo de quem quer que fosse... julgava-se indigno d'aquellas palavras de mãe,

carinhosas, todas de afagos, e revoltou-se, enraivecido, lembrando as phrases da amante, na vespera, a descompostura da rameira da mulher com quem elle gastava, por quem elle se ia tornando um miseravel.

— Não quero chá, não, escusa de trazer... melhor é que se vá deitar...

— A velha parou, triste, com um olhar de compaixão...

— Ouviu, senhora Maria? Emquanto ao dinheiro só amanhã...

— Eu não preciso de dinheiro, seu Edmundo...

— Mas eu é que não gosto de guardar dinheiro dos outros...

— Seja pelas santas chagas! balbuciou ella, juntando as mãos. E approximando-se da mesa:

— Teme aqui uma carta do Rio Grande... Veio hoje pela manhã....

— Boa noite... Accorde-me cedo, tenho que sahir, receber dinheiro... Ainda ha café?

— Ha, sim, meu senhor...

— Como ha?

— Ainda, sim senhor...

— Mas ha mais de um mez que não mando comprar...

— E' que ficou um resto...

— Que horas são?

Já passa das duas...

— Pois faça-me uma chicara de café, mas depressa, que me quero deitar... Bem quente ouviu? Se é para trazer requentado é melhor nem vir cá...

— Socegue, senhor Edmundo, eu vou faser... Mas não era melhor uma pinga de chá?

Falle verdade, mulher, ha ou não ha café?...

Elle ha, sim senhor, mas pódo fazer-lhe mal, assim de noite... Até tira o somno...

— Não lhe perguntei isso... Veja se quer aqui ficar a noite inteira...

— Eu vou, eu vou...

E a velha, aconchegando o chale, desceu á cosinha. Accendeu o candieiro de petrolio, foi dependurar o sacco, tirar da lata duas colheres de café e pôr a agoa ao lume, que ella arranjou ás pressas, com folhas seccas e um pouco de carvão de choça, do ferro d'engomar, para que não levasse tanto tempo a ferver a agoa.

Fazia aquillo tudo, limpando os olhos embaciados, tropeçando, apressada, murmurando baixo coisas só para ella. Trouxe a cafeteira, a chavena, a colher, um guardanapo; arrumou tudo na bandeja, olhando o lume, impaciente atiçando o carvão com o ferro de cozinha, soprando, anciada por ouvir chiar a fervura.

Chorava a pobre velha, e os murmurios eram orações.

— Pobre senhor Edmundo! — repetia ella baixo, passando a mão magra e rugosa pelas faces, enchugando o choro...

Fôra ventava pela noite como breu, espessa, onde ramalhavam soturnamente os arvoredos desancados pela chuva. O negrume engulira tudo na sua fauce de treva. As arvores, as casas, os montes, desapparecim nas maxillas da noite.

A senhora Maria, parada agora na soleirada da porta, ouvia o rosar da enxurrada no ralo da area, e no meio d'ese ruido monotono do agua-ceiro, das gotteiras vertendo cordas de chuva no jardim, o « chap chap » das poças rente ás arvores suando um diluvio, o zunir das vidraças e telhas, pareceu-lhe escutar um chôro sumido como d'alguem que por alli estivesse a agonisar na sombra, ao relento, cahido na lama, transido de frio...

Sahiu fóra, erguendo o chale de lã acima da cabeça, á espreita, pendendo a cabeça para ouvir...

Talvez que seja a chuva, pensou, e foi de novo até á cosinha, aticar o fogo, aquecendo nas brazas as mãos molhadas, roxas de frio.

Perseguia-a aquelle grunhir a fungar de chôro entreortado, que enchia a casa, partindo de algum canto.

Ficava silenciosa, ouvindo, sem saber ao certo o que seria aquillo, chuva ou chora-deira...

Deitou o pó no sacco, verteu-lhe a agoa a ferver, deixando coar o café, distrahida, com a alma toda nos ouvidos, n'aquelles suspiros e soluços, que pareciam echoar ao lado d'ella, alli na sombra, a dois passos....

Subiu vagarosa as escadas, com a bandeja, e parou á porta do quarto, surprehendida, de olhos pasmos...

Edmundo chorava, sentado na cama.

— Veja, senhora Maria, — disse elle tremulamente, fitando-a com o seu olhar dolorido de soffredor, — veja isto...

Pegou de cima da meza a carta da mãe, voltou as duas primeira paginas.

A creada pousára a bandeja, aproximando-se.

— Veja..., veja isto, senhora Maria...

E limpava os olhos embaciados á manga da camisa, para ler...

— Que aconteceu? Nossa Senhora! O que foi?

— Veja..., veja...

Chegou a carta perto da luz, e leu : — Ha oito dias, meu filho, que recebi uma carta anonyma em que me dizem de ti coisas que eu não posso repetir. Julguei morrer vendo-te atravez essas linhas, tão injuriosas para ti. E' preciso ser bem má, a pessoa que assim não trepida em ferir tão cruelmente o coração de uma pobre mãe.

— Nossa Senhora!

— Pobre mãe! pobre de minha mãe!

A creada deu um passo, sentou-se no tapete, aos pés do amo, escondendo a cara entre as mãos.

Edmundo tinha soluços seccos, d'esses que chegam depois das lagrimas e que abalam o peito, saccodem o pescoço e rebentam na garganta.

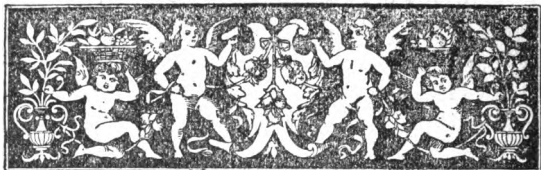
— Sabe quem foi?

A velha fitou-o, erguendo os olhos admirados, interrogando-o, muda.

— O Julião!...

— Nossa Senhora do Amparo!

E ficou de bocca aberta, olhar pousado em Edmundo, por cujas faces duas lagrimas deslisavam vagarosamente.



XVI

De manhã, Edmundo mandou uma carta ao editor, pedindo um adiantamento de dinheiro á obra, que em quinze dias devia estar concluída, asseverava.

O portador trouxe como resposta um cartão dizendo:—«Lembro ao Sr. Edmundo de Souza o nosso contracto. Como sabe, sendo essa obra propriedade de terceiros, vemo-nos na obrigação de seguir á risca todas as clausulas do nosso contracto. Queira desculpar-me o não acceder ao seu pedido, porquanto mesmo nesta occasião a melhor boa vontade da minha parte encontraria um obstaculo: a impossibilidade de desviar qualquer quantia de minha caixa, tendo que satisfazer serios compromissos a vencer esta semana»...

Edmundo vestiu-se, triste e sombrio. Essa taboa de salvação, que na vespera lhe dera coragem para pedir dinheiro a um homem, a quem, tres mezes antes elle se recusaria apertar a mão, essa unica esperança, tão enraizada, que o levára a deixar um documento terrivel nas unhas d'esse moedeiro falso, d'esse homem sem contemplações e sem character, capaz de pôr fóra da porta a amante moribunda, capaz de vender na revolta os companheiros, capaz de furtar brilhantes a

uma pobre Nina de S. Paulo, essa ultima esperança cahia. Edmundo viu-se entregue ás mãos d'esse homem, a quem se compromettera entregar ao meio dia o dinheiro pedido emprestado na vespera.

Não lhe restava um unico recurso. Ir procurar Emilio? Encontral'o-hia antes da hora ajustada? Recorrer ainda ao seu correspondente? Estaria elle em casa? Rehaver dinheiros emprestados a um e a outro? Tudo isso era impossivel...

Não lhe accudio sequer a ideia de ir fallar a Ramalho de Alencastro, pedir-lhe mais uma hora d'espera.

Baixar em frente áquelle homem, não o faria nunca, certo ainda de que o não attenderia, devesse elle descer até á indignidade delhe negar esse favor. Fosse elle outro, caminharia com desassombro, empenhando a palavra sob a promessa de que á noite, o mais tardar no outro dia, satisfaria o compromisso...

Mas fôra logo bater áquella porta..., sem se lembrar um só momento de uma contrariedade presumivel, quasi fatal...

E dentro de duas horas o seu nome enxovalhado ia correr a cidade, de bocca em bocca.. Havia só uma pessoa capaz de tal infamia, mas exactamente a essa pessoa estava elle entregue...

O que teria elle escripto n'esse papel, deixado em seu poder? Devia ser qualquer coisa de bem indigno, para assim se não lembrar.. Passára um recibo, sim, compromettendo-se

a reembolsal'õ no dia seguinte... , mas além d'isso havia uma carta... Porque tinha elle escripto e não fallado?...

Parecia-lhe ter desperto de um sonho... Elle, que na vespera podia olhar toda a gente de frente, sem tremer, vergava agora a vista, cõrrido de vergonha... O que diriam d'elle?.

Ficava a pensar, cahido n'uma cadeira, ralado de desespero.

Honorina accordou, procurando-o na cama.

— Edmundo!... Já te levantaste? Que horas são?

Elle foi sentar-se na cama, perto d'ella.

— Estás triste, que é que tu tens? e passava-lhe as mãos pelo pescoço, chegando-o ao peito descoberto.

Edmundo beijou-a nos cabellos, longamente. Depois, olhando-a, os braços descansados nos hombros nús da amante, olhou-a cheio de tristeza, como querendo leval'a na vista, para uma separação eterna...

— Vaes para o Rio-Grande?

Elle disse que não, chegando-a a si, roçando a face nos cabellos soltos de Honorina..

— Mas, que tem, bemzinho? Estás tão triste!... Que mal fiz eu?

— Nenhum, socega...

Eram tão meigas aquellas palavras, mas escondiam ao mesmo tempo um desespero tão grande, que Honorina estremeceu involuntariamente.

— Tu tens alguma coisa, amorsinho... Diz, conta-me tudo...

Lembras-te do primeiro dia que nos vimos?

— Sim, se lembro...

— Desde então que eu vivo só para ti...

Ella debruçou-se nas travesseiras, envolvendo-o n'um grande olhar de paixão...

— Sim, eu sei o que tu queres dizer... Eu advinho... Tenho-te feito soffrer muito..., perdôa... Quando vens ter commigo, buscar um pouco de socego, de felicidade, encontras-me nervosa, má, para te dar ainda mais tristeza... Hontem ainda, eu não sei o que disse, vi que estavas chorando... Oh! verás agora, bemzinho...

E os seus olhos, meio accordados do somno, contemplaram-n'o, resplandecendo de desejos...

Fallava-lhe agora n'uma vida calma, cheia de amor, accendendo um cigarro, quasi nua, roçando-lhe quasi na cara o seio morno e perfumado.

Tinha promessas de grandes noites de goso... O passado não valia cousa alguma ao lado do que ella tinha ainda para lhe dar; sabia d'outras caricias, o seu corpo guardava ainda muitos segredos...

Envolta na fumaça do cigarro, agachada nos lençóes, o cotovello enterrado na travesseira, os cabellos n'uma rodilha, mostrava os dentes brancos, tinha risos, chamava-o creança, beijando-lhe os olhos...

Edmundo deixava-se ficar, rendido áquellas meiguices, mole, estendendo o braço á procura de um cigarro...

— Não está mais triste, bemzinho?

Chegava-se a elle, encostando o joelho nas suas pernas, passando-lhe a mão pela cabeça, inundando-o com a lascivia dos seus olhos enfeitados...

E no quarto meio ás escuras; na camada feita, na sombra embebida de perfumes pesados, ella entregava-se, fallando-lhe ao ouvido, segredando-lhe palavras viciosas, phrases de delirio, com caricias perversas, termos de femea amorosa, agarrando-lhe as mãos, escondendo-as dentro da camisa, entre os seios rijos e tremulos, fazendo-o respirar toda a sua carne de febre, estendendo-se como uma serpente, arredando as roupas, mostrando o corpo moreno, brincando com a ponta dos pés na renda do cortinado, com longos murmúrios de desejos, com pedidos entre dentes, os labios arripiados, seduzindo-o, supplicando-lhe coisas em voz baixa, toda agarrada a elle...

Mas vendo-o sempre triste, os olhos sombrios como poças, estremeceu, levantou-se, perguntando-lhe de joelhos o que tinha..., promettendo acabar de vez com as suas iras, as suas recriminações, as suas coleras...

Ella podia ainda apagar-lhe com beijos toda a lembrança dos dias tristes... Queria que elle a amasse muito, que elle a amasse sempre...

Edmundo abraçou-lhe o pescoço, ligando as mãos sobre aquelles cabellos desfeitos.

— Não, eu quero-te mesmo assim, assim como tu és... Os insultos como os teus beijos,

o teu odio como o teu amor, é isso a minha vida. Desde que venham de ti, que importa? E' a ti que eu adoro, injusta ou apaixonada, maldosa ou consoladora... Todo o soffrer de que és causa, não pagas tu com um segundo de carinho, um olhar de ternura?... O mundo nada me dá em compensação ao que me faz perder... E' preciso que tu sejas muito minha amiga... Ouves? Percebes? é preciso que me queiras bem... Não te posso dizer mais coisa alguma... Adeus... Até logo...

— Já vaes? E' ainda tão cedo...! São só onze horas... vê...

— Tenho que ir... Convidei dois amigos para almoçar...

— Não; tu tens alguma coisa, diz... O que te aconteceu?

— Nada.

— Nada...

— Teus olhos não enganam, bemzinho...

Fica hoje commigo...

— Não posso...

— Tu fizeste alguma coisa, meu bem!...

O que foi? Diz...

Edmundo poz-se de pé pallido.

Batia a porta. Foi abrir.

Ramalho de Alencastro, no corredor, de chapéo alto, sobrecasaca e luvas brancas, estava-o esperando.

Ninguém havia de dizer ao ver aquelle janota com brilhantes, quem alli estava escondido, n'aquella alma...

Edmundo estendeu-lhe a mão, pensando nos companheiros vendidos á policia por esse

homem, no tempo da revolta, nas noites de recrutamento, em que elle invadia as casas, armado, a roubar gente para os quartéis. Olhava-o todo chic, de flôr na botoeira e via-lhe no pescoço a cicatriz da facada de um capoeira.

— Eu desço já, vae tomando um vermouthe, enquanto esperas...

Honorina levantara-se. Edmundo ao fechar a porta deu com ella pallida, desconfiada, a olhal-o fitamente.

— Quem é esse homem, bemzinho ?

— Um amigo meu.. Convidei-o a almoçar..

E desviando a vista dos olhos receiosos da amante, foi buscar a bengala a um canto do quarto.

— Dá-me um lenço dos teus; o meu está sujo...

— Lenço é separação, Edmundo...

— Que tolice ! disse elle, tremendo sem querer...

Ella, sem uma palavra, trouxe-lhe o lenço,

— Até logo...

— E nem me dás um beijo?... Ah ! Edmundo, tu fizeste alguma... Esse homem, não sei porque, parece-me não ser, teu amigo...

No restaurante, Ramalho de Alencastro esperava-o, sentado a uma meza.

— Homem ! julgava que não vinhas... pensei teres ido embora...

Edmundo trincou os beiços, sem responder, e teve que o aturar durante todo o almoço, dando-se ares de senhor tratando um creado descontente das comidas, regeitando o pão—só comia pão bem tostado, mandassem comprar, se não tinham,—insolente, fallando alto, mostrando-lhe o recibo e a carta...

— Trouxe para te entregar... quando receber...

— Sim... Eu vou ao editor buscar dinheiro...

— Vou comtigo...

Edmundo sentia o suor descer-lhe ás fontes. Pensou por um momento em ir pedir uma joia a Honorina, para empenhar... mas a sua ingenua bondade de creança expulsou logo da mente tal ideia. E era a unica que o podia salvar da vergonha, lembrava-se elle... Sim mas até alli, caminhando ás cegas, aos encontrões, de leviandade em leviandade, a sua consciencia podia ainda adormecer tranquilla. Se elle tinha pedido emprestado um dinheiro que não podia agora pagar, não o fizera com mau intento, e a prova é que deixara documentos terriveis entre essas mãos que lhe haviam dado o dinheiro... Esses papéis representavam em poder d'esse homem nada menos que a sua honra, o seu character, a sua vergonha... E como rehavê'os? Porque é que justamente o seu futuro tinha ido parar á mercê de alguem indigno de taes depositos?..

Era preciso que estivesse completamente alienado para assim ter entregue o nome e a dignidade nas unhas de uma creatura que

custumava a mercadejar com especiarias semelhantes, depois de ter vendido a sua ração de consciencia e honestidade... Aquelle homem podia dar o destino que quizesse a esses papeis firmados pelo seu nome, desde que elle os não resgatasse...

E não valiam assim tão pouco esses papeis !...

Hororisava-se só em pensar em tudo isso, e precisava apparentar tranquillidade, ter um sorriso, um ar despreoccupado, para não levantar a minima suspeita, para que esse homem não o chamasse alli mesmo de trahente...

Era para desvairar, para o deixar doido...

Pensava em Deus, esperando ainda qualquer coisa do accaso...

Sim, porque aquelle recibo, onde elle empenhára a sua palavra, esse papel que valia nem mais nem menos que a perda da felicidade, do futuro, dos amigos, esse papel que se podia converter n'uma bofetada, representava apenas para Ramalho de Alencastro uma quantia....

Nas mãos de outro qualquer seria a abdição d'um character e como tal sagrado. Quem não se sente capaz de fazer mil sacrificios para resgatar a honra perdida, a honra captiva a uns miseros patacos?

Mas isso teria rasão de ser para qualquer que soubesse aquilatar a honestidade e a honra... Aquelle homem ignorava o que aquillo fosse...

Edmundo via-se esmagado por uma fatalidade a toda a prova...

Fôra ella quem encaminhara os seus passos até aquella armadilha... Que mal lhe podia advir o demorar mais um dia, dois, tres, o pagamento de uma conta da amante? Mas a sua má sorte empurrara-o aos ponta-pés, sentia-se perdido sem remedio...

Tres vezes esteve para fallar, pedindo uma demora, lhe concedesse um dia para comprar a posse d'esse recibo, mas das tres vezes a palavra recuou na garganta e a consciencia impediu-lhe de supplicar tal coisa...

Fazia o possivel por serenar, fazer entrar a ordem, a calma, entre o alvoroço e o desvairamento do seu espirito, e perguntava: E' possivel pagar d'aquí a uma hora es-e dinheiro? — Não, não tinha onde ir buscar em tão curto prazo — Então porque o pediste, se sabias que te não era possivel pagar? — Eu contava fazel'o, julgava ser satisfeito o pedido da minha carta ao editor. — Tinhas a certeza d'isso? — No momento em que, sem pensar no que fazia, ousei pedir emprestado esse dinheiro, tinha a certeza,

Como o provas? — Se assim não fosse, como explicar o ter passado um recibo que valia todo o meu futuro? um recibo em que dava em troco de dinheiro o nome, a honra, a vida? — E contas pagar esse dinheiro? — Sim —,

Com que? — Com a minha mezada, que devo receber por estes dias. Demais o meu

correspondente dar-me ha dinheiro n'uma circumstancia d'estas. —

E d'esse dialogo mudo, concluia que a sua consciencia devia estar tranquilla.

Repellia toda a ideia de pedir um annel ou uma pulseira á amante. Nem siquer algumas d'essa joias que lhe dera. Não se queria des-honrar á sua propria vista.

Valia ainda mais o opprobio dos outros que a repulsa de si mesmo.

A consciencia ainda erguia um facho de esperanza em toda a treva em que se debatia, e foi com um sangue frio inesperado que, ao esgotar o copo de vinho, pensou na morte.

Até ao fim do almoço, conservou-se som-brio, respondendo distrahidamente as perguntas que se lhe faziam.

— Então vaes receber muito dinheiro, hein?

— Algum, com que te pagar isso...

— Sim, mas com os moveis...

— Posso arrepender-me ainda de lh'os ter comprado... Creio que estão em seu poder...

Ramalho de Alencastro olhou para elle, espantado...

— Sim, eu apenas lhe devo a miseravel quantia de cento e cincoenta mil reis... Bem vê não ser preciso muito dinheiro para pagar-lhe a minha divida... Mas socegue ; se não for hoje mesmo, amanhã ou outro dia, eu comprarei os moveis, cumprirei a palavra dada.

Até que emfim !

Sentia-se com forças, capaz de correr com esse homem, que parecia abusar d'elle, por ter no bolso da sobrecasaca um pedaço de

papel escripto por seu punho. Revoltava-se interiormente contra essa cega injustiça da sorte.

Parecia-lhe impossivel cahir tão baixo, sob taes tacões.

Julgou de encontrar um amigo na rua a que pedir a quantia, e esteve mesmo para fazer esse pedido ao proprietario do restaurant, o qual lhe não negaria tal favor...

Mas a fatalidade quiz que assim não fosse, desviou-lhe todos esses recursos, e elle deixou-se assim, um a um, com mil escrupulos de consciencia.

Sahiram os dois para rua. Alencastro contava casos d'infancia, fallando da Viscondessa sua mãe...

Edmundo sentia-se como que embriagado, tolhido de pensar, lembrando-se só das ultimas caricias de Honorina, e da sua phrase agourenta de feiticeira : — Lenço é separação...

E para duvidar chegava esse retalho de seda as narinas, absorvia-o com o seu forte odôr de heliotropo branco, o perfume predicto da amante.

Entraram os dois no Paschoal para tomar um licor.

Edmundo tremia. Foi espiar n'um jornal algum conhecido.

Perguntou pelo Emilio, ninguem lhe dava noticias...

— Espera-me aqui um pouco, enquanto eu vou ao editor...

— Não, não, eu vou contigo, o que é que tem ?

— Mas...

— Qual historia... A não ser isto tudo um conto do vigario ..

A pobre creança estava n'uma tortura... Pensou em contar-lhe tudo em mostrar-lhe a inesperada respota do editor á sua carta..., mas tambem não queria ceder um passo á desconfiança de Alencastro.

Aquella confissão de nada lhe valia, tinha a certeza. A's primeiras palavras ressaltaria a mentira... Elle asseverára na vespera que tinha a receber dinheiro, isso que dissera tinha-o mesmo escripto.. Seria preciso contar uma longa historia e as desculpas só se toleram em tres palavras... Tinha o receio de o ver sorrir, incredulo, á primeira phrase, e não ter coragem de continuar.

Viu o irremediavel de sua situação... Accudiu-lhe n'esse instante uma ideia, a unica salvadora, a derradeira esperança a que lançar mão : ir á casa do correspondente, trazer o dinheiro... Mas era preciso ir só, esse homem não o deixava, como um policia atraz de si...

— Vamos engraxar as botinas ?

— Vamos, sim...

Era com certeza Deus que vinha em seu auxilio.

Quando o viu sentado, pretextou ir comprar um jornal.

Voltou a esquina, tomou um tilbury, mandou tocar a toda a pressa para a rua Primeiro de Marco.

— Ó senhor Antonio ?

— Deve chegar depois d'amanhã de São Paulo.

Estava perdido sem remissão.

Como um doido, seguiu em direcção ás lanchas Ferry, para se deitar ao mar...

D'ahi a minutos o seu nome estaria na bocca de toda a gente... Esse homem pensaria que elle tinha fugido, para não pagar... Ao meio do caminho de Nictheroy quiz voltar, rangia os dentes, teve que trinçar o lenço para não soluçar alli, á frente de todos, como uma creança...

Perguntava porque os outros pareciam tão felizes, quando elle era tão desgraçado, e o que mais o affligia, o que, mais do que tudo o desesperava, era o não se julgar culpado, o imaginar-se incapaz de uma tal infamia, de uma tal acção. .

Iam chamal-o de gatuno, nos cafés, nos jornaes, pelas ruas, por toda a parte... Ramalho de Alencastro tinha-lhe fallado em conto do vigario... Assim, Pae do ceu! iam julgal'o um larapio... um ladrão...

Ah! como se arrependia da arrogancia de outr'ora, esse desprezo com que tratára tanto infamado, talvez tanto innocente como elle, victima da má sorte, do destino cego, e implacavel... Ahi estava elle, commettendo uma acção de castro policial, n'uma inconsciencia, n'uma leviandade, por uma serie de fatalidades inexplicaveis... Promettia se nunca mais em dias de vida accusar quem quer que fosse...

— Tinha apprendido á sua custa e bem dolorosamente, ai d'elle! Vira Julião, essa alma mais candida do que os tres annos de uma creança, esse coração maior que o do mais resignado dos padres, envenenar-se de desgraça, damnar-se como um cachorro apedrejado, revoltar-se contra a felicidade dos outros, rangendo de inveja, allucinado de raiva, vingar-se na sua pobre mãe, porque o julgava feliz com uma mulher... Sim tinha visto um amigo, o mais estremecido de todos, descer á infamia para apanhar uma pedra, para a lançar ao mundo, n'uma bravata hedionda... Tinha visto este pobre amigo baixar da solidão do seu sotão para vir cair bebido na calçada... Vira voltar-se contra si a « vendetta » d'esse infortunio... e perdoava-lhe sim, perdoava de todo o coração, aquella punhalada vibrada ao peito de sua mãe pelo seu unico amigo, porque percebia bem n'esse braço perfido, indigno e traçoeiro, toda a allucinação da miseria, toda a cegueira da desaffronta...

Enem ao menos aquelle infeliz se tinha vingado na felicidade... Fôra ferir uma velha innocente julgando pagar-se assim n'uma fortuna que ria ao lado da sua indigencia... Mal sabia Julião que essa fortuna era de lagrimas. que essa felicidade vinha cair na bocca do mundo, reduzida a um conto do vigario...

Em Nictheroy deu em caminhar ao accaso, precipitadamente, como fugindo. Chegou assim, ao escurecer, a meio de uma estrada.

Sentou-se, deixou-se cahir, sem poder dar mais um passo. Voltou para a cidade, sem saber para onde ia, para se entregar...

No largo do Paço encontrou Emilio, que vinha de jantar no hotel de França...

Contou-lhe tudo, n'um portal, arrastou-o até ao mercado, levou-o para perto de um candieiro, para que o visse chorar.

Emilio escutava, pasmo, sacudindo-o, dizendo-lhe apenas a momentos: — Estás doido?...

Edmundo, pallido, os olhos fundos, as roupas sujas de pó, soluçava, torcendo as mãos, desesperado, abatido, vergado por esse dia inteiro levado a andar, a andar, a andar...

— Mas é bem verdade, isso tudo?

— Oh! se é verdade!... Não me perguntes, meu amigo...

— Ouve, Edmundo, eu não tenho dinheiro...

— Nem eu...

Ficaram os dois parados, mudos, em frente ao mar. A espaços um soluço vinha morrer nos labios de Edmundo.

— Não conheces ninguem, fóra d'aqui?

— Para que?

— Nem eu sei... E's ainda meu amigo? Emilio apertou-lhe as mãos.

— Estás com febre...

— Que importa?...

Enxugou as lagrimas áquelle lenço dado por ella, áquelle lenço perfumado, o lenço da separação.

— Vae á cidade, á rua do Ouvidor, Emilio... Pergunta por mim e volta... Eu espero-te aqui... Sento-me n'este degrau... Vae depressa...

Emilio viu-o esconder a cabeça vergada nas mãos e afastou-se.

Quando só, Edmundo ergueu-se, atravessou o largo, fallando só, as mãos pendentes, caminhando a custo em passos tropegos, de aleijado.

Entrou no becco da Fidalga, subiu os tres andares da casa do Julião, indo bater á porta, entrou.

O luar coado pela vidraça inundava o quarto, desde a cama, desfeita, até a mesa onde rolavam os livros, fechados havia muito tempo. Dobaixo da cadeira estavam tres garrafas de cognac vasiaes e em cima do lavatorio, uma de cachaça pelo meio. Os estojos de dissecação, todo o arsenal de anatomia, que tinha custado tantos sacrificios ao estudante, tinham sahido para as casas de prégo.

A caveira estava atirada a um canto e uma aranha tinha feito a teia entreos queixos desse craneo. Edmundo apanhou-a.

A lua batia n'esse caco de gente, n'essa casca dura como pedra, que já contivera um pensamento, onde já morára um espirito. Edmundo estava tão livido como a caveira. Olhavam-se os dois. A caveira parecia rir pelas chanfraduras nasaes, nas fossas cavadas das orbitas, arreganhando os dentes, os incisivos, os caninos, os queixaes, as maxillas rasgadas até ao condylo. Era medonha

assim, essa caveira, por ventura talvez de uma mulher bonita ou de um desgraçado, ou de um feliz, quem saberia dizel-o? N'aquellas orbitas escuras, vasias, despejadas pelos vermes, pelas larvas, pelas toupeiras, existiram uns olhos que viram o mundo... Que julgamento teriam elles levado para a cova! Que pensamento preoccupára por derradeiro aquelle craneo? Qual teria sido a ultima palavra d'aquella bocca aberta, escancellada, entre as duas maxillas?

Edmundo, encostado á meza, olhava tristemente essa caveira...

Se fosses minha, eu saberia responder a todas as perguntas que me assaltam... Estas arcadas, estes tumulos saqueados onde arderam os olhos, estas fossas teriam guardado um olhar sempre vergado sobre a maldade e a infamia dos homens... N'esta caverna amarella de osso teria reboado no derradeiro momento uma ideia terrivel, uma horrenda e tenebrosa maldição...

Nesta bocca teria sido despejada a ultima praga de uma alma, emfim livre da carne...

—Ah! se tu fosses minha, misera caveira esse teu riso seria uma gargalhada á face dos homens...

—Depois de ôca estás cheia de philosophia, anonymo despojo de um homem!... Para que abrigas-te tu, osso, os martyrios, as lagrimas, a dor, o soffrimento, a alegria de uma creatura, se tudo tinha de acabar nesse aleijão mudo, distorme, horrendo e nullo?

E Edmundo deixou cair no chão a caveira, que rolou no soalho, surdamente. Sentou-se à mesa, escreveu n'uma folha de papel : « Não te quero mal pelo mal que me fizeste. Não invejes ninguém, sempre hasde encontrar alguém que te inveje a ti. Eu, por exemplo, chego a invejar esta caveira que ahí está no chão ».

Assignou, largou a penna, sahiu do quarto desceu lentamente os tres lances d'escadas e foi esperar o amigo, sentado na pedra, no caes, a cabeça de novo escondida nas mãos.

Não esperou muito tempo. Sentiu tocarem-lhe no hombro, levantou a cabeça.

—Tens ordem de prisão, precisas sahir immediatamente do Rio..

—Já sabia...

—Quanto dinheiro tens?

—Treze mil réis...

—Má conta...

Edmundo sorriu... Lembrava-lhe a historia do lenço.

—Vamos tomar um bote...?

—Para onde?

—Para a ilha do Governador... São oito horas; ás nove estamos lá. .

Edmundo deixou-se levar-se n'um bond até o largo da Imperatriz...

Ouviu fretar um bote para o Zumby. Sentaram-n'o; o remador pegou nos remos e o barco afastou-se.

Emilio parecia dormitar, cabeceando a cada movimento do bote nas vagas.

Edmundo pensava no futuro... Os seus olhos só alcançavam o cemiterio... Via um vulto debruçado sobre uma sepultura, de joelhos, rezando... Era a mãe...

Aquella viagem pela noite dentro, sobre o rumor das ondas, parecia-lhe o enterro da sua vida, entre o murmúrio do mundo...

A lua illuminava toda a bahia, como uma lampada suspensa sobre um palco. Os navios estacavam na claridade, estendendo a sombra dos mastros nas agoas.

Toda a luz gera uma sombra. Assim a alegria é seguida pela tristeza, o noivado da viuvez, a felicidade da desgraça, o bem pelo mal. Inclemencia dos céus..., mysterio da providencia, esse da sombra consequencia da luz. Estava-se dando a mesma coisa com elle. A alma conservando-se branca mergulhava-o em treva.

Os seus amores iam dar na policia.

A meio do caminho, Emilio, levantando a cabeça, apontou na cidade um clarão e disse; —Um incendio...

Edmundo repetiu machinalmente essas palavras: —Um incendio..., e ambos recahiram no seu silencio.

O barqueiro começou a cantar. Os dois ouviam e olhavam-se de instante a instante, á lembrança desperta de dias alegres.

Até que ao longe avistaram-se umas luzes rindo ao luar.

Duas lanchas carregadas de telhas vinham da fabrica de Santa Rosa.

A olaria, a um debruço da ilha, despejava no luar uma leve mortalha de fumaça. A chaminé parecia um braço erguido n'um arremesso aos céus. Pequenas ilhas agachavam-se nas agoas claras, cobertas de palmeiras. Um casco de navio naufragado punha um risco preto rente á praia. Adeante uma capella em ruínas, bombardeada na revolta com a cruz de braços partidos, depois uma torpedeira encalhada, mergulhando toda a prôa no mar, e lá ao fundo, na areia branca umas catraias deante de umas casas, vinte ou trinta, a povoação de pescadores onde Moreira Cesar banqueteara a morte ao som da fuzilaria.

Emilio erguera-se, e apontando uma clareira entre o arvoredado de um monte, mostrou a Edmundo:

—Alli é que enterraram os mortos, no fim do combate...

—Sem uma cruz sequer?

—Qual! os tumulos da igreja encheram-n'os elles de excremento...

—Meu Deus!...

Ficaram os dois calados, dando-se as mãos.

A lua levantara o pannô das trevas ante aquella scena de theatro. O mar lambia a praia, n'um balbucio continuo.

Rêdes estavam penduradas em cercas enterradas na areia. Todas as casas, como um bando de garças entre o arvoredado, eram brancas, caiadas, N'uma sanfona soava uma modinha e uma voz ilhóa, rouca da maresia, uma voz de pescador, cantava a trova.

—Deve ser bem feliz quem aqui vive?...

—Parece-te? Olha bem lá ao fundo, a cova dos mortos... E' que tu não vistes como eu, os soldados saquear de casa em casa, e os pescadores, carregados de algemas, partirem chorando, vendo os barcos de pesca varejados pelas balas e as mulheres chorarem agarradas aos filhos...

—Assim não ha um canto do mundo onde tudo seja socego, paz, amor, felicidade?...

Não!... Nem no beijo de uma mulher, que é um sopro...

—E' verdade...

O bote atracava. Emilio desceu na ponte e estendeu o braço a Edmundo.

—Agora vamos...

—Onde?

—A casa de um revoltoso...

Emilio seguiu um atalho sombrio, entre arvores. Estavam já todas as portas fechadas. Apenas n'uma venda a sanfona acompanhava a trova do pescador.

Pouco a pouco a voz foi-se sumindo e tudo recahiu no silencio.

Andaram assim os dois quasi uma meia hora, n'um carreiro entre matto. Um cão ao longe latia. A uma volta o mar reapareceu, claro vincado por um sulco de luz cahido da lua, que subia lenta, cõr de phosphoro.

Atraz de uma cerca havia uma casa pobre de duas janellas.

E' aqui, disse Emilio, empurrando a cancella.

Sentado na cama, um homem de uns quarenta annos, moreno, de oculos estava lendo. Esse homem levantou a cabeça espantado, estendendo a mão a Emilio, que se voltara para apresentar o amigo.

O pequeno quarto onde se achavam, de paredes rebocadas, com dois trastes velhos encostados aos muros, era apenas alumado por uma candeia de azeite. Respirava-se a miseria d'aquella soleira para dentro. Edmundo olhava essa pobresa e esse homem abatido, que deixara cahir o livro nos joelhos... Estava descalço, enfiado n'umas calças de brim azul com remendos nos joelhos e uma camisa de algodão ..

Ouve Edmundo. Aqui onde o vês, o Castro foi o pae de todos estes pescadores... Estudou medicina para curar os pobres, pharmacia para dar os remedios... Aqui toda a gente lhe beijaria as mãos se elle deixasse... Um dia viu os soldados desembarcar na ilha, arrombarem as portas e roubarem as casas... Fez-se revoltoso... Hoje está pobre... Hasde estimal-o muito em poucos dias... Como vês ha muita gente que soffre neste mundo...

—E haverá alguém que não soffra?

—Ha gente para quem todos os castigos da terra são pequenos e que Deus reserva para castigar no outro mundo...

Fôra Castro quem fallara.

Uma creança rôta veio espiar á porta.

— Diz lá que façam duas camas na sala... e para aquecer o café.

— Os colchões são de palha, mas agora não tenho de outros, hão de me desculpar...

— Bem vez que não fui bater a outra porta, vim direito á tua... Mas deixemos isso de parte, para logo . . Tu agora o que fazes ?

(Os olhos de Castro tremeram. Edmundo fitava-o, cheio de veneração, attrahido por uma sympathia immensa áquelle homem tão resignado ao peso da desgraça.

— Agora estou cavando casca para vender á fabrica de cal..

- Tu ? um medico ?

— Não, um pobre... E depois, cada um trabalha como pode...

A creança tinha entrado e foi encostar-se ao pae.

Castro passava-lhe as mãos pelos cabellos, acarinhando-o, e no seu olhar tão calmo e tão sereno, Edmundo cuidou ver uma lagrima tremendo.

No dia seguinte á tarde, Emilio partiu para a cidade, levando uma carta de Edmundo para Antonio do Couto.

Emilio prometeu voltar no dia seguinte na lancha das cinco horas...

Edmundo tinha passado toda a noite com febre e accordou escarrando sangue.



XVII

Castro acompanhara Edmundo até ao Zumby.

Eram cinco horas e já ao longe, atraz do monte subia a fumaça da lancha.

Na praia, um casamento esperava a chegada do escrivão, que tinha ido à Capital. A noiva, uma rapariga branca, de olhos negros, magra e linda, estendia o pescoço, impaciente, ao lado do noivo, um latagão, um pescador queimado pelo sol e pela maresia, de cabellos ruivos e um olhar manso de gai-vota.

Atraz, os velhos sorriam felizes, fallavam aos conhecidos, estendiam as mãos a toda a gente.

Tinham vindo da Freguesia, a pé, depois de terem casado os filhos na casa do Senhor, e pareciam perguntar para que servia isso de escrivão e juiz de paz em negocios de amor, abençoados na igreja aos pés do padre, nos degraos do altar...

Edmundo subira a golla do casaco, transido de frio...

Aquella lancha que lá vinha cortando as aguas com a sua prôa pintada de verde, o que traria ainda ella de horrivel ao seu martyrio?... Uma consolação, um abraço amigo? ou uma recriminação, mais um ultrage, mais uma dose de desespero, de soffrimento, de dôr?

E tremia, sentindo as forças abandonal-o, sentindo bem que já não podia mais e cahiria alli sobre uma nova desgraça. . .

Para essa gente tão simples, tão feliz, para esse casal tão alegre, sabia elle que n'essa barca vinha a realisação da sua felicidade... Seria possivel que o infortunio acompanhasse a bôa sorte?

A lancha approximava-se cada vez mais.

Distinguiu uma farda já ré, entre um grupo de homens.

Edmundo fechou os olhos, estendendo já as mãos para o prenderem.

Viu d'um relance a policia, os interrogatorios, a casa de correção. . .

Mas o que tinha feito elle? Que crime commettera?

Ficou hirto, sem dar um passo o coração parado, como se estivesse á borda de um abysmo e bastasse abrir os olhos para se precipitar, tomadode vertigem... N'esses minutos de angustia viveu elle dez annos.

Ouvio o ruido da lancha que estacava... Abriu os olhos á procura de Emilio...

Alguem lhe entregou uma carta... Comprehendeu que era forçoso partir...

Despediu-se do Castro, abraçando-o, com os seus olhos marejados de lagrimas.

— Então já vae?

— Já sim, adeus...

E ficou de pé na pròa, olhando a branca povoação de pescadores, a vista embaciada, as mãos tremulas, seguindo de longe aquelle casamento, aquelle punhado de gente, destinada por Deus a ser feliz.

Não tinha animo de abrir a carta, que elle conhecera ser do amigo. O que diria aquella folha de papel?

Fizera mal em não a ler antes de embarcar... Quem sabe, se era exactamente para tolher essa viagem que Emilio lhe escreveu?

As mãos cahidas, angustiado, senti um desespero, a caval-o por dentro, uma duvida horrenha a quebrar-lhe a cabeça, parecia-lhe abrir se a seus pés um cova, e que, o enterravam vivo, calcando por cima a terra com as costas de uma enchada.

Levantou os olhos, pregou-os n'essa casinhola onde agonisara as mais tremendas horas da sua vida... Aquellas paredes tinham ficado impregnadas do seu desespero, da sua dôr, do seu martyrio...

Então deixou-se cahir no banco, rasgou o envelope que deitou ao mar, e leu esta carta:

« Logo que cheguei soube que tinha intimação da policia para dar explicações sobre um tal Edmundo de Souza, que escravia nos tornaes !

« Corri immediatamente á primeira delegacia, onde me enterrogaram longamente sobre a tua vida, mas comprehendes que as minhas informações, sinceras, leaes sem dissimulação, sem mascara, só conseguiram desnortear-os na opinião que parece faziam de ti. Exigia-se de mim saber onde tu estavas para se fazer effectuar a ordem de prisão.

« Declarei que não sabia, e que mesmo que o soubesse, de modo algum seria um denunciante. A minha resposta exasperou-os.

« Uma carta tua, (entre parenthesis) cheia de erros de orthographia,—a prova mais cabal de uma falta de brio nunca vista, ou de um estado cerebral pungente e por isso desorganizado, achava-se sobre a mesa. Roubei-a.

« A' noite alta fui a casa de teu correspondente.

« A cidade cheia da tua vergonha; eu mesclado a tudo isto como Pilatos no Credo... Não me defendo...

« Os teus amigos ou «pseudo» teus amigos, a darem-me parte na responsabilidade de teus actos.

« Francamente estou cheio...

« Venho de impedir em tres jornaes «apedidos» que te cobriam de ignominia, em que se folgava da tua desgraça...

« Chego n'este momento, extenuado, louca de cansaço, maldizendo a hora em que tu affeição se me entranhou n'alma, abandonando por ti amigos tão leaes, tão sinceros tão

honestos... E no entretanto, apesar de tudo eu tenho a insensatez de gostar muito de ti.

« Assim, alliviando-te da rêde das acusações de todos os labéos, com que os teus inimigos tinham forjado a perdição do teu nome, «soulagé» d'essa grande afflicção, respiro, como se de novo te houvesse encontrado puro aos meus olhos, «sans tachè», como no primeiro dia em que te encontrei...

« Junto um cartão do Snr. Antonio do Couto.

« Abraça-te, pobre Edmundo, o teu

Emilio de Alcantara.»

O cartão dizia apenas:— «Comprei passagem para o Rio Grande, paguei ao Ramalho de Alencastro. Vem já para casa.»

Quando acabou de ler viu uma lagrima cair em cima do seu nome. Julgou-se doido. Passou as mãos pelos olhos para se certificar de que não estava chorando. Um outro pingo d'agua cahiu...

Não era d'elle que desciamas lagrimas, era do céu que tombava a chuva...

A tosse abalava-lhe o peito, rasgando-lhe lá dentro qualquer coisa.

O norueste vergastava-lhe a cara roxa de frio.

Passou os olhos pelo mar, pelo céu, e arripiou-se dos pés á cabeça...

Ao fundo do horisonte, além, ao cabo da

bahia, o sol desaparecia entre nuvens, já sepulto a meio n'um roldão negro... E esse sol côr de lava, vermelho como a brasa, cortado por um listrão negro, parecia, era mesmo uma caveira, uma cabeça de morto, um craneo arreganhando os dentes, rindo-se delle, como um jogral mandado por Deus para lhe mostrar a sentença fatal...

Cahiú com a cabeça entre as mãos, assombrado, louco...

A cidade avançava a olhos vistos, crescendo no mar. A chuva obscurecia o céu... O vento fazia jogar violentamente a lancha.

Os navios de guerra accendiam os pharões, e de todos os lados surgiam luzes, cravejando as duas cidades, Nictheroy estendida na sombra e o Rio de Janeiro erguendo a dois passos as suas torres, o zimbório da cathedral, a mancha negra das casas.

Sem saber, vendo os outros saltar, achou-se no cões das Marinhas, em frente ao largo do Paço.

Caminhou ao accaso, pela chuva, enterando os pès nas poças d'agua.

Lembrou-se que tinha fome, comprou um pão e foi comer para um portal, no escuro. Sentia-se enregelado até os ossos. A tosse esgaçava-lhe o peito.

Teve medo que o encontrassem no meio da rua, assim alagado e esfomeado.

Desandou a caminhar, rente ás paredes, para alcançar um bond, mas já sentado, viu que só tinha um tostão e a passagem era de duzentos réis.

Cada vez chovia mais. Relampagos corriam os céus negros. Trovões tripudiavam sobre as nuvens, esfarrapando-as, rasgando-lhes o ventre, de onde sangravam raios lividos de luz.

Quando chegou ao Campo de Sant'Anna, Edmundo tinha toda a roupa trespessada pela chuva. Batia o queixo, os dentes estalavam uns sobre os outros. A tosse empurrava-o sempre, como um frangalho para a sepultura... Nas suas faces alagadas desciam lagrimas, e ia assim curvado, offegante, correndo quasi, agarrando-se no mangue ás grades do canal, arredando-se dos policias, tremendo até os ossos, gaguejante, murmurando destroços de orações, como um ebrio, tropeçando nas juntas da calçada, sempre á direita, sem parar, até ir ter a estação dos bonds, exhauto, com o nikel apertado na mão, sentindo sempre no peito uma lucta, uma convulsão, como se lhe estivessem escorchando qualquel coisa no fundo da caverna do peito, alguma coisa que elle sabia bem ser a sua vida, a sua vida que estavam a garrotar, a estrangular, a esganar...

Esteve á espera do bond, quasi uma meia hora.

Passavam-lhe pela lembrança bando de dias tristes... todo um passado de dias sinistros precipitando um vôo para aquella noite suprema, onde sob ostrovões e os relampagos, elle sentia acabar-se-lhe a sua existencia...

Emfim chegou á casa, avistou a morte a

seguir-lhe os passos na sombra projectada pelos reverbéros.

Encostando-se a parede, depois ás arvores chegou ás escadas, sem forças para subir, deixando-se allí ficar, á chuva, ao vento, assentado na lama.

— Senhora Maria!..., gritou elle em voz sumida... — Senhora Maria!...

Vendo que não lhe respondiam, pensou que a casa estaria abandonada, que se tivessem ido embora d'alli para o não receberem.

Quasi de gatinhas, soluçando, trepou os degráos... Arrastou-se na varanda, foi cahir de encontro a porta do quarto, ouvindo vozes...

O negociante e a criada correram com a vella, áquelle baque de um corpo, rente á porta

— Sou eu, Antonio... Senhora Maria, sou eu..

Sentiu que o apanhavam, lhe despiam as roupas enxarcadas...

— Edmundo! Que é isso...? Accorda...

— Senhor Edmundo!

Elle abriu os olhos, tornou-os a fechar, sem uma palavra.

A cabeça cahiu-lhe sobre o peito a que levou as mãos ambas, batendo os dentes, os cabellos empastados de chuva, o corpo a escorrer...

A creada encostou-o no divan, rasgou-lhe a camisa, arrancou-lhe os sapatos, as meias, embrulhando-o n'um cobertor...

—Preciso descansar, murmurou elle sem levantar os olhos...

Deitaram-n'ô.

Edmundo ardia em febre, agitava os braços, arredando visões no seu delirio... Pedia a carta, que lhe trouxessem a carta!...

Injuriava-se, debatendo-se debaixo dos lenções, abalado de tosse, as palmas e as fontes alagadas.

O negociante procurava consolal-o... Quem não tinha feito a sua doudice, nos bons tempos de rapaz? Quem não pagára já esse tributo de mocidade? Se elle tivesse mais dividas, pagavam-se... Não era caso para se desesperar assim, o dever dinheiro...

Edmundo fitava-o com os olhos espantados, fallava na policia, na casa da correção, vertendo lagrimas, tremendo de medo...

Agitava-se na cama, descobria-se, atirava a roupa...

Sentia um inferno dentro do peito... Escarrava no soalho, nas travesseiras, na camisa, os cantos da bocca ensanguentados, e lagrimas como punhos saltavam-lhe às faces dos accessos, de tosses, rouca como um rônno de mastim

Mandára-se procurar o medico a toda a pressa, mais antes d'elle chegar a hemoptyse galgou do peito, em golphões escarlates.

Fizeram de novo a cama, e deixaram-n'o adormecer mais tranquillo, prostrado, sem forças para gemer sequer.

Durante toda a noite o medico velou, temendo uma outra hemoptyse que asfixiasse o enfermo.

Era desesperador o seu estado. Tinha sobrevivendo uma pneumonia, os pulmões já cavernosos não lhe poderiam aguentar.

O desenlace era fatal, mais dia menos dia.

Antonio do Couto mostrava-se afflicto, com medo que Edmundo lhe morresse em casa, sem tornar a ver a mãe.

Pensou em telegraphar á pobre senhora, prevenindo-a, pedindo-lhe que viesse..., mas de manhã o doente accordou, bem disposto muito fraco, pallido, olhos amortecidos porém quasi sem febre...

Sentaram-n'o, encostado a um monte de travesseiras, amparado pela creada.

O medico abriu-lhe a camisa, apalpou lhe o peito, batendo as costellas com a cabeça do dedo...

—Não é ahi senhor doutor, é aqui. .

E apontava o coração...

—Está cheio de vergonha, envenenado, sinto que vae cahir pôdre cá dentro, que vae rolar até ás tripas, todo trespassado...

—Qual! Morre-se lá na sua idade! Levante a cabeça, isto não é nada...

—Doutor, eu quero morrer... Deixe-me morrer, meu amigo...

—Hade ser quando Deus quizer, senhor Edmund...

Aquella resposta deixou-o n'uma melancolia profunda, durante todo o dia, os olhos pregados nas vidraças, veudo o jardim.

Só desviava d'alli a vista quando lhe davam os remedios.

Tinha crizes de choro, agarrando as mãos da velha creada, encostando-se ao seu hombro, murmurando-lhe ao ouvido, n'uma melopéa triste e desvairada, um «obrigado» eterno...

Depois voltava á sua muda contemplação, immobil, olhando as arvores, os montes, os céus azues.

De um quintal visinho partia de quando em vez o «méo» de uma cabra. Os passaros vinham pousar na varanda, nos galhos da madre-silva...

Edmundo olhava os passaros e via-os partir veando...

Lá em baixo na cosinha, o canario da senhora Maria cantava...

Até que o sol baixou, como uma illusão doirada, deixando a lua subir ás seis horas da tarde ao toque das Trindades...

Duas lagrimas começaram a escorrer pelas faces cavadas de Edmundo...

Alta noite, a creada ouvindo-o fallar, aproximou-se do leito, descalça..., mas ficou parada, escutando-o murmurar no somno,

n'um chamado meigo, enfraquecido como um sopro, brando como uma supplica: Mamãe!... Mamãe!... Mamãe!...

Ao outro dia Edmundo pediu para que mandassem prevenir Emilio... Queria despedir-se d'elle...

Esperou até anoitecer, sem que viesse ninguém.

O correspondente, vendo-o melhor, des-cera á cidade logo depois da visita do medico... Não sobrevindo uma outra hemoptyse, talvez que o pobre tísico se pudesse ainda levantar para ir morrer mais longe, ao lado da mãe... Mas tudo isso era uma esperança de desesperado, o medico julgava quasi um milagre a sua cura, se ella acontecesse... Aquellas mel-horas eram enganadoras, falsas, um ultimo e mais forte clarão de sol antes do descer inquietante das trevas...

Poupassem-lhe sobretudo a mais leve das contrariedades, a mínima das dôres... Arredassem da sua pobre vista tudo o que podesse lembrar-lhe o passado de hontem...

Edmundo passava os dias em silencio, gaguejando ás vezes monosylabos que ninguém comprehendia... Afastava os caldos, o leite, era preciso supplicar-lhe mil vezes repetidas, para conseguirem vel-o engulir duas colheres do caldo ou dois tragos de leite...

Só a velha creada não tinha esperanças de o ver arribar...

Sempre de guarda, tinha tido occasião de contemplar aquelle mutismo, aquelle sorriso amargo, aquelles olhos sempre perdidos ao

longe, obscurecidos por um pensamento fixo, de manhã á noite...

Ella sentia-o morrer aos poucos, de hora em hora, no seu silencio, na sua melancholia, nas suas lagrimas, nos seus suspiros...

Quando a velha se ajoelhava aos pés da cama, Edmundo pousava a mão descarnada nos cabellos brancos d'essa santa, fitava-a dolorosamente, abria a bocca para fallar mas não dizia nada por fim... Retirava a mão, escondia-a debaixo dos lençoes, recahia na sua immobilitade, olhando o jardim sorrindo...

Quantas vezes a creada chegava perto d'elle para lhe perguntar o que queria!...

Ah! não era preciso mais do que vel'o assim meditativo, sombrio, movendo os labios em palavras sem voz, para perceber que elle queria alguma coisa!...

Mas o que? o que?... A velha quedava-se a pensar, por longas horas, e padecia por não ter ainda comprehendido o mudo desejo d'aquelle olhar tão triste, tão pungente, tão inundado de de-graça...

Até que uma tarde, quando entrava com o caldo, Edmundo fez-lhe signal que lhe queria fallar...

A velha sentou-se na beirada da cama.

O Edmundo de agora era apenas uma sombra d'esse outro, que n'uma noite d'inverno fôra jurar amor a uma mulher, entregar-lhe os vinte annos, com as illusões ambicionadas e as esperanças contadas ..

Livido, os seus grandes olhos negros eram

apenas duas manchas na pallidez do rosto onde até os labios tinham embranquecido.

A voz era pèrra, soava falso, como moeda de chumbo.

— Alli, disse elle, n'aquella gaveta, estão duas cartas...

— Quer que eu lh'as traga, não é?

Elle disse que sim, fechando os olhos...

A velha abriu a gaveta, tirou dois enveloppes dirigidos a Edmundo e ainda por abrir. Conheceu serem duas ultimas cartas da mãe, chegadas haviadias, e que elle tivera até mêdo de lêr...

— São estas? Quer que eu as abra?

— Sim...

A creada rasgou os sobscriptos, desdobrou as paginas.

— Deus lh'o pague...

E a sua mão tremula agarrou aquellas derradeiras palavras que a mãe lhe dirigia. Fez um esforço para sentar-se, mas ainda a vista não tinha percorrido duas d'essas linhas, e já um soluço cavo o obrigava a descer a cabeça.

A tosse estremeceu-o todo. Fugiu-lhe a carta das mãos, levou o braço á altura da bocca para impedir o vomito, a cabeça rolou nas travesseiras, ficou pendente da cama, pingando sangue no tapete...

O medico deu-lhe tres dias de vida. O arsenico em grandes doses só conseguiu arrancar-l'o ao marasmo em que cahira. Não teve mais uma hora de socego e de calma... Sob

a acção violenta dos remedios, sentava-se na cama, queria ver todas a seu lado, pedia que lhe abrissem as vidraças, precisava de respirar, suffocava arranhando a garganta, desviando as roupas de cima do peito.

As inalações eram já escusadas, nada restava a fazer, senão esperar a morte...

No acabar o quinto dia, a creada espantou-se de o ver voltar a si, sentar-se na cama, aconchegar as travesseiras... Pediu um caldo, tinha fome... Mandou accender o candieiro, não queria estar ás escuras...

Antonio do Couto, ao entrar, teve uma grande surpresa, ao ver Edinundo deitado no divan, lendo um jornal.

— Estás melhor?

— Emquanto a Maria faz a cama...

— Mas como podeste vir deitar-te aqui?

— Ella trouxe-me ao collo...

— A senhora Maria?

— Pezo tão pouco Antonio...

— Sentes-te bem, então?

— Sim, sim... Ouve, conta-me alguma coisa lá de fóra... O que dizem de mim?

— Não sei... Essa gente que tu conheces, e que te conhecia, não a conheço eu...

— E o Emilio, porque não vem?

— Escrevi-lhe, dizendo que estavas doente.

— Não disseste que estava para morrer?

— Eu lá podia dizer semelhante mentira?

— Mentira?... E os olhos de Edmundo elevaram-se ao céu...

— Mentira?... Julgas então que eu não sinto? Dentro de mim ha uma voz a dizer-me

tudo... Depois d'amanhã morro..., vaes ver...

— Oh! Edmundo...

— ... socega... Diz-me ainda uma coisa..., promettes?

— Não sei o que é....

— E' o meu ultimo pedido, o ultimo ou wiste?

— Mas....

— E' um pedido de moribundo, Antonio... Ah! não digas que não..., só eu sei, por isso o digo... Seja ou não, promettes?

— Prometto...

Edmundo segurou-lhe as mãos, amparou-se ao negociante, olhando-o bem nos olhos.

— E ella?

— Foi para Juiz de Fora....

O enfermo largou as mãos, fechou os olhos, encostou-se de novo ás traverseiras.

— Nem um só amigo dos que foram meus! . Ella partiul... Ramalho de Alencastro vae para Paris!.... Eu morro....! E minha mãe, o que será feito de ti, minha mãe?

— Quem te disse Edmundo, que elle tinha ido para Paris?

Levantou a cabeça, apontou um jornal cahido no sevalho....

— E então?...

— Fui bem castigado...

— Que tens? Edmundo!... Edmundo!...

A creada correu para o apanhar do chão onde tinha rolado, inerte, sem sentidos...

Levaram-n'o para a cama, onde passou a noite delirando, soltando phrases desvairadas,

rindo, chorando, agitado, pedindo a uma vi
são desconhecida que o largasse, que o lar
gasse.

E foi chegando assim o derradeiro dia...

Quando pela manhã mudaram a camisa ao
pobre enfermo, a creada desatou a soluçar,
vendo as arcas do peito retezas sob a pelle es-
verdeada. Se lhe desamparavam a cabeça, a
cabeça cahia.

Já o olhar era cova do olhar e nada mais.
A luz morria alli, n'um crepusculo sereno e
já só havião sombras. As narinas dilata-
vam-se, soffregas, em haustos sem ruido,
como um barulho de toupeira que lhe esti-
vesse roendo a cabeça lá por dentro.

Da garganta, a momentos, uns grunhidos
rompiam, vozes esfaceladas, sons extra-hu-
manos, ruidos glotticos, a tocar a defuntos,
nas guellas sangrentas esfalfadas...

Lá pelas onze horas pareceu socegar e o
ralo acabou por uns instantes...

O medico auscultou-o, percebendo che-
gado o ultimo momento..., e ao erguer a ca-
beça viu nos olhos do tísico a certeza, uma
melancholica resignação de vomitar a alma,
n'um arranco, sem queixa, sem pensar...

Para que mais remedios?

Elle não os podia já sustentar, sem poder
tallar...

Abriram-lhes as cortinas, frente ás vidra-
ças, deixando-o ver assim o seu ultimo dia,
um dia triste de chuva, escuro, enferrujado,
o sol como um escarro de lava entre o fumo

das nuvens, e um vôo de urubús pairando n'um longe basso, denegrado...

O doente tinha horas tranquillias, em que pousava, a vista apaziguada, nos cêus ermos, sombrios, ou nos montes em cujo regaço verde repousava o nevoeiro... Mas logo, como se lhe estivessem a escorchar a alma, desandava na sua lamuria rouca e trôpega, a bocca entupida d'estrebuchos, a lingua secca, as narinas sibilantes, procurando o ar, e exhalava um fedito de sangue pôdre, qual se dentro do seu peito houvesse um morto em decomposição...

Fôz impossivel alimentar'ô ainda. Os beijos não fechavam, a lingua grudava-se ao céu da bocca, e o peito tinha convulsões, parecendo que a morte quebrava as costellas, á marreta para soltar de carcere a alma impercível...

Toda a carcassa batia a pelle, o esqueleto tinha pressa em ver-se livre da carne...

A cabeça dos dedos, em redor das unhas, ficavam negras pouco a pouco.

O mais leve ruido fazia estremecer o pobre enfermo.

Antonio do Couto dormia no divan, prostrado por aquella terrivel noite de vigilia.

A creada, acorada a um canto, dormitava tambem, a cabeça entre as mãos, rendida de fadiga.

Edmundo parecia extinguir-se serenamente fechando os olhos, encostando-se á treva...

De subito estremeceu. A creada poz-se de

pé, fúrida, e o negociante despertou em sobresalto.

Da cidade vinha um estrugir de musica, um rolar de notas ríspidas de metal, alinhadas em marcha de triumpho. O silencio desfazia-se com o ruido dos foguetes. Quando em quando um vozeirar confuso de uma multidão era trazido pelo vento.

Ficaram os dois parados á beira da cama, acabrunhados por aquella alegria de grande festa que vinha até a cabeceira de um agonizante.

Minuto a minuto, a banda de musica aproximava-se... Distinguiam-se agora o ruido dos pratos, o rufar dos tambôres, o grito dos clarinetes, o ronco dos trompones...

Edmundo tinha sobresaltos, movia os ossos no colchão, os olhos striados de sangue, rolando de dôr...

— Viva o general Galvão de Querez!

Um grande berro, como se uma montanha fallasse abrindo uma cratera, rompia logo...

— Viva o general Silva Tavares! Viva o Dr. Prudente de Moraes!

— Viva!

Todos os metaes rasgavam nos ares o hymno nacional, e assim, durante um quarto de hora, até que a multidão virou uma esquina a musica e berros foram sumindo...

— E' a paz..., disse Antonio do Couto acercando-se da cama...

Edmundo fez um esforço para fallar. As suas mãos frias e magras estremeciam, cruzadas sobre o peito. Os olhos tristes pararam

escuros na creada, volveram-se depois para o negociante, serenos e apagados.

Dos labios transidos cahiram então as suas derradeiras palavras.

— Sim, é a paz...

Os olhos fecharam-se para continuar mudamente a poderosa phr se. Ficou abatido, inanime, a bocca entreaberta, as narinas fremitando em longos haustos,... Depois o extertor rasgou-lhe as guellas, e continuou enchendo o quarto com o seu ralo tremente em que havia guinchos, gannidos, uma lastima grunhida surdamente, entortando-lhe a bocca dilatando-lhe os globulos sob as palpebras, rodeando de anneis negros as orbitas fundas.

Os tuberculos estendendo-se até ao mesentério causavam-lhe uma dôr funda que lhe fazia correr tremuras sobre as saliencias osseas de toda a face.

A dyspnéa angustiava-lhe mais a mais a respiração.

As fontes latejavam, humedecidas de suor e por toda a cabeça escorria a mesma humidade oleosa, que lhe gordurava os cabellos finos e negros.

Edmundo sentindo passos abria os olhos...

Um caixeiro entrava com uma carta.

— Senhor Antonio, uma letra para assig-nar...

Deixe ver...

O enfermo tremeu ao arrastar de uma cadeira, ouviu a penna ranger no papel.

O caixeiro, á porta, olhava-o, sem trahir a mais leve commoção. . .

— Diga lá ao senhor Valentim que amanhã vou ao armazem . . .

Edmundo teve um estremecimento. Pensou que tudo aquillo estava por pouco . . .

Custava-lhe a respirar. O medico, sentado á cabeceira, não tirava a vista d'elle . . .

Fechou de novo os olhos, tentando remover a mão de cima do peito . . .

Soavam vagarosas as Trindades, toada a toada, tristemente.

Foi o medico que lhe segurou no braço quasi frio e o encostou nos lençoes, como um membro de cadaver . . .

O correspondente chegou-se perto do medico, fallando-lhe em voz baixa.

— Cada vez os negocios vão peor . . . Ainda hontem um freguez de Indayassú chamou credores . . . Agora é um que pede moratoria . . . Os tempos andam ruins, senhor doutor . . .

E esse pobre sonhador que alli morria, culpado de haver sonhado demais, de haver sonhado sempre, longe da mãe, longe da familia, sem mais uma illusão, sem um consolo, sem um carinho, essa creança que passara na vida a soffrer e a fazer versos, escutava ainda nos ultimos momentos o rumor infame d'essa vida, o interese, o egoismo, a segredar nos seus ouvidos : — a vida é isto !

Só lhe restava morrer, morrer sem ver a seu lado um unico dos seus amigos . . . Emilio, desde aquella carta, nunca mais viera . . . Julião, quem elle perdoava o mal que lhe fizera, a

esse, vira-o pela ultima vez embriagado, á meia-noite, nos braços d'um policia.

Ninguem á sua beira... Era isso que o desconsolava n'aquelle supremo momento... Uma palavra amiga, e morreria socegado... Mas debalde esperou todo o dia... Não vinha ninguem...

Só a senhora Maria chorava aos pés da cama. Quando subia as palpebras, via-a curvada, a cabeça branca cahida sobre o peito, o lenço na bocca para afogar os soluços...

Quiz agradecer-lhe ainda uma ultima vez, mas não podia já fallar...

A's oito horas tentou virar a cabeça nas travesseiras, mas todos os seus fracos esforços foram inuteis.

Sentia pela garganta abaixo um braço que lhe arrancava do peito qualquer coisa...

A's oito e um quarto começou a agonia...

O negociante deitou-lhe no peito um escapulário de Nossa Senhora do Carmo... A creada cahiu de joelhos rezando.

Edmundo gania, rosnando, com regougo rouco.

Pareciam os lamentos da alma que lhe chegavam á bocca.

As palpebras e os labios tornavam-se roxos. A pelle collava-se á caveira, do queixo as fontes, e só n'aquelle face de cadaver a bocca parecia soffrer, meia aberta, torcida, com os beiços presos ás gengivas, mostrando os dentes, n'uma carêta tragica.

Emilo subia as escadas, quando encontrou a creadora, descendo, a cara escondida no avental, soluçando . . .

Ella levantou a cabeça para ver quem passava, e atravez ás lagrimas os olhos da velha tiveram uma praga terrivel contra elle, exprobando-lhe uma cumplicidade no destino cruel, que assim atirava brutalmente á cova essa pobre creança que ella tanto amava, como um filho da roda deixado aos seus cuidados . . .

Entrou no quarto, sentindo atraz de si aquelle olhar odiento que o accusava de um crime imaginario . . .

No escuro uma lamparina arde frouxamente, deixando na sombra o leito, onde dois vultos de pé estão fallando baixo.

—Então ? pergunta Emilio, tremulo, avançando no escuro . . .

—Está já na agonia . . . respondeu-lhe uma voz surda lentamente.

Na sombra crescia um extertor, como d'algueiro que estavam esganando a um canto, sob o joelho . . .

Emilio debruçou-se sobre esse ralo ultimo da vida que se parte, e baixinho chamou —Edmundo! . . .

Já o não pode ouvir . . .

—Meu Deus ! meu Deus ! morrer sem ter visto a seu lado um só amigo ! . . .

E sahio do quarto, aos arrecuos, limpando as lagrimas com a palma da mão . . .

Na rua um vulto esbarrou quasi n'elle.

—O Edmundo?

—Está a morrer . . .

Julião encostou-se à parede, gaguejando..

—A morrer? hein?

—Sim, meu Deus . a morrer... Já não conhece ninguém...

Emilio viu o estudante cambalear... Amparou-o nos braços. Tresandava a cachaca, estava bebedo...

FIM

O Fabricante Moderno de sabões, perfumes, velas e pomadas, por Annibal Mascarenhas. Um grosso vol. enc. de mais de 300 paginas, 3\$000.

Historias do Arco da Velha, livro para crianças, contendo maravilhosa collecção de 60 bellissimas historias populares, moraes e proveitosas de varios paizes. Um grosso volume de 400 paginas, com riquissimas gravuras, bem encadernado em luxuosissima capa feita especialmente com gravura allegorica, 2ª edição, 4\$000.

Contos da Carochinha, livro para crianças, contendo escolhida collecção de 60 contos populares, moraes e proveitosos de varios paizes, 5ª edição enriquecida de grande numero de gravuras. Um grosso volume encadernado, com deslumbrante capa impressa a côres e com uma gravura representando a avósinha contando aos netinhos os Contos DA CAROCHINHA, 3\$000.

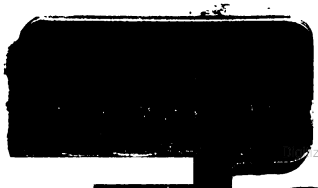
A Historia e a Legenda, interessante e utillissima obra do abalísado historiador brasileiro conselheiro João Manuel Pereira da Silva; tres grossos vols. de mais de 1.000 paginas, 9\$000.

Lyra Popular, collecção de poesias celebres, de eminentes poetas brasileiros e portuguezes, taes como: José Bonifacio, Pedro Luiz, Octaviano, Gonçalves Dias, Castro Alves, Varella, Casimiro de Abreu, Gonçalves Crespo, Thomaz Ribeiro, Guerra Junqueiro, João de Deus, João de Lemos, Soares de Passos e outros de reputação universal. Um enorme vol. de 400 paginas, 3\$000.

Orador do Povo, grandiosa collecção de discursos familiares e populares, para baptisados, casamentos, dias de annos, festas collegiaes, felicitações, manifestações, enterros e todos os actos festivos do lar domestico, pelo Dr. Annibal Demósthènes. Um elegante vol., 2\$000.

Homens e Factos da Historia Patria, collecção de biographias de brasileiros illustre nas armas, na sciencia e na politica, obra de accordo com o programma approved pelo conselho director da instrucção publica para leitura nos collegios, pelo sabio professor do Gymnasio Nacional Dr. José Maria Velho da Silva. Um vol. enc., 3\$000.

fr
sc
ira
af
s.
is,
te
s,
e
le
),
a
e
e
.



The Ohio State University



3 2435 00092 3409
PQ9261D619M91896 001

A mulata :

OHIO STATE UNIVERSITY BOOK DEPOSITORY



8 02 06 05 8 02 018